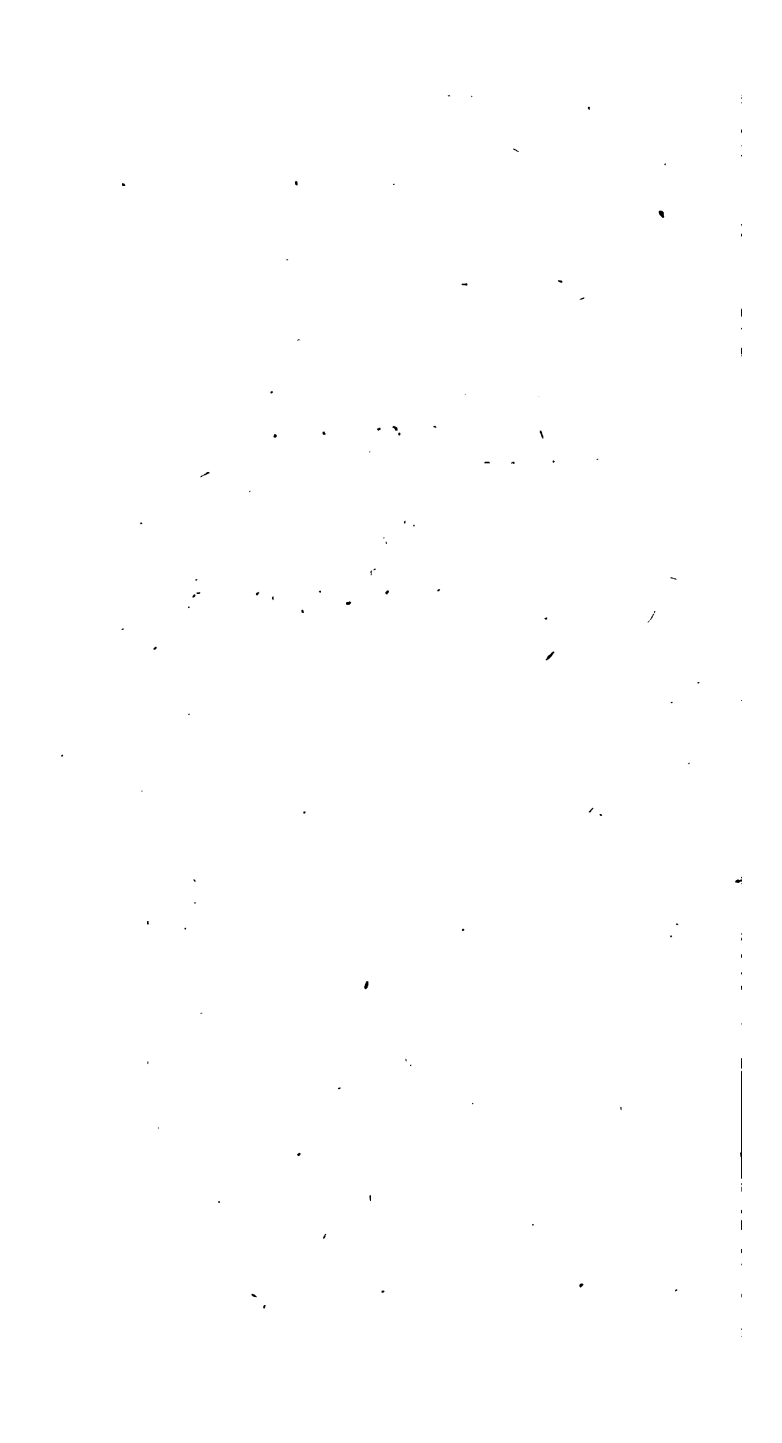
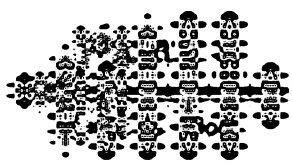
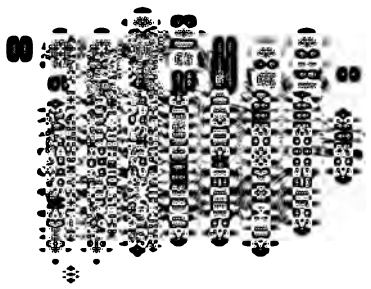
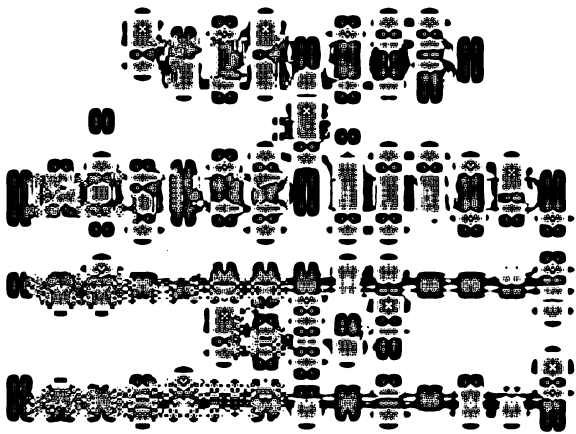
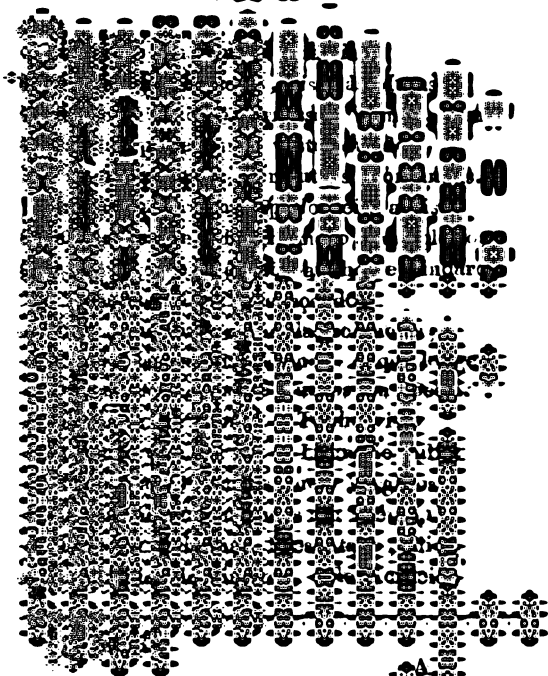
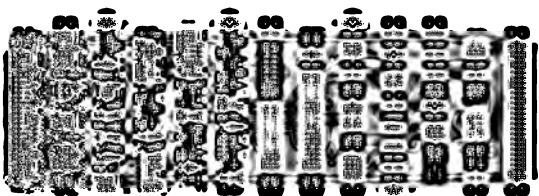
VERSOS

DE

FILINTO ELYSIO.

VERSOS

DE

FILINTO ELYSIO.

Cinco volumes de versos! *Apage*, com tal apojadura cabalina. Consolem-se todavia os meus pacientissimos Leitores, com saber que muitos outros, antes de mim, me haõ desbancado. A todos deixo, para citar sómente ò nosso capucho Fr. Francisco de santo Agostinho Macedo, que compoz milhar de milhares de contos de contos de contos (vejaõ a nota do tomo 2.° das minhas trovas pag. 77) e compozéra contos de contos, de milhar de milhares de versos, se as suas Theologias, se as suas Prèdicas lhe naõ fossem à maõ à despenhada torrente da sua caudalosa metrificancia.

» Que elle sons tirará dignos das Musas.
» Ouves ainda, oh Clio cantilenas
» Do nosso Cesarotti? O pobre velho
» Desencordeou a Lyra, ja naõ canta.
» Vamos màis longe; entremos pela França;
» Vejamos em Parîs um Bonaparte,
» Assumpto digno desta minha Lyra:
» Ouçamos como o louvaõ teus Alumnos,
» Um Delille, um Lebrun, e ainda algum outro,
» Como Esmenard.... Já viste o seu Poema?
» Tem versos de alto stilo, tem noticia,
» Dá grandes esperanças. Sé-lhe affavel.
» Euterpe, e tu Terpsichore aos Franceses
» Deixai-lhe alguns volumes de cantigas,
» Que ornem seus Almanaks, deixai-lhe Dramas,
» Contradanças, e walses, que os divirtaõ.
» Estendamos à Hespanha este passeio;
» Que ouvi lá do Ebro, ouvi de Mançanares
» Arremedos de Sóphocles, e Flacco.
» Bom clima é para Vates, se Calliope
» Se Erato, e Clio bafeja-los queiraõ.
» Passemos máis avante. Em Lusitania
» Émulos de Camoẽs esquadrinhemos. »
— Naõ vejo por agóra (diz Calliope)
— Màis que de Alvim a impréssa Joanneida.
— Inda a naõ li. — « Nem eu » (responde Apollo)
Clio lhe traz imitaçoẽs mui dignas
Dos Cysnes de Dircéa, e de Venusa,
Por Elpino, e Garçaõ; traz-lhe de Alfeno,

De seis, ou sette Alumnos desses Vates
Composiçoēs de Delphica influencia.
(*Clio.*) — Tu déves conhece-las; os teus *rayos*
— Reverbéraõ nas vózes, nas pinturas. —
(*Apollo.*) « Mas este, que cá vem, Filinto Elysio,
» Que manîa o tomou de fazer versos?
» E mór manîa ainda de imprimi-los? »
(*Clio.*) — Elle nunca se deu por Vate, e nunca
— Mais pertendeu de suas pêccas tróvas,
— Que ganhar alguns cóbres, com que arrède
— Da sua pobre meza, pobre caza
— Os gadanhos da Fóme, e da Miseria.
— Se hoje imprime de novo antigas tróvas,
— É porque as pèdem certos Curiosos,
— A quem delle, hoje vélho, o canto enjoa. (1)

---

(1) Dizem os que lem os meus canhenhos, que achaõ, nos que imprimi há 18 annos mais fogo, e linguagem màis *castiça*: e tem razaõ, que esse é tambem o meu vóto. Tinha muitos annos de menos, e màis fresca a memoria do que tinha lido nos nossos Classicos, e .... Mas dirá algum perluxo: «Se o sabes como nós, para que escreves? para que imprimes? Tómas por teu debique o causticar-nos?» Ah! meu senhorzinho, tam facil acha v. m. o descartar-se alguem de antigas manhas? A Mulher que foi louvada de formosa, quando moça, naõ depoem sem muito cus-

ODE

Non incisa notis marmora publicis,
Per quæ spiritus et vita redit bonis
Post mortem Ducibus.... clarius indicant
. . . . quam Calabræ Pierides.

Horat. lib. 4, od. 8.

ONDE me sóbes, Musa?
Em que acceso licor me embébes a alma!
Estes ares saõ sanctos!
Esta montanha bi-partida tréme!
Os sacros troncos pavorósos vérgaõ!

to, e muitos pezares, os enfeites, e arrebiques, com que enamorava outrora os seus esperdiçados. O Musico que encantou, na fresca idade, qual novo Orpheo, as selvas, e os rochedos; naõ deixa ainda idoso, de rosnar as Arias com que ganhara applausos sem medida. O..... Além de que, posso eu deixar de condescender com os amigos, que vem festejar comigo o dia 4 de julho, e o de 23 de dezembro; e que assim engelhada, e vélha, como ella é, querem ouvir cacarejar a minha Musa?

Eis o Deos! eis o Deos!
Sancto furor me ódia pelas veyas.
D'um sól estranho sinto
Alluminada a mente. Lá se me abrem
As tam vedadas portas do Futuro.

Que estranhezas que eu vejo,
Corrido o véo aos falladores quadros!
Torna a vir o passado? —
Lá me ábre o Tempo os cóffres de diamante
Salvados d'entre as maõs do Esquecimento.

Daquî, dallî prodigios
Se me escapaõ dos olhos cubiçosos.
As nove Irmans innuptas
N'um novo canto estaõ lidando ardentes.
Uns, aos outros, mysterios se atropéllaõ.

Um Cysne cor de néve
Sóbe ao seyo de Apollo auri-crinito,
E lhe escuta os arcanos
Da divina harmonia; móve as córdas
Da eburnea Lyra, embóca a Epica tuba.

Tu (1) cantarás ousado

---

(1) O senhor doutor Sebastiaõ José Ferreira Barroco traduzia apuradamente em versos Portuguezes as Métamorphoses de Ovidio, quando as accoés, e virtudes de Affonso de Alboquerque lhe moveraõ o éstro, para canta-lo n'uma Ode.

Do rigido Alboquérque acçoẽs ingentes,
Os conquistados máres,
Os combates cruéis, as leis pezadas,
Ao duro braço ousados Reis rendidos.

Já ensayas as forças
No alto Escriptor do Mundo transformado;
E impávido Tirynthio
Te apparelhas ao grave pezo, digno
De màis robustos hombros, que os de Homero (1)

Bem vejo, inquiéta Musa.
Lá me apontas Ormuz bombardeada.
Lá rompem os pelouros
Os muros flanqueados....... Lá se alluem
Os Paços de ouro, os incensados Templos.

Com luzído cortejo
Vem do sagaz Sophì espavorido
O Embaxador faustoso:
Dromedarios servìs, quadrupedantes
Fazem tremer, e re-tremer a terra.

Reis de Onor, de Narsinga,
Dobrai agora as tûmidas cervizes;
Graõ Sultaõ de Cambaya,
Melique astuto, honrai o Lusitano;
Mandai bejar a maõ, que vos assombra.

---

(1) Que comparaçaõ tem a rayva de Achilles, por uma Moça, que lhe leváraõ da tenda, com as proézas militares, e politicas do grande Alboquerque?

Vėjo em Malaca altíva
Arvoradas as Quinas vencedoras;
Os Idolos por terra,
Os sonhos de Mafoma sem valía,
E as thuricremas áras a Deos dadas.

Fervem as brancas ondas
Ante o tropél das prôas cortadoras.....
A Morte vài sentada
Sobre montes de agudas partazanas,
De espadas, de canhoẽs..... Là salta em terra!

Que prantos lamentosos
Ouço erguer das cidades arrazadas!
Aquella afflicta Maẽ
Lá vėda o sangue ao filho... deixa-o, corre,
Por acodir ao moribundo Esposo.

Qual espesso negrume
Estála entre o horrifico estampido,
Nos orgulhosos montes,
Com culebrimos rayos lasca os freixos,
Fende as róchas, abala em roda os montes:

Tal saráyva de settas
Se encrava pelos palpitantes peitos.
Os montes estremecem
As cavérnas rimbombaõ, rios paraõ
C'o rouco som da irada artelharia.

Como a séva Tisyphone
Baralha ansiosa os campos mattadores!
Como, so' as sérpes crespas,
Se farta em borbotoẽs de sangue quente,
E as maõs ensópa em golpeados membros!

Tu désces da altiveza,
Ardendo em chammas, Calecut potente.
Tómaõ leis de Alboquérque (1)
Orfacaõ, e Soar, Gerum, Mascate,
Socotorá sadîa, a enferma Jaya.

Tu, Goa torreada,
Tambem curvas a naõ-domada frente:
Do Hidalcaõ, do Sabayo
Levantas a obediencia, para seres
A cabeça (1) do Ludo-Indiano Império.

Musa, já vou cansando:
Poupa, poupa meu peito fatigado:
Dá os arrojados vôos
Aos mimosos de Apollo, que discantem
Soberbos feitos, em soberbos versos.

---

(1) Escrevo *Alboquerque*, porque esse nome e deriva do latim — *albo quercu*. — E se bem me lembro ainda do que li em Lisboa, assim creio que vinha escripto nas suas Memorias.

(2) O tino politico do grande Alboquérque foi conhecido por todas as Naçoẽs intelligentes na prudentissima escolha, que fez de Goa para assento do governo geral de quanto possuimos na India.

LES EXPLOITS D'ALBOQUERQUE.

ODE

EN STROPHES IRRÉGULIÈRES,

Du Docteur

SÉBASTIEN-JOSEPH FERREIRA-BARROCO. (1)

> Non incisa notis marmora publicis,
> Per quæ spiritus et vita redit bonis
> Post mortem ducibus.... clarius indicant
> .... quam Calabræ Pierides.
> *Horat. lib. 4, od. 8.*

MUSE! où me ravis-tu?... Sur quel rapide char
M'emporte ton aîle éthérée?
Sœur d'Hébé! de quel doux nectar
Prodigues-tu les flots à mon ame énivrée?

(1) Traduction libre d'une ode sublime de **, que les Portugais regardent comme leur Horace, leur Tibulle et leur Boileau. Ce poète,

Sommes-nous près des Dieux ?.. oui, cet air est sacré ;

---

aussi recommandable par son génie que par ses malheurs et ses vertus, vit obscur en France, où sa langue est à-peu-près inconnue. Son ingrate patrie le nomme *le plus grand élève du Camoens ;* elle a déclarés classiques ses nombreux ouvrages, et elle le retient dans l'exil et dans l'abandon.

On a traduit librement, parce qu'on ne pouvait se flatter de rendre toutes les graces, et la vive énergie du modèle. La langue portugaise est un instrument parfait. A peine connue en France, même parmi les classes commerçantes, elle mériterait, autant et plus que d'autres langues vivantes, d'être cultivée, sous le rapport littéraire. Souple à tous les genres de poésie, riche, variée, sonore, pure sur-tout comme les idiômes grec et latin dont elle est née, elle possède au même degré cette précision nerveuse qui économise les mots, et conserve d'autant plus de vie et d'éclat aux images et aux pensées.

Cet essai n'est point toutefois une simple imitation : le riche fonds d'idées qui compose l'original s'y retrouve tout entier : la marche des strophes est la même. Seulement on a rendu par des équivalens, des images et des formes

De l'auguste Cirrha (2) je sens trembler les cimes !
Le laurier Délien, prix des chantres sublimes,
Agite ; plein d'effroi, son feuillage inspiré...

Il vient, il vient le Dieu !.. Salut, roi d'Aonie !
Mon sang bouillonne, en proye à tes saintes fu-
reurs :
Quels soleils inconnus !... ineffables splendeurs !
Tous les transports thébains embrasent mon
génie ;
Dans un vaste lointain, à ma vue infinie,
L'avenir, sans nuage, ouvre ses profondeurs.

Plus de voile !. Eclatez, religieuses merveilles,
Que le destin grave sur ces tableaux vivans !
Plus de voile ! Oh *passé !* père des doctes veilles,
Te voilà sous mes yeux évoqué par le tems.
J'entends bruir les clefs de diamans...
Sors, sors des murs vénérables
Où le tyran des morts te presse enseveli,
Age de nos héros !..., Brillez, faits mémorables,
Que la gloire a sauvé des coups du noir oubli !

---

poétiques avec lesquelles notre langue n'est point familiarisée, et l'on n'a été plus étendu que pour être plus fidèle.

(2) L'un des sommets du Parnasse.

Oh palmes de l'Indus ! majestueux miracles !
Vous agitez encor les os de nos ayeux :
Quels accens !... De Claros entends-je les oracles
Au son des lyres d'or s'élançant vers les cieux ?
Non : c'est l'hymne nouveau dont les neuf piérides
Charment les antres saints, parvis du dieu des arts :
Delphes répond en chœur aux concerts aonides.
Les Mystères, en foule, assiégent mes regards.

Quel cygne (3) au plumage d'albâtre,
Amoureux des secrets du divin Apollon,
Monte jusqu'à son sein, puis au sacré vallon
S'abaisse, d'harmonie et de gloire idôlatre ?
Déjà le luth d'ivoire obéit à ses lois ;
Voyez comme il s'énivre à la source Delphique !
De cygne il devient aigle, et sa tonnante voix
Souffle l'enthousiasme à la trompette épique.

Chantes, Ferreira ! l'Achille de Lusus,
Législateur austère, et guerrier invincible,
Cet Alboquerque au bras terrible,
Tout l'orient soumis de l'Euphrate à l'Indus,

---

(3) Le docteur Ferreira travaillait à un poème épique, dont le grand Alboquerque était le héros.

Son bras impétueux peuplant les rives sombres,
De Maures immolés aux autels du dieu Mars,
L'océan obombré par ses mille étendards,
Les empires détruits, lamentables décombres!
Et les fiers Sultans... Vaines ombres
Que dissipe un de ses regards!....

Sur le char du brillant Ovide (4)
Essayant ton rapide essor,
Du monde transformé tu chantais l'âge d'or;
Tel jouait au berceau le généreux Alcide;
Mais le héros t'appelle à dire ses hauts faits;
Du Barde d'Ilion saisis la harpe altière!
Pour porter, jeune Atlas, un aussi noble faix,
Apollon te donna les épaules d'Homère.

Je te fuis! nous planons sur les zones de feux, (5)
Dont Bellone en courroux ceint Ormuz foudroyée:
Oh déplorable Ormuz! en mille éclats broyée,
Tu croules sous les coups du vainqueur furieux.
Je vois fondre sur tes murailles,
Vomi par l'airain des batailles,

---

(4) Pour se livrer à ce dernier travail, il avait interrompu sa traduction en vers portugais, des Métamorphoses d'Ovide.

(5) Siége et bombardement d'Ormus.

L'orage des globes ardens......
Comme rugit l'assaut sur tes ramparts fumans !
Ils tombent ces palais, merveilles de l'Asie,
Et ces temples dorés, où ton monarque impie
Brûlait un sacrilége encens.

Quel bruit dans le désert! Quelles pompes barbares!
C'est du pâle Sophi l'envoyé fastueux:
Je vois étinceler son turban radieux
Des saphirs dérobés aux rives Malabares;
Mille esclaves silencieux
Fléchissent sous le poids des tributs les plus rares.
J'entends les coursiers hennissants,
Et les pas cadencés du souple dromadaire;
Au choc tumultueux des vastes éléphans,
Je sens trembler au loin, trembler encor la terre.

Princes de Narsingue et d'Onor! (6)
Tombe enfin votre orgueil et ce front despotique!
Vous que n'ont pu sauver ni vos dieux ni votre or,
Monarque de Cambaye! Et toi, rusé Mélique! (7)
Que vos ambassadeurs accourent à genoux,
Baiser la main infatigable,

---

(6) Princes de l'Indostan.

(7) Guerrier Maure, célèbre par ses stratagêmes dans les guerres de cette époque.

Cette main dont le poids accable
Les vaincus insolens qui bravent son courroux!

Malaca, cité fière! en tes hautes murailles
Vois flotter l'étendard, astre heureux des batailles,
Dont Lisbonne a guidé la marche de ses fils:
Tes vaines déités ont jonché les parvis
De leurs infâmes sanctuaires;
Et, purifiant les autels,
Où tu chantais Allah, nos hymnes immortels
Célèbrent du vrai Dieu les augustes mystères.

Neptune est accablé sous le poids des vaisseaux
Qui sillonnent l'empire humide:
Debout sur le bronze homicide,
Arborant dans les airs ses lugubres drapeaux,
La mort vole... En deux pas elle a franchi les eaux,
Et la hache à la main, de massacres avide,
La voilà qui s'élance aux bords orientaux!....

Muse! quel accent lamentable
Sort des remparts en feu des plaintives cités?
Quelle femme, d'un fils mourant à ses côtés,
Veut étancher le sang?.. Oh mère déplorable!
Abandonne le fruit de tes chastes amours;
Cours, vole. Malheureuse! un nouveau coup t'accable,
Ton époux expirant t'appelle à son secours.

Comme un orage armé d'éclairs et de ténèbres,
Déployant ses ailes funèbres,
Avec un bruit immense éclate sur les monts;
La foudre qu'il vomit, de ses brûlans sillons
Fracasse les rochers, fend les troncs séculaires,
Et fait hurler au loin les échos solitaires
Dans les profondeurs des vallons:

Tel l'ouragan des flèches enflammées
Frappe le sein des héros palpitans;
Le choc des féroces armées
Retentit sur les monts tremblans;
Les antres agités jusqu'en leurs fondemens
Mugissent.... De l'airain la voix rauque, infer-
nale,
Jusqu'à l'urne natale
Fait reculer d'effroi les fleuves bouillonnans.

Comme l'ardente Tysiphone
Brandit avec fureur ses livides flambeaux!
Voyez-vous les serpens, effroyables bandeaux,
Se dresser sur le front de l'horrible Gorgone?
A la mort qui, de rang en rang,
Promène la faulx des batailles,
Elle apprête la proie, ivre de funérailles,
Et, spectre échevelé, galoppe dans le sang.

Calicut, oh ville superbe!
Pourquoi défiais-tu les vainqueurs irrités?

Tu n'es plus ! L'incendie ensevelit sous l'herbe
De ton fier Zamorin (8) les palais enchantés :
Soumets-toi, Socotore (9), asyle aimé d'Hygie !
Mascate (10), des parfums odorants patrie !
Java, dont l'air impur exhale au loin la mort !
Geram, qu'un ciel en feu dévore !
Soar, Orfacalm, tombeaux du peuple Maure;
Alboquerque accomplit sur vous l'arrêt du sort.

Cède, auguste Goa ! la commune tempête
Bat ton front de tours couronné;
Reine de l'Indostan ! du héros fortuné
Tu deviens sans regret la superbe conquête
Des sabaïs, des hydalkans (11).
Brise le joug, aspire à des destins plus grands :
Du chêne portugais, salut, tige féconde !
Salut, nouvel empire ! éclos du sein de l'onde.
Où Lusus a promis des pénates rians,
Un repos glorieux, et les trésors du monde
A ses fils triomphans !

---

(8) On nommait ainsi l'empereur de Calicut qui était, à cette époque, la principale puissance de l'Indostan.

(9) L'île de Socotora, célèbre pour la pureté de son air, comme celle de Java pour l'insalubrité du sen.

(10) Mascate, Soar, etc., vlles de l'Asie, conquises par Alboquerque.

(11) Rajaks, ou princes indoux.

Oh Muse ! c'est assez planer sur le tonnerre ;
Épargne mon sein haletant :
Détèle tes coursiers ; retournons à la terre ;
Laisse enfin reposer mon génie expirant :
Garde ce vol hardi pour les chantres sublimes
Dont le luth inspiré par le dieu des beaux vers,
Peut se méler sans honte aux célestes concerts,
Et sauve du Léthé les exploits magnanimes. «

PHILOLUSUS.

SONETTO.

Dos mysterios de Amor inda ignorante,
Por um valle desci, sem màis cuidados,
Que ouvir do Rouxinol os requebrados
Cantos, com que affeiçoa a meiga Amante.

Eis que encontro rotinho um lindo Infante,
Loura a madeixa, os ólhos (1) engraçados,
Mas nûs os pés, de longo andar cansados,
De frio, e dôr estreito o alvo semblante.

---

(1) *Como lhe podéste vêr os ólhos* (me dirá alguem) *elle que os traz sempre vendados*. Respondo, com um grande Commentador, que déra na véspera, a remendar a sua Maĕ, a venda, que do muito uso, em vez de venda éra farrapo.

Tòmo-o no cóllo, ámimo-o em seu digosto,
Compassivo o consólo, ao peito o apérto,
Bejando terno o entristecido rosto.

Quem creu tal dólo, em candidez cobérto!
Soprou-me amor no peito, rio de gosto,
E rindo foi rasgando esse ar abérto.

ODE.

No dia 23 Dezembro de 1805,
dia dos meus annos.

Primum ego me illorum, dederim quibus esse
Poetas
Excerpam numero. *Horat. lib. 1, sat. 4.*

VATE, que mandar quér á Eternidade
Seu nome, e seus escriptos,
Talhe os seus pensamentos, talhe as vozes,
Pelos móldes de Pindaro.
Imprima na memoria, que sentado,
Co' as Musas, com Horacio,
O vê n'um Tribunal sevéro, augusto,
Onde condemna, e risca
Quanto míngua da Lyrica sublime,
Que em seus cantos resôa.

Assim moldava Elpino as suas Odes,
E com nobre ousadia
Ia ao conclave douto appresenta-las.
De Elpino ao lado, Alfeno
Cantatas, e Sonettos, e altos Hymnos
Tambem lá modulava.
Ambos louvor das Musas conseguiaõ.
Pobre de mim, coitado!
Que nunca irei, co'a minha ensóça prósa,
Causticar os ouvidos
Das Musas, nem de Horacio, nem de Pindaro:
Quando mórmente a idade,
Com maõ avára, me murchou na mente
Toda a flor, todo o brilho
Das engenhosas ficçoẽs, do altivo canto.
Muito há que é ja volvido
O tempo, em que eu cantei Gama, Albuquerque,
Cantei Delmiras, Marcias,
Com sons, que eu escutava à minha Clio;
Essa Clio, que olhando
Minhas cans, me deixou ao desemparo,
Para ir folgar mui prompta
C'os Alumnos, que inspira lá na Elysia.
Traz mágoas mil comsigo,
A Velhice (1); e naõ é a menos dellas,

---

(1) Multa senem circumveniunt incommoda.
Horat. de Arte.

Que

Quebrantar os impulsos
Com que o Genio ao sublime se arremêssa;
Hoje mesmo, que esforços,
Màis que sobejos fiz, por dar um salto
A's margens do Permésso;
Exhausto o corpo, os pés enfraquecidos
Negaraõ obediencia:
Fiz promessas a Phébo, invoquei Musas;
Contei-lhes, que era o anno
Sobre-posto ao meu lustro quatorzeno;
Inculquei-lhes com supplica,
Que dous leáes Amigos, que Marfisa,
Em dia tal esperaõ
Divinos tóques de canóro pléctro,
Que celébrem o assumpto.
Inutil foi o esforço, o rôgo inutil;
Fiquei àquem das margens,
Lastimando meus fados desvalidos.
Apenas lá d'um éccho
Respirou uma vóz fraca, e mesquinha,
Com este desconsôlo:
— E's velho, e um velho só, com sons caducos,
— Desentôa ruins tróvas. (1) —

FILINTO ELYSIO.

---

(1) Com effeito quem conta 71 annos naõ curte fébres de enthousiasmo.

SONETTO.

Motte.

Dons à belleza, dons ao doce canto.

Glossa.

Os passaros, nas azas pendurados,
Se esquécem da consórte, e do sustento:
Reprime o Nóto o desenvolto alento,
E os brutos se suspendem de enlevados.

Déscem dos altos montes, descarnados
Os troncos de tenace fundamento;
Paraõ os Astros, no alto firmamento,
Brotaõ flores nos serros descampados.

Lá érgue a vista a Madre Natureza,
Da lidada officina, a ver quem tanto,
De em seu lavor força-la, tóma a empresa.

Vê-te, e ouve, oh Marcia.—Eis bebe tal encanto,
Que te rende em tributo, os que màis préza
Dons à belleza, dons ao doce canto.

ODE

AO ILL.mo E R.mo SENHOR

FRANCISCO-ANTONIO MARQUES GIRALDES,

Do Conselho de sua Majestade Fidelissima, seu Deputado na mesa da Consciencia e Ordens, etc. etc. etc.

Murus æneus esto
Nil tibi conscire, nulla pallescere culpa.
Horat. lib. 1, Ep. 1.

FELIZ, quem no silencio descansado
Das avîtas herdades
Despio da alma os cuidados inquiétos;
E, quando se ergue o dia,
Vai saûdar o Sol vermelho, e claro,
Limpa a mente de crimes;
Poem seu disvello, poem seu passatempo
Na madura seára,
Que com grávida maõ ledo espargira;
Cólhe o sabroso fructo
Pelo tronco silvestre perfilhado;
Bébe a doce fragrancia
Da nova flor, que lh'a orvalhou a Aurora

Para amigo recreio
Dos olhos, que despértaõ, para verem
Seu matinal triumpho.
Feliz quem vai, quando o Calor recrésce,
Por entre verdes sombras;
Com Seneca nas maõs, Socrates na alma,
Contemplando a belleza
Da rara, formosissima Virtude;
E encontra entre os serranos
Vestigios de seus pés, quando fugindo
Das turbidas Cidades,
Lhes deixou, por presente, a singelleza.
Porêm màis Venturoso
Quem, como Tu, no agudo precipicio
Da gloria, e da privança,
Do prumo da Razaõ o alto Juizo,
Co' as validas refrégas
Do vento das Paixoẽs, vergar naõ deixa.
Quem, com Virtude activa,
Acha o prazer no Chàos tumultuoso
Das espinhosas Lidas;
Quando soccorre co' a Sentença justa
Os desvalîdos Orfaõs;
Quando alcança, do Rey mal-informado,
O perdaõ do innocente:
Ou cercado de Crimes, de Lisonjas,
Se òlha, e se vê sem mancha.

A' MORTE
DA SENHORA
D. M. J. R. D.

Desde hoje, ás áras do inferno Tyranno,
Com maõ tremente vòto a mésta lyra,
Que discantou Delmira,
Delmira hoje vassalla de Sumano (1).
Amantes cantilenas,
Delirios deleitosos,
Dai lugar a cuidados tenebrosos;
Que eu devo aos Manes seus, de agudas penas,
De lágrimas tributo.
Vòs, que as cinzas cubrìs, sitios de luto,
(Ledos campos outrora,)
Por abonos vos tómo deste pranto,
Que aqui, com amor tanto,
Minha alma in-consolada ante vós chóra.

(1) Sumano, Deos dos infernos, é o mesmo que Plutaõ, Dite, etc. Homero, Virgilio (a quem seguio Fenelon, com outros modernos) poem á ilharga dos infernos os Campos Elysios, onde estaõ os Heròes, e as pessoas de virtude, e merecimento.

Dai-me a minha Delmira, oh Deosos duros,
Que lhe destes belleza, e as prendas raras,
Com que orna o Céo as Deosas mais préclaras,
E aos meus dezejos puros
A melhor lhe negastes, invejosos;
Naõ lhe dar de immortal dias ditosos.

ODE

Ao meu Amigo Mathevon, em dia de Sto Antam.

Dulci digne mero non sine floribus
Cras coronaberis.
Horat. lib. 3, *od.* 13.

JA' de te disse Horacio (graõ Propheta!),
« Qual fonte de Blandusia,
» Coroado serás, serás banhado
» Em doce Carcavellos, »
Escondendo o fatidico prenuncio
No disforce da Fonte.
Fonte de Probidade, fonte de Honra.
Igual vinho, iguáes flores
Se te preparaõ: dous concorremos,
Com festival empenho,
O augurio a confirmar do amigo Flacco;

O bom Dittmer c'o sumõ
Das videiras da Elysia, e o bom Filinto
Co' as flores das Aonias. (1)
« Vive feliz — e tantos annos contes
De dourada ventura,
Quantos os filhos teus, os teus amigos
Te imploraõ do alto Nume.
Vejas os Netos de teus Netos culto
Darem às Divindades,
A's *Virtudes*, que em ti pozéraõ templo;
E em mui solemne córo
No Natalicio teu vejas as Musas
Empinar doces brindes,

(1) Verdade é que foi minha intençaõ ir jantar com o meu amigo. Mathevon de Curnieu, no dia em que seus Filhos, e seu Genro lhe celebraraõ os annos; e é tambem verdade (custosa de dizer!) que lh'os naõ fui eu celebrar, por naõ ter sapatos, nem com que os comprar.

DOS FASTOS,

LIVROS XII.

LIVRO I.

Tu, que os dias governas compassados,
Astro brilhante, amor da Natureza,
E Tu, que às noites dàs desigual lume,
E a terra, e o mar com brando influxo animas,
Meus versos aspirai, pregoadores
Das festas, dos costumes revolvidos
Na annual carreira dos trabalhos vossos;
E o timido Poeta olhai affaveis.
Começa, oh Musa, a bafejar-me o canto.
Dize, como o Restaurador do mundo,
Hoje com sangue rubricou Divino
Os ensaios da Redempção sagrada:
Como intacto acceitou da culpa a nodoa,
De Senhor, por bem nosso, feito escravo.
Mas tu para misterio tanto, oh Musa,
De alento escassa, e de turbada vista,
Da luz que te deslumbra abaixa os olhos;
Téce os meus versos de terreno assumpto.
Mal da Aurora no seio apavonado
A luz aponta, que nos abre o dia,

E as portas se descérraõ do anno novo;
Alàdo enxame de gentîs idéas
(Que no àr as àzas humidas battiaõ,
De Morpheo espreitando a lenta fuga)
A mente assaltaõ dos mortaes dispértos:
Qual orvalho de aljofar disparzido,
A lizonja, a Ambiçaõ, as amorosas
Conquistas, as magnificas Promessas
Banhaõ do cérebro o ávido terreno.
Jà dos Bons Annos férvida cohorte
Busca as portas dos Riccos, invejadas;
Bandejas de charaõ lhe vem no alcance,
Co' as troixas loiras, com os pardos fartes,
E c'os antigos bêlos de refégo,
Cazeiro dom dos nossos bons Maiores:
Algumas Vòs mandais, mimosas Freiras,
Devotas mestras de boneca, e doce,
Ao nêdio Confessor escrupuloso,
E ao bem-fallante, apessoado Primo.
C'o tròtte das saxi-fragas carroças
A Calçada d'Adjuda atrôa, e tréme;
A roda range, os cubos se abalroaõ;
Grita o cocheiro, o açoite silva, e estàlla;
Cresce o embaraço, descompoem-se a fila;
Da liza portinhola um desce o vidro,
E açula o boleeiro; outro escumando
Pede ao Sol por frisoẽs o Ethonte, o Eôo,
Por naõ ser de outro coche atraz deixado:
Em quanto as ancas da ronceira mula

O Desembargador chupado e gébbo
Còça a miúdo c'os cordoens já gastos;
E a velha alugatriz se encosta ao muro
Co' gordo Provincial entabacado;
Porque o Duque, e o Bandeira os naõ engaiçaõ.
Táes vio Elis, na Olímpica contenda,
Reis e Heróes sacudir as doutas rédeas
Aos duros, veloci-pedes cávallos.
Férvem as rodas nos fúmantes eixos;
Eis se atraza, eis precéde, eis passa adiante
Outro carro de brutos màis fogosos,
Que o perigo despreza, ou naõ conhece.
Tal, das praias de Acestes vio Neptuno,
Nas rebatidas agoas, que branquejaõ,
As Phrygias Nàos vencer, e ser vencidas,
Quando os Deoses, com braço poderoso,
Esta impellem, aquella naõ ajudaõ,
Ou n'um baixo se engasga a màis ligeira.
Jà se apeaõ na salla dos Tudescos
Luzidos Cortezaõs, tuffados Béccas;
Aquî o Militar agaloado
Saûda o Principal de longa cáuda;
Alli c'o habito ricco, o Cavalheiro
(Inda há pouco villaõ) busca c'os ólhos
Em que ròda de nobres se afidalgue:
Um possante Geral de duas barbas
Là falla, ao canto do balcaõ de vidros,
Nas têzas conclusoẽs de Theologia,
Na distinçoẽs, com que tapára a bocca

A doutos Mestres, que a escova-lo vinhaõ,
E a dar-lhe as calças, que elles bem levaraõ.
N'outro corrilho Nobres Puritanos
De avòs podres a tea dezenròlaõ:
« Aqui naõ há Judeo; meu sangue è limpo;
» Lucrecias (1) foraõ todas as Espozas
» De meus Christaãs, guerreiros avoengos. »
  Leves sussurros, mal rasgados risos
Ora partem daqui, ora se chegaõ.
Aquì se escárra, alli da caixa de oiro
Battida com desdem, o pò se offrece.
Deste lado a Lisonja carinhosa
Baixa a cabeça, encosta as maõs ao peito,
Os termos méde, o comprimento adòça;
Do outro a fôfa Bazòfia empavezada.
Faz alarde da bem bordada véstia,
Da largua fita, em que àrfa a cruz comprada,
E c'o inquieto brilhante affaga a tésta,
Còça uma e outra orelha naõ peccantes.
Encostada às riquissimas paredes
Destòrce as torpes roscas a Calumnia,
E sòpra (naõ sentida) atro veneno,
Que o Zelo, que a Ambiçaõ déstros fomentaõ;
Porque melhor no incauto peito càia.

---

(1) Se como a Lucrecia Romana tiveraõ seus Tàrquinios, que as dormissem; naõ consta que como ella se apunhalassem.

Mas ; eis que a porta se abre, o Rei se avista :
Um sò cuidado as mentes alvoroça :
— O garbo da airosissima mesura. —
Oh quanto è mais feliz o villaõ tôsco,
De rubicunda, prasenteira face,
Que em torno da lareira co'as saloyas
Canta ao som da viola, que reclama,
As simples tróvas das pagans Janeiras :
Que o cangiraõ empina, a sertan méche
Do saboroso lombo, que rechia ;
Sem pretender do Céo maior riqueza,
Que uma farta colheita, e um manso Cura.!

Pérto das bordas do soberbo Tejo,
Que as vassallagens recebeu outrora
Do Ganges, do Indo, e do Amazonio rio,
Se ergue um marmoreo templo, onde reside
Quem, sobre o manto, navegou sem medo
As Italicas ondas, salvo, e enxuto.
Dias Treze, a que a van Gentilidade
Deo o nome da bella, e impura Deosa,
Convidaõ as Donzellas Lisbonenses
A buscar deste Santo as puras aras :
Devotas umas vaõ, outras naõ tanto,
Mas todas confiadas na valîa
Do Intercessor do casto matrimonio,
Unico voto das naõ-frias Nymphas.
Vòs o sabeis austéros Cenobitas,
Que recebeis os óvos, e as pescadas,
Insigne dom da piedoza força.

Com que ao Céo esta graça quasi arrancaõ.
Salve, radiosa Estrella, que guiaste
Por ignotos caminhos, desviados,
Os tres Reis, os tres Sabios venturosos,
Da resgatanda gente altas Primicias.
Que prazer! ver prostrados tres Monarchas
A's plantas infantís do Rei supremo!
Prostradõ eu vĩ seguir-lhe o exemplo vivo
Jozé, Rei sem igual dos povos Lusos (1).
. . . .
. . . .
. . . .

---

(1) Tinha, à imitaçaõ de Ovidio, começado estes Fastos, onde désse conta das nossas festas christans, das nossas romarias, cirios, festejos que as acompanhaõ, e outros ritos, que saõ de nosso uso; quando uma doença, e depois outras occupaçoẽs me atalharaõ de os continuar. Deito este bosquejo a Deos e à ventura, se me constar que agrada, profeguirei, incluindo nelle os avisos que me viérem das pessoas, que quizerem concorrer para consagrar n'um poema nacional, os usos que recebemos de nossos Mayores, ou os que nós instituimos.

MADRIGAL.

NAõ te captivem purpuras nem ouro,
Oh Philis insensiva:
Se a purpura nos labios tens màis viva;
Se no cabello louro
Teus mina do metal màis cubiçado.
Poem alvo ao teu cuidado
Màis subido em valor;
Poem o dom de que o peito teu carece,
Chamma de puro Amor,
Que no meu taõ activo resplandece.

ODE

A' SENHORA

D. E. R. de M. S.

Hic, quos durus Amor crudeli tabe peredit
Secreti celant calles, et myrthea circum
Sylva tegit. *Virg. Æneid. Lib. 6.*

EM quanto os ólhos de Élia me aqueciaõ,
E a face eu confiava às brancas ondas

De ſeu mórbido seyo, Amor benigno
Me bem-aventurava.
Mas desque térra e mares pôs em meio,
E os frigidos Britoẽs c'o rosto alegre,
Meu triste coraçaõ trasborda em màgoa,
Que pelos ólhos vérte.
Ay que em pedaços sinto a alma estalar-me,
Aos abraços da Auzencia! A' boccas secas
Se pegaõ as palavras fugitivas,
Atadas aos suspiros.
A Saudade de rosto macilento
Com descarnadas maõs me esfria, e gela;
C'o enfermo sôpro as carnes me definha,
As côres me desbòta.
Busco a mudez opàca das florestas;
Onde a minha alma vàga em seguimento
De errores cégos, céga vái buscando
Despenhados desvios.
Por valles de mà sombra, mudos, ôccos,
Arvores de que pendem vultos feyos,
Se me desliza o passo; aqui daõ ays;
Dalli trémem soluços.
De rotas veyas ouço golfar sangue:
Damas gentîs, mancebos engraçados,
Indignos de sofrer taõ cruas mortes,
Daõ os finàes arrancos.
Está é a infeliz Dido: alli cravada
Nos alvos peitos, thronos de Cupido,
Tem, a que Eneas deixa a melhor uzo,

Desamorosa espada.
Tambem jazes, Leandro malogrado,
Affoito por teu mal, molhado ainda,
C'os hirtos braços, de nadar cansados,
A praya tenteando.
Mas, que vejo! No fim do bosque se abrem
Portas de oiro lavradas, bipartidas;
Mil Cupidos brinçoẽs batendo as àsas,
Pelos ares se espalhaõ.
Là sahe Amor co'as maõs vertendo sangue;
C'o a setta, a que inda há pouco afiou (1) as farpas,
Còrta em pedaços coraçoẽs amantes
O maléfico Nume.
« Céva esse vil furor, céva, Malígno,
» Nos innocentes peitos teus vassallos,
» Em quanto contra ti se naõ rebéllaõ
» Os covardes humanos:
» Em quanto Jóve, em quanto os Deoses todos
» Te naõ lançaõ do Céo, te naõ castigaõ
» Pelas tuas cruezas inauditas,
» Por tuas barbarías.
» Em quanto o Céo naõ chove irados rayos,
» Que os perfidos farpoẽs, cruentas azas
» Queimem; e as seccas cinzas testemunhem.

---

(1) — — — Cupido
Semper ardentes acuens sagittas
Cote cruenta. *Horat. lib.* 2. *od.* 10.

» As punidas façanhas (1).
» Tu naõ és Deos do amor, és Deos das Furias;
» Nem Plùtaõ, como Tu, dà penas, e ansias
» Aos tyrannos, aos impios malfeitores
» Nas lôbregas moradas.
— Pragueja — (me tornou o Deos protervo)
— Que em vós o praguejar é uso antigo;
— Vós nada sois sem mim. Naõ te queixavas
— De mim, nos braços de Élia.

SONETTO.

Detesta o Navegante o mar infido
Molhando o chaõ c'o as vestes alagadas;
Mas logo surca as ondas infamadas,
Onde o seu cabedal deixou perdido.

O Jogador, de azares perseguido,
Se blasphema do acinte das cartadas,
Perdido o odio às Cartas blasphemadas,
Torna ao combate, em que ficou vencido.

---

(1) Acer Amor, fractas utimam tua tela sagittas
Scilicet extinctas aspiciamque faces. *Tibul.*

Gran fiamma ardente
Veggi d'al ciel cader su le tue ali,
Ch'arda à te l'arco, la corda e li strali,
Et tue menzogne al tutto sieno spente. *Petrare.*

O Soldado ferido tórna à guerra;
E o experto Lavrador nova semente
(Confiado em melhor) entrég̃a à terra.

Assim de teus desdens vou descontente,
E a Razaõ longe delles me desterra;
Mas tórno a teus desdens em continente (1)

ODE

AO SENHOR

LUIZ JOZÉ GUIDO LANDRY DE VAUXLANDRY.

Festo quid potius die
Neptuni faciam? Prome reconditum
Lyde strenua Cæcubum
Munitæque adhibe vim sapientiæ.
Horat. lib. .. *od.* 28.

I.

Sentado à meza c'um fiel amigo,
Cravados em Marfisa os brandos ólhos,
Facil esqueço
Feyas tristezas,
Agros cuidados.
Amor com a Amizade, alli unidos
A taça me apresentaõ,
Que das maõs do gostoso Baccho tomaõ.

(1) Juravi quoties rediturum ad limina numquam;
Cum bene juravi, pes tamen ipse redit. *Tibul.*

II.

Apenas pelo seyo se derrama
A doce chamma do despérto Nectar,
Surgem ligeiras
Verazes notas
De antigos gostos,
Que abafadas jaziaõ sob o pezo
Do moroso infortunio,
Nos cansados retretes da Lembrança.

III.

Là brilha o santo, o favoravel dia
Em que primeiro vi da terna Marcia
Os rutilantes,
Os deleitosos
Olhos sem-par,
Que Amor, para aditar-me, em seu thezouro
Guardàra longo tempo,
E a Marcia os déra, para màis naõ da-los.

IV.

Vem juntas de tropel as dóces horas,
Que passei com Delmira, com Anardà:
Fugaces bandos
De accesos bejos,
Ternos abraços
Ledos perante os olhos me revoaõ:
Descerrados escritos
Por entre elles caricias alardeaõ.

V.

Traversos Furtos, de ladinas azas,
Me tomaõ sobre si, me levaõ longe
A flòrea vàrsea,
Em que o teu templo
Formoso e dino
Estende em torno as alvas columnadas;
Junto d'outro que enfeitaõ
Verdes festoẽs de pampanos inquietos.

VI.

Este alvo Anciaõ, de veneranda fronte;
Teu Sacerdote, oh Venus, teu oh Baccho,
Nos templos ambos
Com almo riso
Dà leis jucundas,
E com as leis infunde a Sapiencia:
Que jaz no prazer sòbrio,
Naõ em rigor austero, a san Virtude.

VII.

Saudoso Velho, há muito eu te conheço.
Tu foste o Mestre de meu douto Horacio:
Na' alegre Teyos,
Todo enramado
De murta, e de héra,
Cantavas as doutrinas saudaveis,
Que na estrada nos guiaõ
Do alongado viver gostoso, e puro.

VIII.

Aquì do meu pensar ponho a baliza :
Destes dous templos servidor devoto ,
Nos tempos vagos
Do meigo officio ,
Na tua escola
Tomarei as liçoẽs , com que Minerva
Te embebeu a memoria ,
De teu subtil engenho namorada.

IX.

Aquì trarei , se facil m'o concedes ,
A mimosa Marfisa , humilde alumna ,
Que os dons sagrados
Ante os altares ,
Com culto asseio
Porà com maõ devota , e vigilante :
Vestal de àmbos os Numes ,
De ambos os fogos tomarà cuidado.

X.

E ao caro Vaux-Landry , que mui bem pòde
No respeitavel cargo succeder-te ,
Quando pezada
Co' vapor santo
A branca testa ,
Queiras no seyo amavel repousa-la
De appetitosa Nympha ,
Té que venha Morpheo adormecer-te.

EPIGRAMMA.

PARTIO Delmira taõ desattentada
Para uma romaria,
Que só deu fé das luvas, que esquecia,
Dos dentes, e da cára arrebicada,
Quando éra ja alto dia.

ODE (1)

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

DOMINGOS PIRES MONTEIRO BANDEIRA,

Fidalgo da Caza de sua Magestade Fidelissima, e Escrivaõ da sua Real Camara.

Lætus in præsens animus, quod ultra est
Oderit curare, et amara læto
Temperet risu. — *Horat. lib.* 2. *od.* 16.

EM quanto ábre as janellas do Oriente
A Moça de Titan, e enxuga, e sécca

(1) Péço aos meus leitores que naõ reparem

Os molhados lençoes em que dormira
O fresco Hyperionio;
E varre o Sol co'a loura cabelleira
Os Alpes, onde o Hynverno despejára,
Das abas do roupaõ, as alvas natas,
Que mandou vir do Norte;
Filinto na óca idêa repassava
O triste fado seu, a Igreja, os Frades,
A procissaõ dos dias aziagos,
E os andores dos Reinos.
Via os Assyrios, Médos, Persas, Gregos,
Romanos, Chins, Arabios, Jesuitas
Sorver sôffregos terras, e dinheiro,
E impando arrebentarem.
Hercules côrre o mundo affadigado;
Jà desmancha os engonços das queixadas
Do Leaõ Nemeo, ou ja laranjas furta
A's desdentadas Fàdas:
O torto Annibal dà rebate a Roma;
E o Gama vai, por entre insanos medos,
Achar o çamorim mui repimpado
Na camilha de tela.
Hoje apenas entufa co' esses nomes
O Macedo um sermaõ gratulatorio;
E Jóve, quando acorda, mal se lembra

---

no destempero desta ode, por que estava no delirio de uma febre, quando a fiz.

De seu filho Alexandre ;
Ou ja travando do immortal adufe
Da poderosa Juno , tocca a fôfa,
Que faz dançar os Orbes , dà dous trincos
Para as lidas do mundo.
Quando as Parcas, co'as maõs encarquilhadas,
Fiaõ na ròcca a estriga dos Destinos ,
Mal sentem pelos dedos engasgar-se-lhes
Uma campal batalha.
Dorindo (eu sempre o disse) o màis sizudo
É ter vintens na bolsa , e a boa pinga ,
Daquella que espremeu Lieo nos doces
Lagares da Chamusca ;
Boa meza co' alegre amigo em frente,
E ao lado a moça de maganos ólhos ,
A quem deitou o Cura a santa bençaõ ;
Ou naõ deitou — perluxo. —
Deixa aos Embaixadores a Etiquêta ,
O Equilibrio aos Politicos profundos,
Ao Papa o Consistorio , e que recêe
Da Côrte de Vienna. (1)

---

(1) Nesse tempo o Imperador Joseph II, traçava certas reformas no tocante aos Ecclesiasticos, das quáes tomou tanto susto o Papa, que acodio a Vienna , na intençaõ (se podésse) de lhe deitar água na fervura.

MADRIGAL.

MADRIGAL.

Esta, que a margem beja, Onda fagueira,
A Rosa que ao ar solta o aûreo enfeite,
E a, que entre as folhas ri, Aura ligeira:
« Amai (nos diz); amor é gran deleite. »
Dòbra-se a dita, com dobrar a chamma,
Nos peitos, que Amor une estreitamente.
Tem sò uma alma quem amor naõ sente:
Tem duas quem bem ama.

ODE (1)

AO SENHOR BACHAREL DOMINGOS MAXIMIANO TORRES.

Nas veyas me arde o fogo, que irritava
De Juvenal as iras:
De austeras cordas despeitosa Musa

(1) Esta Ode foi (segundo dizem) Aleman de nascimento: eu achei-a transplantada já em prosa Franceza, quando a traduzi, e puz em verso,

——— A Lyra me remonta.
Como usurpàraõ da Razaõ o reino
Os Erros dos estupidos humanos!

Alfeno, que a Razaõ afformozêas
Co' brilho da Poezia,
Tu, que acompanhas o saber profundo
Com as venustas Graças;
Tu me julga. Que é feio ser julgado
Do Povo, para saõs juisos cégo.

Vê como a fronte altêa esse orgulhoso
Sobre os da sua estôfa,
Temerario sagaz, bem succedido
Com milhoẽs de baixezas,
Com torpe adulaçaõ, forçou injusto
Os inconstantes coffres da Fortuna.

Ouve o nome de Grande, que lhe entoa
A Plebe embrutécida;
Vê como de luz falsa lhe ornaõ rayos
A prezumpçosa tésta;
Como, por entre as télas roçagantes,
Revê do coraçaõ a nódoa impura.

Jà trazelle caminha a passo lento
O Juiz incorrupto;
Éra vindoura lhe assinalla o cepo,

Que os crimes seus requerem.
« Déra à Traiçaõ (lhe diz) tambem seu premio,
» Quem tal premio avilitou em teus serviços. »

Desdoura altas acçoẽs tençaõ humilde.
Darás nome de Grande
Ao que emprendeu avaro, ambicioso
Os trabalhos de Alcides?
Naõ. Que do lodo, em que se atòla o Vulgo,
Nunca, a vêr a Virtude, ergueu os olhos.

Vay, trilha, oh Alexandre, a Asia vencida;
Visita o baço Scytha;
Corre o clima que banha o vasto Euphrates,
Areias que o Sol queima;
Léva às prayas do Gange, ao mar remoto
Saudosos guerreiros, insoffridos:

De batalha em batalha arranca louros
A' tumida Victoria,
E, prenhe o seyo de indomado orgulho,
Assoberba-lhe os thronos,
Quebra-lhes sceptros, despedaça as c'rôas
Dos sanguinosos, barbaros Tyrannos.

Naõ te enterneças: gema sotto-posta
A teus ferreos dezejos
A Natura ultrajada, as maõs erguendo.

Que indignada a Virtude,
Travando-te da coma laureada,
Te arremessa entre os Tantalos famintos;

E, voltada ao guerreiro generoso,
Que armou o braço duro
Em defensa da Patria acomettida,
Com gosto o Heròe abraça,
Que vérte o sangue seu, o alheio poupa;
E de immortal renome o veste, e adorna.

Tambem abraça alvoroçada o Sabio,
Tenaz na tençaõ boa,
Que em quanto afia a adaga o Fanatismo,
E espalha o Erro trévas,
Cóbre com triple escudo a san Verdade,
Com mal-pago serviço adita os homens.

Quem mais lhe apraz que Tu, de Heròes modélo,
Timoleon o justo!
Tu, que a Diniz, banhado em sangue humano,
Calcando a Patria mésta,
Co' a livre espada em punho, despediste
Dos mal-captivos muros, detestado?

Jà Syracusa sacudio da frente
O tyrannico opprobrio;
Jà nos braços acolhe, e no almo seyo

A abastança, a alegria....
Mas qual te espera, Cidadaõ sagrado,
De taõ preclaras obras preço digno?

O canto dos convites naõ-medrosos
Dos contentes patricios,
(Des-que o teu séclo d'ouro, ao ferreo séclo
Sobre-puzeste affoito,)
Que ao lónge ouves no teu azilo, vence
Da lubrica Lisonja os dons forçados.

Lá vai levar sobre as douradas azas
A's duradouras Musas,
A Gloria, o louvor justo, que te deve.
Olha como os seus hymnos,
Adejando ao redor do teu sepulcro,
Daõ movimento aos louros sempre-verdes.

MADRIGAL.

Tremem dos Reis os pàvidos humanos;
Dos Numes os Sobranos:
Mas contra os Reis, e os Numes, Vòs Senhoras,
Mal disferìs as armas vencedòras,
Dais triste, ou lédo fado
A' subjugada terra:
C'um volver de ólhos terno, ou agastado
Dais a paz, dais a guerra.

ODE

Et te sonantem plenius aureo
*** plectro. — *Horat. lib.* 2, *od.* 13.

PELAS rôtas entrânhas dos penhascos
O squálido Mineiro
Arrisca escravos, barateia a vida,
Em troco da aurea veya,
Que a Térra cáuta néga aos torpes usos
Dos mortáes imprudentes;
Qual a prevista Maĕ néga ao filhinho
O ponte-agudo férro.
Bem pre-sentíraĕ os sagázes Numes,
Que os filhos de Japeto
Deixariaĕ pelo ouro a Sapiencia.
Junto a Tartárea abóbada
Pozéraĕ o ouro, nunca melhor-posto; (1)

(1) Aurum irrepertum et sic melius situm
Cum Terra celat. — *Horat. Lib.* 1, *od.* 3.
At mehercule terra, quæ quidquid utile futurum nobis erat protulit, ista defodit ac mersit, et ut noxiosis rebus, ac malo gentium in medium prodituris toto pondere incubuit. — *Seneca. de beneficiis. Lib.* 7, *cap.* 10.

È à flor dos Céos, e Térra
Às sciencias expondo, expondo as artes (1)
Commetteraõ tenta-los
Com os unicos bens uteis aos homens.
Mas somos baixo lôdo,
Propensos sempre à nossa térrea origem:
Poucos à luz Celeste,
Que este lôdo animou os ólhos alçaõ.
Feliz quem ólha,
As causas, e a cadeia dos sucéssos;
E como Tu, constante
No pedestal seguro da Virtude,
Verà os Céos fender-se,
Affoguear-se o ar, o chaõ alluir-se,
Sem mudar de semblante.
Graças ao teu Saber profundo e vasto,
E ao relevante Esprito,
Com que acima dos transes empolados,
Impávida surgiste;
E vês da salva praya os naufragantes
No pélago do Mundo. (2)

---

(1) Expondo à vista os assumptos, em que as artes, e as sciencias se empregaõ.

(2) Suave mari magno, turbantibus æquora ventis
È terra magnum alterius spectare laborem.
Lucret. Lib. 2 in proœmio.

SONETTO.

Que crueza, Meu Bem, que tyrannîa
A tua, em ir a insîpidos abraços,
E desatar aquelles doces laços
Que tanto nós prenderaõ algum dia!

Por que naõ deixas que eu, da sórte impîa
Chóre a ferêza em teus saudosos braços,
E, rôto o coraçaõ em mil pedaços,
Dê campo à dôr em tua companhia?

Lastimando-nos ambos dos disgostos,
Com que, em tal roubo, nos afflige a Sórte,
Juntem-se, como os coraçoẽs, os rostos.

Serà bem meigo alivio em dôr tam forte,
Ou restaurar çomtigo antigos gostos,
Ou nos teus braços esperar a Mórte. (1)

---

(1) Sed pariter miseri socio cogemur amore
Alter in alterius mutuo flere sinu.
Propert.

ODE

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

DOMINGOS PIRES MONTEIRO BANDEIRA,

Fidalgo da Caza de sua Magestade Fidelissima,
e Escrivaõ da sua Real Camara.

Oh Pudor !
Oh magna Carthago, probrosis
Altior Italiæ ruinis.
Horat. lib. 3. od. 5.

As armadas undi-vagas povoaõ
Os mares das Antilhas ,
E as praias n'outro tempo descampadas :
Aqui d'Estaing sem medo ,
Alli Rodney ditozo , de Amphittrite
As planicies retalhaõ.
Jà à vista das bandeiras inimigas ,
Os animos accesos ,
Soltas as vélas , os canhoēs troando ,
De cem Vulcaneas boccas
Sàe-a Mórte , em pelouros desparzida ;
E as rochas ponte-agudas ,

Que á bórda encrespaõ das patentes ilhas ,
Estremecem c' estrondo
De bronze rouco, que rimbomba e brama :
As trepidantes agoas
A's placidas cavernas christallinas
Denunciaõ os sustos :
Já c'os verdes cabellos destrançados
Espavoridas fogem
As Nerêas, no fundo mar que frème :
Agastado Neptuno
Sacóde a rédea aos bi-pedes cavallos ,
E, em pé na crespa concha ,
Pelo azul campo os olhos estendendo ,
Busca em vaõ as affoitas
Lusas Nàos, cubiçosas de conquistas.
Vê Lises, vê Leopardos (1)
Raros outrora (2) nos confins do Oceano ,
Tremolar hoje ovantes

---

(1) Leur corselet paraissait mi-partie
De fleurs-de-lys, de trois Léopards.
Pucelle, Chant 18.

Ce sont les armes d'Angleterre.

(2) En 1582 toutes les forces maritimes de l'Angleterre consistaient en 2 vaisseaux de 46 canons, 7 de 40, 9 de 32, 5 de 26, 7 de 18, 6 de 14. Total 36; et 11 galères montant 4 canons chacune. — *Journal de Genève, du 14 septembre 1782. Précis des Gazettes anglaises.*

Desde a frigada Thule ao roxo Eóo ;
E o Batavo pesado
Na cheirosa Ceilaõ, rica Malaca
Promulgar leis lucrosas.
« Netos de Gama, Netos de Albuquerque »
(E arranca alto suspiro
Neptuno, que assim brada) « envergonhai-vos.
» Que é do trisulco sceptro,
» Que entreiguei ao valente Aventureiro
» Que arou primeiro, ousado
» O ignoto mar da apavonada Aurora ?
» Aquellas Argos Lusas,
» Cheias de Heròes, que a Mauritana escola
» Criàra e endurecêra, (1)
» Jà naõ trilhaõ meu reino, desenvoltas ?
» Os braços alargando
» O santo Gange, (2) o saudoso Euphrate (3)

---

(1) 4,000 Portugais ne firent-ils pas trembler à-la-fois l'empire de Maroc, les barbares d'Afrique, la célèbre milice des Mammelus, les Arabes, tout l'Orient enfin, depuis l'isle d'Ormuz jusqu'à la Chine ?

Essai sur le Despotisme, pag. 138.

(2) Os Gentìos que se banhaõ no Ganges, se crem purificados de toda e qualquer culpa.

(3) A' borda do Euphrates choravaõ os Judeos de saudades de Jerusalem.

Super flumina Babylonis.

» Vos chamaõ, vos acenaõ;
» E co'as preciosas práias vos convidaõ.
» Perdeis da adusta Mina
» O bem-ganhado auri-fero dominio?
» Desamparais imbelles
» Dabul, Cochim, a estranhos Mercadores?
» E essas terras outr'ora
» Cobertas de triumphos Portuguezes;
» E o verde imperio meu
» Que tingieis de sangue a cada passo,
» Consentireis surcado
» De Sarmatas, Cimmerias, Daces quilhas?
» A cinza dos Pachecos
» Pedio vingança; e os Fados màis-que-justos
» Cubriràõ de cegueira
» Os ólhos veladores do Governo.
» Trajada de virtude,
» Pregoando zelo (oh dias desditosos!)
» Tomou a Ignorancia
» Nas maõs as chàves dos Estados Lusos;
» Mal-avisado zelo
» Na Asia, e na Europa levantou fogueiras; (1)
» E as sèvas labaredas,
» Crestando as azas do liberto engenho,
» Mirrharaõ sem regresso

---

(1) Inquisiçoēs de Goa, de Lisboa, de Evora, e de Coimbra.

» Da Lusa gloria as gràdas esperanças.
» Aqui perdeis Molucas,
» Alli Ormuz, Bàrem, Bornéo, Samatra....
» Eis o Oriental Tridente
» Vos começa a caîr das maõs inertes.
» Elysia, abaixa os ólhos,
» Os ólhos de taes mágoas quebrantados.
» Eis vaõ as boas Artes,
» Mimosos gomos de allumiados tempos,
» Fanar-se ao secco sopro
» Da pedante scholastica doutrina.
» Lá vai o incauto Moço (1)
» Dar ao alfanje o collo da Nobreza
» Nas Africanas costas.
» Que lugubres desastres naõ rebentaõ
» De empeçonhado tronco!
» As ordens do Destino se cumpriaõ
» Na linhage imprudente;
» E às garras dos Leões (2) auri-sedentos
» As Quinas (3) sometidas (4)

---

(1) El Rey D. Sebastiaõ na guerra de Africa induzido pelos Jesuitas, e estes ganhados por Philipe 2.° de Hespanha.

(2) As armas de Hespanha figuraõ Leoés.

(3) As armas de Portugal saõ 5 escudos em cruz.

(4) Philipe 2.° nos domina com suas costumadas artes, e contra as promessas juradas, nos quer reduzir a Provincia.

» O perennal opprobrio transpassavaõ
» A's armas triumphantes. (1)
» Nem pode o novo Rey, (2) do avîto throno,
» Com vozes poderosas,
» Chamar as Artes uteis foragidas,
» Que se altroaõ co' ruído
» Do tambor rouco, da estouraz granada.
» Eis, quando se abraçàvaõ,
» Alviçaras reciprocas pedindo; (3)
» E às doutrinandas gentes
» Descubriaõ as faces radiosas
» Nos Lyceos frànqueados
» Do sceptri-gero Tèjo, e do Mondego;
» Fanatico granizo (4)
» Caìo pezado nos pimpolhos tenros,
» Que a seus òlhos criavà
» Sollicita a Sciencia, para ornarem

---

(1) As armas Portuguezas tinhaõ sempre triumphado na Asia, na Africa, e ainda dos mesmos Castelhanos; sujeitas a elles apprenderaõ a ser vencidas.

(2) D. Joaõ o 4.° fez o que pode, para com as Artes e Sciencias; mas as guerras lhe impediraõ ir màis avante.

(3) Restauraçaõ das lettras sob Joze I°.

(4) Perseguiçaõ contra os litteratos, que despovoou Portugal de muitos bons engenhos.

» O Jozephino séclo...
» Fostes Lusos; e a gloria dos Maiores
» Mal doira inda os escudos
» Dos descuidados Nétos, té que a apague
» A maõ caliginosa
» Da bronca Barbaria, companheira
» Do ardente Fanatismo. »
Dorindo, a Musa affroixa, e se enrouquece
De recordar na Lyra
Os convicios de cérulo Despota,
E os revézes da Elysia.

NOCIVA E VAN FADIGA.

Porque versos compoem, e compoem prosa
Perde Olinto a saude;
Por ter vida immortal, com lida anciosa
Se lança no ataude.
Que immortalidade é desenxaibida
Para ser immortal, mattar-se em vida!

ODE

Tal che le finte imagini godendo
Pasceva il guardo e la memoria antica
Nuove dolcezze già metteva in mente.
Chiabrera. Parte terza.

NAõ queiras, D***, que na róda alégre
Dos Rizos, que entre nós faustos revoaõ,
Ave funesta de agourado susto
Medonhas azas sólte.
Ante ós teus lindos ólhos tam-risonhos
Qual terror póde vir tam atrevido,
Que, de vê-los, naõ caya deslumbrado,
Por térra, esmorecido?
Com divino pôder teus ólhos mandaõ
Revolver-se nas trévas do imo Avérno
A Pena, o Susto, a Dór, mal que lhes vólves
As carinhosas luzes.
Com divino poder teus ólhos chamaõ,
D'entre os braços de Vénus graciosa,
Os mimosos Prazeres, e elles correm
Sûbito ao teu regaço.
Tu és como éssa Estrella dezejada,
Que apontando nas portas do Oriente,

Com alvo e brando lume dà rebate
A' sombra entristecida;
E ergue no Passageiro, transviado
Por lobregas florestas, mal-seguras,
O vulto às esperanças, e o accorçoa
A endereçar caminho.
Tu, se ao Captivo, em aspera masmorra,
Cingido de grilhoēs, por entre os ferros
Das apertadas grades, lhe mostrasses
Esses divinos ólhos,
Dar-lhe-ias tanto alivio, que esquecendo
Os que lhe atou nos pés torvo verdugo,
Grilhoēs pezados, a adorar corrêra
Em ti dous Sóes, que nàscem.
Viras rayar-lhe no animo esmayado
Novo Astro de Fortuna in-esperada;
Desvanecer-se a Fóme, o Tédio, o pêzo
Dos carcerados membros.
Enlevado em teu gésto lindo, e meigo
A alma despira de supplicios, mortes,
Que lhe agoura a prisaõ, e o Fado envôlto
Nos ódios do tyranno:
E, alargando a vontade a melhór sórte,
De teu olhar risonho concebera
Assômos de saudar da Auróra a face
Em Liberdade amena.
Tal, na gruta do bruto Poliphemo,
O astuto domador da insana Troya,
Entre arrancos dos Sócios destroncados

Na ensanguentada rócha,
Vendo ossos, que entre os dentes se esmigalhaõ,
E os membros crûs, que trémem semi-vivos,
Devoluto ao azar de ser colhido
Da torpe maõ ingente;
Descortinando o lucido horisonte,
A que se assoma o Numen da Esperança,
Em Ithaca, a Penelope avistava;
E a Caza, e o charo Filho;
Divina vóz no peito lhe clamava
Màis brandos fados: sôpros de ventura
Refrescavaõ seu coraçaõ, cansado
De luttar com pezares.
Tambem Filinto escuras saudades
Supportou solitario em crua ausencia;
Ferradas portas lhe fechou irado
Tyranno Desconcerto. (1)
Mas os rayos, que o peito me allumiaõ,
Rayos divinos desses lindos ólhos,
Em vivo quadro, alegres me pintaraõ
Esta presente gloria.
Entre as sombras da squalida amargura,
Me abrio alvo claràõ amigo Genio,
Onde vi a formosa, meiga D***,

---

(1) Desta Strophe nunca o A. me quiz declarar o sentido.

Nota do Editor.

Cortejada dos Numes;
E Alcippe, a Vate, pelo Céo voava,
Chamando à Lyra os Orbes estrellados,
Quáes ao Thebano, promptas acudiaõ
As arvores e as penhas.

INO E MELICERTA,

DEOSES MARITIMOS.

NUME éra Baccho entaõ de extenso brado
Em Thebas toda, e em toda a parte a Tia (1)
Do novo Deos contava os graõs podêres.
De Irmans (2) tantas sò ella escapa à mágoa
Commum, naõ à que as mais Irmans lhe abríraõ;
Quando o peito lhe enchiaõ de vaidade
A prole illustre, de Athamas o leito,
A deidade do Alumno. (3) — Olhou-a Juno

---

(1) Ino, irman de Semele, Tia e Ama de Baccho, esposa de Athamas Rei de Thebas.

(2) Semele abrazada pelos rayos de Jupiter, Autònoe, que perdêra seu filho Acteon, despedaçado por seus proprios caẽs; Agave, que tomada do furor de Baccho, mattou Pentheo seu filho. (3) Baccho.

E insoffrida, entre si « Póde da amiga (1)
O Filho transmudar Meònios nautas (2),
E affunda-los no pégo; dar do filho,
A' Maẽ a espedaçar, vivas entranhas;
Tres Mineidas cobrir de estranhas azas;
E nada pòde Juno? Ou tem somente
De chorar sempre acintes naõ vingados?
Nisto cifro o poder? — Baccho me ensina
O que obrar cumpre. E' saõ tomar ensino,
E inda dos inimigos. Màis que muito
Pentheo morto mostrou da Insania as pòsses.
E Ino, porque a naõ pungem, nem abrangem
Das màis Irmans os parentaes exemplos?
  Guia em mudo silencio ao pouzo Averno
Via esconça, que offuscaõ negros teixos;
Névoas exhala a Styge apaûlada,
Aonde baixaõ as recentes sombras,
E os Manes, que lograraõ sepultura.
A Pallidez, o Hynverno muito pejaõ
Deste lobrego sitio, e as novas almas,
Que a senda ignoraõ da Cidade stygia,
E do alcaçar feroz do negro Dite.
Mil entradas, mil portas rasga em roda
A abrangedora Corte: assim Oceano
De todo o Orbe aceita os rios todos.

---

(1) Semele.
(2) *Vid.* Metamorp. Lib. 3.

Cabe toda a alma no Orco ; nem é estreito
A povo algum, nem cheia, que entre o atulha.
Vagaõ sem corpo, e exangues leves sombras ;
Parte a praça frequenta, parte as sallas
Do profundo Tyranno ; algumas artes
(Inda arremedos do viver antigo)
Parte exerce ; outra o seu castigo a impéde.
Deixados os Celestes aposentos,
Venceu-se a descer lá Juno Saturnia
(Tanto à colera, e òdio se entregava)
Tréme o lumiar do Averno, mal, que entrando,
Lhe pèza o pé divino ; érgue as tres boccas
Cérbero, e sòlta a um tempo tres ladridos.
Juno as Irmans, filhas da Noite chama,
Grave, implacavel Numen, que ante as portas
Pouzaõ do carcer, que o diamante fécha,
E penteaõ madeixas de àtras còbras.
Erguem-se as Deosas do maldito assento,
Mal que entre as cegas sombras a avistaraõ.
Por geiras nòve a Ticio o corpo estira-se-lhe,
Que offrece a espedaçar novas entranhas.
Tantalo, um sorvo de agoa te è vedado,
E os fructos que te ensombraõ, de ti fògem.
Busca, ou remonta a cahidora rocha
Sisypho ; e Ixion na roda revolvido
De si fòge, e tras si corre a alcançar-se.
A's (1) Bélides, que urdiraõ morte aos Primos,

---

(1) As Danaides, filhas de Danao, nétas de Belo.

Sòmem-se as agoas, que contino vasaõ.
Mal vio Sisypho, e Ixíon com face torva
(Mormente a Ixíon) passando deste os ólhos
Juno, para fitar Sisypho; disse:
« Sòffre este immortal pena, em quanto ufano
» Riccos paços desfruta o Irmaõ (1), que sempre
» Com a sua consorte me houve em pouco! »
E a causa expoz entaõ da irada vinda.
Sò quer razò o solar do antigo Cadmo,
E que Athamas se arroje a insanos crimes:
Promessas, rògos, Magestade empréga
Porque as Deosas penhòre. Apenas Juno
De fallar deixa, a branca grenha abala
Tisiphone, e torvada como estava
Do rosto arréda as empecilhas còbras.
E diz: « Inuteis saõ longos rodeios.
» Dà por feito o que mandas. Desampara
» Os injucundos reinos, e transmonta
» Aos puros Céos. » Já piza a alegre Juno
O Empyreo sòlho, onde Iris de orvalhada
A'gua a lustra. Tìsiphone importuna
Terçando logo o ensanguentado facho,
Poem roxo manto, que lhe escorre em sangue,
Cinge-o co' a tòrta serpe, e surge fòra.
Pranto, Medo e Terror léva por séquito,
E a Loucura de rosto espavorido,
Pàra ante o umbral, e (dizem) que tremêra

(1) Athamas filho de Eòlo.

A porta Eolia, e os carvalhaes travézes
Enfiaraõ de susto; o Sol deu côstas.
Sahir querem do Paço a Espoza, o Espozo
Medrosos, espantados dos portentos (1);
Mas c'os braços, que estende a infausta Erynnis,
De emmaranhadas viboras cubertos,
Lho atalha, e co' a meléna que sacòde
De resonantes cóbras enroscadas.
Umas lhe pouzaõ nas espàdoas, outras
Pelos peitos sylvando se debruçaõ,
Babaõ veneno, e as linguas lhe fusilaõ.
Já dous dragos desata da madeixa,
E co' a maõ peconhenta à face os lança
De Athamas, de Ino. Sem deixar nos membros
Traços do tiro, vaõ rasgar-lhes na alma
Crua ferida, e o seio lhes revolvem;
Lavraõ, e inspiraõ intençoẽs pezadas.
Trouxéra ella de liquido veneno
Monstros comsigo, lividas escumas
Do Cérbero, e peçonha de hydra Echidna,
Vagos errores, cégos desatinos,
Sangui-sedenta raiva, crimes, prantos;
Que tudo caldeàra, e em cavo bronze
Com sangue fresco envolto cusinhàra,
E com verde cicuta remechêra,

---

(1) Entre os Latinos *portentum* significava estranhezas ameaçadoras de calamidades.

N'um peito, e n'outro embòrca, espâvoridos
Furial veneno, e as intimas entranhas
Lhes agita; amiuda ao facho as voltas;
Que ròde, e o fogo fuja ao sequaz fogo.
  Ovante, que deu fim ao grande feito,
Vòlta aos Estados óccos de Sumano,
Onde a còbra desata cingidora.
Eis no alcaçar começa furibundo
O Eolide a clamar: « Por essas selvas,
» Eya, lançai as redes, companheiros;
» Que a Leôa passar com dous cachorros
» Vi neste instante. » E corre apoz o trilho
Da Espoza, que ser féra se imagina;
E ao seu Learcho, que da Maẽ no còllo,
Lhe ria, e lhe alargava os curtos braços,
Arranca, e pelos ares, como funda
O rodêa feroz duas, tres vezes,
E o rosto infante esmàga em rijo seixo.
Entaõ por fim a Maẽ, alvorotada
Da dor, ou que lavroú nella o veneno,
Desgrenhada, sem tino, corre uyvando.
Nos braços nûs, pequeno Melicerta,
Ino te léva, e grita: Evohé, Baccho!
Rio Juno, ouvindo soar Baccho; e disse:
« Tal mimo alcances do teu caro alumno. »
  Jaz um cachopo, aos mares sobrançeiro,
Que as ondas pelas fraldas escavaraõ;
E abriga a praia, debruçando a cima,
Que alcantilada ao largo mar se estende.

Ino

Ino aqui sóbe (dá-lhe a Insania forças)
E a si, e ao cargo, sem que o medo a atalhe,
Baquêa ao mar, que ao golpe alveja, e espuma.
Mas Venus, que se dóe dos naõ devidos
Infortunios da Néta (1), ameiga o Tio (2).
« Numen das agoas, (diz) vasto Neptuno,
» Soberano mais proximo de Jove,
» Muito peço; mas tem dos meus piedade,
» Que arremessar-se vês no Ionio immenso : (3)
» Junta-os aos Numes teus. Devo achar graça
» No mar; que espuma fui já no seu seio,
» E deste tenho ainda o grato nome. (4) »
Neptuno consentio no rogo, e quanto
Nelles houve mortal, lh'o despio logo,
Revestindo-os de augusta majestade.
Mudou-lhes nome, e face; à Maê Leucóthea,
E ao filho Deos, appellidou Palémon.

---

(1) Ino filha de Hermione (ou Harmonia) filha de Venus.

(2) Neptuno, irmaõ de Jupiter, Pai de Venus.

(3) Creio, que alguns dos meus Leitores ouviraõ fallarem Poesia imitativa. (*Ei-lo ahi palhéte*) diria em caso tal Antonio Antunes. Ovidio, que conhecia o que ella vale nos Poemas, della usava quanto lhe éra a geito: e eu que o traduzo aqui, tambem faço por imita-lo.

(4) Aphrodite de *aphros* espuma, como se dissera Filha da espuma.

MADRIGAL.

DORMIAS Marcia, e eu vi Cupido ansiozo,
Já d'um, já d'outro lado
Querer furtar-te um bejo graciozo,
Que tu, a cada arquejo descançado,
Na linda bocca urdias.
Graciozissimo, oh Marcia!... Naõ sabias
Como o Numen girava de alvoroço,
Escolhendo-lhe o geito
De o dar do melhor lado. Eu vim, e dei-to
Bem na bocca, e logrei o espérto Moço.

ODE.

Tendo no Olympo só a vós iguáes,
Vivei contentes. — *Estancias de D***.*

LINDA Vénus, téqui nunca louvada
Como pédem teus méritos divinos,
Por Grega Lyra, ou Italo Alaúde,
Em éra antiga, ou nova;
Prende à Concha dourada as alvas Pombas,
E de Paphos, de Gnido, ou de Amathunta

Levanta o vôo, trilha os lêdos áres,
Em demanda da Elysia.
Vem ser louvada, (1) como nunca o fosse
Por meigas vozes de metal Celeste;
Por duas Sapphos, màis que Sappho lindas,
Màis que Sappho eloquentes.
As*** jà lançaõ maõs às Lyras;
Jà pelas aureas chordas, temperadas
Por Phœbo, os Hymnos andaõ revoando,
Bafejados das Musas.
Sò Vós, mimo do Pindo, em doce Canto,
Direis de Vénus as meiguices ternas,
Os subîdos prazeres regalados,
O poderoso Césto ?
Quem, se naõ Vós; dirà com tons devidos,
As Graças léves, pelas maõs prendidas,
Com alternado pé o chaõ pulsando,
A' luz da argentea Lua ?
Quem os Jócos, os Rizos, os Amores,
Cortezaõs de seu Paço, matizando
A's maõs cheias a térra de boninas,
Para as pizar a Deosa ?
Sò Vós direis Cupido, no ar librado
Derribando Monarchas, e Pastores,
Sem tino, sem respeito, co's tremendos
Farpoẽs abrazadores.

(1) Tinhaõ as Al... composto um Hymno a Vénus, assumpto que Filinto tomou para esta Ode.

Direis Jóve, em novilho transmudado,
Cortando as ondas co'a fendida planta;
Lédo, c'o airoso pêzo, festejando
Os hymeneos (1) roubados;
E Europa arregaçando melindrosa,
Das verdes vágas, o brial intacto,
Co'a maõ firme no corno, o pé recolhe
Na anca nédia do bruto.
Deixái o Grego Moscho, o Mantuano,
A térna Sappho, o brando Sannazaro
Doer-se, à vossa vista, de rasteiros,
E vos ceder os myrthos.

SONETTO.

Motte.

Assim de flores se corôa a Aurora.

Glossa.

UM sonetto! Ainda ésta me faltava!
Quatorze versos! Isso é mui comprido.
Naõ chega là meu éstro desprovido;
Muito é, se deito a barra a uma outava.

Là vai: *O Sol brilhante campeava*
Pela estrada do meio.... Vou perdido,

(1) Uxor invicti Jovis esse nescis?
Horat. lib. 3, *od.* 27.

Longe do mótte, longe d sentido.
Nunca, no Outeiro, Albano assim glossava.

Entro por outra pòrta.... Desta feita
Creio que dei c'o trincho : *Uma Pastora*,
Que c'o cajado, na agoa, tinha feita....

Naõ présta. Tòme là, Minha senhora ; (feita,
Guarde o motte ; e dir-lhe hei, quando se en-
Assim de flores se coróa a Aurora.

ODE

AO SENHOR DOUTOR MANOEL THOMAZ DE AZEVEDO E SOUZA.

No tempo da reforma da Universidade de Coimbra.

Cum sylvam glacialis hyems spoliavit honore
Vere novo sylvæ læta juvénta redit. *Flamin.*

Erguida a nova Athenas Lusitana
Por um novo Solon, nova Minerva
Piza as viçozas margens do Mondego,
Com delicadas plantas.
Os templos, que deixou enfastiada
A Verdade, atéqui mal recebida

A grandes passos vem buscar saudosa,
Desandando o caminho.
Os grilhoẽs, que forjou a Ignorancia,
Foraõ por fortes maõs despedaçados;
Hoje pendem nas nitidas paredes
Da Celeste Sapiencia;
E o Monstro vil, gastando-se de raiva,
Tem sobre as còstas prezos, còm cem laços,
Os pulsos roxos, baixas as orelhas,
Aos pés da clara Deosa.
Tinha o peito fervendo em baixa inveja
Quem urdio corromper a Mocidade
Com doutrinas fallazes, com chyméras
Sem succo, sem clareza.
Naõ vio abérto o barathro em cem boccas,
E as Furias vingadoras c'os flagellos
De verdes serpes, de trisulcas linguas
Nas duras maõs traçados?
Naõ vio, que azûes contagios escumava
De peçonhenta bocca, que esparzidos
Pelos cérebros novos innocentes
Lavravaõ com soltura?
Tu, Deos previsto, em magestozo alcàçar
De delicada fábrica engenhosa
A Rainha Razaõ em vaõ collocas,
Màis alta que as paixoens,
Se a Fraude, se o Rancor, se a van Cubiça
Escalaõ muros, peitaõ sentinellas,
Enleiaõ, avassallaõ, poem a ferros

A Captiva Rainha.

O Amor da Patria, a sua Philosophia
Sò tem armas, sò tem forçozo antidoto;
Com que domem táes monstros ardilosos,
Atalhem táes venenos.
A sabia Filha do sem-par Tonante,
A graõs bòtes de lança inevitavel,
Poz em fuga as maléficas Esphinges,
As Tramas, os Colluyos.
Tu, Souza amigo, os encontraste à vinda, (1)
Pela estrada arrastando os lassos membros,
Pavorozos, feridos, decepados,
Fugindo da Lisura.
Viste chorar de raiva, e dòr acerba
A ignorante Soberba, desbulhada
Dos thronos, dos altares, que occupava
Cortejada de todos.
E como rias tu, quando avistaste
As dez Cathegorias de Aristóteles
Aos murros, umas pondo a culpa às outras
Do subito dezastre?
Sem fasto ia a rançoza Theologia
A pé, co' a toga çuja, mal traçada;
Carregada de tomos grandes, grossos,
Que màis naõ seràõ lidos.
Que nuvem de papeis despedaçados
Vai sem gloria voando pelos ares?

(1) Vindo de Valença, onde fora Ouvidor.

Vaõ grossas Concluzoẽs de Latim crespo,
Bolorentas postillas.
Que tropel de Thomistas, e Escotistas
Arrepellaõ as barbas, e os cabellos;
Porque estes Estatutos os privàraõ
De gritar sobre nada?
Olha o Bedel, e o rustico Meirinho
A dar co' a vàra nos ronceiros Sanches,
Durandos, Busembaus, Lullos, Caxados,
Aranhas, e Barretos.
Divérte-te, meu Souza pachorrento,
Em vêr esse entremez, a cuja scena
Os Gothicos de raiva se amarguraõ,
Os modernos se riem;
Em quanto eu cà taõ bem rio o que pòsso,
E como o bom Salmaõ, que me mandaste,
Em lugar das Lamprêas prometidas,
Hà màis de tres Quaresmas.

EPIGRAMMA XX

Do Livro I.º de Marcial.

Tinhas, Elià, se bem me lembro agora;
Por todos, quatro dentes. Escarraste
D'uma vêz, c'o tussir, dois juntos fora;
D'outro tussir os outros dois lançaste.
Tòsse sem susto; que inda que arrebentes,
Jà naõ has de escarrar màis outros dentes.

ODE

A BACCHO E A CUPIDO.

Reçois ce nectar adorable
Versé par la main des plaisirs.
Rousseau. Ode au Comte de Benneval.

I.

Louvores alternados
Dêmos a Baccho, dêmos a Cupido:
Os cópos trasbordados
Coróa, oh Venus c'os jasmins de Gnido.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor perde a alegria.

II.

A quem à Amor se esquiva
Naõ mostra Baccho inteira a loura face:
Sò quer que o bom conviva,
Que brinda à sua amada, meigo o abrace.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

III.

Se Baccho naõ lh'o excita,
Ao Deos do amor o facho lhe esmorece:
D'há muito a murta habita
A' sombra da alma vide, e là florece.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

IV.

Brincai, lindas Donzellas,
Com Baccho sempre lépido, e fagueiro:
Torna as Graças màis bellas,
Màis vivo o Amor, o Deos mette-a-terreiro.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

V.

Festejai-o ditosos;
Que Baccho dobrarà vossa terneza:
Bebei-lhe, oh desditosos,
Que, alegre, affogarà vossa tristeza.
Sem Baccho o Amor esfria;
E Baccho, sem o Amor, perde a alegria.

SONETTO.

Numes agrestes, neste altar sombrio,
Que dos Zagàes ergueo pia lizura,
Poem Tyrso a maõ, e de joelhos jura
Màis naõ amar de Sylvia o gésto impío.

Co' a lympha pura deste arroyo frio
Lavo os labios tingidos de amargura,
E veneno daquella bocca impura;
Que o léve ao mar, co' a sua culpa, ò rio.

Com o ferro apagai, oh Pegureiros,
O ingrato nóme, que deixei gravado
Na cortiça das fayas, e salgueiros,

E entalhareis por cima do apagado:
« Por milagre dos Deoses justiceiros,
» Sàrou Tyrso de amor mal empregado.» (1)

---

(1) Quem diria, que depois de tam tremendo juramento, naõ iria Tyrso metter-se Cartuxo? Pois affirmo-lhes, porque o sei, que o tal jurador naõ deixou passar tres dias, que naõ fosse de seu grado metter-se na esparrella da tal Sylvia.

ODE.

O pianta degna de si buon cultore,
O quanto bene alle materne cura
Tu rispondesti! O come porti espressa
Nelle maniere accorte; e sagi detti
L'immagine Materna!

Pignotti. L'ombra di Pope.

NAÕ esperes, formosa, e meiga Daphne,
Que com discreta maõ, previstos olhos
Bens, ou Males espalhe a Deosa de Antio,
Que neste Globo impéra.
Sempre insensata na inconstante rôda,
A um parvo atira a c'roa, a um bôbo a mitra:
Nos Sabios, nos Virtuosos cahem rayos
De desprezo, e miseria.
Vimos Tiberio, (monstro coroado!)
Lograr perennes dias fortunosos;
E os seus Libertos dominar devassos
No Republico orgulho.
Vimos o honrado, e entre homens o mais sabio, (1)
Sócrates, appurado por Xantippe,

(1) Assim o declarou o Oraculo de Delphos.

Por Atheos accusado, envia-lo ao Orco
Calumniosa Cicuta.
Com quem naõ foi iniquo o Nume vario?
Tem cérto o lustre os Máos; os Bons a infamia;
E Pluto, avaro só c'os virtuosos,
Malvados enriquece.
A *Amavel Maẽ* (1) às lanças da Doença
Cede o peito naõ-digno de pezares;
E, à que nasceu para aditar humanos,
Sempre a Dita lhe fóge.
Assim, nas térras de Solyma sancta,
A Real, a formosa Marianna
Vio a morte dos seus, sentio cravar-lhe
Pungentes penas a alma.
Bebeu as iras do cioso Herodes;
Bebeu a morte em braços da Innocencia;
Foi só feliz no cadafalso, aonde
Despio da vida os luttos.
E ninguem trouxe ao mundo màis brilhantes
Auspicios de lograr franca ventura;
Formoso o rosto, màis que os màis formosos,
Todo prendas o esprito.
Crê firme, oh Daphne, que se a cega Deosa
O seus dons emborcasse nos màis-dignos,
Ninguem melhór que a Maẽ, que Al.*** e D.***
Os coffres lhe exhaurira.

---

(1) A Marqueza d'Alorna, encerrada entam em Chellas.

MADRIGAL. (*)

Caldas 1765.

UMA Deosa tomou a seu cuidado
Trazer-me de Cythera
(Imperio do Deleite affortunado !)
As flores da viçosa Primavera,
Que em peitos innocentes
De Nymphas florescentes
Brótaõ, quando no cóllo alabastrino
Dous alvos montes com abalo ansioso
Anhélaõ de contino;
Desconhecido gosto cubiçoso! —
Da bîfida espessura
Do Parnasso, sollîcito me envîa
Apóllo os sons de mélica harmonîa,
Com que cante a doçura
Dos Erycînos, ávidos favores. —
Ricásso, que assim compras desalmado
Prazer ensôsso, com brutal dinheiro,
Se perguntas grosseiro,
Quanto tam nóbres gostos me haõ custado?

(*) É o Madrigal mâis comprido, em que nunca puz os ólhos. Parece feito em Mayo. Mas há um meio muito facil de o encurtar, que é reparti-lo em tres leituras. — *Nota do Editor.*

» Sàõ dons, que se naõ vendem;
» Que do agrado dos Numes só dependem ».
Alto Deos dos Cantores,
E tu, oh Deosa bella dos amores
(Bizarros Immortáes),
Oh quanto vos sou grato
Do prazer que me dáes,
E m'o dàes tam barato!

ODE.

— — — — Nunc et Achæmenia
Perfundi nardo juvat, et fide Cillenea
Levare diris pectora sollicitudinibus.
Horat. Epod. 4.

AGÓRA, sim: que as Nymphas jà do Sena,
Com laços de Amizade,
Saudósas o peito me cingiraõ,
Dêmos às cans da fronte,
Escorridas co'as brumas Hollandezas,
Sonóro dente eburneo,
E uma demaõ de floreal pommada.
Agóra é tempo, oh Musa,
De soltar de Aganippe a clara veya.
Diligente me inspira
Um Hymno à renascente Liberdade.
Dos Loureiros do Pindo

Desprende (reverente) a Lyra altiva
Do teu Cysne do Ismeno :
Ou se de Alceo os sons tyrannicìdas (1)
Màis tens a peito agóra — —
Prompta a maõ, prompta a vóz... Mas fora insulto
O ameaçador (2) roubar-lhe
Plectro de ouro (3) a Le Brun (4). Cantemos antes
Com verso màis suave
Os affágos gentiz, córádo riso (5)
Das mimosas Donzellas,

---

(1) Pugnas et exactos Tyrannos
Densum humeris bibit aure vulgus.
Horat. lib. 2, *od.* 13.

(2) Alcæi minaces... Camænæ. —*Hor. l.* 4 *od.* 11.

(3) — — — — Aureo
Alcæe, plectro. —*Horat. lib.* 2. *od.* 13. — Alcæus aureo plectro merito donatur in ea parte operis quà tyrannos consectatur. —*Quint. l. X c.* 1.

(4) Ode à l'Enthusiasme.

(5) Naõ é novo em Lisboa ouvir dizer *riso amaréllo.* Quem me impéde de dar ao *riso* a côr que melhor me agràde? Hoje lhe dou a vermelha. Quem adivinha a côr, que eu lhe darei para a semana da Paixaõ?

— — — Dá-lhe boas cores
A bem vinda alegria inesperada.

Dizia n'um Sonetto o D.r J. F. de S.

E amigas Damas, que inda os ólhos pendem (1)
Para os lembrados annos,
Que Filinto enfiava naõ-cadûco
No cortejo amoroso.

SONETTO (2).

QUE sinto, oh Céos! Por todos os sentidos
Se derrama um vapór subtil, suave.

---

(1) É um tantó atrevidinho o tal *pendem* : mas a Ode permitte estas confianças. De atrevimentos mayores canonizados já na nossa lingua podéra eu bem citar exemplos : mas contento-me por óra com pedir vénia.

— — — — *Scimus*
Et hanc veniam petimusque, damusque vicissim.
Horat. de Art.

(2) Este Sonetto servio jà de Glossa em tempos máis affortunados. Hoje soffre outro destino. Que bem dizia Anchises nos Campos Elysios : *Quisque suos patimur manes !* — Assim vi eu succeder, a uma imagem de S. Braz. No dia do Orago da Ermida, sàlta por detraz do altar um gatto esfugentado da Cuzinha, por um pombo, que furtara : córrem para lho tirar das unhas ; o gatto pula para escapar-lhes, dá no pulo um

Os membros véstem pennas, tórno-me Ave,
C'os pés revolvo os ares insoffridos.

C'o vôo, os montes deixo áquêm perdidos,
E os Astros deixo, alcanço o azul Conclave;
Entro dos Deoses no Congresso grave,
Trovêja a vóz de Jove em meus ouvidos:

« De gente em gente levarás voando
» Os portentos da França libertada:
» Ambos os Mundos te ouviraõ cantando.

» Já vólve o Tempo a róda accelerada,
» E do dia, que estou preconisando,
» Já descer vejo a fresca madrugada ».

---

encontràõ na imagem de Sta. Barbara, que éra o Orago da festa... Eu a vi abanar por duas vezes, e à terceira vir, de trambolhaõ, despedaçar-se nos degráos. Éra meio dia, a musica jà affinava, os Padres paramentados, e o Pregador gritando na Sachristia, que naõ subia ao pulpito, que naõ visse no altar mór qualquer cousa de vulto. Foi felicidade, ter o Cazeiro guardado n'um Canto um S. Braz, que servio esse dia de Sta. Barbara.

ODE

DE HORACIO. 2. do Liv. 4.

Quem se abalança a competír com Pindaro,
Forceja, oh Iulo, dar, com céreas azas,
Pelas Dedaleas artes trabalhadas,
Nome ao mar cristallino.
Qual rio, da montanha despenhado,
Co'a chêa assoberbou antigas margens,
Assim Pindaro férve, e na alta bocca
Sem termo se atropélla.
Digno crédor dos Apollineos louros,
Ou já, por atrevidos Dithyrambos
Novos vérbos devolva, e a rojo o lévem
Cadencias de-lei-soltas;
Ou cante Deoses, Reis, Próle de Numes;
Por quem com justa morte fenecerão,
Centauros, feneceu a flamejante
Chyméra assustadora;
Ou os que a palma Eléa endeosados
Recólhe a Cáza; ou Pugil, ou Cavallo
Cante, e prende, com dom de máis valia,
Que centenas de statuas;
Ou cárpe Jóven rapto (1) à Espoza flébil,

(1) A virgem *rapta* em tanto se embravece.
Barretto lib. 2. est. 10.

Nelle as forças, os brios, os costumes
Das éras de ouro exalça até aos Astros,
E ao negro Averno os rouba.
Robustos ares o erguem, quando, Antonio, (1)
Se assoma às altas, enroladas nuvens
Esse Cysne Dirceo; rasteira Abêlha
Lidados versos têço,
A' sua arte, e maneira delibando
Pelas çarças, e ribas orvalhadas.
Do Tivoli, o tomilho recendente,
Com improba fadiga.
Tu, Vate, cantarás com màior plectro
A César, quando os ásperos Sicambros
Tirar bizarro, pelo sacro outeiro (2)
Co'a merecida rama (3).
Mayor, nem melhor que elle, nada ao Mundo
Déraõ os Fados, os bons Deoses déraõ,
Nem daràõ, por máis que inda os tempos volvaõ
Aos priscos sec'los de ouro.
Os dias festiváes, publicos jógos
Cantarás da Cidade, que dos Numes
Impetrou, que voltasse o forte Augusto;
E o Fóro, ërmo de pleitos.
Entam (se é para ouvir-se o que eu discanto)
Da vóz bom tracto hei-de juntar à tua.
Cantarei — *Sol gentil, Sol de louvar-se*,

---

(1) Julio Antonio, filho de Marco Antonio triumvir. — (2) Capitolio. — (3) De louro.

Feliz ! que houveste a Cesar !
Io triumpho ! Em quanto nos precédes,
Toda a Cidade iremos repetindo :
Io triumpho ! e dando incenso aos Deoses,
Com nosco favoraveis.
Tu, com dez touros, e outras tantas vaccas,
Comprirás o teu vóto ; eu, c'um novilho
Tenro, que a Maẽ largou, e em partos amplos
Médra, para os meus vótos ;
Que, c'uma estrella branca, a tésta esmalta,
Ruyvo em todo o màis corpo, e imita os córnos
Da Lua, quando aponta refulgente,
Já de trez dias nóva.

EPIGRAMMA.

Phílis n'um parto seu, muito-apertado,
Irada promettia
A' Maẽ de Deos, castissima María,
De naõ máis consentir, que homem malvado
Lhe toccasse c'um dêdo.
A Criada, a quem dóe vê-la em tortura,
Chóra de mágoa pura ;
Mas da promêssa van ri em segredo.
Eis chega a feliz hòra dèzejada !
Pássa a dôr, tórna a Dama em seu sentido ;
Vê que árde a véla benta bem-fadada,
Que a tinha em seus apêrtos soccorrido.

Com prόvida intençaõ avisa a Môça :
« Guarda esse bico bento,
» Porque em igual tormento
» (Quem sabe o que virá!) servir-nos póssa (1).

ODE.

Paris, 8 de Agosto 1785.

Ingrata miserodaucenda est vita *Hor. Epod. ult.*

Póde o Gama animoso
Nos velí-vagos pinhos

(1) Les femmes (dit Brantome) en leur mal d'enfant, jurent, protestent de n'y retourner jamais, et que jamais homme ne leur sera rien. Mais elles ne sont pas plutôt purifiées; les voilà encore au premier branle : ainsi qu'une Dame Espagnole, laquelle étant en mal d'enfant se fit allumer une chandelle de Notre-Dame de Monferrat, qui aida fort à enfanter par la vertu de la dite Notre-Dame. Toutefois ne laissa d'avoir de grandes douleurs, et à jurer que plus jamais elle n'y retournerait. Elle ne fut pas plutôt accouchée, qu'elle dit à la femme qui la lui donnait allumée ... serrez ce bout de chandelle pour une autre fois.

Affrontar de Neptunno procellosa
Os salgados caminhos :

C'o temerario invento ,
Por naõ sulcados ares
O domador do inhospito elemento
Pizou medos , e azares :

Arranca o Herculeo braço
A' Parca furibunda
A Alcestes , do lugar de luz escasso ,
E a torna à luz segunda :

Orpheo c'o pio canto
Amólga o ferreo seyo
Do avaro Dite ; e a Esposa ao polo sancto
Re-traz , de si alheio :

Desces (máo grado) oh Lua ;
E a tésta ameaçadora
Moves , Atlante , de pastîos nua ,
A' voz da Encantadora :

Que obstaçlos naõ quebranta
A sagaz affouteza !
Só de amor nunca o Velho a Moça encanta ,
Que o nega a Natureza.

SONETTO.

TINHA Pan concertado um afolîa
Entre Faunos, Sylvanos, e Pastores:
Venus (em competencia) dos Ambres,
Dos Rizos, e das Graças outra urdia.

Pan na flauta esgotou quanto sabîa,
Variando os tons, dando animo aos Cantores;
Esmerou Venus muzicos primores,
Louvava ora uns, ora outros reprendia.

Apollo éra o Juiz, que reclinado
Sobre hum tapête de viçosa grama,
Perplexo tinha o voto inda guardado.

Cantaste Tu. Aos chóros ambos clama,
« Deixai-vos do Certame começado,
» E cedei-lhe no canto a palma, a fama ».

ODE III

DO LIV. V DE HORACIO.

COMA alho, mais nocivo que as Cicutas,
Quem quér que ao Pai torceu com maõ impîa
A goéla encarquilhada.

Ah

Ah Ceifeiros de estomagos de férro!
Que peçonha no ventre se me assanha!
Logrou-me nestas hervas
Algum sangue de Vibora cozido?
Pôs maõ Canidia nestes ruins manjares? —
Medea embellezada
Em Jason General dos Argonautas,
Mais que todos gentil, untou-o de alho,
Quando ia a deitar laço
Aos Touros de cerviz estranha ao jugo.
E untando de alho os dons, com que brindavá
Do Espozo a nóva Dama,
Nos alados Dragoẽs fugio vingada.
Nunca à sedenta Apulha assim os Astros
Lhe fizeraõ gravàme,
Com màos vapores. Nem ardeo taõ rija
A prenda da Consorte (1) pela espalda
De Alcides incansado.
Queira o Céo, se alhos inda appeteceres,
Mecenas jovial, que a tua Dama
Logo a maõ interponha,
Quando intrincados bejos lhe apontares;
E se arréde de ti, para as extrêmas
Ribanceiras do leito.

---

(1) A camisa cheia de sangue do Centauro Néssо.

E

SONETTO.

MOTTE.

Morro feliz, se morro em teu regaço.

GLOSSA.

Nize gentil[1], que até a sepultura
Teràs desta minha alma a Monarchia,
Comtigo irei gostozo à Zona fria,
Ao Clima ardente, à Regiaõ escura.

Ser-me-há branda comtigo a Desventura,
E em meus males seràs minha alegria;
Tu os revézes da Fortuna impia
Me adoçaras c'o a tua formozura.

Terei por Paraizo a Lybia éstuòza,
Terra mai de Leoẽs, se em doce laço
Bejo essa face, que arde em viva roza:

Um amorozo teu estreito abraço
Farà com que eu, na brenha mais medroza,
Morra feliz, se morro em teu regaço.

---

(1) Leonum arida nutrix. —*Horat. l.* 1. *od.* 23.

ODE.

Paris 4 de Julho 1806.

Ille et nefasto te posuit die
Quicumque primum et sacrilega manu
  Produxit . . . . . . in nepotum
  Perniciem opprobriumque pagi.
            Horat. lib. 2, *od.* 13.

N'UM dia, qual o de hoje (há vinte e outo annos)
Vinha da Inquisiçaõ buscar-me um sbirro,
Porque os Clérigos tristes, a seu gosto,
    Comigo palhetassem.
E que màis Réos do que eu, depois de haver-me
Consumido, e ralado a paciencia,
Com perguntas, com cárceres, com tratos,
    Me enviassem à fogueira.
Mas hoje, que diff'rença! O dia é o mesmo,
Dia quatro de Julho. Em vez de sbirro,
Vem Damas, vem Amigos saudár-me,
    E festejar comigo
A bella escapatoria; e retinnindo
Os cópos uns nos outros, apuparem
O infame Tribunal — a dar-lhe as váyas.
    E a dár-me a mim os vivas. —

E 2

O Sanches, (1) discorridas longes terras,
Foragido da Patria, que o perségue,
Que lhe affige os Parentes, e os Amigos
Com fógos, com torturas;
Sentado à meza, com màis dous proscriptos (1)
Do iniquo Tribunal, labéo da Europa,
Tomado de celéste enthusiasmo,
Assim rómpia a brados (2):
» Inda vive, inda reina, para injuria
» Dos Reis, que o naõ confundem, para escarneo
» Dos Povos allumiados, e despeito
» Dos Sabios, e Homens próbos,
» Esse antro de assassinos tonsurados,
» Que novos Poliphemos (3) despedaçaõ
» As carnes innocentes das Donzellas? (4)
» Que ao saber poem mordaças? (5)

---

(1) Vid. Elogîo do D.r Antonio Nunes Ribeiro Sanches, composto em Francez por M.r Vicq-d'Azyr, vertido em Portuguez por Filinto Elysio.

(1) F. J. d'Av. Brotero, e Filinto.

(2) Tal, pouco màis ou menos, foi a conversaçaõ, que comnosco teve nesse dia.

(3) Leiaõ Virg. no livr. 3º.

(4) Donzellas, cazadas, viuvas, vélhos, meços, crianças, todos, éraõ pasto desses Poliphemos, Minotauros, Cérberos, e peior ainda.

(5) Digaõ-no quantos estudaõ por bons livros.

» Quando virá um Hercules, que alimpe
» Cavalharices de brutáes Augîas,
» E as láve co' as correntes christallinas
» Das proficuas Sciencias?
» Quando virá um Hercules, que affouto
» Os Queimadores queime? Que as serpentes
» De mais podrîda Lérna, em duros braços
» Suffóque vingativo!
» Vingue o Anastasio (6), vingue o bom Lourenço,
» E Sanches, e Filinto, e Varoẽs tantos, (7)
» Que a Patria illustrariaõ, se essa Patria
» Naõ salariasse os crimes!
» Os crimes dos que a privaõ de táes astros;
» Dos que adrêde ennoitecem táes engenhos,
» Para encruar melhor o seu império
» Na boçal ignorancia. (8)
» Venha, venha, em meus dias, um Rei justo

---

(6) Jozé Anastasio, honra da Universidade, honra do exercíto, a quem é curto todo o Elogîo.

(7) Bartholomeu Lourenço, por alcunha da Inquisiçaõ, o *Voador*.

(8) A lingua Portugueza é mal-conhecida na Europa, porque os Sabios Portuguezes, que podiaõ escrever obras, que a fizessem conhecida, como ella merece, saõ atalhados em seus arrojos, pelas censuras dos frades, a quem nada assusta màis, que o claraõ das Sciencias.

» Que à valente Razaõ dê fausto ouvido ;
» Que adite o Reino, assoberbando os Monstros
» Que o gastaõ, que o aviltaõ. (9)
» Contente morrerei, se antes da morte
» Me ràya a nóva, que atupiraõ ledos
» A Caverna de Cáco os Portuguezes,
» E lhe dansaõ em ròda. »

---

(9) Pódem replicar-me os devotos do Despotismo, e da Ignorancia, que a Inquisiçaõ tem hoje pouco poder, e faz pouco mal. — Como saõ mente-captos! (lhes respondo) Considerai bem que a Inquisiçaõ é uma serpente, que está por ora como amadorrada; mas que apenas, por desgraça de Portugal, subir ao throno um Rei, a quem os frades fanatisem, subito a amadorrada serpente acórda, esperguiça-se, e tomando novas forças, remoçada devorará o Reino, que a naõ mattou. Considerái que sopita um tanto no Reinado do D. Joaõ IV, apenas elle morreu, com que devastadora crueldade naõ se ensopou ella no sangue das infelizes victimas do seu ciume, e da sua cubiça, até que o Marquez de Pombal a açaimou, bem que por descuido politico a naõ acabou de todo.

OS DOUS CÉGOS,

MONARCHAS DESTE MUNDO.

O Amor é cégo. — Estranha novidade!
Mâis há que annos tres mil, que assim o pinta,
E ólhos lhe venda a douta Antiguidade;
E assim a que naõ canta (as mâis das vezes)
Colorada Poesîa, que naõ minta,
Tambem faz mimo a Amor de ólhos vendados.
Milhares há de mezes
Que prégaõ, que a Fortuna é Deosa céga,
E jóga cós Mortaes à Cabra-céga,
Bandos de disgraçados
Poétas, e Pertendentes,
Que, a miûdo, ào jantar, baldos de china,
A's almas, dando em vaõ, toccaõ c'os dentes.
Naõ me diràõ, se é sina
Deste nosso Univérso desastroso
Ser regido sem régra má, nem boa,
Por um Numé, que é cégo, e que é maldoso?
Por uma divindade
De strambótica, e céga qualidade,
Que ao Mundo, o Bem, e o Mal atira à toa? (1)

(1) . . . . La Fortune et l'Amour
Sont deux aveugles qui gouvernent le monde.
VOLT.

ODE.

No dia 4 de Julho 1786.

Lieto nido, esca dolce, aura cortese
Bramano i Cygni, e non si va in Parnaso
Con le cure mordaci, e chi pur garre
Vien rocco, e perde il canto e la favella.
Guarini, nel Pastor Fido.

As invejadas, tûmidas riquezas
Céga as reparte a lubrica Fortuna:
Das maõs os sceptros, os bastoẽs lhe càem.
Mas a clara Virtude,
A Filha da constante Sapiencia
Dà, com prèvistos ólhos,
A sólida Ventura.

C'os dedos integérrimos afasta
Da alma as turbidas névoas; mette o dia
No càhos das paixoẽs; apérta o freio
Aos desmandados Vicios,
Rasga do Fingimento as longas roupas,
Quando astuto se encóbre
Nos trajes da Lizura.

Ella a Dentato, (1) no fallaz presente,
Mostrou a québra do Devér hedionda,
Disfarçada na màscara dourada.
Ella as ferradas portas
Da Tyrannia abrio; poz-lhe patentes
A Crueza, os Remorsos,
Que pouzaõ na aurea sàlla

Tu, oh santa Virtude, ao bom Filinto
Déste a força, a viril constancia déste,
Quando co' a maõ potente lhe escudaste
O peito salteado
De terrores, de assacaladas iras,
Que o vil, atroz Ministro (2)
Trazia encommendadas (3).

Tu, do Céo, onde assistes, providente
Baixar mandaste o perspicaz Acôrdo.
Elle tóma os aligeros talares,
E a mim, d'um tiro, désce:
Qual vôa, os ares liquidos rasgando,
Co' as ordens, o Cyllenio,
Do Olympico Monarcha.

---

(1) Flor. *Lib.* (2) M. C. d. M....
( ) Natura humanis omnia sunt paria,
Qui pote plus urget: pisceis ut sæpe minutos
Magnus comest, ut aveis enecat accipiter.
Varro in Menippeis.

Apaziguou-me os olhos inquietos;
Cubrio-me o gésto co'a grandeza altiva,
Que os màos, que os apoucados acobarda.
E (em quanto ao turvo M....
Com frio susto lhe abafava o seio,
E a quadrilheira dextra
Sollicito impedia)

Me impelle, e manda às àras do Oceano,
E às immortaes Nereidas acena,
Que em seus braços me tomem piedosos.
Alli me guia o Affago
Da assustada Amizade precavida,
Que entre apertados laços
Me deu o adeos saudozo.

Alli a Filha do equoreo Vate
A fatidica Lyra nos maõs toma:
« Salve, Filinto (canta) a nós entregue.
» As Tágides amigas,
» Que choraõ tua ausencia, em maõs seguras
» Depoem o seu cuidado. —
» Salve, entre nós bem vindo.

» Déspe as tristezas, déspe os infortunios,
» Que te ameaça a carrancuda Patria.
» Neptuno te protége; a alma do Sabio
» Vê com enchutos olhos

» Invejas (1), e Traiçoës arrebanharem
» As riquezas — superfluas
» A quem com pouco vive.

» A' tua amavel, pia Soberana,
» De Belleza, e Virtude almo tezouro;
» Que ama a Deos, e os algozes abomina,
» Que estima os que com honra
» A estrada trilhaõ do Saber profondo;
» Dos olhos lhe esconderaõ
» O aleive de teu cazo.

» Vê no monte os Amigos, que derramaõ
» De gosto, e de saudade mixto pranto:
» Vê a masmorra, o Delator raivoso, (2)
» E os Verdugos mordendo
» As maõs, a que magnanimo escapaste:
» Vê a feroz Calumnia,
» Que nos teus bens se vinga.

» Mas volta os olhos magoados, volta
» Ao nosso reino azul, que amado sulcas;

---

(1) Hor chi dirà d'esser felice in terra,
Se tanto à la Virtu noce l'invidia?
Il Pastor fido de Guarini.

(2) Talibus insidiis, perjurique arte Sinonis
Credita res. — — *Virgil. Æneid. Lib.* 2.

O M. d. A......

» Franco abrigo de illustres desgraçados.
» Olha as undosas Nymphas
» C'os alvos braços docemente abertos,
» E os labios que recendem
» Consolador alivio.

» Despéde ao longe a disparada vista.
» Vê naquellas campinas trabalhadas
» Os Asylos do saõ Merecimento (1).
» Com que meigo semblante
» Esperaõ no regaço agazalhar-te,
» C'o manto azul cubrir-te,
» E com os Lyrios de ouro!

Eis que a Nerêa, renovando alento,
Com que o peito prophético se inflamma,
Abre as pezadas folhas dos Destinos;
C'os olhos cubiçosos
Bebe as sòrtes occultas dos humanos,
E sòlta a voz, córada
C'os fados meus vindouros.

---

(1) *Allude aos versos do retrato de Filinto Elysio.*
Lysia me genuit, Calabræ docuere Camenæ;
Sectator veri, et puræ Rationis alumnus
Relligiosorum crudeles pascere flammas
Dignus eram, vel Socraticâ frigere cicutâ;
Sed me, doctorum nutrix fœcunda Virorum
Haud ingrata sinu profugum complexa benigno
Gallia, forte suis velit adnumerare Poetis.
A. M. de C.

» Que funésto, que lûgubre ameaço
» Te arrastra para os muros do Cocyto?
» A descarnada, pallida Doença,
» O Pezar taciturno
» Tomaõ nas maõs das Parcas a tezoura...
— Acòde, oh Sapiencia
— Despoja-os da arma iniqua.

— Vem: dá-lhe a maõ, des-ruga lhe o semblante.
— Poem-lhe por guardas d'um e d'outro lado,
— Contra a turba das Magoas, das Molestias,
— A veladora esquadra
— Das Maximas, que o throno teu rodeaõ;
— E o meigo, acceito Choro
— Das dulcisonas Musas.

» Sem riquezas, contente e descansado,
» Cantaràs os Amigos saudozos
» Na Lyra que te deu o Venusino:
» Nunca igual a teu Mestre
» (Com quem ninguem luttou, sem ser vencido)
» Mas inda assim sublime,
» A'quem deixaràs muitos.

» Hymnos à Liberdade sonorosos,
» Ao graõ Lyeo, à Deosa dos Amores,
» Com novo, cantaràs, affouto plectro;
» E, o furor amainando,
» Ao brando gésto da gentil Marfisa
» Disferirás uas còrdas
» Divina cantilena. »

AS SUBSTITUTAS

DAS TRES FURIAS.

COM prestes ordens da olhi-toura (1) Juno,
A quem ciosa bicha morde o seio,
Désce Iris, Madre Espreita, a tomar falla
Do grande Jove,
Que andava à tuna
Cà pelo bairro.
Tòpa Hermes (2) alcofinha do Tonante,
Que tirava apos si tres reverendas
Dònas de austéro porte, austéro gesto.

IRIS.

Alegres dias
Tenhas na terra
Como no Olympo.
Onde lévas à feirá essas tres Fadas?

MERCURIO.

Fadas lhe chamas Tu! Se outrora as visses
Perâltas de sináes, e de arrebique...

---

(1) — Bovinis oculis venerànda Juno. *Homer. passim.*

(2) Mercurio.

IRIS.

Apòsto eu que hoje
Pregaõ virtudes,
Honra e recato!

MERCURIO.

Adivinhaste.

IRIS.

Mas que emprego fazes
Hoje desses dragoẽs?

MERCURIO.

A Pluto as levo
Nóva Alecto, Tisyphone, e Megera.

ODE.

Lugdugni Batatiphagorum anno 1796.

Non, si male nunc, et olim
Sic erit. —— *Horat. Lib.* 2. *Od.* 10.
Diris agam vos. — *Id. Epod.* 5.

VEJO, (mas longe!) vir lusindo um dia,
Que hà-de pôr, entre mim, entre estes Gétas,
Térra em meio; e me hei-de ir saudar os montes,

Os campos sociaveis. (1)
Ficái em hóra mà, Lagóas, Charcos
Apposentos de Sapos (2), de Canalha (3),
De avaros (4) Batatì-phagos (5), Casmurros (6),

---

(1) Montanhas em Hollanda! Cousa' é, que nem de longe se avista. Vê-se um bréjo verde de enfastiosa planura, com algumas empolas de areias, quando se costêa o Oceano. Por esse motivo contaõ; que ao despedir-se um Official Suisso d'uma Menina estrangeira, e perguntando que mimo lhe poderia offerecer, quando tornasse, lhe respondera esta mui saudosa — *um montesinho*. —

(2) E' uma consoladeza, para quem passeia no bosque da Haya, vêr diante dos pés os ranchos de sapinhos irem correndo, e saltando.

(3) Bem sabida é a despedida, que Voltaire deu à Hollanda. — *Adieu canaux, adieu canards, adieu canaille.*

(4) Assim prophetizou dos Hollandezés Seneca in Hercul. furios. *Vers.* 168 :

——— Hic nullo fine beatus
Componit opes, gazis inhians
Et congesto pauper in auro.

(5) *Batavos* vem de *Batata*, principal producto destes pantanos, e *phagein* comer.

(6) *Quam non ingenio nomina digna meo.* Ovid. trist. Lib. 3. Ep. 11.

De stâtuas, que cachimbaõ.
Naõ terà de arranhar-me o brando ouvido
A scória dos sons asp'ros da Alemanha; (1)
Lingua engásgada! — Ráspa das gargantas!
Que elles gábaõ de enérgica... (2)
Tem razaõ! —— O animal long-orelhudo
Tambem se ufana do primor, e gala
Dos zurros, que tam guápo garganteiá,
Mirando os Circunstantes.
Ahî te ficas, Ilha Barataria,
Que, à láya do Governo do bom Sancho (3),

---

(1) Consta pelas Chrónicas antigas que os primeiros povoadores destés Charcos foraõ uñs pobres, perseguidos, pescadores, Allemaẽns; e que de sua grosseira algaravia se compoz a dulcisena linguagem destes Milords.

(2) Il n'est permis qu'à un stupide Flamand de bâtir un *in-folio*, pour s'assurer que son détestable baragouin est le premier accent du monde:

Les Abus dans les cérémonies et dans les mœurs.

(3) Os Curiosos que quizérem inteirar-se melhor da genuîna comparaçaõ da Hollanda com a Ilha Barataria, leiaõ, na opera do Judeo, Antonio Jozé, a scena mui doutrinal, entre Sancho Pança, e sua mulhér Thereza Pança, àcerca do governo da Ilha promettida.

Tens d'um ramo de péste a annual visîta,
Para o teu desenfado.
Assim Rhamnusia, despicando os Povos (1),
Espremidos por vós (2), por vos logrados,
Nos dá benigno Céo, dons de Pomôna,
Que às vóssas mêzas nêga.
E vós, por pélles de sabrósos figos,
E engáços de ferral, pejáes as ruas (3),
Com accalcados cannistréis do esbrugo
De insipidas batatas.

---

(4) E è tanto assim, que esperaõ estes Cafres pela Carneirada de Outono, como nós esperamos pelas chuvas do hynvérno. Este anno de 1795 foi assaz grosso o ramo de péste; houve dia em que morriaõ 17 outro dia 18, e para o fim, morriaõ só 8, 10, ou 12.

(5) E'digno de alto reparo, que sendo a lingua Flamenga prima-com-Irman da Hollandeza, e que tendo dado em geral a Natureza a todos os humanos um cérto fallar dos Payzes baixos, se naõ sirvaõ desse fallar màis a miûdo os Estrangeiros, para se communicar por lá com os Hollandezes; quando mórmente esse tal fallar afflamengado conforma tam quadradamente com o Nighe-Naghe dos Batatì-phagos.

(1) Quem se quizér persuadir do motivo deste despique, infórme-se de quem com elles teve

tratos ou contratos; que nunca lhe acconselharei, que o venha experimentar pessoalmente.

(2) Leyaõ o Capitulo 19 do Optimismo, e as viagens dos que viéraõ a Hollanda, ou dos que visitaraõ Colonias destes traficantes.

(3) Quem naõ veio cà dar uma vista de ólhos (*quod Deus avertat à bonis*) naõ se poderà capacitar de tal. Està em montes ao canto das portas o cascabulho das battatas, como às portas das Cavalharices o retraço das béstas.

APPENDIX.

— Sempre notas.... e màis nótas — (diràõ alguns praguentos) Tomára-os eu por cà 5 ou 6 ánnos, como eu, n'uma Cartuxa tal, como a da Haya. Ah! — E como achariaõ regalado passatempo em conversarem com o papél! —— E que serîa de mim, se nestas nótas naõ desaffogasse a sopeada falla? e naõ me affigurasse que estou fallando c'os Tafues! — Aindà em mal, que nem sempre se póde escrever! A unica esperança, que me consola, vai no Epigraphe. —

—— Nam, si male nunc, et olim
Sic erit. ——

BONS E MA'OS JUIZES.

No throno augusto da imparcial Astréa,
Sanctos Juizes, sois de Deos images;
Quando a virtude pobre em vós estêa,
E cortais do erro as turbidas ambages:
Mas se co' a maõ, de ouro culpado chêa,
Vendeis justiça a quem vos dà màis gages;
Naõ sois juizes naõ, sois deshumanos
Retratos de crueis, torpes tyrannos.

O E E.

París 4 de Julho de 1804.

——— Hunc fidibus novis,
Hunc Lesbio sacrare plectro
Teque, tuasque decet sorores.
Horat Lib. 4. *Od.* 16.

Cinco lustros, màis uma Primavéra
Tem volvido, depois que ás curvas garras
Dos Minhôtos da Praça do Rocìo
Escapei resoluto.
Vi-me em Parìs; zombei do Sambenito,

Da Caróch a, e talvez das labaredas;
Que piedosos Beatos me assopravaõ
Já na devóta idéia.
Do màis naõ zombei eu. Que os poucos cóbres,
Que a algibeira (na vinda) me aqueciaõ,
Co' a revezada coima se estafaraõ,
De alugueis, e tendeiros.
Entam me veio ver a triste, e negra
Necessidade (1); entam bem vi que tinha
Cara de hereje — accasmurrado hereje,
Que dá quebranto, e ólhado.
Deu-me ólhado de Solidaõ, e enojo;
Deu quebranto de fome, e de miséria:
Tal ólhado, e quebranto, que inda duraõ
Hoje — mas naõ tam rijos.
Que há tres lustros, ou quazi, que um Amigo
Um chumaço lhe pôz de ouro potavel,
Com que o mal mitigou — Hoje inda o sinto,
Ainda me magòa.
Mas sinto-o, como quando a dor de dentes,
Applacada com fortes anodînos,
Embochechou-se a face; e a dór de inférno
Entuffada adormece.
E inda há-de màis dormir, quando essa fóme,

(1) Todos os Estudantes sabem que « *Necessitas caret lege* » se traduz em Portuguez « *a Necessidade tem cara de hereje* » Traducçaõ tam fiel, como a do « *Parabolam hanc* » Parêmos aqui.

E penuria, o mesmo Amigo as mattè,
C'um golpe generoso. Oh! Deos o ampare,
Como elle me há amparado!
Elle que póde, e que óbra o que promette, (1)
Mandará, em dobroẽs auri-luzentes,
As Quintas, e Cazinhas, que lá fructos,
E renda a estranhos largaõ.
Assim, oh Musa, tóma régabófe.
Cantemos, e dansemos, té que estourem
Da lyra as córdas; e co' a dansa, e canto
Os pés, e a vôz se esfalfem.
Mandemos as Tristezas á tabûa:
Venhaõ ventos, que ás Cazas dos avaros,
Os temores de fóme, e da miseria
Lhes lévem de rajada.
Dos sustos do futuro estou zombando,
Se vem as Louras — Haja comezana;
Brindem-se Amigos; cérque-se esta meza
De alegres Formosuras.
E tu, oh Clio, traze-me outra Lyra
Máis bem encordoada, que accompanhe
Os Hymnos, com que grato a frente c'rôe
De tam bizarro Amigo.
E por que melhor cantes, hoje um trago
Empinarás do louro Carcavellos,
Que o bom Souza te manda de presente,
Para o festivo bródio.

---

(1) Máis de dous annos há, que espéro pelo promettido.

SAUDADES D'UM AMIGO

QUE A MORTE ME ROUBOU.

O Tejo nos olhou outrora absortos
Naquelle alto pensar, que o mundo ignora,
Vagos òs passos, vagos os discursos
Dar cabo às horas, encurtando os dias;
Ou mansos debatendo agudos pontos,
Na florifera rélva reclinados.

Dura lei, que naõ podes ser quebrada!
Tu vens do Eterno: e quantos hoje vivem
Quer venhaõ de Pàes Reis, de Pàes pastores,
Co' a mesma maõ a Parca os lança à cova:
Os que em terra màis firme se arraigavaõ,
Como hóspedes d'um dia se partiraõ.

Riccas librés, soberbas armerîas,
Doirada chave nò bordado bolso
Naõ retem o crédor do lago estygio:
Findo o prazo imos nus, aos ermos reinos,
E os Fados nos arrancaõ dos amigos.
Oh durissima dor das duras dores!

ODE.

Fœcunda culpae secula nuptias
Primum inquinavêre et genus et
Domos. Hoc fonte derivata clades
In patriam, populumque fluxit.
Horat. Lib. III. Od. 6.

EMPÊGADA no golfaõ da Vaidade
Pérde de vista o nórte da Virtude
A formosa Donzella, que abrio pórta
A' dolosa Lisonja.
Desampara o Recato a sentinella
Dos comedidos olhos, rompe o Vicio
Os pudibundos muros, rende a Honra
O guardado Castello.
Em vaõ quiz imprimir no tenro peito
Sabio Disvélo a estampa da Inteireza:
O ouro abaffou, com lâminas traidoras,
Os indeléveis rasgos.
Naõ cedia a seu toque venenoso
A severa Espartana, que os enfeites
Tinha em vil preço, e a Patria, a Honra, os Filhos
Tomava por espelhos.
Este Ocio corruptor vem, co' as riquezas,
Escalar

Escalar os costumes bem regradós;
Poem seu throno na Córte; o Engano, o Furto,
　　　A Aleivosia o sérvem.
Ditoso o que, na aurora de seus annos,
Bebeu da san Virtude a alta doutrina,
E que no coraçaõ guarda-la soube,
　　　Co' a chave da Constancia.
Oh Térras Africanas saudosas!
Por vós chora inda a Patria. Vós o berço
Fostes dos seus Noronhas, e Pachecos,
　　　Em éras gloriosas.
Alli, co' braço tinto em sangue Mouro,
O fidalgo mancebo as verdes palmas
Cortava ousado, para ornar na Patria
　　　Os brazoẽs naõ-manchados.
Alli tomou o ensino, tomou forças
O Valor, a Virtude, que os luzeiros
Foi derramar nas Indias, e deu brado
　　　Nas Côrtes mal-despértas.
Hoje apenas, nas guerras atéadas,
Sóa acanhado o nome Lusitano,
Que outrora estremèceu ambos os Pòlos
　　　C'os sinàlados feitos.
Oh Lusos, accordai desse vil somno!
Acudi aos triumphos do Oriénte.
Acudi: que vos lévaõ as façanhas
　　　Dos preclaros Mayores.
Se a alma vergou c'o peso da Ignorancia;
Eis vos offrece a maõ a Sapienciá;

Alçai os ólhos; vede o raio puro,
Que sahe de seu peito.
Resgatai-vos da affronta: erguei os brios;
Que vos clama de Àrzilla, Ormus, e Diu,
O vosso antigo sangue derramado,
No campo das victorias.
Re-trilhai os caminhos da alta Fama;
Ide ensopar as lanças ociosas
Nos peitos de má fé, que se enriquecem
Com os vossos descuidos.
Carregai as espáduas de Neptuno
De possantes baixéis: alvas estrellas
Brilhem na guerra férvida, e robusta,
As vencedoras Quinas.
Aquelles sem-iguaes Raios de Marte
Vos bradaõ, vos apontaõ a vereda
Do Renome immortal: rompei a redes
Do luxo entorpecido.
Elles, co' a espada de brigar faminta,
Cortavaõ por delicias, e ocios frouxos:
O nitridor ginete, o arnez brilhante
Lhes pediaõ pelejas.
O que deu nome a teu solar illustre
Co' a espada em punho, batendo a alta bandeira,
Pizava aos pés o Medo, e tinha os olhos
Na Honra, e no Inimigo.
E o Castro, que enfreou Cambaya altiva,
E o astuto Hidalcaõ, abrio-se praça,
No templo da Memoria, entre os Fabricios,

Engeitando as riquezas.
Felizes ! que naõ viraõ estes dias
Taõ mudados, e os Netos sumptuosos
D'ouro, e naõ d'aço, no marcial terreiro,
Fazer garrido alarde.
Os annos, Ladroẽs surdos, nos roubaraõ
A frugal meza, os trajos asseados :
As Virtudes antigas mal se véstem
De molles attavios.
Adulteros adornos se apossaraõ
Da casta coma das Esposas Lusas :
A Fama, a Singelleza aos pés cahiraõ
Das desvairadas Módas.

PREGAÕ.

Comprai-me as trovas, censurai-me embora,
Que, naõ gabos, dinheiro me namora,
Saõ máos meus versos, dizei delles rayos,
Fazei-os em fanicos, mas comprai-os (1).

ORA eu já disse em verso (há bem vinte annos)
Comprem-mos, e critiquem-mos embora (2).

---

(1) Na Carta ao S.[r] Feliz Jozé do Avellar Brotero, que começa : *Tu dizes, Avellar*, etc.

Inda hoje digo o mesmo. Os Doutos riccos,
Que, naõ dinheiro, mas louvor cubiçaõ,
Ponhaõ peito a que os louros, que os encómios,
Sobre as frentes lhes cáyaõ como chuva.
Mas eu, a quem louvores naõ engòrdaõ
Que saõ ócca iguarìa, saõ pedaços
De caramélo vaõ, que se esváe na água,
O que pertendo só; o que agencêo
Saõ louras, que me adubem a panélla,
Que dem vèstia, e calçoẽs, que dem sapatos.
Sabem Vossas mercês, que o Proprietario
Das cazas, em que móro um cento de Odes

(a) Era eu rapaz, e passava pelo Louretto. Vi o adro atulhado de gente, e quiz saber (curiosidade de rapaz!) o que os apinhava alli. Vi um Estrangiro, com uma caixinha toda escaquetada, e os escaques cheios de papelinhos quadrados, que encerravaõ em suas dóbras certos pós, que elle appregoava miraculosos, e infalliveis para sarar pernas, e braços quebrados, impedir a gotta, e appoplexia, tirar os sinaes de bexigas, atalhar a velhice, fazer nascer nóvos dentes, etc. etc. mas sobre tudo para mattar pulgas no veraõ. Muita gente lh'os comprava, mas muita mais se desfazia em perguntas, em objecçoẽs, em reparos, e elle a tudo respondia: *Comprai meus pós*. Aplico el cuento.

Pindáricas, farfantes, campanudas
Feitas em meu louvor, naõ as tomára
Pelo aluguél d'um mez? Que tal o achaõ?
Tenho eu razaõ, se digo, que m'os comprem?
Se à Critica dou rédeas, e màis rédeas?
Supponde, que estáes vós, por um buraco,
Vendo os assómos da alma, que transluzem
Na minha górda, avelhentada face,
Quando um me vem comprar as minhas tróvas,
E me *conta*, em dinheiro abençoado,
A moéda de ouro; e essoutro, que vem concho
Noticiar-me a Critica malvada,
E mordedura de enrayvado dente.
Reparai bem. Do argenteo choçalhinho
Já *estou* gizando a somma das garróchas,
Que importa repartir. Seis á pádeira,
Máis seis para o açougue; — e a pôr de parte
Màis tanto para o vinho, attonnellado,
Que me venha da vinha mui sincero,
Sem mixórdias de infido taverneiro,
Méstre de venenosas falcatrûas,
Que nunca méro o dá, dando-o máis cáro.
Bem quizera eu poupar essa parcélla,
Que léva a bóya ao fundo; e estanca a bolsa;
Nem me quér o tonnél entrar em casa,
Sem que vaõ arranca-lo lá da adêga,
Dous louras, ou tres, conforme os annos. —
Estou velho, e sem vinho, um pobre velho
Cria arrans na barriga, se bebe água;

E o vinho (há quem o diga) muito póde
Refocillar a lassa humanidade (1).
Naõ vos conto o aranzel das miudezas,
Que requér caza pósta, por que fôra
Moer-vos a enjoada paciencia.
Olhae-me agóra, quando me criticaõ.
Nos ólhos se me espráya, e no semblante
Todo o socégo, com que me acalanta
Minha gorda Pachorra, amiga vélha.
« Tanto melhór (me digo) de mansinho;
» Se as critíca, é que já comprou as tróvas.
» Venhaõ màis Criticantes, màis dentadas;
» Que assim modraràõ màis na bolsa os cóbres».
Saibaõ, que estou em terra, onde os Authores
Pèdem que sàyaõ Criticas a rôdo,
Por que melhór consumo tenha a Obrinha.
E tal houve, que deu màis venda ao Livro
Fazendo-o condemnar pela Sorbonna,
Fazendo-o condemnar em Parlamento;
E ser por maõs do infame algoz queimado.
Tanto pode o furor de ser vendido!
Que procedeu dahi? A triste Obrinha,
Que jazìa na lógea, e preparava
Tabernáclo ás aranhas, pasto á traça,
Andou de maõ, em maõ; e ás rebatinhas
A quiz ler todo o bicho curioso.
E naõ quereis que as Criticas me alégrem?

(1) Verso de Camoẽs.

Eu ponho os meus Censores em dous lótes;
Uns, que censuraõ, com sagaz intuito
De me emendar no que érro, e avisar outros
Do tropéço, em que dei, que ahi naõ cáyaõ.
Desses Censores louvo o sizo, e delles
Tiro lucro. Tomára eu aquî te-los,
Que sahîraõ màis limpas da carépa
As trôvas, que ahî dou por desenfado,
E por ganhar vintens. Aos Aristarcos
Caixeirinhos francelhos, Bonzos, Nayres,
Que embicaõ nesta phraze, nesse Verbo,
Que naõ vem nos seus livros de fitinha,
Desses me rio eu às gargalhadas;
E péço aos nossos bons Poëtas d'hoje,
Que me ajudem constantes a apupa-los.
De relé tam nojosa dêmos cabo (1),
De tal maneira, à finça, os affrontemos,
Que naõ ousem fallar; e se a Vergonha
Tem inda algum accésso em suas caras,
Corridos se arremessem a ler Clássicos,
Naõ màis, como asnos, fallem como gente.

---

(1) Que faut-il donc faire pour conserver à notre langue sa prééminence? Il faut que tous les gens de goût se liguent contre ces novateurs, contre ces factieux littéraires, qui veulent faire une révolution dans la langue: il faut se rallier autour des bons modèles, et disperser avec le fouet du ridicule ces corrupteurs de la pureté du langage.

ODE

A' Ill.ma e Ex.ma SENHORA D. M. de A.

O testudinis aureæ
  Dulcem quæ strepitum, Pieri, temperas,
O mutis quoque piscibus
  Donatura Cycni, si libeat sonum,
Totum muneris hoc tui est.
Horat. lib. 4, od. 3.

CALLIOPE divina,
Que ao Cantor Thracio, emulador de Apollo,
  No berço adormentavas,
  Cantando as maravilhas,
Em que estudiosa lida a Natureza:

  Tu, de Urania ajudada,
Aos sóes immensos o subiste adulto,
  E a pacifica Virgem,
  E o Leaõ truculento
Lhe mostraste, as pouzadas visitando.

  Tu stavas a seu lado,
Quando dos montes desprendia os troncos,
  Com a affoita harmonia:
  Tu os numeros ao canto,
Tu a altiona voz lhe modulavas.

Na verdenegra Styge
Dobrou Charon, nunca atélli dobrado.
Quantas vezes, absorto,
Para o Cantor divino
Ergueu o rosto, e se esqueceu do remo!

Das eloquentes córdas
Partiraõ Graças, que desenrugàraõ
O medonho semblante
Do tristissimo Dite,
E o peito co'a ternura embrandeceraõ.

Euridice, aos podêres
Do Canto vencedor, tornou às praias
Do lago irremeavel;
E do Orco as leis quebrando
A infernal ròta desandou, primeira.

A teu mandado as Aves
Enchém os soltos àres de gorgeios;
Á teu mandado os brutos,
Os estupidos peixes
Entoariaõ quebros sonorosos.

Ah! da-me à Lyra Thracia;
E manda, que eu desfira a vòz canora;
Verás parar os rios,
Verás descer dos montes
Ás sélvas de tropel a dar-me ouvidos.

Enlevado em teu gésto,
Com rithmo novo, por estranhos signos;
Despenhando cadencias,
Darei inveja a Orphêo,
Acudiràõ as Musas admiradas.

Farei màis. Destemido
Disputarei a Apollo a primazia:
Daphne (1) o arbitro seja
Do intrépido certamo,
Naõ me acobardo: Apollo já me téme.

Eu cantarei taõ doce
Que influa em féros peitos a meiguice,
Se encósto ao peito a Lyra,
Tanto ardor virà della,
Que inflammarei a amar-me a tibia Anarda.

Verei aquelles astros,
Que lucidós revólve entre as pestanas,
De brando amor banhados,
Fitar compadecidos
Em Filinto, por premio de seu canto,

Entaõ, Lyra ditosa,
Ficaràs com màis nome, e màis soberba,
Que quando aliviaste,
'Nas maõs do Vate antigo,
A sêde a Tantalo, a Ixion a róda.

---

(1) A Senhora D. M. d. A.

PRÉDICA BERNARDA.

CERTO frade, arrotando Sapiencia,
No pulpito, a altos brados declamava
Contra os Páes, contra as Maẽs sem consciencia,
Que ensinaõ mal os filhos; e provava
Com Sancta Mónica o seu razoamento.
« Sancto Agóstinho foi graõ libertino :
» Mas tanto fez a Maẽ, com seu ensino,
» Que deu fim ao seu máo procedimento :
» Fez delle um Santarraõ, que mil Santinhos,
» Iguáes aos que bejamos nas verónicas,
» Deu a Deos — Dai-me Mónicas, e Mónicas, (1)
» Dar-vos-hei Agostinhos, e Agostinhos ».

ODE

A Alcippe, e Daphne depois de larga ausencia.

Vos ego sæpe meo vos carmine compellabo.
Catull. de nuptiis Pelei.

ABUTRE màis faminto, que o de Tycio,
Co'as unhas afferradas nas entranhas

(1) Magano! que se naõ contentava com uma só!

Meu renascente coraçaõ rasgava,
C'o rôstro insaciavel;

Séva Eumenide exércitos ferozes
De infaustas aves me assanhava á fronte,
Que grasnando-me agouros, me atroavaõ
Os trementes ouvidos.

Quando embebido em lôbrega saudade
Olhava o Céo, e lhe pedia alivio,
Uma nuvem se rompe, e avisto claro
O Circulo dos annos.

Sizudo Genio, com potente dextra,
D'Oriente á Occaso lhe ía compassando
O justo movimento, e abrindo a Clio,
Successos de alta Historia.

Eis da cadeia eterna de áço fino,
Cujos fuzîs o Fado quiz que fossem
Uns, dias tristes, outros, faustos dias,
Aponta um todo de ouro.

Vinhaõ lhe em roda os Rizos, os Prazeres
Compondo alada côrte: adiante a Aurora
Soltava do regaço apavonado
Pérlas, que o Ganges bébe.

Cupido, sacodindo o acceso facho
Abrazava em dezejos Valles, Montes. (1)

---

(1) Omnibus incutiens blandum per pectora amorem. — *Lucret. in proœm.*

Já cornigeros Satyros ardentes (1)
Cansão os alvas Nymphas ;
Que envergonhadas fogem , mas fugindo
Nuas , lançaõ tal vez , a furto , os ólhos
Ao petulante alcance ; — ainda córrem ,
Mas frouxão (2) a corrida.
Nas pontas dobradiças dos Ulmeiros ,
As pintadinhas Aves , balançando-se ,
Com festiváes gorgeios , à porfia ,
Desféchaõ a alvorada.
Ouro é todo o horisonte ; e magestoso
Instiga o Sol flammivomos cavallós ,
Que a ingreme vereda a pulos tómaõ
Fogosos, escumándo.
Este éra o dia próspero , e risonho ,
Em que eu tornei a ver Alcippe , e Daphne ,
Dia , a mim , màis féliz , que o feliz dia ,
Que me lançou ao mundo. (3)

---

(1) Nympharum fugientum amator.
Horat. lib. 3. *od.* 18.

(2) Assim é que aos verbos , que derivaõ de adjectivos , ajuntaõ um *a* os nossos Classicos ; mas naõ sempre , como é bem óbvio a quem tóma a curiosidade de os ler.

(3) Jure solemnis mihi sanctiorque
Natali proprio. — *Horat. lib.* 3. *od. II.*
E quam pouco adivinhava eu entam quanta dias

Apenas raya, no *alto* (1), a luz serena
Dos ólhos fulgidos das minhas Vénus (2),
O Abutre da tristeza, erguendo o vôo,
Me desaffronta o peito:
O exército das ávidas saudades,
E a torpe Furia, General raivoso,
Mórdendo os braços, e a silvar-lhe as sérpes,
Ao Tártaro fugiraõ.

CONTO.

ENTRAVA pela lóge d'um Barbeiro
Certo Rapaz ansioso de ter barba.
Avíe, Senhor Méstre, (lhe dizia)
E o pachorrento Méstre, que naõ via,
No liso rosto, um só signal de barba,
Lh'o láva, e lh'o re-láva: —
Já lhe alteaõ na cara
Batidos, re-batidos, todo-espumas

---

graça, quanta amargura me urdia para o anno seguinte a Perfidia, a Inveja, e màis a Calumnia!

(1) Cérta janella muito alta.

(2) Naõ é muito, que eu conte duas Vénus, quando Catullo conta um argel dellas: *Plorate Veneres, &c.*

Tres altos (1) de sabaõ. — Eis que óra o Méstre
Tóma um cachimbo, accende-o, e vái sentar-se
A' pórta, a vêr quem passa, mui seródeo.
O Rapaz, de esperar desesperado,
Lhe pergunta, que faz, que o naõ barbêa?
Mui logrativo o Méstre lhe responde:
« *Estou sperando, que lhe aponte o pêlo* ».

ODE

AO SENHOR TIMOTHEO VERDIER L'ECUSSAN.

Nam quis iniquæ
Tam patiens urbis, tam ferreus ut teneat se?
Juven. sat. I.

VEJO apontar o Hynverno pelos cumes
Dos Hyperbóreos serros;
Com elle apontaõ procellosos ventos,
Truculentos negrumes;
Roucas rajadas de saltaõ granizo,
Com fragor se desataõ.

---

(1) Bordados de trez altos diz Fr. Luiz de
uza, fallando de vestimentas.

Pelas roturas do arrastado manto.
Lambem-lhe em ròda a grenha
Roxos gofiscos, rápidos relampagos:
O desabrido Bòreas
Lhe faz côrte, a geáda arrebanhando,
Que ha-de espargir a froxo
Pelas nuas campinas descontentes.
Já hirsuto o arco ateza,
Para os farpões de tremedores gelos
Nos disparar agudos.
Ei-lo que estàlla, e os crepitantes frios
Me açoitaõ as vidraças.
Todo me encolho, todo me arrepio,
Ja sò de ouvi-lo, e vê-lo.
C'os olhos cérco os desprovidos cantos
Da caza, e das gavêtas,
Por vêr (desabrigado, tiritando
C'o penetrante frio),
Se, para lhe aparar as estoccadas,
Acho de prata escudo,
Forrado cazacão, ou pilha de achas,
Hynverni-fugo conto.
Mas, ay de mim! que tudo esta despido!
O lento, crébro sopro
Da Disgraça, afferrada em meu alcance,
Varren, sem piedade,
Quanto vio, quanto achou. Quanto é ditoso...
Quem vê, sobre o cabide
Da ricca, e recheada guardaroppa,

Tufar empanturrado
Pelludo Gabinardo Zibellino !
Vê, no redondo estojo,
Regalo aquecedor ! no lar ardente
Ondadas labaredas ! —
Cuidar, que hei-de ir, com barretada humilde,
Pedir, co'a bolsa em punho,
Ao soberbo Estânceiro, repimpado
No trono mercantil,
Carrada escassa de velhaca lenha (1) :
Por que naõ venha a Parca
Co' as fadadas tezouras, c'os novellos
Visitar-me immatura.....
Ver que o quente sertum acolchoado,
O lanoso vestido,
O Lusitano, tépido capòte
Saõ de subido preço,
E que a bolsa engelhada em vaõ escorro,
Sem que deite chorûme,
Saõ fléchas màis pungentes, que as do Hynverno.
Hoje virei-lhe o buxo;
E ella do çujo, esfarrapado fôrro,
Entre cotaõ sédiço,
Déz reis vomitou sòs, muito esfalfados.

---

(1) Médem tam velhacamente a lenha, que buscaõ asáchas màis tórtas, para as pôr no meio da medida, e deixa-la quanto máis vazía pódem.

E vós, crê-lo-heis, Vindouros!
Eu, que naõ vira nunca da Pobreza
A mágra catadura;
Que, à sombra dos herdados arvoredos,
Descansado dormia,
No regaço da intacta Probidade:
Eu que no altar da Honra,
Do rigido Dever queimava incensos;
Que á Patria, aos meus (1), sem termo
Dei quanto pude, e soube; e déra o sangue,
Se o sangue meu podéra
Resgata-la do ignaro captiveiro.....
Eu vivo desterrado,
Roubados os meus bens, roubado ainda
O premio da Virtude!
E o Geral dos Bernardos (2) que sò tève
Por disvélo, e doutrina,
Anafar brando as roscas do cachaço;
Ròde sege, e dobroẽs,
Dê roupas, dê brilhantes, jogue rijo.....

---

(1) Ainda hoje conservo o mesmo amor da Patria, a mesma ansia de viver, de tratar só com Portuguezes. O meu summo dezejo fôra formar na minha vizinhança uma Colonia de meus Patricios, com quem sempre fallasse, e convivesse.

(2) Fallo do antigo, que eu conheci, e que scandalizou muita gente de juizo.

Oh Térra amaldiçoada!
Qual cheiroso Ananaz, se foi plantado
Entre aldeanas couves,
Esmorece, definha, e naõ dà fructo,
Ou dà-o ensosso, e pécco;
E finalmente mórre atassalhado
Das rusticas raizes:
Tal vive o Sabio, peregrina planta,
Em terreno ignorante.

EPIGRAMMA.

QUANDO o Cantor de Thracia, o Orpheo divino
A's pouzadas desceu do Reino escuro, (1)
Plutaõ, por lhe punir o desatino,
Lhe entregou a Mulher.
Depois, por um decréto màis maduro,
Quiz-lhe honrar o talento melodioso,
Que lhe enchera os ouvidos de amplo gozo;
E tirou-lhe a Mulher. (2)

---

(1) Quem o duvida? Era filho de Apollo, e de Calliope.

(2) Tomára eu que houvesse, em Portugal, um *Index expurgatorio* das obras (por alcunha) poéticas, que embargasse o chorrilho de más composiçoẽs. Ora (no cazo, que o haja) d'aqui

ODE.

Damnosa quid non imminuit dies?
Horat. lib. 4, od. 6.

Desterrado da Pátria, e dos Amigos,
Que pósso eu escrever-te, Caro Alfeno? (1)
Agûdas mágoas, tétricos cuidados
A mente me povoaõ.
Nem Prometheo, no Cáucaso cravado,
Por comprender dos Numes o segredo,
E designar dos homens a Ventura,
Com mal-acceito officio,
Sentio tam rijó os pontiagudos cravos
Rasgar-lhe as carnes, transpassar-lhe os membros;
Nem lhe róe tam ferrenho o diro Abutre
As vîvidas entranhas. —
A Virtude, que ao Templo do Renome
Nos lévanta, com maõ máis-que-pezada

---

já lhe peço, e lhe requeiro, que comêce pelas minhas trovas, que o necessitaõ bem; e depois das minhas, as de... as de... as de, etc. etc.

(1) O Senhor Bacharel Domingos Maximiano Torres.

(Por provar os que c'roa) descarréga
O açoute do Infortunio.
Aristides assim sáe ao degrédo
De saudoso pranto accompanhado:
Foi-lhe culpa o levar ventage a todos
Na difficil Virtude.
Ingrata Pátria de varoẽs illustres,
Ingrata luz te aclára. Eu de que pasmo,
Nascido entre tartuffos, me persiga
Fanática Impostura!
Felices, os que obscuros escaparaõ
Do sévo Monstro aos ólhos cavillosos (1)!
Com brandas maõs, Elysia inda os affaga
Com mimo ao peito os cinge.
Cercados dos Amigos naõ-trincados
Gózaõ da aura natal. — Amados, amaõ:
E lêm suas Cançoẽs às Damas meigas,
De quem graças recólhem.
Ay daquella Ave, que, do Ninho, auzente,
Des-liza o vôo por estranhos áres,
Que se queixa, e naõ vê ao seu queixume
Vir compassiva Rôla!

---

(1) Vos remanete, quibus facili Deus annuit aures,
Sitis et in tuto semper amore pares.
Propert. Monobibl. Eleg. I.

OLHO VIVO C'OS TAES MÉLROS,

ORA viva o Talento! Aqui (1) (há annos)
De Italia veio quem ganhou dinheiro
A divertir Burguezes, e Aldeanos,
Com trocar olhos; trastornár inteiro
Todo o theor do rôsto; táes fazia
Re-tórtas carantonhas, que Abridores
Em stampas as tiravaõ á porfia,
E á porfia as compravaõ Compradores. —
Que naõ valem Carêtas! Com Carêtas
Lisongeiras alcança o Pertendente
A Béca, o Officio, a Tença; co'as galhetas,
Dadas com tórta cára penitente,
O Esopo da Victoria (2) captivava
Cérta Viuva ricca (3). — Prelaturas,
Cónezias, e Mitras á si trazem!
Hypocritas manhosos, que bem sabem!
Carêtas, que saõ manto de imposturas.

(1) A Paris.

(2) Cérto Carcunda, que eu vi antes do terremoto, ajudar as missas na Ermida da Victoria.

(3) E com ella casou, e cavallo andou de sége.

ODE.

— — — Fugit retro
Lævis juventas, et decor, arida
Pellente lascivos amores
Canitie. — — *Horat. lib.* 2. *od. II.*

Que errado poẽs, Leitaõ (1), a confiança
Nos annos folgazoẽs da verde idade!
O sangue petulante,
Que pelas veyas hoje se atropella,
Cansado da carreira,
Com frias vozes pedirá socêgo.

Se amiũdas sem termo as romarias
Aos templos de Amathunta perigosa;
O Cirio, que devóto
Arde ante as pulchras aras jactancioso,
Derrengado ó verás
Da rápida Velhice, ao bafo inérte. (2)

Altérna co' repouso as lidas duras,

(1) O Senhor Henrique Leitaõ de Souza.

(2) Crede mihi, mores distant a carmine nostri;
Vita verecunda est, Musa jocosa mihi.
Ovid. Trist. lib. 2.

Se quéres estender da vida a têa :
O Sabio naõ fatiga ,
Alem do justo , as serviçáes potencias.
Nem sempre Hércules bravo
A Clava meneou , co'a maõ nervosa.

Conserva-te um caraõ vermelho , e nedio
Para o decimo lustro, quando as Nymphas
Começaõ a avistar-nos
No rosto às rugas , na cabeça ás brancas.
Que gáudio é entaõ logra-las
Co'a côr sadîa, e desempenho airoso !

Como em Teios o verde (1) Anacreonte ,
Rosada a face , os ólhos scintillando ,
Chamava a dezafio
As bazófias da altiva Mocidade ;
E da Cyprina arêa
Sahîa coroado co'a victoria.

(1) Chamo-lhe *verde*, porque na idade em que os vélhos cahem de maduros, Anacreonte desfructava as verduras da mocidade. Se eu tivéra aqui à maõ Fr. Luiz de Souza, citára cérta passagem da vida do Arcebispo, que confirmaria o que eu digo. Tambem naõ tenho J. F. Barretto ; mas (se a memoria me naõ falha) lá chama , na Eneida , vélho a Caronte , mas *vérde* para o remo.

Aguçosas

Aguçosas nos fiaõ as tres Vélhas
O curto estame da veloz Idade :
Sò bem lhe atalha os fusos ,
Quem com sizudo freio léva a passo
O ginete alfarìo,
Que relincha batalhas , e carreiras.

C'ò jogo , c'os passeios revezando ,
E c'os sons de Melpómene , e Thalîa ,
As Matinas de Vénus ,
Alongaràs o tempo inestimavel ;
Veràs dançar na bolsa
As valem-tudo , fulgidas carinhas.

E com novo vigor espairecido ,
Ora , na Lyra , cantaràs as noites
Dos ledos Aciprestes ;
Ora o rival d'Ariosto transladando ,
Tómas quinhaõ na gloria
Da Tarasca immortal , sem-par Donzella.

O DOUTO MEDICO.

Mal vem a Febre de furor armada ,
Làvra dos bota-fogos , no edificio ,
Labareda ateada.
Eis corre a Natureza ao prompto officio ,
Arca por arca lutta c'o a agressorà ;

G.

E a gente spectadora,
Buscando quem desmanche a àgra pendencia,
Traz um Cégo, que ornou Medicô lauro.
Este o bordaõ vareja de Epidauro,
De pancadas de Cégo faz sciencia;
Se aleija a Febre, o enfermo tem saude;
Se a Natureza — apréstem-lhe ataûde.

ODE

A MARFISA.

No dia 20 de Julho de 1783.

Felice chi vi mira;
Ma più felice chi per voi sospira:
Felicissimo poi
Chi sospirando fa sospirar voi.
Ben' hebbe amica stella
Chi per Donna si bella
Può far contento in un' l'occhio, e l' desio,
E sicuro può dir quel core é mio.
Del Cavalier Guarini.

AMANTE incurioso, que se paga
Do sorriso affectado, e das ensossas
Caricias d'uma Läïs, se néga a entrada
Do Amor no sanctuario.

Bem gostou de prazer màis delicado,
O que amou, na donzella pudibunda,
O forçado repudio, (1) que desmentem
Os ólhos mal-irados;
E o que, dobrando os supplices joelhos,
Graça pedio, sem culpa, e escutou brando
O mimoso queixume, que espairece
O caminho á ternura.
Amor lhe désce, do thezouro Cyprio,
Divinos dons, que a astuta Maẽ negàra
A celestes amantes — reservados
Para mortáes màis dignos.
Que insólito deleite màis que humano,
É vêr, nos ólhos da gentil Marfisa,
Brilhar um amoroso sentimento,
Claràõ do incendio da alma!
Vêr, d'entre as perlas da virginea bocca,
Vir nascendo um sorriso namorado,
Qual ròza vem rompendo rubicunda
O orvalhado cazûlo!
Léve Furto, nas azas, arrebata
A Cythéra as primicias d'um suspiro,
Que errava a medo, e que espreitava occulto
Pudîco desafogo.
Como lhe ondêa a miûdo o niveo seio,
Quando co'a vòz ingénua, que se escàpa
D'entre as barreiras do accendido pejo,
Me diz — *FILINTO eu te amo!* —

---

(1) Facili sævitia negat — *Horat. lib.* 1. *od.* 12.

Como suáve fogo vài calando
Até o âmago da alma, quando ao collo
Me lança os lentos braços torneados,
E a face me offerece?
Naõ sou mortal entam: divino alento
Me côa pelas veias estranhadas;
A alma absorta se engolfa c'os sentidos
N'um pégo de prazeres.
Até que as prayas do àvido Cocyto
Orpheo saudou co' a Lyra lachrimosa,
Despedaçado pela raiva amante
Das Rhòdopes donzellas,
Sobre um ermo rochedo sobranceiro,
Para o Hèbro piedoso debruçado,
As agoas que paràvaõ para ouvi-lo,
Saudoso entristecia.
Das Nymphas de rende-lo cubiçosas
(Embebido em seu pranto) naõ curàva;
Crébros dezejos, com que ardia o monte,
Naõ lhe prendiaõ na alma.
Leves conquistas de offrecidas graças
Naõ valem o carinho saboroso
Do vencido desdem: nasce o Fastìo
No chaõ do Gozo facil. (1)

---

(1) Quando eu escrevia esta Ode, apenas me começavaõ a alvejar as néves na cabeça: hoje que là tudo saõ Alpes, bem agudo serìa quem lhe achasse calor par uma cantiga.
Lenit albescens animos capillus. Hor. l. 3 od. 14.

SONETTO.

CALLADA estava a Terra, o Oceano quêdo,
Sereno o Ar, o Céo de côr rosada;
A mal-desperta róza rociada
Movia-a o vento em placido segredo.

Soltava a Aurora a trança de aureo enredo,
De rubins semeando ao Sól a entrada;
Que, màis que nunca, a fulgida arrayada (1)
Lançava sobre as pontas do arvoredo.

Eis no prado apontou Marcia formosa,
Màis brilhante horisonte ao mundo abrindo,
Com dous sòes de outra luz màis graciosa.

Lá te vás entre as nuvens encubrindo,
Altivo Rei da esphéra luminosa. —
Assim ao ver-te a Lua foi fugindo.

---

(1) Os Camponezes, que vem màis vezes, que os da Cidade, nascer o Sól, e arrayar com seu luzeiro as campinas, chamaõ *arrayada* o esparzimento de seus rayos. Muita gente, que lê, conhece *arrayada* adjectivo, mas *arrayada* substantivo conhecem só os que madrugaõ, e naõ gastaõ todo o tempo em ler.

ODE.

Non est meum si mugiat Africis
Malus proceilis, ad miseras preces
Decurrere. — *Horat. lib.* 3. *od.* 29.

SÒBE acima dos Reis o home' animoso,
Que do peito insoffrido arréda o pezo
Dos sustos, com que a Estima de si proprio (*)
Tyrannos abafaraõ.
Clio o remonta nas lembradas azas,
E no Templo immortal vái recosta-lo;

(*) L'*estime de soi-même* est le plus grand mobile des ames fières.... et dont la tyrannie voudrait étouffer la voix. — *J. J. Rousseau.*

Lorsque l'homme est assuré qu'il a fait le bien, sa conscience ne lui offre que des sentimens agréables, qu'on désigne sous les nom d'*estime de soi*, de complaisance, de contentement intérieur, de fierté. — *Politiq. naturel.*

Cette estime de soi-même, qui donne des aîles à la vertu, et l'élève avec force au-dessus de tous les obstacles. — *Vieland*, *tom.* 3 *de l'Hist. d'Angleterre.*

Cette ardeur pour l'estime est naturellement proportionnée à l'étendue des talens; et une

Em quanto a bem-ganhada Saudade
Lhe téce o elogio.
Jázem na ignóbil tréva sepultados
Mil duros vencedores; nunca a pluma
A maõ amiga do facundo Vate
Pejou em seu abono.
Piza do Elysio a affortunada grama
Viriato, que co'a dextra vingadora
Os córpos apontava golpeados
Pelas traiçoẽs Romanas.
Ao lado acceita esse Ayo (1) malogrado,
Que ao fanatico Moço predisséra
Os ruins conluios, e a forjada ruína
Em Africanas térras.
Naõ se escalaõ com louco atrevimento
Do occulto Fado os muros diamantinos;
Mas a Prudencia entre-descóbre ao sábio
Um albor do Futuro.
O Piloto sagaz pré-sente ao longe
O zunido da enxarcia, o masto rôto

---

grande élévation dans l'esprit et dans le cœur porte á rechercher des témoignages de son excellence dans le jugement des hommes de tous les lieux et de tous les siècles. *Théor. des Sent.*

C'est de l'estime de soi-même que naissent les grands sacrifices. *F. du Publ.*

(1) D. Aleixo de Menezes.

Co'a furia do tuffaõ que vem no ventre
Da naufragosa nuvem.
Já na próvida mente apréstа os braços
Para inclinar o léme ao salvamento ;
Ou com elles romper, na irada spuma,
Sonóros rôlos de água.
Sentimos, Sylva, (1) o mal que accurva a triste
Patria, que ameáça, com màis turva estrella,
Os Nétos : — mas assaz forçósos somos,
Que possâmos tolhê-lo ?
Por onde quér que as ondas nos arrojem,
Da salva praya, aos sócios acenêmos ;
E a voragem que sórve, e a sequaz vága
Brádêmos ansiosos.

A VERDADEIRA
GENEALOGIA DE CUPIDO.

Já por escripta os Gregos nos deixarão,
Que das Graças Irmaõ o Amor nascera:
Mas, segundo as authenticas Memorias
Conservadas no Archivo de Cythéra,

(1) O Rev. Senhor M. Jozé da Sylva Fer.

Màis chegado Parente lhe é Cupido,
Da màis jóven das Graças sendo filho.
E rézaõ as Memorias, que Euphrosina
Gostava de uvas; (foi no Outono o caso.)
Um cácho bem corado, bem maduro,
Que entra cabal na dórna, muito tenta.
Tentou-se a jóven Graça; a maõ lhe lança
Mas Baccho, que muito há, que lhe anda à esprei-
A pilha, e a seu prazer lhe dá castigo. (ta,
Euphrosina assustada deu, comtudo,
Desse castigo, à luz, o Deos Cupido;
Que lembrado, e fiél à origem sua,
Antes que embeba no arco a aguda flecha,
Que attira à Jóve, a Marte, e à mesma Vénus,
Nos lagàres de Baccho lhes dá a têmpera.

ODE.

— — — Horrida bella
Ausi omnes immane nefas. — *Virgil. Ædeid.* 6.

Sævit amor ferri, et scelerata insania belli.
Æneid. 7. *v.* 461.

De exércitos brutáes trilhada a Europa,
De hostís baixeis o Oceâno retalhado,

Armas luzem, relinchaõ os ginêttes,
Rimbomba a artelharia.
Onde ides de tropél, aonde algozes
Mattar vóssos Irmaõs, com arte, e canto ? (1)
Brotou o Inferno pois, milhoẽs de Alectos,
E vo-las pôz nos peitos ?
Contra uma só Naçaõ, que de Senhora,
A duros Déspotas ceder desdenha;
Que des-trama a traiçaõ, que conspiraraõ
Malé-volos Ministros ? (2)
Em tanto atribulada a Natureza
Se esconde, co'as maõs véda ao rosto, aos ólhos
De avistar gólpes, de escutar gemidos
Dos filhos sem ventura.
Reis, que accurváes com orgulhoso sceptro
O miserando Povo ignaro, e dócil,
Dobrai a alta cerviz à vóz màis alta

---

(1) L'homme n'était pas né pour égorger ses frères. — *Voltaire. od.* 15.

Ils prétendent conduire á la félicité
Les Nations tremblantes
Par les routes sanglantes
De la félicité.
Vol. od. à la Reine de Hongrie.

(2) — — — Ne quid inausum
Aut intractatum sceleris ve dolive fuisset.
AEneid. 8 *v.* 206.

Do cavilloso Pitt. (1)
Esse Rei dos soberbos Potentados
Abre as azas ao Despotismo, e manda,
Das Ilhas da affogada Liberdade,
Ameaços, e insultos.
Envergonhai-vos, (2) Déspotas ferózes; (3)

---

(1) Homem das *grandes vistas* lhe chama cérto Enviado curto dos nós, no corpo e na alma. Ora *grandes vistas* só cabem em grandes marmóttas; é de suppor que grandes saõ as marmóttas do cavilloso Pitt. E tambem é de suppor que lhas vio, e bem vio o agudissimo Enviado.

(2) Nil pudet assuetos sceptris. *Lucan. l.* 8 *v.* 452.

Hypocrites! N'est-ce pas vous, instrumens de George Pitt, moteur de la *coalition*, et qui vous salarie pour la continuer? N'est-ce pas vous qui l'avez conduit à l'échafaud (Louis XVI)? Son crime n'est-il pas d'avoir été votre complice, d'avoir conspiré avec vous contre la liberté des Français, et l'intégrité de son territoire? L'acte de conjuration et de partage ne vous constitue-t-il pas les aggresseurs? Ne vous rend-t-il pas coupables des fléaux de l'Europe? de la guerre civile que vous avez excitée en France, de la guerre extérieure que vous avez commencée cont'elle?

(3) Non solus aut primus nepotes
Rex fatuos generavit Ilus. *Balde l.* 5. *od.* 8.

Naõ sois potentes a prostrar co'as armas
Homens que se respeitaõ. Querem sóltas,
Como a vontade as óbras.
Quanto me agrada; oh nóbre Souza, a tua
Récta intençaõ, que abona injusta a força,
Se, em despeito dos dônos, clama alçada
Nas possessoẽs naõ-suas!
Oh quanto hei-de sentir a tua auzencia,
Orphaõ do engenho teu brilhante, e raro;
Sempre bom, sempre douto, sempre amigo
Da honra, e da verdade!

ÇONVERSAÇAÕ.

ANTONIO.

FELISARDA, que tu mui bem conheces,
Que nunca amou ninguem, sei que ama; e muito.

JOSEPH.

Assaz me dizes. Quem é o venturoso?
E' Lucindo, que há muito a namorava?
(*Ant.*) Como te enganas? Ella amou-lhe sempre
Os presentes; mas nunca amou o Dono.
(*Jos.*) Já sei: ama Gelonio, que tem sége,
E que lh'a empresta para ir ao Baile.
(*Ant.*) Menos inda. Ama a sége, e naõ Gelonio.
Se te digo! Ella nunca amou amantes.

(*Jos.*) Pois que ama Felisarda ? Ama o marido ?
Ella, que o tres-vio sempre, como a morte!
(*Ant.*) Tomára-o ella ver cem léguas longe.
(*Jos*) Menos que ame seu Páe; que ame seus filhos.
(*Ant.*) Seu Páe !... seus Filhos !... Vás de meio a (meio
Errado em teu conceito. (*Jos.*) Agora acérto
Ama naõ amar nada. (*Ant.*) Ama, estremosa...
(*Jos.*) A quem ! Acaba. (*Ant.*) adora o seu (Caõzinho.

ODE.

No dia 4 de Julho de 1805.

Jam Procyon furit
Et stella vesani Leonis,
Sole dies referente siccos
Hor. lib. 3. *od.* 29.

DESPEDIDA a Estaçaõ, que às flores dava,
Com benévolo orvalho, brilho, e côres,
Vem, com, ardentes fogos, o Caõ Syrio
Seccar quanto ornou Mayo.
Seccas as hervas, seccas as gargantas,
Cuidem na réga os horteloẽs curvados :
Nós cuidemos em des-rolhar garrafas
De vinhos, de licores.

Bebamos à saûde dos bizarros
Amigos, que das garras dos Tartuffos
Me salvaraõ; e daõ, com que ora os brinde,
Sufficiente módo.
Bebamos a Araujo, a Souza, a Brito;
E àquelle, que imprimir seu nome véda;
Mas que eu estampo etérno, no meu grato
Coraçaõ. Bebamos;
Que o Sol vem furioso, e nos dispara
Virótes de seccura. Rapaz, deita
Desse louro licor, que deu Borgonha,
Para alegrar esp'ritos.
Quem me déra que ouvissem as saûdes,
E o tinnir alegrissimo dos cópos
Os vís familiares, e seus Bonzos
E, ouvindo-as, enrayvassem!
Mando à Styge as lembranças desabridas
Deste dia, e o *Citóte* Inquisitorio. —
Venha assistir-me a Deosa da Amizade,
E os seus leáes Devotos.
Só della, e delles quéro recordar-me;
Que a vida, e o salvamento bem lh'os dêvo.
Venhaõ tambem os nóvos (que graciosa
Me deu a França) Amigos.
Entre honrados louvores, entre brindes,
Um Sané, um Foüinet (1) veràõ seus nomes;

---

(1) Jantavaõ ambos comigo nesse dia.

Verão nos ólhos meus, no meu semblante
Rayos de amiga escolha.
Que é meu prazer colhêr nos meus Alumnos
O premio de benévolas fadigas,
Quando o gosto lhes vejo, o empenho assiduo
Com que as entranhas sondaõ
Da Lusitana Lingua, dos bons versos,
Que a Diniz, que a Garçaõ tanto affamaraõ,
Fundados em Camoẽs, na liçaõ pura
De Gregos, de Latinos.
Contente, oh Clio, bébe aquî com nosco
Um copinho social de *Gottas de ouro*: (1)
Cantarás màis suave, e màis brilhante
Meus dias hoje salvos.

A' Senhora D. J. R. D. no dia de seus annos.

NAõ sei qual, Venus fez, mimo, a Cupido,
Que este, de agradecido,
Uma fésta compoz, fésta a seu geito.
Um annuncio foi feito,
E posto nas esquinas de Amathunta
Por que alli fosse junta
Trópa de Musas, Graças, Jócos, Risos,
E até Mómo c'os guizos. (2)

---

(1) Cérto licor mui gabadinho, e que o merece bem.

(2) Naõ se sábe se os guizos, que os Poétas daõ a Mómo, pertencem à sua gôrra, se ao seu adufe.

Sentinellas à porta : e todo o humano
(Por evitar engano)
Fique de fóra. Eis Marcia se appresenta....
Eis que impedi-la intenta
O Guarda. — Vem Amor, que ao Guarda ensina
Que ella é próle Divina.

ODE

AO SENHOR DOUTOR VINCENT PEDRO NOLASCO DA CUNHA.

Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva
a Portugueza Lingua.
Ferreira, Carta a Pero Caminha.

VELHO, e cansado a voz se me enfraquece;
Fógem de mim entorpecido as Musas,
E a Lyra mal-responde ao tóque incérto
Da naõ-segura dextra.
Que poderei cantar para louvar-te,
Que iguale co'a vontade agradecida
Ao mimo dos teus versos? Direi pouco
Em derreada prosa.
Regalou-me a linguagem naõ-mestiça
Da Traducçaõ difficil. Cómeçava

Eu a ler, quando vejo... (Naõ me engano ?)
Dous conhecidos vultos
Entrar no quarto, e aos lados meus sentar-se,
Pedir-me que a leitura alto lhe entoe...
Poderás crê-lo ? Os puros Manes éraõ
De Ferreira, e Barretto,
Que a cada verso de elegancia Lusa
As palmas, applaudindo, rebattiaõ :
« Viva o nóvo Poéta Lusitano,
» Que, honrando a lingua, se honra. »
Eu continuava a ler, e recresciaõ
Os applausos, os vivas. — Louvor digno,
Dado por táes Ouvintes; neste Officio
Juizes valiosos.
Darwin, se ouvir podéra, e comprehendera
O Portuguez traslado do Poema,
Talvez que o stylo, a lingua te invejara,
E te invejara o engenho.

EPITAPHIO

DO SENHOR ***

Gozou vivo de gran reputaçaõ;
Deixa, inda morto, assaz de opiniaõ.
Em tudo se ostentou graõ Sabichaõ;
Prompto desintrincou qualquer questaõ;
Sabìa as outo partes da Oraçaõ;

Dava a todo dizer definiçaõ;
Sabîa o que éra sp'rito, e conceiçaõ;
Té dava aos Logogryphos soluçaõ.
Éra elle homem honrado? Honrado?... Naõ.

O D E.

Haya 9 do Agosto de 1795.

Vis consilî expers mole ruit sua,
Vim temperatam dii quoque provehunt
In majus: iidem odere vires
Omne nefas animo moventes.
Horat. lib. 3. od. 4.

JA a Paz firmou um pé na turva Európa;
E co'a florîda maõ vái afastando
Do Mosa, (1) e de Pyrene (2) as bronzeas lidas
Do horrîfico Vulcano.
Mavórte as rédeas vira aos féros brutos,
E o carro ensanguentado trilha agóra
O Germânico chaõ, que muito indignaõ.

(1) Rio, que passa pela Hollanda.

(2) Montanhas, que separaõ a Hespanha dos dominios Francezes.

Insultos de Monarchas.
De maõs dádas co'a san Philosophîa,
A meiga Humanidade vái roçando
Os maninhos da stûpida Ignorancia,
E à Páz franqueando via:
A cara Liberdade, que enterraraõ
Os Déspotas em lôbregos abysmos,
Cujo nome saudoso até o rasparaõ
De sobre a sepultura;
Já sacudio a campa, e alçada aos téctos
Da Curia Nacional, tremóla em torno
O Tricolor Despeito dos Tyrannos,
Com que aos Pôvos acêna.
Em quanto Pitt, com vendas de ouro, occulta
Longe, às gentes, benéfica esperança;
Com pûas de Ambiçaõ aquî encrava
Os passos à Prudencia.
Mas tambem québraõ furia os rijos ventos,
E descáhe a tormenta, que roncava,
Quando o Sol assomando, em áureas cintas,
Lhes abateu os sôpros;
E lássos de brîgar, desfalecidos,
Anseiaõ o repouzo das cavérnas:
As nuvens, já màis ràras, se desunem,
E o Sól tiraõ (1) sereno.

---

(1) — — Applaca o mar no mesmo instante
Aparta as nuvens, *tira* o *Sól* radiante.
J. F. Barretto Eneid. lib. 1. *est.* 39.

DESCRIPÇAÕ.

PINTAÕ o Engenho um Moço denodado
Na côr ardente , os ólhos penetrantes ;
Sobre a cabeça uma Agnia : um inflammado
Glóbo , d'entre as madeixas ondeantes ,
Busca o cimo dos Céos , d'onde há baîxado ;
Dos hombros rompem-lhe azas navegantes ; (1)
Na dextra um arco d'onde estálla a sétta ,
Ou já como Orador , ou já Poéta.

(1) Pois que se diz , que os Navios , com as vélas voaõ, porque naõ dirémos, que com as ázas se navéga ? E óra jà Virgilio disse : *remigio alarum* : e J. F. Baretto, que o imitou disse : *c'o remigio das azas*. Com effeito já me cansaõ nótas , em que haja de dar desculpa do uso desta phraze , ou daqnella palavra. Fiquem de assento os benignissimos Leitores , que as phrazes , e palavras de que me sirvo , ou já usadas foraõ por Clássicos , ou alli vindas *propter egestatem linguae*. Daquî tómo salvo conducto para alguma estranheza , ou atrevimentosinho , que appareça nas minhas tróvas.

ODE.

4 de Julho de 1779.

Occidit, occidit
Spes omnis et fortuna nostri
Nominis. — — *Horat. lib. 4. od. 4.*

MORRÊRAÕ os meus bens, e a minha fama:
Nem doce Orpheo, nem arrojádo Alcides
Desses Cérberos crus ouse arranca-los
A's gárras cubiçosas.
Nova Medéa, ao filho que gerára,
Deu (quam pezado pôde!) o duro gólpe
C'o braço Novercal; c'o hervado (1) alento
Bafejou a Innocencia.
Que prazer, da calumnia bem-medrada,
Naõ colhêraõ Devótos Embusteiros,
Que em chammas cévaõ de Christans fogueiras,
Caridade aleivósa!

(1) Induzimentos do seu Confessor, que lhe intimou revelaçoẽs d'uma freira da Madre de Deos, que vira no inferno uma cadeira de braços, de ferro em braza, que me esperava;

Nunca foi salvo derramar verdades! (1)
Tem sempre o Erro, em pé, o Cadafalso (2)
Para o Sábio, que a máscara lhe rásga (3)
Lhe amostra a fáce horrenda.
A Sciencia, que vira os saõs reinados
De Joaõ o justo, de Manoél ditoso,
Condemnada ao destêrro, assim dizia,
C'os ólhos arrazados:
« Mimóso reino, (que, inda ingrato, o estîmo!)
» Com que întima saudade me despéço!
» Chorando vaõ comigo as boas Artes...,
» Quanto este adeos nos custa!
» Bárbara turba de ignorante schóla
» Me fez descer das áras reluzentes,
» D'onde inspiravã á Lusa Mocidade,
» Puras, amplas doutrinas.
» Cahîs nas maõs de algozes tonsurados,
» A quem sempre neguei meu rayo puro.
» Filhos, que eu tanto amei, ireis de rojo,

---

(1) Mas quem póde atalhar o varaõ intrépido, que naõ publique o que é util à sua Patria?

(2) Lógo que aos Bonzos mostrou a experiencia, que màis lhes rendia o médo, que o amor, em terrorizar o Povo fundaraõ seu poderîo; inventaraõ, para màis segurança o infame tribunal da Inquisiçaõ, e com o fumo de Judeos, e de Christaõs queimados, condgnsaraõ a cegueir das stupidas Naçoẽs.

(3) Detrahere et pellem quâ quisque per ora
Cederet introrsum turpis. — *Hor. l.* 2 *s.* 4.

» Bejar-lhe as maõs cruentas.
» O Pedantismo ao meu lugar alçado
» (Com que disgosto o vejo !) sópra os torpes
» Hálitos enojosos, que marêaõ
» O templo que me erguestes.
» Mas virá tempo, em que eu serei rogada.
» Màis inclyto Jozé, melhór Carvalho,
» Lustrado o Templo, expulsa a vil cohórte
» Restauraràõ meu culto.
» Entam, para o Saber, francas as pórtas,
» Nestes meus penetráes achareis ármas,
» Que ponhaõ em derróta irreparavel
» O pestîfero bando.
» Sustentados com máximas robustas
» Dareis abálo ao cárcome, às raizes
» Dessa árvore, de tantos fustigada,
» Que só de mim se téme.
» Inda, golpeada de acerados ferros,
» Segura o tronco as ramas estendidas :
» D'um rijo vaivêm meu, prostrado em térra.
» Chorarà as rayzes.
» Victimas da verdade, perseguidos,
» Affrontados sereis pela Ignorancia :
» Mas sempre foraõ gratos os trabalhos
» Que daõ crédito às forças.
» E passado o mortifero negrume,
» Que o Fanatismo resfolgou morrendo,
» Dias màis claros, dias bonançosos
» Vos abrirei sem termo ».

SONETTO.

CHRISTO morreu há mil, e tantos annos;
Foi descido da Cruz, lógo enterrado:
Mas téqui de pedir naõ tem céssado
Para o Sepulchro delle os Franciscanos.

Tornou Christo a surgir entre os humanos,
Subìo da térra aos Céos, lá está sentado:
E inda, à saûde delle sepultado,
Bébem (o sacco o paga) estes maganos.

E cuida quem lhes dà a sua esmóla,
Que elles a gastaõ em funçaõ tam pia?
Quanto vos enganáes, oh gente tôla!

O altar mór, com dous côttos se allumìa;
E o frade, co'a putinha, que o consóla,
Gasta de noite o que lhe dáes de dia. (1)

(1) Este Sonetto é a relaçaõ historica do que succedeu a certo frades, com quem eu e outro estudantinho meu camarada, andamos pedindo para o sepulchro.

ODE·

ODE.

Paris 23 de Dezembro de 1779.

— — — — Io triumphe,
Non semel dicemus, io triumphe,
Civitas omnis, dabimusque divis
Thura benignis. — *Hor. l. 4. od. 2.*

Maldito o Bonzo, e màis maldito o Náyre,
Que calumnioso urdio o meu desterro;
Malditissimo o Estupido fanático,
Que encommendou a queima!
Oh Patria*! oh Patria! E pude assim bannido,
C'os ólhos arrasados de ágro pranto,
(Naõ estalei de mágoa?) — despedir-me
De ti, querida Patria?
Oh Patria, que vês ir o teu alumno
Desterrado sem culpa, e naõ embraças
Um diamantino escudo, com que o cubras,
Naõ empunhas mil lanças,
Co'as mil dextras de teus valentes filhos?
Naõ poens em fuga stólidos Satéllites
Do infame Tribunal, naõ mandas a Africa
Táes Busires de lôba?
Porque naõ clamas hoje arrependida

Dessa culpada inércia : « Oh Póvo! oh Lusos,
» Abri, abri os ólhos fascinados,
» Com religiosas máscaras.
» Nunca Deos ensinou fráudes, embustes;
» Doutrina sim de amor, de piedade :
» Tratos, baraços, fógos saõ invento
» De ávida hypocrisîa.
« Nem o zelo estanqueis néssas estéreis
» Saudades de innocentes desterrados,
» Dos homens, que estimáes, que honráes na
» Por lettras, por talentos: (ausencia
» Honrái-os com mais sólidos serviços :
» Des-cozei, ou cortaî a trama iniqua,
» A Calumnia enredosa, que pôz pulso
» Ao de-mérito exilio.
» Lá se empréguem as forças, vózes clamem;
» Vózes, que atroem, forças, que derribem
» Hypócritas Colóssos, mentes surdas
» De ignorante Governo, ».
Vejo !... Ou falsa Esperança me allucina !
Vejo os Lusos, no alcançe de alta Gloria,
Rasgar o véo do Engano, arremessar-se
A's detestaveis pórtas;
Arrombar, arrazar... Olhar o centro
Desse antro de atrocissimas cruezas;
Pasmar de indignaçaõ, vendo mysterios
De bruta barbarîa.
Arredar o tropél de familiares,
De carcereiros tétricos, de algozes,

Despedaçar cordeis, e cavallètes,
E os arrancos dos tratos;
Queimar procéssos, destroçar denuncias:
E os Deputados, vêrem, cabis-baixos,
De par em par abértas as masmorras,
E os Réos à luz do dia.
Vem, vem, Dia felix, e suspirado,
Dar alegria à Europa, aos Sabios honra;
Aos Sabios, que accenderaõ éssa tócha,
Com que a Illusaõ se abraza.

A MANHAN.

Esparge a Aurora a fronte do almo dia
De ouro, lyrios, e rosas;
Que deixa os Thètyos braços
Phebo, que èncéta a ràpida carreira.

Piròes, e Eóo, as crinas sacudindo,
Banhadas de alva escuma,
Do flammivomo Oriente
Batem, c'os pes ferrados, a couceira.

Lá esconde a Lua o prateado coche,
E a Noite a si recòlhe
O manto das estrellas,
Que o pavelhaõ azul nos encobria.

A sollìcita abelha, carregada
Do succo das boninas;
Vem, na doce colmêa,
Depôr do Hymetto os humidos despojos.

Pelas verdes espigas os cordeiros
Os pulos amiûdaõ,
E a Pastora amorosa,
Traz elles, canta o seu amor singello.

Com mellifluo gorgeio as Avezinhas
A' porfia discantaõ
A luz, que vem doirar-lhes
As molles plumas, e as moradas verdes.

Rasga o seio da térra o curvo arado;
E as gràvidas sementes,
Com maõ esperançosa,
Pelos regos frugiferos se espalhaõ.

Lèves Sonhos, batendo ingénuas azas,
Deixaõ doirados leitos
De virgináes donzellas,
E ao reino escuro còrrem a acolher-se.

Os perguiçosos braços estirando
Acòrda o Namorado,
Que a Noite (officiosa)
C'o gèsto, affortunou, da amada Philis.

E, em rayos luminosos alagado
O rûbido horizonte,
Nas empinadas sérras,
Nos esmaltados valles brilha o dia.

ODE

AO SENHOR

JOAÕ DANIEL DE BRUYN.

— — Neque
Si chartæ sileant, quod benefeceris
Mercedem tuleris. — *Horat. lib.* 4. *od.* 8.

QUANDO arde o antigo, e o novo mundo em (guerra
E os dous rivàes Impérios,
(Quáes Carthago mercante, e a inquieta Roma,)
No equoreo campo luttaõ;
Déscem florèstas dos erguidos montes, (1)

(1) — — Nel grembo all' Oceano atroce
Varcan boschi spalmati
Carchi di Duci. — *Chiabrera Canz.* 35
al gran Duca Ferdinando.

E à sábia voz do Artifice
Tomaõ àzas os despojados ròbres;
Na decotada cima
Tremòla a flammula, onde ondeavaõ folhas;
E dos mágicos pòrtos,
Nòvas àves, transpoem o mar, voando, (1)
Entre ruidosa espuma.
Os bravos Almirantes, fogo a fogo,
Sobre as nadántes quilhas,
Pelejaõ pela patria, e um nome ufano;
Mas a céga Fortuna,
Sem respeito, aos Heròes dispensa as ballas:
Os d'Estaings saõ feridos,
Como o inexperto, tímido soldado.—
Tropeçando em perigos,
C'uma venda nos ólhos, caminhamos,
C'o Acazo, e o Médo ao lado:
As Graças daõ a maõ a Formosura,
E a estrada lhe alcatifaõ
De ròzas, que envenena a Desventura:
Em torno das tiàras
Os precursòres d'A'tropos revoaõ;
E a Morte, que inda o poupa,
Desafia, sem causa, o temerario;

(1) — — Quæque diu steterant montibus altis
Fluctibus ignotis insultavere carinæ.
Ovid. Metamorph. 1. *ver.* 1.3.

Sem que escape da foice
O Ministro prudente, que combina
As sortes dos Monarchas.
Já, revolvida a Urna dos Destinos,
Jòve tirou infausto
A espada, que esgotou em Syracusa
O sangue d'Archimédes;
Jòve d'ella extrahio ao Pintor Rhodio (2)
As mercês de Demetrio. (3)
Naõ se ábrem menos promptos aos talentos
Os cancéllos de Dite;
E os caminhos Tartáreos vaõ cobertos
De suspiradas almas.
Nem tu, De Bruyn, os Créssos, os Seyanos
Creías màis venturosos:
A vida alonga o que melhor a emprèga,
O que a maõ bemfeitora
Estende ao innocente, inteiro amigo; (4)
E aos revèzes o esquiva
Que a recatada Inveja lhe prepara;
Ou que o tòma nos braços
Quando a Calumnia o offusca, ou c'um encontre
O derriba da ròda.

---

(1) Da Urna.
(2) Protógenes.
(3) Demetrio Poliorcetes.
(4) Integer vitæ scelerisque purus. *Horat.*

MEDÉA,

TRAGEDIA DE SÉNECA.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

MEDÉA.

Oh Deoses conjugáes, oh tu, Lucina,
Do leito genial auxilio, e guarda;
Tu, que a Typhis o léme meneavas,
Pallas, na estranha nàõ, (1) domando as ondas;
Tu do sanhudo mar largo Sob'rano,
Sol, Tu, que o louro dia no Orbe espalhas;
Tu, que aos càllados sacrificios mandas
Confidente claraõ, Lua triforme;
Todos por quem Jason me jurou, Numes,
E, os que màis cumpre, que Medéa implore,
Chàos de eterna sombra, e Vòs, oh Reinos
Da celeste aversaõ, Vòs impios Manes;
Oh Rei do sòlio lûgubre, oh Raînha

(1) Argos.

Roubada com mais fé, (1) com mais lizura,
Com vóz infausta vos invóco; Vinde.
Soltas as sérpes da madeixa impura,
E as maõs cruentas na affumada téa,
Vinde, oh Deosas, (2) verdugos dos flagicios:
Horrendas vinde, quáes o nupcial leito
Outrora me ladeaste: horrenda morte
Trazei à Noiva, ao Sógro, à Regia stirpe.
Dai-me um mór mál, com que pragueje o Esposo.
Viva assustado, odioso, foragido;
Corra erradio, e póbre estranhos lares;
Espoza me appeteça; e a porta alheia
Demande conhecido; os filhos sejaõ
(Porque mór mal naõ possa dezejar-lhe)
Retratos de seu Pai, da Maẽ retratos.
Dei-os à luz, Vinguei-me (3) — Estou vingada.
Em vaõ semeio vozes, e queixumes. . . .
E eu que poupo o inimigo — Os nupciáes fachos
Vou-lhe arrancar das maõs — e a luz ao Dia.

---

(1) Proserpina roubada por Plutaõ. Toda esta scena precisa de mais notas, do que permitte a escassez desta folha, para os que naõ saõ versados nos usos dos Gregos e Romanos: os que a naõ entendem, naõ a leiaõ, ou perguntem.

(2) As Furias.

(3) Pela tençaõ, que tinha concebido de nelles se vingar do Pai, mattando-os, como depois fez.

Tanto espéras de mim, Meu Regio Tronço,
Oh Sól, que o vês — que deixas vêr-te — e manso,
No carro, os campos medes re-trilhados,
E o azul convexo! Aos berços naõ recûas
Da Luz infante, e o dia naõ recólhes?
Dá-me as rédeas, oh Pai, dá que em teu coche,
Desatando a carreira pelos ares,
Dòme os brutos de boccas flammejantes.
Abraze-se Corintho, e a praya dôbre, (1)
Os dous màres, mesclando as ondas, sorvaõ.
Mas só me falta o prònubo Pinheiro;
Levar-lho eu mesma ao thálamo; e acabados
Os rògos, e oblaçoẽs, ferir-lhe as Rêzes (2)
No altar votado — Ràsga, se és Medéa,
Pelas entranhas, pòrta ao graõ castigo.
Se inda do antigo ousar traços conservas,
Déspe o fêmeo pavor, véste os esprîtos
De empedernido Caucaso inhumano.
Sim: que este Isthmo verà quanto atentado
~~Já o Ponto, e o Phasis vio. De tropel na alma~~
Surgem me hòrridas, brutas feridades,
A' terra, aos Céos estranhas, e tremendas. —
Feridas, mòrtes, e a funérea Clòtho
Vagando pelas veyas.... Léves feitos,

---

(1) Corintho, situada n'um Isthmo, estendia duas prayas, uma para o mar Egeo, outra para o Iònio.

(2) Quer entender os filhos, que teve de Jason.

Ensayos juvenis, quando eu Donzella. —
Mas hoje, que sou Maẽ, dôr màis pezada
Fòrjo no meu saber, mòres cruezas.
Apresta-te, Ira minha, o furor todo
Disfére em perdiçaõ — Fique em memoria
Que emparelhou co'a vôda o meu repudio.
Mas, qual deixas, Medéa, o teu Espozo?...
— Como quando o segui. — Rompe as tardanças.
A Fé, que o Crime atou, o Crime a rómpa.

CHORO

De mulhéres Corinthias, que cantaõ o Epithalamio das vôdas de Jason, e de Creúsa.

Aos thàlamos dos Reis, prósperos Numes,
Os Deoses, que o Céo pizaõ, que o mar régem,
Assistaõ, e os devidos, faustos votos,
Pòvos, exponde.
O dòrsi-branco touro, o còllo erguendo,
Se prostre ante os scèptri-geros Celestes:
Novilha de alvo pêlo, ao jugo prompta
Dòbre a Lucina.
Rêz màis tenra a quem (1) àta as maõs sanguineas

---

(1) Quer entender Venus, que sabe sujeitar à Marte, e era uma das Deosas, que principalmente invocàvaõ no matrimonio; ou talvez à Paz, que é a Maẽ, e a fonte da abundancia nos etados.

Do tôrvo Márte, e amiga (1) inféstas gentes!
No trasbordado côrno ampla abundancia
Pròvida guarda.
Vem co'as téas leàes (2), e a Noite espanca
Co'a dextra auspiciosa; aqui, (cingida
C'o ròseo laço a fronte) os passos ébrios
Màrcido guia.
Astro, (3) que o dubio dia àbres, e cérras;
(Tardo aos amantes) àvidas suspiraõ
Maẽs, e Esposas. que os teus, quanto antes, sòltes
Lûcidos rayos.
Sobejo a Virgem vence em fòrmosura
Atticas Noivas; nos Taigéteos serros;
Quantas nas artes mancebìs exerce
Sparta sem muros;
Quantas no sacro Alpheo, na lympha Aònia
Se banhaõ. — Ceda ao General AEsonio
(Se ao garbo dàes a palma) a Prole salva (4)
Do improbo rayo,

---

(1) Tento com o tal *amiga*, que é verbo. Os nossos Tarêlos, que lem à tôa, necessitaõ, que os accotovélem, porque reparem no que lem.

(2) O Hymenêo.

(3) A Estrella de Vénus.

(4) Baccho, a cuja Maẽ Sèmele Jove abrazou c'os raios da sua gloria, e a quem, a seu pezar juràra de lhe vir *fallar*, como ia a Júno. *Ovid. Metam.*

Que os tigres junge ao carro; e da asp'ra Virgem
O louro Irmaõ, que as tripodes revolve.
Ceda Pollux, e ceda o Irmaõ, que os Céstos
Déstro mn éa.

Moradores do Olympo, assim vos péço.
Realce a Esposa a todas as Consortes;
E a todo o Esposo em garbo em gentileza
Jason realce.

No Choro virginal, quando Creûsa
Se presentou, gentil superou todas;
Que assim pèrdem c'o Sol a formosura
Alvas estrellas;

Fôge das Pleyas o apinhado bando,
Quando acurvando a Lua as cheias pontas,
Com luzeiro naõ-seu, no trilho usado,
O Orbe rodéa.

Tal còra alvo marfim, quando banhado
Na Tyria concha; ou tal da nova Aurora
Orvalhado o Pastor, de Apollo encara
Lûcido o brilho.

A' Aònia Virge (é grùto agora aos Sôgros)
Dà a maõ, Noivo feliz, que arrebatàmos;
A quem timido, oh improba Medéa,
No hórrido leito,
Com maõ forçada, contra ti, cingias.
Folgai, Moços, c'os lìcitos dictérios;
Lançai às Nupcias versos alternados,
Moços, e Moças.

Dão varas largas contra si os Amos (1).
Briosa Prôle de Lyêo thyrsigero,
Tempo era jà de lançar fogo ao pinho
Basti-rachado. (2)
C'os ébrios dedos a solemne chamma
Lhe sacudi: palreiro Fescenino
Convicios festivàes derrame; e a turba
Sòlte os seus dittos.
Em muda escuridade busque o leito,
Aquella, (3) que co'Esposo forasteiro,
Anhelou despozar-se, indo fugida
De iras patérnas.

EPITAPHIO

Que um Marido gravou na sepultura da sua Consorte.

Minha esposa aqui jaz. Que bem, que jaz!
Por sua, e minha paz.

---

(1) Falla da liberdade, que nos dias da voda tinhaõ os sérvos de dizerem a seus senhores todas as chuffas, que podessem fazer rir.

(2) Muita gente, que àta gravata lavada, me dizem, que embicàra no tal *busti-rachádo.* Ora elle responde ao *múltifida* do Original. Se os Senhores, que embicaraõ nelle, tem esgravatado algum màis enérgico, ou màis conciso, màis bem soànte, muito lho agradecerei, se m'o remetterem. — (3) Medéa.

ODE.

— — — Mea
Virtute me involvo, probamque
Pauperiem sine dote quæro.
Horat. lib. 3. *od.* 29.

NAõ quiz a minha Musa desváirada
Té-qui dictar-me sonorosos versos:
Temeu talvez de apparecer diante
Da tua douta Clio.
Por màis què forcejou a Saudade,
Com supplicas, com prantos, de abranda-la,
Dura negou; e inda hoje mal-me outórga
De estro um resquicio avaro.
Ella é femea, Billing (1); é como a Deosa,
Que Antio governa; e Deosas tem caprichos.
Assim como soffri desta os revezes,
Soffro os desdens dess'outra.
Quanto val callejada Paciencia,
Contra um Mundo embebido em ignorancias!
E'gide adamantina, em que despontaõ
As flechas do Infortunio.
Eu, da Calumnia, e Inveja alvo patente

(1) O Senhor Guilherme Joseph Billing.

No seu bojo aparei-ódio de frades,
Angustias, perdas, ameaçados fogos,
E a Maternal Megéra. —
Quando o Gama, no Cabo tormentoso,
Ouvio as vagas, com fragor horrisono,
Espedacar-se nas agudas róchas,
Em borbotoẽs de escuma;
E o immenso Adamastor, de carregado
Vulto, pronosticando desventuras
A ousados lenhos Lusos, que cortassem
Seus mares insoffridos; (1)
Assim fallou aos náutas descorçoados:
» Ditoso Rei nos abre o Templo da Honra,
» Se atropellamos mêdos, e perigos,
» Com esforçado rosto,
» Para a méta transpôr de intacta (2) gloria.
» Naõ vos espante o Mar, erguido em serras,
» Nem ós Ventos, em crua briga, sôltos,
» Nem Trovoẽs bramidores:

---

(1) O meu Amigo A. M. de Curnieu verteu assim esta Strophe

Immensumque Adamastora vidit
Crinibus hirsutis, vultu et voce minaci
Lusiadis fera fata carentem
puppibus indociles audacibus ire per undas.

(2) E bem intacta; que ninguem, antes do Gama, a tinha merecido

» O mór rigor do Fado é já vencido.
» Nada temàis comigo. O Soffrimento
» Poem no cimo da Ròda as almas fortes,
» Derriba as apoucadas.

TRADUCÇÃO
D'UMA PROSA POÉTICA.

Affortunada é a gente, no Universo,
Que em regozijo os dias seus desfructa.
Affortunado o Rei, que a meza cérca
Com Princepes, Princezas soberanas
De Estados Comarcaõs; e recendendo
Arômas as Captivas, florescentes
De juventude, as taças lhe enchem razas;
Quando Cantores primos associaõ
C'o som da Lyra as vozes. Táes no Olympo,
Em frequentes banquetes, aos Celicolas
Hébe moça, e formosa, lhes derrama
A ambrosia, o nectar; pela Olympia abobada
De Apollo, e Musas canticos resoaõ:
Brilha em todos os olhos, a Alegrìa.
Junta às vezes, em róda do seu throno,
Jove esses Immortáes, co' elles consulta
As cousas cá da terra; como altérca

C'os Grandes do seu Reino, um Soberano
O publico interesse. Pareceres
Vàrios os Divos daõ: e em quanto entre elles
Contendem cada qual com calòr summo
Em sustentar o alvitre, o Deos supremo
Decrèta, e em todos prende alto silencio.
Revestidos de seu Poder os Numes
Imprimem no Universo o movimento;
E aos phenómenos raros, que nos pasmaõ,
Elles a causa daõ, elles a força.
Cada manhan a sempre-moça Aurora,
Com roseas maõs, do Oriente as pórtas abre,
Esparge pelos ares a frescura,
Pela estrada do Sol rùbìs seméa,
E matiza de flores veigas, prados;
Das Aves à alvorada a Terra acórda,
E se enfeita, para accolher o Nume,
Que lhe dá cada dìa nova vida.
Assoma ò Sol, — alardeando em torno
Quanto lustre, e ufanìa é competente
Ao Monarcha do Ethéreo: as léves Horas
Lhe vem guiando o Coche despedido.
E ei-lo jà, que se entrànha pelo immenso
Spaço, que elle de chammas, de luzeiros
Assobérba. Porém quando elle aponta
Ao Palacio de Tethys, lógo a Noite
Que as pizadas lhe ségue eternamente,
Estende o manto escuro; e vài sem conto
Engastando no pavelhaõ celeste

Diamantinos fógos. Vem rodando
Outra carroça entam, com luz mais branda,
Que os coraçoẽs consola, e que os inclina
A meditar sensiveis. — Uma Deosa
Por conductora tem, qué muda, e quêda
Vem de Endimiaõ colhêr amantes cultos.
Brillante esse arco, em lindas cores tincto,
Que d'um pòlo se encurva ao outropólo,
Saõ passos luminosos, que estampara
Iris, trazendo à térra ordens de Juno.
Saõ Zephyros, Typhoẽs, Génios que sopraõ
Ora uteis viraçoẽs, ora tormentas
Auras brandas, que brincaõ pela Sphera,
Austros, Euros, que luttaõ, que batalhaõ,
Para empolar, e encappellar as ondas.
Nas frâldas dessa encósta há uma gruta
Da fresquidaõ, e do socego asylo;
Lá d'uma inexhaurivel urna èmbòrca
A benéfica Nympha arroyo fértil,
Que os prados rasga; déssa gruta a Nympha
Ouve os vòtos da nitida Donzella,
Que contempla, na cristallina veia,
Os attractivos seus. — No òpáco bosque,
Que é morada das Dryas, dos Sylvanos,
Naõ se èmbébe em silencio, nem soidade
Vossa alma, sim arcano susto. Effeito
Da divina (presente) magestade.

ODE

AO SENHOR ***

PHILOLUSO. (*)

Centum potiore signis
Munere donat. — *Horat. lib. 4. od. 2.*

Tu quéres comprender quanto, na Lusa
Linguaguem mal-ignóta, (1)

(*) Môço de mui honrado procedimento, summa viveza, e agudo engenho, mui applicado às boas lettras, practico nas linguas Grega, e Latina, Ingleza, Alleman, e Portugueza, que comigo apprendeu, sem Grammatica, nem Diccionario. Tem traduzido em verso francez algumas Poesias Portuguezas, e continûa a traduzir outras com fidelidade, e com energia; quanta lhe permittem as dificuldades da lingua Original, e as da lingua em que traduz.

(1) Grande desconsolaçaõ, por cérto, para um Portuguez, que ama a sua Patria, e a sua lingua, vêr quam pouco é esta conhecida em França! Que leiaõ Camoës em insipidas versoẽs, e que naõ conheçaõ Camoẽs, em Camoẽs mesmo!

Altivo disferio Camoẽs divino
E a lastimosa Castro;
E o Adamastor membrudo, ameaçando
Os baixéis Portuguezes,
Que ousados suas ondas devassavaõ.
Vê, que prémio desd'ora
No bicìpete Pindo se te apprésta.
O sonoroso Vate, (1)
Ao teu empenho grato, cheio o peito
De avultada alegria,
Convida as nòve Musas, a que teçaõ
Um hymno relevado
Em que louvem teu génio resoluto
A sujeitar-se à lida
De apprender desta Filha, a màis genuina
Da Romana facundia,
As phrazes, e o recondito segredo;
Um floraõ encravando
Na c'roa d'outras linguas, que jà sabes.
Clio, que màis que as outras
Irmans, ama a Camoẽs, se appressa, e cinge-se
A cantar teu dezejo;
E a te influir na mente claridade,
Que raye em teu estudo.
Esse dom vale màis, que statuas cento
Erguidas pelas praças.

---

(1) Camoẽs.

SONETTO.

Os altares de Gnido saõ vedados
A ingratas Damas, a Galans perjuros;
E em calabouços miseros, e escuros
Se aferrolhaõ os perfidos culpados.
Sò dos braços do Deos saõ apertados
Os que, contra desdens, ciumes duros,
Conservàraõ no peito affectos puros,
De aleive, e de esquivança naõ manchados.
Mal pizo o umbral do Templo respeitoso;
Ri-se-me Amor, ao premio me convida;
E diz-me, abrindo o archivo precioso:
« Està Marcia, de ti taõ mal perdida,
» (Por virtude de encanto meu forçoso,)
» Te pague, em mimos, magoa tam sentida. »

ODE

AO SENHOR
ANTONIO MATHEVON DE CURNIEU.

— — Quid æternis minorem
Consiliis animum fatigas. *Horat. l. 2. od.* 11.

SACÒDE, Mathevon, da alma affligida
Pezadas nuvens do Futuro ignoto:

Nem te agoures desastres,
Talves nunca-vindouros.
Quando, da fatal Urna, Acazos tira
Com céga maõ, o Fado inexoravel,
Lhe cahem d'entre os dedos,
No Vaso, os que antevimos.
Sem fruto imaginamos, resolvemos,
Velamos, sentinellas dos succéssos:
Vem sempre ao màis previsto
Improvisa a Disgraça.
Emenda as Sem-razoens da improba Sorte,
Do Mal, do Bem distribuidora iniqua;
Suavisa, c'o acerto,
O que é nullo atalhar-se.
Ante as roxas fileiras espumantes
Do risonho Lyeo, nos térsos còpos,
Naõ ousaõ as Tristezas
Apresentar batalha.
Mal désce a nossos peitos doce fogo
Do Moço imberbe, que se enfaxa em parras,
Pèrde as rugas a fronte,
As Magoas desalojaõ.
Pois, se em meio collòcas dos manjares,
O encostellado Lombo respeitoso,
Que se nos dà que o Turco
Tenha guerras, ou pazes?
Cuida n'hoje: que os Deoses saõ ditosos,
Sem saber do Vindouro as fataes vezes,
Se as Jove naõ declara

Por soberano arbitrio.
Repàra como Jonia, (1) os ledos annos
Desfructa à sombra do celeste louro;
Ora doce cantando
Ao som da branda lyra;
Ora brilhando em circulo discréto
C'o dicto agudo, c'o a tenaz memoria
Alégra, anima, instrue,
Sem revolver futuros.

SONETTO.

JA vem a Primavéra, defraldando
Pelos ares as roupas perfumadas;
E os rios vaõ, nas aguas jaspeadas,
Os frondiferos troncos retratando:
Vaõ-se as néves dos montes debruçando
Em tortuosas serpes argentadas,
Pelas veigas, o Gado, alcatifadas
A esmeraldina felpa vái tozando.
Riem-se os Céos, revestem-se as campinas;
E a Natureza as melindrosas cores
Esméra na pintura das boninas.
Ah! se assim como brotaõ novas flores,
Se remoça todo o Orbe.... das ruínas
Dos Zelos renascessem meus Amores!

(1) A Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Joanna Isabel Forjaz.

ODE.

ODE.

4 de Jullo de 1799.

— — Et quidquid unquam concipitur nefas
Tractavit. — *Horat. lib.* 2, *od.* 13.

E consente inda o Povo Lusitano
O tribunal infame,
Tyranno da Innocencia, algôz dos Sabios! (1)
Inda os rayos de Jove
Com medonho estampido naõ rebentaõ
Na caverna tetérrima,
Onde esses tratos crus, onde màis cruas
Se daõ inda as sentenças!
Desce, oh Filha do Céo, tu branda, e amavel,
Sancta Philosophia,

(1) Non miremur ergo litteras humaniores ita in Italia jacere ac negligi; in Hispania penitus extinctas ac mortuas, ubi sub sanguineo illo Inquisitionis tribunali gemunt et suspirant maxime docti, et ingenio florentes; qui malunt vel silere, vel nugas scribere, quam periculum certum subire.

Burmann. epist. ad Capperoner...

Oh ! do alto azul alcáçar, velóz désce,
Armada do ouro puro
Das virtudès sociáes, e do luzente
Broquél — antes espêlho,
Que transmuda, que impédra ânimos torpes,
E carnifices vultos,
Melhór do que Perseo a voráz Orca
Impédrou, dando amparo
A Andrómeda innocente, agrilhoada
Entre broncos penhascos;
Porque expîe sacrîlegos agouros,
Sacerdotáes embustes! —
Sacerdotáes embustes, bafejados
Da Real ignorancia
Me lançavaõ nas lôbregas masmorras
Da Inquisiçaõ nefanda,
Para victima ser de impia Calumnia,
Garrotado n'um póste;
Alimento de activas labarédas,
Regozijo de Bonzos.....
Mas tu, Sancta Amizade, entam me abriste
Os compassivos braços;
Sôpraste-me no peito affouto alento: —
E o Monstro, que surgia
Co'a cabeça entonada, a guelra accesa,
A goéla apparelhando.....
Co'a bocca escancarada, parou quêdo,
Estupefacto, e mudo,
Vendo voar co'as brancas, pandas azas,

O estranho, pio lenho,
Que aos dentes lhe roubava o bom Filinto. —
Eis, destorcendo a cauda,
Vai-se arrastrando lento, e do Rocio
Na caverna se enrósca,
Té que em Lysia ábra o dia, que jà sobre
As Pyrenéas cimas
As luzes sólta; e onde os Pyróes flammigeros
Assomados escumaõ
Transpôr da Hespanha o tracto, e desse Lòbo
Que honras, e vidas móe,
Vir-lhe ao covil calcar, com pés de bronze,
A catadura hedionda.

SONETTO

AOS MANES DE J. J. ROUSSEAU.

Tu, pavor da tyranna iniquidade,
Da Natureza as Leis nos descifraste;
E os seus aggravos vindicar ousaste,
Rompendo os sette sêllos da Igualdade;

Tu, bom Rousseau, co'a tócha da Verdade
(Abhorrida dos Reis!) Allumiaste
Os pòvos, e a ser Reis os ensinaste,
Sinalando os Foráes da Liberdade.

Se é dado ouvir-me a vóz, nesse jazigo,

Accólhe grato o obsequio reverente
D'um Vate (inda que humilde) virtuoso: —
Virtuoso, naõ por mêdo de castigo,
Mas por tuas liçoẽs. Quanto eu ditoso
Fôra, a ter, como o teu, éstro eloquente!

ODE

A MARFISA.

Amor in altra parte non mi sprona;
Nè i piè sanno altra via: ne le man come
Lodar si possa in carte altra persona.
Petrarca 77. 1.

ENTRE os braços tranquillos de Morpheo
Passava as horas da callada Noite:
Eis, se abre ante meus olhos novo dia,
Argentado de nuvens.
Nunca taõ alvo dia, no aureo coche,
Tirou Apollo, do immortal archivo
Do annoso Tempo, na sazaõ brilhante
Da flòrea Primavera.
Vejo descer as duas Divindades,
Que màis afformozeaõ o alto Olympo;
CUPIDO, e VENUS, para mim sorrindo,
C'os olhos se fallavaõ.

« Benigna Maẽ (dizia Amor a Venus)
» Tempo é que tantos cultos galardões:
» A taõ fino amador ja nenhum premio
» Lhe poderá ser grande. »
« Tu tens em Chypre, em Paphos e Amathunta
» Tanta Hélena formosa, tanta Laura,
» Com que felicitar pòdes Filinto:
» Que te detens? Partamos. »
E nisto ambas as maõs ambos me tomaõ;
E, qual retalha o ar ligeira flexa,
Entre si, entre as Graças, e os Amores,
Em Chypre me descendem.
Alli, dos bósques de amorosa murta,
Sahem correndo alvissimas donzellas,
D'entre os raros cendàes aos olhos dàndo
Cobiçosa iguaría.
Outras em Danças, pélas maõs travadas,
Com léve, airòso pé toccando a terra,
Daõ, na alma attenta, cómpassado assalto
De lembrada ferida.
Estas móvem na Lyra as aureas còrdas;
Estas se enfeitaõ de gentìz boninas,
Ao movediço espelho cristallino,
Do limpido règato.
Quàes, pelo bósque despédidas, séguem
O galhudo veàdo temeroso;
Quàes, depostas as roupas avarentas,
Nadando se debatem.
« Tens patente, Filinto, o meu thezouro.

» Nada te encubro, nada te é defezo:
» Prendas, Belleza, sôffregas Meiguices
» A tua escolha aguardaõ.
» Mas naõ escólhes? Pensativo, e mudo,
» Entre ti recolhidos os sentidos....
» Achas escasso o premio? Naõ t'o védo;
» Escólhe uma das Graças.
» Nem màis pòdes pedir, nem màis eu darte.
» Que ao meu leal Petrarca, a Anacreonte
» Nunca os prendei, c'o màis seguro enfeite
» Da minha formosura.
» Sou-te grato, Erycina (lhe respondo)
» Marfisa me é fiel, Marfisa é meiga:
» Nella tenho, de todo o teu thesouro,
» A joia de màis preço. »

EPITAPHIO
DE CERTO B.

Aqui jaz hum prelado
De emprestada memoria,
Que sempre recebeu, nunca pagou.
Meu Deos, se elle pilhou
Lugar na vossa gloria,
Certamente pilhou-vo-lo fiado.

DESTEMPERO.

Há tres dias, que acórdo estremunhado
Ao som d'uma monótona sanfona,
Que canta — *Zingamocho* (1) *anda no prado*,
Regamboleando a fófa —, *ay tona*, *ay tona*.

---

(1) *Zingamocho* — diz o Moráes, que é o remate de couza alta. — Mas, por máis que elle o diga, ninguem me desmanchará a ideia, que o som de Zingamocho tem debuxado no meu entender. *Zingamocho* pela *onomatopeya*, ou pelo som da palavra, representa-me — ferrinho tôrto, que anda à ròda, como quem disséra — *ferro de sanfona*, *tarambelho de espeto rodante*, etc. etc. etc. *Zingamocho* — se me guio pelo soido, déve ser cousa que bula, e nunca requeira ficar cravada, e fixa. Talvez que tenha parentesco com o talaõ-balaõ dos rapazes; talvez....

Eu espero, com o tempo, que me acudirà à lingua certa palavra, que me anda fazendo fóscas na memoria, e cujas feiçoẽs naõ posso apurar de pérto. Chegue-se ella, em alguma das suas fóscas, ao alcance dos ólhos da intelligencia, que eu a denuncio lógo: e os que agora me naõ daõ credito, me daraõ máis que alqueires de razaõ. *Zingamocho* (porfiarei eu sempre) é da Classe daquelles cousas que ex *opere operantis*, se mo-

ODE.

Paris 23 de Dez.bro de 1797 dia dos meus annos.

Cervi luporum præda rapacium
Sectamur ultro, quos opimus
Fallere et effugere est triumphus.
Horat. lib. 4. od. 4.

QUE desastres que eu vi! que desacertos
Nos treze lustros da cansada vida!
Os homens menos tino tem, que os brutos,
No que é de saõ proveito.
Debalde a Experiencia de mil annos
Em bronze lhes escréve; em marmor duro,
Os erros dos Mayóres: elles loucos
Vólvem do bronze os olhos.

vem, saracoteaõ, tem azougue nos miollos, etc.

(a) Verbo muito significativo na lingua Portugueza, como quem é composto de dous verbos, e um nome, todos tres exprimidores de gosto interior e exterior, sc. — *Regalar-se* — *Dar à perninha* (que se diz *gamba* em Italiano) — e Bambolear-se; que assim faz quem esta repotreado n'uma cadeira, quando nada lhe dá pena; antes esta abeborado em pachorrento desenfado.

EHEU! quàm lacrymabiles
Intra lustra decem vidimus aleas!
Vecors Japeti genus
Fatali rapitur stultitiae rotâ:
Campestres meliùs ferae
Callent utile discernere noxio:
Nequicquam innumerabilis
Annorum series fixit aheneas
Duris marmoribus notas;
Majorum pereunt damna nepotibus,
Pravi quatenus aeneis
Avertunt oculos indociles notis.
Crudâ caede rubentibus
Captant divitias praecipites viis;
Audent bella per et neces
Gemmis conspicuum tollere verticem.
Atqui sat memorabile
Exemplum, manicis Perseus et Juba
Turpes, ludibrium insolens
Victori populo, non sine morsibus.
Et nuper malè provida
Submisêre novis colla Quiritibus
Reges, quando, humili prece
Pacem invita rogans, pallida cernuo
Majestas diademate
Plebeios tetigit suppliciter pedes.
Quò vos caecus agit furor
Lymphatosque rapit! si neque rusticam
Pyrrhus viribus integris

Tinctos de sangue fresco se avermêlhaõ
Alcantîs da precîpite Riqueza;
Os que céga a Ambiçaõ, vérgaõ sem mêdo
Na quina do despenho.
Inda de Africa um Juba, inda de Grecia
Um Perseo os grilhoẽs nas maõs sopezaõ,
(Deshonra de Sobr'anos!) inda ráivaõ
Das vàyas do triumpho.
Inda hontem tantos Reis ajoelhados
Predindo paz a insólitos Burguezes
Naõ saõ liçoẽs que cálem no juizo
De imprówidos Monarchas.
Que Pirrho, nem que Antiocho poderaõ
Destroçar a Repûblica de Bruto?
Um com todo o saber da arte guerreira,
Outro co'as forças da Asia?
E sois màis sabios vós, màis poderosos?
Vós, Reis de pouca terra, e de pouca arte?
Que ouseis luttar (vencidos tantas vezes!)
C'os Repûblicos Francos?
Nem sois vós quem luttáes: lutta arquejando
Contra a Razaõ robusta o vaõ Orgulho;
Luttaõ fogueiras, cárceres, verdugos
Contra fôrros escravos.
Quando França estender dous longos braços,
Um que abarque Vienna, outro Bengala,
Onde ireis a fugir? Que Pitts astutos
Vos salvaràõ os thronos?

Bruti progeniem strenuus et sciens
Pugnae comminuit; neque
Ingens Antiochus totam Asiam trahens.
Quid vos militae rudes
Jam fractis opibus, tenditis altero
Gallos Marte lacessere
Conjurata mori aut vincere pectora?
Retrovertere liberas
Gentes nempe jubet regia turgido
Fastu nixa superbia, et
Miscere imperii cuncta libidine:
At Fas juraque rumpite;
Pugnate exsiliis, Carceribus, rogis;
Perstabit Ratio tamen,
Perstabit vegeto robore Gallia:
Quae si in Danubium simul
Et Gangem validas injiciat manus,
Quis vos, quis Deus aut fuga
Armis expediet Sceptra sequacibus?

Latine vertit A. M. de CURNIEU.

O si sera tamen quoque
Libertas placido lumine viderit,
Abstergens veterem situm,
Qui Bœtim, patrium quique Tagum libunt!
Si Lux aurea ferream
Noctem discutiat! quàm gelido libens
Vates liber ab exule
Fiam marmoreae Civis Ulysseae!

MADRIGAL.

Amor, onde has teu ninho;
No rosto de Marfisa, ou no meu peito?
Soberano, e daninho,
Nos seus ólhos, o mundo tens sujeito.
No coraçaõ te sinto
Pelos estragos, pela viva flamma,
Por dezejo faminto,
Que as entranhas devóra a quem bem ama.
Mas tu, Rei poderoso,
Que te ufanas de obrar tantos portentos,
Um feito generoso
Sò te peço, e seràs, em meu accentos,
Nume sobre os máis Numes;
Se mudando pouzada,
Comigo, e com Marfisa despegada,
Vens ao meu rosto, e o peito lhe consumes.

ENIGMA.

Todos fogem de mim; mas quam van-mente!
Que dou, a quem colhi, pena sem cabo.
Quem me pérde blasfema, como um Diabo;
De quem me ganha fujo incontinente.

O D E.

——— Quod adest avaro
Usu occupemus. Póstera quòdlibet
Fortuna volvat : juverit invidas
Parcas fefelisse, et severis
Particulam hanc rapuisse Fatis.

Saisissons un moment certain ;
C'est autant de pris sur les Parques.
Houdart de la Mothe.

INVÉJOSOS os Deoses naõ quizéraõ
Dar-nos de annos mortáes comprido fio :
Porque, com maõ prevista,
A longa Experiencia
Nos naõ mostrasse a estrada da Ventura.

No acceso ardor da impròvida carreira,
Que moços, e garrîdos despejàmos,
Naõ démos os ouvidos
Aos avisados termos,
Que, da firme cadeira, nos inculca.

« Buscai (diz sempre) os sòlidos prazeres
» Nos braços do Devêr, e da Saûde :
» Quebrâi a taça de ouro

» Do empeçonhado Vicio.
» O Mal, que evitas, val dobrado gosto:

» Que os Numes, se pouzaraõ no alto Olympo;
» Se de muros, e rochas o cercaraõ;
» Se apinharaõ em torno
» Argos, e sentinellas,
» Foi por fechar entrada á Pena amarga.

» Podieis ser felizes, quando as néves
» Vem de cabeça povoar o tôpe:
» Mas as quebradas pôsses,
» E o peito, que Infortunios
» Azedaraõ, sabor ao Bem naõ tomaõ. »

Pereira, ainda é tempo. Recolhamos
As vélas da Ambiçaõ mal-disferidas:
Daqui, dalli lancemos
A maõ bem-conselhada;
Salvemos do naufragio o Bem, que affunda.

O derradeiro côpo, que Natura
Grandiosa, e compassiva nos off'rece,
Esgotemos avàros.
Da Dita é gran segredo
Dar côstas à lembrança do passado.

Sò merece de Sabio o nome, e a Dita,
Quem fecha os livros de disputas ôccas,
Em que desponta o Engenho.
Nem há saber, que iguale
O instante, que doiramos do Alegria.

De tres-dobrado bronze estonde em róda
De coraçaõ, um muro, em que despontem
As aguçadas séttas,
As retrincadas unhas
Do esquadrinhado, velador Engano.

Que nos naõ désse Deos màis, que um sò lume
De embotado, e mal-visto entendimento,
Contra as taõ derramadas,
Imperceptiveis redes,
Em que a singella Candidez se prende!

Que nos naõ désse Deos um vivo facho
De rutilante Luz, penetradora,
Com que do falso amigo
A máscara appareça, (1)
E apparecida a abraze o santo lume!

Tu, que cem ólhos tinhas disvellados
Contra os assaltos seus cobértos, surdos,
A teu máo grado viste
Abérta larga bréсha
Na moèda, e no alcàçar da Amizade.

Disgraçada Liçaõ, mas proveitosa,
Contra novos vaivens da arteira Astucia;
Tu, com sinzél tardìo

---

(1) Que ne peut-on distinguer et connaître
Les cœurs pervers à de difformes traits!
Gresset.

Tens de a gravar no Templo
Do vélho Desengano, escarmentado. (1)

O córte escasso, que da têa Jove
Talhou, convem bordar-mo-lo de flores.
Sò vives longo tempo,
Quando à Tristeza encòlhes
As àzas, que ao Prazer, prudente, largas.

O Fàdo, que se encóbre, e se desvìa
Da vista perspicaz, cuida anciar-nos
C'o arcano do Futuro.
Incàuto! que naõ soube,
Que, do ante-gosto, nos privou, da Pena.

Assim o Nóbre, nos defezos quartos,
Evita agudos ólhos do Entendido,
Que na alma investigar-lhe
Pòde o impotente Orgulho,
E a Parvoice van, coberta de ouro.

---

(1) Se ci avesse formato la Natura
Il petto di cristallo o di diamante,
O d'altra cosa trasparente e pura,
Tal che si mirasse in ogni istante
Il nostro core ed ogni sua figura,
Ciascuno da se sol fora bastante
A guardarsi dall' altro, e non saria
Frode alcuna nel mondo o pur bugia.

Ricciardetto, *canto* 18.

Se o Valîdo, que bébe, a longos tragos,
Da Fortuna o favor, visse o alfange,
O desvalido cêpo,
Nas folhas do Destino;
Fél lhe fora o favor, fél a bebida.

E se entre adoraçoēs, visse no espelho,
As cavadas costuras da doença (1),
Que lhe ameaça o rosto,
Abhorridos, e negros
Passàra a Dama os juvenîs instantes.

Só saõ nóssos os dias, que ladinos
Sabemos apanhar das maõs das Parcas.
Dà co'as portas no rosto
A' Magoa, ao bando escuro
De algozes da alma; que traz si arrastra.

Se ao Deos alégre da Outonal vindîma,
E à creadora Maē da Natureza
Dàs sóbrio o incenso justo,
O Léthes perguiçoso
Volverà teu Pezar na tarda veya.

E, c'o léque arrayado, e divertido,
A folgázan Loucura, dando vento,
A' reverenda calva,
Te arredarà do rosto
As temporans, avelhentadas rugas.

---

(1) Bexigas, e outros nojentos males.

EPIGRAMMA.

PERMITTA Deos (dizia moribunda
A Tisiphone Elvira a seu marido)
Que se eu morro, e tu cazas, atrevido !...
C'umà Megéra acértes furibunda,
Ciosa, e destampada....
— — Meu Bem, vài descansada :
Que o Cura, ao cazamento
Com tua Irman, porà impedimento.

EGLOGA.

BAIXAVA o claro dia; uma Pastora,
Que dos ólhos (por fim) da Maé se esquiva,
A um bósque espesso, do cazal distante,
O tardo andar do amplo rebanho apréssa :
Que muito, e seu mào grado a des-socéga
Ser ja passado o prazo, dado a Tirso.
Chega : mas, Céos ! quáes foraõ seus disvellos,
Naõ o avistando, èm toda aquella sombra ?
Em vaõ inquiéta, ansiada o chama a vozes ;
Que Eccho sò lhé responde Tirso, Tirso.
Ira lhe accendem turbidas suspeitas ;
E a mente encòsta à màis cruel de todas.

« Tirso perdeu-me o amor. Naõ pôde o falso
» Ser leal juntamente , e ser ditoso.
» Pérde co' elle o valor Pastora amante.
» Se eu naõ o amàra , inda elle me amarìa.
» Antes de o conhecer, quanto me haõ dito ?
» *Amante bem-querido esfria , e vai-se ;*
» *Nem màis, que os seus dezejos, o Amor dura.*
» *Esperança o mantem , Deleite o matta.*
» Assim, bem que acceitava na alma o culto ,
» Que me rendia, envolto em mil finezas,
» Quatro vezes dourou o Sól os trigos ,
» Sem que eu mostrasse ouvir suas endeixas.
» Quanto enfrear o Amor, que na alma ardia ,
» Me custou , quando a fé lhe exprimentava !
» Com que forças comprei, com que martyrios,
» A chyméra de amar com segurança !
» Cruel ao meu Pastor , a mim màis crua,
» De rigor , de desdem fazia alarde :
» Mas um dia fatal ao meu segredo
» Tirso me diz mui térno o amor, que sente.
» *Té quando* (inda hoje o lembro !) me dizia ,
» *Seràs de rocha ao fogo, em que me abrazo ?*
» *Témes, taõ linda, aos pés rendido de outra,*
» *Ver-me off'recer-lhe os meus suspiros térnos ?*
» *Se eu vivo , oh Céos ! e sem te amar, Pastora,*
» *Québre-se a flauta , o canto meu enfade ,*
» *E os pàssaros que ensino, às maos me morraõ.*
» *Nem me dé flor o prado , o pomar fruto.*
» *Meus nédios touros , mansas ovelhinhas*

» *C'o succo de màs hervas se envenenem :*
» *E eu mesmo as desampare ao roaz Lôbo ,*
» *Eu , alvo em que vossa ira empregueis toda ,*
» *Aos Céos... antes a ti o juro , oh Philis ;*
» *(Que Amor te fez meu Nume , unico Nume.)*
» *Nunca este amor se extinguirà. Confía ,*
» *Que te amo , que o jurei ; e que és formosa.*
» O enleio, o amante olhar, silencio inquieto
» Tudo entaõ m'o abonava de constante.
» A taõ forçosos gólpes quem resiste ?
» Traidor enleio ! Prezos os sentidos ,
» Alheada , e inquieta... e quasi sem querê-lo ,
» Me dou vencida ao fementido amante.
» *Amo-te* (disse) *e sou feliz , se póde*
» *Minha alma achar , na tua , igual fineza :*
» *Prometto sempre amar-te ; oh caro Tirso.*
» *Desta fé penhor seja este cordeiro :*
» *Cresça , como elle cresce , a nossa chamma ;*
» *E amemo-nos (se é dado) inda màis que hoje.*
» Quem dirà o que entaõ nos nós dissémos ?
» Quem màis amor ? maiores juramentos ?
» Quanto há de amor màis firme, e màis mimoso,
» Nesse instante feliz , da alma o dissémos.
» Caro instante ! meiguices màis que curtas !
» Ou duraî màis, ou naõ penetreis tanto.
» Mal que aos desejos seus o animo entrégo ,
» Turba a Noite o singello passa-tempo :
» Cumpre arrancar-nos de taõ doces raptos.
» Ergo-me , e dè agoa os ólhos se nos ràzaõ ;

» E às maõs cerrando, ao prazo de partir-nos,
» *Nada* màis que — *à manhan* — dizer podémos.
» Desde esse airoso dia, sempre a ponto
» Vem tomar, antes que eu, este retiro:
» Mas hoje o ingrato, em vaõ por elle espéro,
» Frio no seu disvello, a mim naõ corre;
» Ah que o perfido, aos pés de outra Pastora,
» Lhe faz, cruel, da minha dôr fineza;
» E por màis a adular, de mim zombando
» Perjuro ri da minha crença ufana.
» No amante desleal vinga a innocencia,
» Céo, que do meu pudor a entréga olhaste. »
Ella acabava: quando, eis Tirso assoma;
E à vista do Pastor fógem as iras;
E meiga, ansiosa, ingénua diz somente:
« E sou eu, Tirso, quem convem que espére! »
— Pastora, naõ te enfades (tornou Tirso)
— Nesta rélva te aguardo alem d'uma hora:
— Eis que chegavas... quando... Oh mal sobejo!
— Subito um Lôbo aos ólhos meus se off'rece.
— Que susto para mim! oh Céos!.. que arrastra
— O teu penhor, o amado cordeirinho.
— Que infausto agouro ao meu amor, oh Deoses!
— *Veràs como despréżo a tua sanha.*
— *E sem rafeiro, e inerme. Amor me esforça!...*
— *E deste esgalho o sentiràs nos gólpes.*
— Nem até ao covil o roim me escapa;
— Que a golpes meus perdeu a preza, e a vida.
— Na morte lhe vinguei tardados gostos.

— Qué menor pena, a quem nos separára?
Disse: e a Pastora os mêdos seus reconta.
Tirso fiél replíca com queixumes;
Que, docil ás liçoẽs, Phílis applaca,
E com favores mil láva as suspeitas.

DESENGANO PARA OS POETAS.

QUANDO a veya lhe inflamma
Prophetico furor, altisonante,
E aos borbotoẽs derrama
Maravilhas da bocca redundante,
Mal divínha o Coitado,
Que um Critico fleumatico, se embica
No termo aventurado,
Na phrase de travéz, que o mortifica,
O nariz encrespando desdenhoso,
Mofa do charro estillo,
Taxa de trivial, desengenhoso,
O lidado desenho;
Dá aos hombros, faz beiço, desaprova:
« Esta palavra é velha, estoutra é nova.
» Eu riscára aqui isto, alli aquillo.
» Para tamanho empenho
» O author tem poucas forças: eu quiséra... »

Bem nescio é n'esta éra
Quem apura a saúde, o tempo, a vida
Na Arte a màis ignorada, e màis mordida.

ODE

A MARFISA.

No dia 20 de Julho de 1786.

Si tu veux que je boive, Ami,
Buvons à celle que j'adore;
Je n'y saurais boire à demi,
Verse moi tout plein, verse encore;
Ni l'Amour, ni Bacchus n'en seront point jaloux.
S'ils avaient vu celle que j'aime,
L'Amour y boirait comme nous,
Et Bacchus l'aimerait de même.
Tendr. Bacch. Tom. I.

Quem sabe, se à manhan as negras Parcas,
Com immaturo gòlpe,
Naõ cortaráõ da nossa vida o fio,
Para naõ màis ata-lo?
Vai-me buscar, oh Moço, vinho annoso,
De generoso cheiro.
Deita por esses copos, deita a razo...

Pará quem poupas, sòbrio?
Crês que honraràõ os àvidos herdeiros
Meus manes c'um officio
De liçoẽs nóve, e nóve-responsorios
De empinadas saúdes?
Apenas mòrtos, dèsce, e vái comnosco
Nossa amiga memoria:
Os bens, que cà deixamos, naõ despértaõ
Descuidos avarentos.
Ensopemos, Amigos, as entranhas
Em ondas de Alegrîa;
Deixemos o Ambicioso definhar-se
Apoz o cargo, as rendas,
Que com escassa maõ arrédas delle,
Tu, Fortuna acintosa.
Bebamos a Cupido, a Erycina,
Que com favonios sopros
Da vida os gômmos, na alma, nos alentaõ.
Bebamos ao bom Baccho,
Que nos alimpa, e láva o peito immundo
De pegajozas magoas.
Nem, por mal comedidos, nos esqueçaõ
Nossas Damas formosas.
Bebamos té que as almas se avermelhem;
Té que os Deoses invejem
Da nossa sem-razaõ a graça alégre;
Té que dos Céos baixando
Venhaõ trincar comnosco os roxos cỏpos.
Alviçaras, Amigos!...

Ei-

Ei-los, que descem. Como vem risonhos! —
Que fumo é este? É nuvem,
Em que baixaõ a nòs, encapotados?
Sáyaõ, sáyaõ sem pejo.
Eu já topei com um; já tenho em punho
O venerando Baccho.
E Vénus... ólhai bem... Ei-la de fronte!
Eu com Deoses á meza!
Moço, renóva o vinho; présto, présto.
Poem-me aqui sette còpos;
Que sette lettras tem, naõ màis, Marfisa. —
Sette lettras é pouco,
Para lhe festejar taõ grande dia.
Contai comigo a ponto,
E enchei meus sette còpos, settes vezes.
Acompanhai meu brinde;
Que eu, fiel companheiro vos prometto
Igual festejo ás vossas.

ENIGMA.

QUANDO as lassas campinas
Torna Dezembro a acubertar de gelo,
Tomaõ-me o posto tropas montesinas,
Erriçadas de pelo:
Mas, sòlta apenas do regaço Flora,
Fino esmalte na felpa verdejante;

K

Que, eis dellas triumphante
Dou garbo à Nympha, com que mais namora:
Do Zephyro rival,
Como elle bandoleiro,
Se elle de flor, em flor,
De Nympha, em Nympha assim corro eu ligeiro:
E minha estrella é tal,
Que médro na privança,
Quanto o Sól crésce em férvido esplendor.
Mas quem crerà de mim tanta esquivança?
Encostado no seyo de Marfisa,
Nem sinto amor, nem gosto me suavisa.

ODE

A' MORTE D'UMA SENHORA.

Donne, voi che miraste sua beltate
E l'angelica vita
Con quel celeste portamento in terra
Di me vi doglia, e vincavi pietate.
Petrarca.

DAI-ME, Amores, a Lyra de Petrarcha,
Que outra Laura morreu. Quem terá pejo
De soltar a seus prantos a corrente,
Nos transes da saudade?

E roubáraõ-nos tal thesouro as sombras,
Que para sempre aos olhos no-la esquivaõ!
Onde acharemos prendas e virtudes,
Quáes léva Ella comsigo?
Choraraõ quantos conheceraõ Laura:
Inda chóra quem vê o seu Amante;
Mas quem chorará màis que tu, Elmano,
A Espoza màis amavel?
Se, com a Lyra, que inventou Cyllenio,
Me fôra dado o Caduceo potente,
Que do Orco, à luz do Céo, revóca as almas,
A sua revocara.
Se eu fora Alcides, essa nova Alcéstes,
T'a arrancara ás Euménides, e a Dite;
E atalhando-te a dôr, te renovára
Os Cantos da Alegria.

SONETTO.

Como quando o Sól dóbra aquelle outeiro,
Pela encósta (1) do Céo, ao mar descendo,
Vaõ as sombras das arvores crescendo,
Corre enlutado o liquido ribeiro;

---

(1) Jam labor exiguus Phœbo restabat equique
Pulsabant pedibus spatium declivis Olympi,
Ovid. Metam. lib. 6. vers. 486.

Pardo manto no serro sobranceiro
A tormentosa Noite anda tecendo,
Que se vái pelos valles estendendo,
Para soltar-se em hòrrido chuveiro:

Tal esta alma se assombra, e se entristece,
Quando a nuvem de funebres cuidados
Na tua ausencia, oh Marcia, avulta e crésce;

Novos dias porèm, auri-rozados
Nasceráõ a Filinto, que esmorece,
Se vem comtigo os teus gentîs agrados.

ODE
A' SAUDADE.

Deux beaux yeux sont l'empire
Pour qui je soupire:
Sans eux rien ne m'est doux;
Donnez-moi cette joie
Que je les revoie;
Je suis Dieu comme vous.

Malherb. lib. 5.

I.

Se Amor me désse um dia, um sò momento
De liberdade à vista,
Em que a chamma, no peito reprimida,
Pòssa subir aos ólhos,

E delles, em faìscas derramada,
Incendio atée nos da minha Amada. . . .

II.

Se Amor soltasse o laço estreito, e duro
A's minhas brandas vozes,
Que em palavras sahisse retratada
Minha alma respeitosa,
E que inteirar, e enternecer podésse
Aquella, por quem arde, e em vaõ padece. . .

III.

Oh feliz dia! oh mui feliz momento!
Mài do que todos digno,
Que Apollo no aureo coche te conduza,
Entre brilhantes crôas
De fulgídos, rayados resplendores,
No regaço de flóridos Amores!

IV.

Oh candida Diana, antes desejo
Que, no teu seyo placido,
Tu mesma tragas o ditoso Instante,
Que aos Argos disvellados,
Com ramos no Lethêo humedecidos,
Tòque os ólhos Linçêos (1), tòque os sentidos.

V.

Já creio, que assomando radiosa

---

(1) Dos que a vigiavaõ, porque me naõ fallasse.

Ao piedoso muro ,
A vejo debruçar , pousando a mêdo
O alvo , mòrbido seyo ;
Que já me estende a maõ , que a minha tòcca ;
Que me infunde o prazer co' a meiga bocca.

V I.

Na bocca (oh Céos) me pouza um Céo inteiro.
Alli veloz me acòde
A' alma toda a colher taõ doce alento.
Que voluptuoso rapto !
Em que juntos , troçados , confundidos
Se alheaõ , mórrem , sentem os sentidos !

V I I.

Oh formosa Delmira , de quáes astros
Tomaste a luz formosa ,
Com que accendes os animos màis frios ?
De qual Deosa o deleite ,
Que no teu brando rosto acceso brilha ,
Senaõ da Deosa , das espumas Filha ?

V I I I.

Ah ! naõ os volvas sobre mim taõ ternos ,
Que o peito me derretes.
Um lento fogo pelas veyas côa ,
Que os membros me quebranta.
Ou naõ me ólhes com vista assim mimosa ,
Ou naõ sejas taõ longe , e taõ medrosa.

IX.

Màs que digo, insensato! A quem os rógos
Envio delirados!
Tanto, Delmira, neste esprito móras,
E tanto te contemplo;
Que o retrato, que na alma està gravado,
M'o vem pôr, ante os ólhos, meu Cuidado.

X.

Oh Deosa da ternissima saudadè,
Numen de amantes tristes,
Tu, que azas dàs ao léve pensamento,
Móve a alma descuidada
De Delmira distante. Offerecida
Teràs no Templo teu a minha vida.

ANCIA

DE DISTINGUIR-SE.

Certo válido, ricco, e muito nobre
Dizia a um Charlataõ astuto e pobre:
« Dar-te-hei quanto quizéres,
» Se um alvitre me déres,
» Com que eu me dessemelhe dessa gente,
» Que anda a pê pela ruas:
» Vê, se co'as artes tuas,

» Me achas módo fidalgo, que alimente,
» Sem comer com a bocca despreziva.
— *Com ajudas*, *Senhor* — Oh bravo, viva.

ODE

EPITHALAMICA. (*)

Vem (1) co' as têas (2) leáes, e a Noite espanca
Co'a maõ auspiciosa; aquî (cingida
C'o róseo laço a fronte) os passos ébrios
Márcido guia. — *Senec. Medea.*

VEM, vem meigo Hymeneo, accende o fácho
Nas àras da Virtude;
Perfuma o sacro cinto nos aromas
Máis puros da Amizade,
Vem de maõs dadas, com o Amor màis casto,
Honrar o nupcial thálamo,
Que mil Genios cobriraõ fervorosos
Co' as flores orvalhadas,
Que nos jardins de Idalia, e de Amathunta
Andaraõ escolhendo.

(*) A Esposa é quem falla com Hymeneo.
(1) Hymeneo. — (2) Os fachos nupciáes.

Elles mesmos a alvura engrinaldaraõ
Dos Lyrios c'ó Amarantho,
Púrpureo; e quando a Rósa entrétteciaõ
Do espinho a aliviavaõ.
Venha a Alégria, c'uma taça em punho (1)
De almo Bromio spumante,
Que affugente os assômos dos pezares,
E as carrancas do enojo:
As Musas convidái, e as Graças lindas
Coroadas de louro,
E da Cyprina murta amor-spirante.
Influî nos meus labios
Eloquente suadélla, airoso mimo
Me bafejai no rosto.
Sêde Guardas da minha formosura;
Della corraõ cadeias,
Em que etérno se prenda o meu Esposo —
Prizaõ, que elle ame, e busque.
Zelos fugi, fugi Desconfianças.
De teu sagrado lume
Serei, casto Hymeneo, a veladora;
Pelo teu facho o juro.
Vem, vem, puro Hymeneo, que já consinto
Em trocar o alvo Lyrio
De pûdica Donzella, pelas rósas,
De teu austéro Nume.

(1) Allude ao Sonetto que começa:
Esbélta rapariga, etc.

CARTA
AO SENHOR
TIMOTHEO VERDIER L'ECUSSAN.

Paris 3 de Septembro de 1785.

Tres vezes tem o sol fundido as neves,
E tres vezes dourado o acceso Estio,
Sem que em taõ longo tempo a tua penna
Ráras linhas traçasse perguiçosa.
E póde consentir-to aquélla estreita
Amizade taõ líza, e valiosa;
Quando tantos com lettras me prendaraõ
Que eu nomeava apenas por amigos!
Quantas vezes, as cartas recebendo,
No peito o coraçaõ se alvoroçava,
Na fachada cuidando de entre-ver-lhes
Da anhelada escriptura o rasgo amigo!
E tantas me enganei; que negligente
Quanto bizarro, e cheio de bondade,
Màis te custa escrever, que dar dinheiro;
Bem que tenhas a penna bem talhada,
Que com cadeados grite a ferrea burra,
Negociante sejas, e Poeta.
E sube (e naõ de ti) que ádeos dizendo
Aos convites da solta Liberdade
Ao jugo o collo indómito off'receste!
Sube-o, Verdier; e taõ tardío o sube,

Que viéra a deshòras o presente,
Com que quisesse a minha grata Musa
Brindar as vodas do feliz amigo,
E ornar de louvór justo a formosura,
E prendas raras da virtuosa Esposa.
Quam difrente de ti, Filinto ausente
Traz sempre dibuxado na memoria
O seu Verdier, o seu affoito amigo!
Em toda a parte o busca; e cuida ve-lo,
Ou passar junto ao Sena pensativo,
Ou pelos arredores da Sorbona
Co'a loba mal-cingida, mal-traçada,
Choquento um tanto ou quanto, ires roanando
Pedaços de latim pelo caminho.
Quando do Luxembourg a lentos passos
Magoado enfio as pastorìs (1) lamédas,
Vou mudo e sò, sem ter a quem corteje,
A quem gostoso falle, amigo abrace,
Quàes os tinha na Elyzia em tanta còpia,
Quando o Fado galérno mo sopráva.
Sòbe-me à mente lógo o desamparo.
Que me apérta innocente em terra estranha,
Os bens perdidos, a manchada fama,
E o que màis val, que os bens — os meus amigos.
« Meu caro Verdier, c'hùm livro abérto,
» Aquî (digo entre mim) as verdes ruas
» Pizava deste bòsque; elle m'o disse

(1) Era o jardim màis campéstre de Parîs.

« Quando eu taõ mal cuidava de piza-las. »
Que bem lembraõ palavras dos amigos,
Nas longas horas da callada ausencia!
Alli quizéra ver-te a mim tornado,
Com quando em Lìxboa entre os sabores
Da lhana companhia prazenteira,
Debicavamos pontos delicados
Do bem, do mal, que despartio no mundo
A taõ gabada, escusa Sociedade.
Quer dar-me alguem a crer, que te has mudado,
Que os mares, que as montanhas que entre-meiaõ,
Qual, da vista, me arredaõ de teu peito,
Que emprégo has feito de amizades novas....
(Como que facil fôra c'os amigos
Mudar nas estaçoés, como c'os trajes)
Mas taõ esquivo estou de acredita-los,
Que antes crerei nas bruxas mal fazejas,
Nos tràsgos, nos fadados lobisomes,
Nas fadas e nos frades..., que um minuto
Dê crédito a quem diz que te mudaste,
E do teu bom Filintó te esqueceste.

EPITAPHIO.

— Fruges consumere natus.

AQUI jaz o Paypay: a pédra dura
Lhe cobre sò as cinzas esfaimadas;
Que a sombra ronda as portas abastadas,
Ao cheiro de feijoës, e de forçura.

ODE

A SENHORA V. B.

Un bacio sol oà tante pene. Cruda ?
Un bacio a tanta fede ?
La promessa mercede
Non si paga baciando : il bacio è segno
Di futuro diletto
E par che dica anch' egli, i' ti prometto
Con si soave pegno.
Intanto or godi e taci
Che son d'amor mute promesse i baci.
Del Cavalier Guarini.

E PÚDE !... E naõ morri ! quando os meus labios
Na face lhe imprimi ! quando c'os ólhos,
Que volveu sobre mim, nadando em gosto,
Me entranhou na alma um Çéo !
Ah quanto sou feliz ! quantas invejas
Naõ espalho nos animos dos Grandes !
Trasborda-me a Alegria pela bocca,
Pelos ólhos felizes.
Aqui, oh Musas, vinde ; aqui as lyras
Temperadas por vossas maõs divinas :
Aqui do peito do amoroso Orpheo
Me desça o meigo canto.

Victoria canto, e o lume enternecido
Das voluptuosas fulgidas estrellas,
Onde Amor estampou a minha sorte
E o segredo dos Fados.
Longos cabellos pretos; fronte airósa;
Pórte de Juno, esprito de Minerva, ...
Gésto das Graças, mimos de Cupido
E ternura de Vénus....
Que bellezas, que prendas, naõ buscaraõ
Pousada em seu sujeito! Ah, torna; ah torna,
A bemaventurar-me, Amor, c'o fogo
Da sua ardente face.

EPIGRAMMA. (*)

Uma cabáça a tanto patáo-sinho
Atordoou vazìa:
E quanto màis os naõ atordoarìa,
A vir cheia de vinho!

(*) Parece-me que li em Alciato (valha a verdade!) os versos seguintes, a um emblema d'uma cabáça, que vinha boyando sobre a veya do rio, e muita gente embasbacada a ve-la

Una tot illusit vacua cucurbita mentes;
Plena quid efficeret, si foret illa mero?

ODE.

— — — Multa petentibus
Desunt multa. Bene est cui Deus obtulit
Parca quod satis est manu.
Horat. lib. 3. od. 16.

NAõ péço aos Céos privanças orgulhosas
De arriscados Seyanos,
Nem largos campos de douradas mésses
Me empolaõ a cubiça,
Na mente resignada, affeita ao pouco.
As procellosas vagas
Do infido Promontorio còrte affouto
Quem toscos avôengos,
De callejadas maõs, villoẽs honrados,
Imprudente despréza;
E ama illustrar com os rubîs do Oriente
A vindoura progenie.
Que se eu posso, em aurea medianìa,
Arredar de meus Lares,
Da Fòme o macilento-agudo rosto,
E a lìvida Tristeza,
Contente dòbro a méta dos dezejos.
Ou se as benignas Musas

Naõ desdenhaõ pouzar no usado sotaõ; (1)
Nem das cans se enfastiaõ,
Que temporans brotou mordaz Cuidado,
Nas condemnadas fontes,
Sou màis ricco, que os Cresos, màis ditoso
Que o Samio Policràtes.
Verei, com leda sombra, em parca meza,
Naõ-custosos legumes,
Quáes dava aos homens saõs das éras de ouro
A Terra naõ-forçada;
E mecanico Baccho, sem letreiro (2)
Traz si trará risonho
A Musá Venusina (3) c'o alaûde,

---

(1) Vid. Ode a Pilaer.
Quando nas margens do sereno Tejo.

(2) Vendem-se aquî nas lòges nóminas de cobre esmaltadàs de branco, com os nomes escritos de *Champagne*, *Rhin*, *Baune*, *Malvoisie*, etc. pequenas, com cadeias para penderem do bocal das garraffas, nas cazas opulentas. Naõ sei se esta moda requintada pegou já em Lixboa, mas se naõ pegou, pegará. Basta ser de França

(3) — — Ast ego, quem choros
Phœbus Poetarum inter amabiles
Primis receptum sponte ab annis,
Numinis interiore lapsu,
Suâque præsens mente animat, Deo
Afflante plenus, per juga nobili

Que discantou outrora
Augustos e Mecenas, e alvas Lidias;
Entaõ entoaremos
O generoso peito de Dorindo,
Ou de Marfisa o gésto;
Já Mathevon de sólida Amizade
Resoará nas cordas,
Costumadas a dar preço à Virtude;
Nas cordas, que coràraõ
Se eu, resvalando da verêda antiga,
Cahisse às plantas torpes
Da cayada Lisonja, infame vicio.
Tambem Tu, nobre Còsta, (1)
Nos meus sincèros versos terás parte,
Tu, que guardar soubéste
No enleyo de Parìs, no embate escuro
De paixoẽs, e de embustes,
Inteiro o fio da Amizade, e da Honra;
Que, auzente involuntario,

Calcata Flacco, perque saltus
Pierios animosus ibo.
Quin et, Senectus immineat licet,
Crudis Juventæ viribus integer
Tentabo inaccessos profanis
Altior invidiá recessus.

(1) O Senhor Cónego Simaõ de Oliveira, da Costa, e Alvim.

Naõ perdeste a lembrança de Filinto ;
Bem que cruzaste as ondas
Do deslembrado Oceáno , que foi Lethes
A quantos daqui foraõ.

SONETTO.

MOTTE.

Vence as Deosás do Ida em gentileza.

GLOSSA.

LA vái glossa , Menina ; vái Sonetto.
Deos me ajude ; Deos digo , o Deos Apollo ,
Co' as Musas todas nóve ao hombro , ao collo ;
Que eu, sem Musas, com versos me naõ metto.

Entaõ , como lhe digo : o meu affecto ,
Que me faz retumbar de polo a pólo ,
Quando as finezas apressado enrólo....
Que tal !... Deu fim já o ultimo quartetto.

Menina , tinha fé ; que largo panno
Tenho , nos dous tercettos , para a empreza ;
E eu , nisto de glossar , sou soberano.

Fique aquí entre nós : sua belleza
Nos versos do Macedo , ou nos de Albano ,
Vence as Deosas do Ida em gentileza.

O D E.

Immortalia ne esperes — *Horat. lib.* 1. *od.* 9.

NAõ te (1) enléves nos saltos encarnados,
Nem na custosa pedra refulgente;
Da plácca os luzes-luzes naõ deslumbraõ
A surrateira Idade.
Foste em vaõ, em Parîs, Princípe bréve,
Milord entre òs libérrimos Britannos.
Em vaõ Baxá serîas de tres càudas;
Das honras zomba a Morte.
Se hoje passêas os florîdos campos
Da verde-vecejante Mocidade,
Lá te espéra no fim do pomar curto,
O tremedor Hynverno.
Impando de magnificos serviços,
De enfitados, sellados pergaminhos,
Conta o que em tantas lidas proveitaste?
— Cuidados, e Esperanças.
Mal tardîas viráõ fazer-te festa
Qnatro Illusoẽs do màgico Cupido,
Algumas ventoînhas dò Palacio,

(1) O Senhor Domingos Pires Monteiro Bandeira.

E lá do Pindo uns Ecchos.
Prazer escàsso ! Se o pregaõ da Fama,
Da Fama bem-ganhada por Virtudes,
Naõ viesse affagar os teus ouvidos,
C'os honrados louvores.
A Amizade, que cultivar soubéste,
Te cubrirá de flores a cabeça,
Já quandó raras cans mal-povoarem
A encarquilhada Calva.
O grato, o ingénuo rosto, hoje risonho,
Que com amiga maõ deseurugaste,
E o pàllido Invejoso, que definha,
Te serviráõ de statuas.

EPIGRAMMA.

Umas cabeças vans, uns ociósos,
Despidos de Virtude, e de Talento
Poem grande estudo, gran divertimento
N'uns nàipes máos, n'uns dàdos acintosos:
Perdem por passa-tempo
O irrevocavel Tempo.
Nescios! Naõ vem, naõ sentem consumida
A Saûde; queixosa a Honra, a Vida?
Só, depois de enfadar-se um dia inteiro
Sentem o menos — sentem o dinheiro.

ODE.

Quid leges sine moribus
Vanæ proficiunt? — *Horat. lib.* 3. *od.* 24.

A AMIZADE, que piza as vans riquezas;
Que desdenha das crôas,
E tem em pouco o infido Valimento,
Vái buscar na disgraça
O peito saõ, que as Penas naõ amolgaõ.

Ella co'as forças, que houve da Virtude,
Me arrebatou nas àzas;
E transpondo comigo longas terras,
Sobre os tectos illustres
Da famosa Paz Julia me sostêve.

Naõ sei que paz interna respîrava
O puro, e ledo seyo
Daquellas terras santas e singellas:
Nos faustos horisontes
Rayava a aurora do Celeste Olympo.

Vi as Lettras sagradas, as Virtudes
Dos séculos saudosos,
Abrolhadas nos peitos consagrados

(*) Ao Ex.mo e R.mo Senhor D. Fr. Manoel do Cenaculo e Vîlas-Boas, Bispo de Beja.

Ao Nume omnipotente,
Desabrochar-se em frutos generosos.

« Olha : (me diz), Aquelle anciaõ honrado
» Da maligna fortuna
» Provou (sem culpa) os rispidos revézes ;
» Mas bemfeitora dextra
» Lhe ameiga o afflicto seyo desabrído.

» Naquelle sòtaõ nu, lavado em prantos
» D'Orphans desamparadas,
» Vê como entra com próvida vigîa
» Inopino sustento,
» E como sahem as Bençoēs risonhas..

» D'entro do carcer, d'entro das masmorras
» Càla com ledo vulto,
» Com as maōs trasbordando de abundancias,
» A Compaixaõ augusta,
» Que com paterna voz adóçá as màgoas.

» Do bom cheiro de candidos Costumes
» Recendem estes ares ;
» Nos templos, e nas cazas brilha o ouro
» De fulgidas Virtudes,
» Tomadas do Pastor de gran valîa.

» Elle aqui veio abrir Lyceo de todas,
» E a Si se deu por livro :
» Màis facil, que o insensitivo Stòico,
» Ensina c'o exemplo,
» Sem vangloria, sem maximas prolixas. «

ERRATAS.

Queixarão-se, e com muita razão, os amabilissimos Leitores das minhas trovas, que vinhaõ minadas de erros. Sua disculpa merecem obras impressas por quem naõ entende a lingua, em que fôraõ compostas; por quem, tendo antes da Revoluçaõ, sido Cura de maõ cheia, em pontos de imprensa, nem Menino do Côro sabia ser. E quanto me naõ devo eu lastimar de ver o meu Osorio coberto de erratas, como criança com bexigas... O meu Osorio, que me sahio das maõs tam escorreito! Quem há hi, que se capacite que um livro mandado imprimir, por ordem superior, na Typographia Regia, sahisse com erros tam vergonhósos, que os naõ commetteria um apprendiz de sapateiro. Creiaõ-no, ou naõ o creiaõ. Vem no Osorio phrazes tam destroncadas, e com aleijoẽs tam disformes, que me foi necessario comprar, pelo meu bento cruzado novo, um Osorio Latino, para por elle entender a minha traducçaõ, assim estragada em Portugal.

Pag. 11 culebrimos — culebrinos.
— 12 Ludo-Indiano — Luso-Indiano.
— *ibi.* e deriva — se deriva.
— 13 dans le titre : du Docteur, *lisez* au.
— 15 : religieuses merveilles, *lisez* belliqueuses.
— *ibid.* que le destin grave, *lisez* grava.
— *ibid.* sors des murs, *lisez* sors des urnes.

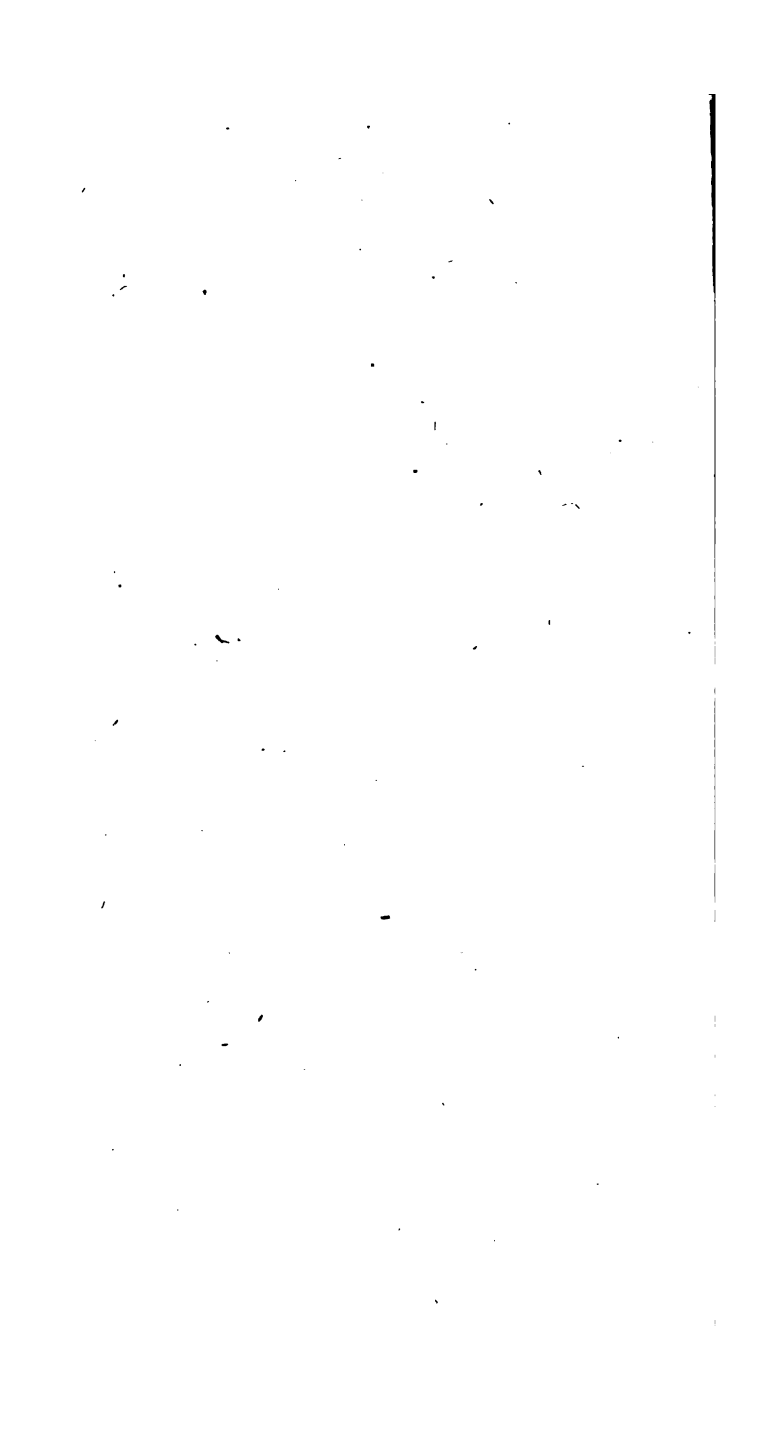
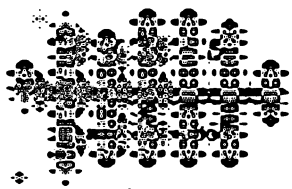
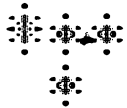
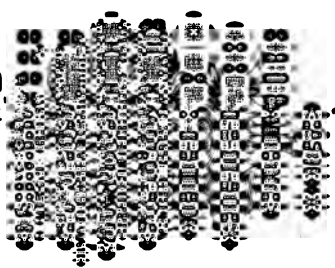
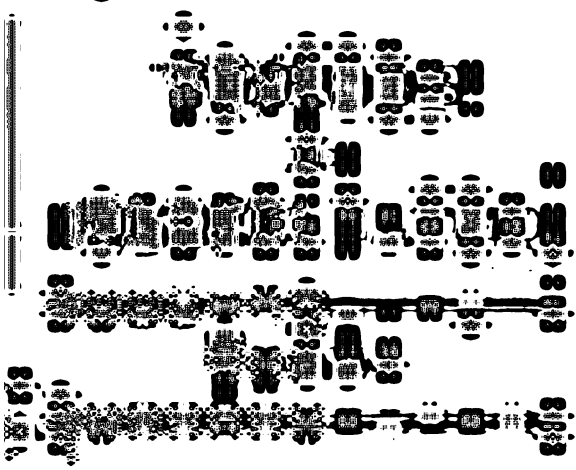
Page 16 : palmes de l'Indou, *lisez* de l'Indus.
— 19 : les autels, *lisez* tes autels.
— 20 : fait hurler, *lisez* fait tonner.
— *ibi.* : et spectre, *lisez* le spectre.
— 21, note (11) : Rajaks, *lisez* Rajahs.

— 24	ensôça prosa	—	àguàda prosa.
— *ibi.*	ç'austicar	—	deslavar.
— 29	inferno	—	iufero.
— 30	de te	—	de ti.
— *ibi.*	disforce	—	disfarce.
— *ibi.*	concorremos	—	correremos.
— 33	Adjuda	—	Ajuda.
— 34	Na distincçoēs	—	Nas distincçoés.
— 35	Bazosia	—	Bazofia.
— *ibi.*	largua	—	larga.
— 39	de feu	—	de seu.
— *ibi.*	defliza	—	desliza.
— 40	brinções	—	brincoēs.
— 44	traversos	—	travessos.
— 59	frigada	—	frigida.
— 9	partos	—	pastos.
— 96	um afolia	—	uma fólîa.
— 109	mas cordas	—	nas cordas.
— 122	do Arzilla	—	de Arzilla.
— 128	altiona	—	altisona.
— 135	uza	—	Souza.
— 140	Baeharel	—	Bacharel
— 160	Vincent	—	Vicente.
— 166	condonsaraõ	—	condensaraõ.
— 179	etado	—	estados.
— 181	m nêa	—	menêa.
— 187	sim arcano susto	—	sim em susto arcano;

FIM.

VERSOS

DE

FILINTO ELYSIO.

Bem claro fica do que eu disse no 5.º volume, que achava eu já sobejo o chorrilho de tróvas, que a mim mesmo davaõ já cansaço. Consolava-me porêm no intuîto de que alli feneceria. Eis que hoje vem Mercurio a minha caza, e c'uma chave falsa (1) abre-me as gavetas, e tira a esmc, quanto por alli achou; prosas, versos tudo arrebanhou; e foi mui surrateiro impingi-lo ao Impressor, que tal-vez, ìa conluíado com elle. Ora vejaõ VV. mm. Vem-me o volume às maõs. Que querem que lhe eu faça? A VV. mm. o empurro. O brio séu serìa agora mandarem-me por elle esses tantos vintens. Saõ más as minhas tróvas? Muito há que m'o assim disséraõ; e jà muito antes, que m'o dissessem, o cria eu assim. Mas desforro-me com o que lá disse um grave Doutor:

> Mariæ pardæ bebadæ si venditur actus,
> Si imperatricis Porcinæ, etc. etc.
>
> *Queixumina.*

Uma idea me vem, que me naõ parece mal-estreada. Os táes seis tômos de tróvas naõ saõ mui pansudos; bem batidos na encardenaçaõ, faráõ (quando muito) tres arrazoados volumes. Sejaõ tres para o arrumo na Livraria; mas seis (naõ haja engano) para a pága.

---

(1) Todos sabem que Mercurio é o Páe, o Deos, o Oraculo dos Ladroẽs; que elle é quem lhes inspira todas as trétas, todas as falcatruas.

ODE

AO SENHOR BACHAREL

Domingos Maximiano Torres.

Conamur tenues grandia. *Horat. lib. I. od.* 6.

Quando cheio de Apollo omnipotente,
Inquiétos os ólhos, a alma em fogo,
Vàs banhar-te ligeiro
Nas ondas de Aganippe;
E a fronte coroada de almo louro
Desces furioso do partido monte:

Dize, Alfeno, qual re-trilhada via
Deixas aos rudes Vates sinalada;
Quáes árvores, quáes róchas
Deixas ao dextro lado;
Qual combro sóbes; em qual antro as Musas
Encontras prazenteiras, e singellas:

Quando aprendes o arcano recatado
Da Lyrica harmonia, os pensamentos
Arrojados, altivos,
Com qne, émulo de Pindaro,
Reforças na aurea corda o som sublime,
Soberano do ouvido, e da memoria?

Em que bósque de murta, e de amaranto
Acertaste c'o vencedor Cupido?

Com que meiguices térnas,
Com que seguras vozes
Lhe arrancaste a doçura encantadora,
Que de Sapho amimou o acceso canto?

Aquella doce voz, que junto ao Moura
Abrandou os Ulmeiros da florésta,
Que fez parar da Noite
A argentada carroça,
Para ouvir as ternuras, que espalhavas
Com saudoso accento à tárda Nize?

Aquelte cinto (1), aquelle livro annoso
Nunca Amor o mostrou a Anacreonte;
Nem a mimosa Vénus
Lhe confiou as Graças,
Com que cantaste a nitida Maria,
Do nosso Mathevon honrada próle.

Ah naõ sejas de tantos dons avàro:
Abre as portas á luz, que em ti escondes;
Aponta ao teu Filinto
As calcadas veredas;
Que, apoz teus passos, naõ rejeito ousado
Subir do gran Dirceo ao alto assento.

Se tu me dàs a maõ, que ásperas róchas
De alcantilados, ingremes despenhos
Pòdem acobardar-me?

---

(1) Faz allusaõ a um Sonetto seu, que começa: Com largo cinto, e vem na pag. 167.

Que louro há taõ subîdo ,
Ou taõ defezo aos Délphicos alumnos ,
Que , em ti fiado , intrépido eu naõ colha ?

Já , qual sinto , naõ sei , na alma ferir-me
Celeste rayo de entendido lume ,
Que me esclarece , e anîma !
Que maõ potente , e sûbita
Me arrebata de mim , de mim me arranca ,
E por sitios ignotos me caminha ?

Lá vejo um serro altivo, que ameaça
Com duas pontas o sagrado Olympo...
Que vento impetuoso
De sôpro intelligente
Vem desta longa , cavernosa gruta ?
Saõ vozes (1) , saõ accentos numerosos.

Aquî Apollo veio, quando avante
Despio da vida a tàbida Serpente.
« Sim , esforçado Apollo ,
Deos , màis que muito ousado ,
Tu naõ temeste os tétricos alentos ,
O terrifico som do atroz Destino.

Intrépido à caverna te arremessas ,
Talhando as vàgas do feroz sussurro ,
E em cheio te embebeste
No fatîdico arcano ;
E Deos , cheio do Deos , annunciaste

(1) Vejaõ a nòta da pag. seguinte.

O segredo dos Fados encubertos. (1)
Tu déste à Pythia os ràbidos furores,
O tôrvo olhar da retorcida vista,
As erriçadas comas,
As cores assanhadas,
Lìvidas, roxas, na tremente face,
E a rouca voz no affadigado peito. »

Já naõ me espanto do Camoẽs divino,
Da tuba que entoou furiosa e dura;
Do Adamastor fragoso,
Nem dos presagios negros,
Que despedio, de cólera abafando,
Ao coraçaõ impàvido do Gama.

« Nesta caverna acôlho, attento, agudo
(Ouço uma voz, que todo me estremece)
» Sò Vates sublimados,
» Que entre muitos escolho.
» Aquì entrou o àltisonante Elpino
» O claro Corydon, o teu Alfeno ».

---

(1) Apollo foi sempre venerado por Propheta ou Vidente (como lhes chamaõ os livros Sanctos) e Lucano nos diz, como elle obteve esta prerogativa.

Ut vidit Pæan vastos telluris hiatus
Divinam spirare fidem, ventosque loquaces
Exhalare solum, sacris se condidit antris,
Incubuit que adyto, vates ibi factus, Apollo, etc.

Lucan. lib. 5.

EPIGRAMMA.

QUANDO na minha infancia, huma Criada
Velha, junto do lar me adormentava
C'uma historia de bruxas decantada,
Cri nas bruxas; e à velha já a contàva
Cà no meu rol por bruxa,
E por bruxa machuxa:
Mas depois que estudei, e andei de noite,
Sentenceàva a açoite
Todo o que em bruxas crêsse. Eis de repente
(Salvo seja) huma noite m'embruxaraõ,
E tantas nodoas por sinàes deixaraõ,
Quem em pulgas bruxas ninguem é màis crente.

ODE

AO SENHOR

DOUTOR FELIX DA SYLVA E AVELLAR BROTERO.

— — — Nec, si quis scribat uti nos
Sermoni propiora, putes hunc esse Poetam.
Horat. lib. I. Satyr. 4.

CRAVE embora o Gageiro
Na curva praya os ólhos dezejosos;

Entre os desiguàes tectos,
Cuide entrever o esguìo campanario
Da vélha freguezìa —
Se um Nordeste ponteiro se arremessa
Das seixosas montanhas,
O nadante focinho retorcendo
O navio, respinga,
Arfa, joga de lombos e garupa,
Tóma em revez o rumo;
E a despeito do léme todo à banda,
E da déstra manòbra;
Em quanto o graõ Diabo um olho esfrėga,
Vái dar estouvanado
Em Pantána co'a carga, e c'o Piloto.
Assim, sem màis despique
Me acontece c'o Potro ali-potente:
Mui ufano o cavalgo,
Pégo-me às crinas, báto-lhe as ilhargas;
De chôto, aos salavancos,
Amontoadas nuvens atropello,
E de longe, e devóto
No bipartido monte ponho a mira;
Como a grimpa farpada
Os ventos fita no espigaõ sonòro:
Ou qual, c'os ólhos longos,
No esbroado poyal repatanado
O annual Cirio espera
Gordo estallajadeiro, em mez de Agosto;
Ou qual por entre os ramos

Da emaranhada sélva abastecida
O caçador vigìa
O orelhudo Coêlho, que retouça. —
Já compridos Poemas
Entro arrojado a debuxar na mente:
Carlos-magno, e os seus Doze
Já de Epica fadiga me encarregaõ;
Grita-me, lá da China,
Ora ricco, ora às gárras c'os lagartos,
O Fernaõ Mendes Pinto,
Nunca atéqui de Apollo celebrado....
De Didos, e de Circes
Traço as brandas paixoẽs, traço os furores:
Novo Camoẽs, ou Tasso
Novas ilhas de Amor, novas Armidas,
Com pincel desenvolto,
Pinto aos vindoiros em soberbos quadros....
Já Pindáricas Odes
Abocanho daqui, dalli, absorto....
O vulgo se embasbàca
No alto vôo do novo cavalleiro;
E os Heròes màis graûdos
De meu canto uma nesga me supplicaõ....
Mas, oh desastre infando!
Ah! que naõ sei de nojo como o conte!
Mal da Heliconia fralda
Começo a resfolgar os ares puros;
Eis que o roim ginêtte
Insofrido da carga naõ-celeste,

Dà sacões, escouceinha,
E me estira, com um Cassaõ, por terra. (1)
Nem déve esperar menos (2)
Quem, co'a fronte de néves (3) salpicada,
Os favores requesta
De malignas (4) Donzellas logrativas.
A travêssa Fortuna,
Philosopho Avellar, tu bem o sabes,
Tóma por passa-tempo
Desmanchar bem-traçados pressuppostos (5);
Qual o rapaz traquînas
Se divérte c'o embaralhar os bilros
Da agaçosa rendeira;
Ou de inveja do amigo habilidoso,
C'o dedo mal-fazejo,
O castello das cartas lhe escangalha.

---

(1) Terrenum equitem gravatus. *Hor. l. 4. od.* 11

(2) Les fruits des rives du Permesse
Ne croissent que dans le printemps;
Et la froide et triste vieillesse
N'est faite que pour le bon sens.
Temple du Goût.

( ) Căpitis nives — *Horat. lib. 4. od.* 13.

(4) As Musas.

(5) Fortuna sævo læta negotio,
Ludum insolentem ludere pertinax.
Horat. lib. 3. od. 29.

ZADIG.

APPROVAÇAÕ.

Eu abaixo assignado, que me dou por douto, e até por homem de talento, li este Manuscripto, que (bem a meu pezar) achei curioso, divertido, moral, e philosóphico, digno de agradar ainda mesmo aos que aborrecem Novellas. Portanto o difamei, e certifiquei ao Senhor Cadilesquier, ser óbra detestavel ésta.

A'
SULTANA SHERAA
SADI.

18 *do mez Schewal*
anno 837 *da Hegira.*

FEITIÇO dos ólhos, tormento dos coraçoẽs, luzeiro do spirito, naõ bejo a poeira de teus pés; porque ou naõ andas, ou andas por alcatifas de Iraõ, ou por cima de rosas. Offereço-te a traducçaõ d'um livro composto por um Sabio antigo; que avaliando-se ditozo em naõ ter nada que fazer, o foi tambem em tomar por dezenfado escrever a historia de Zadig, óbra que diz màis do que naõ parêce. Peço-te que a leias, e dês sobre ella o teu parecer: que bem que te vejas na Primavéra de teus dias, buscada dos prazeres; formosa; e a formosura realçada pelas prendas: e bem que noite e dia te louvem; motivos esses, porque te falhe o raciocinio, tens com tudo agudissimo engenho, delicado gosto; e já te ouvi discorrer com màis tino, que os Velhos Dervizes de compridas barbas, e de pontuda gôrra. E's sizuda, sem séres desconfiada; meiga, sem dar ouzadîas; amas quem te tem amizade, sem grangear inimigos. Nunca, para luzir, se vale o teu engenho das lançadas da maledicencia; nem dizes mal, nem o fazes; e màis fôra-te pasmosamente facil. A tua alma

em fim se mostrou sempre tam candida, como a tua formosura; sobre teres teu peculio de philosophia, com que me dás a crer, que melhór que outrem, farás caso desta óbra, que é d'um Sabio.

Foi ella de primeiro compósta em Chaldeo antigo; lingua, que nem eu, nem tu entendes; e traduzida em Arabigo, para entretenimento do célebre Sultaõ Olougbeg, no tempo, em que os Arabios, e os Perseos começavaõ a escrever *Mil e uma Noites*, *Mil e um Dias*, etc. etc. Oloug gostava màis da leitura do Zadig; mas as Sultanas das Mil, etc. «Como pòdem vossés (lhes di» zia Oloug) preferir Contos despropositados, e » que nada significaõ? » — Por issso mesmo (respondiaõ as Sultanas) gostamos delles.

Lisonjeo-me de que te naõ parecerás com ellas, e que has-de-ser um verdadeiro Oloug; e até confio, que quando te vires cansada das conversaçoẽs triviáes, que se assemelhaõ bem co'as Mil e uma, etc., poderei eu achar um minuto em que te falle com juizo. Se tú fôras Talestris nas éras de Scander (1) filho de Philippe; se tu fôras Rainha de Sabá nos dias de Soleimaõ, as peregrinaçoẽs, que ellas fizéraõ, haviaõ de estes Reis fazê-las.

Rógo ás Virtudes Celestes, que sejaõ sem desconto os teus prazeres, duradoura a tua formosura, e sem fim a tua Dita.

(1) Alexandre magno.

ZADIG.

O TORTO.

No tempo do Rei Moabdar havia em Babylonia um mancebo Zadig, de boa indole, fundamentada em boa criaçaõ, que ainda que moço e ricco sabîa comedir as suas paixoẽs; que nada affectava; que naõ pertendia que sempre lhe déssem razaõ; e que sabîa respeitar a fraqueza dos homens. Pasmavaõ todos que de mui-vivo, nunca insultasse com donaires, as fallacias tam vagas, tam desatadas, tam tumultuosas, as nescias decisoẽs, as grosseiras chuffas, e o motim de palavras ôccas, que em Babylonia chamavaõ conversaçaõ; mas elle tinha apprendido, no primeiro livro do *Zardust*, que o amor proprio é um *Odre* inchado de vento, que a qualquér furo despéde tempestades; e sobre tudo naõ blazonava de ter as mulheres em pouco, e de subjugalas. Éra generoso, sem receio de fazer bem a ingratos; porque se lembrava do grande preceito do Zardust: « *Quando comêres, dá de co-* » *mer aos Caẽs, inda que depois te mordaõ* ». Sabîa... o que se pôde saber; porque fazia por tratar com Sabios; lido nas sciencias dos Chaldeos, naõ deixava de saber os principios physicos da

Natureza, quàes entam se sabiaõ; e de Metaphysica o que em todo o tempo se alcançou (*scilicet*) pouca cousa. Éra altamente persuadido que o anno tinha 365 dias e um quarto (apezar da nova philosophia do seu tempo) e que o Sól tomava o centro do mundo; e quando os principáes Magos lhe diziaõ, com insultuosa altivez, que elle sentia mal da Religiaõ, e que éra inimigo do Estado, porque cria que o Sól rodava sobre si mesmo, e que o anno tinha doze mezes, elle sem ira, e sem desprezo, se callava.

Zadig, com grandes cabedáes, e (por conseguinte) com muitos amigos, sádîo, bem-apessoado; bom juîzo, alma nóbre e sincèra, assentou que podia ser feliz. Estava para cazar com Semira, que por formosa, fidalga, e bem dotada, éra um dos melhores acertos de Babylonia. Amava-a elle com virtuosa, e sólida affeiçaõ; e ella estremecidamente o amava. Já quasi encetavaõ o affortunado prazo, que os havia de unir; quando, passeiando um dia, junto das portas de Babylonia, à sombra das palmeiras, que afformoseavaõ as margens do Euphrates, lhes vem ao encontro homens armados de fléchas, e de alfanges, satéllites do mancebo Orcan, sobrinho d'um Ministro de Estado, e a quem os Cortezaõs de seu Tio tinhaõ inculcado; que tudo lhe éra permittido. Naõ tinha nenhuma das prendas, nem das virtudes de Zadig, mas presumido de que valîa

màis que elle, desesperava-se de que lh'o preferissem; e esse ciûme, que éra filho da sua vaidade, lhe insinuou que elle amava desmedidamente a Semira, e assim queria-lh'a tirar. Os roubadores travaraõ della, e de violentos a feriraõ, fazèndo-lhe verter um sangue, que amansaria os tigres do monte Imáo. Trespassava ò Céo com lástimas: « Meu querido Esposo, » que me arrancaõ de quèm adóro. Naõ tratava » do seu perigo, cuídava no amado Esposo; e » Zadig a defendia entam com toda a força, que » o Amor dá, e a valéntìa; e soccorrido de dous » unicos escravos, poz em fugida os roubadores, » e trouxe a caza Semira, que ao abrir os ólhos » deparou c'o seu libertador ». Meu Zadig (lhe » diz entam) amava-te eu téquì como a Esposo, » agóra te amo, como quem te deve honra, e » vida ». Coraçaõ màis sensitivo que o de Semira nunca ò houve; nem màis engraçada bocca expressou màis meigas affeiçoẽs, em ardentes phrazes, inspiradas pela sensaçaõ do maior dos beneficios, e pelò delirio màis mimoso do màis legitimo amor. Éra léve a sua ferida, e sárou logo; mas a de Zadig éra perigosà, por ser uma frechada profunda n'um dos ólhos.

Nada pedia Semira aos Céos màis, que a saude do seu Amante; noite e dia nunca as lágrimas se lhe enxugavaõ, esperando que os ólhos do seu Zadig se podéssem regozijar de vê-la: mas um

humor, que sobre veio ao ólho ferido, a pôz no extremo susto. Mandou-se dalli a Memphis buscar o famigerado Médico Hérmes, que veio com numerosa comitiva, e visitado o enfermo, declarou, que perdia o ólho; e até prognosticou o dia, e a hora em que havia de perdê-lo: « *Se* » *fôra* (disse) *o ólho direito, sarâva-lho: mas* » *feridas no ólho esquerdo naõ tem cura* ». Doîa-se toda Babylonia do desastre de Zadig, e admirava-se da profundeza do saber de Hérmes. Dous dias passados, rebentou por si mesmo o tumor, e Zadig sárou perfeitamente; entam Hérmes compoz um livro, em que provou, que naõ devia sarar; cujo livro naõ leu Zadig, antes mal pôde sahir, foi logo de visita a aquella em quem esperançava a ventura da vida, e para quem só prezava ter nos ólhos claridade. Estava entam Semira n'uma quinta; e no caminho informaraõ Zadig, que essa linda Senhora, depois de declarar a insuperavel aversaõ, que tinha à gente tórta, nessa mesma noite se despozara com Orcan. Cahìo sem sentidos, quando ouvio tal nova, e pò-lo a dôr às pórtas da sepultura: tardìo convaleceu; a Razaõ porêm vencendo a Mágoa, da mesma atrocidade do feito soube tirar alivio.

« Já que n'uma Menina, criada no Paço, ex- » perimentei tam cru capricho, esposar quéro » uma burgueza »: e escolheu Azora, a mais

sizuda, e bem-nascida d'entre as da Cidade, com quem viveu um mez, nas delicias do màis térno vinculo: sómente lhe estranhava uma certa leveza, e propensaõ a dar por màis ajuizados, e màis virtuosos, os mancebos màis bem parecidos.

O NARIZ.

Tornava um dia Azora mui agastada do passeio, e grandes exclamaçoẽs fazia. « Que tens, » minha amada Esposa? (lhe diz Zadig) Quem » te traz tam fóra de ti mesma? » — Ah! (disse ella) que te agastarìas como eu, se viras — o que eu presenciei. Fui consolar a viuvinha — Cosrou, que dous dias há, que ergueu um sepulchro ao seu jóven Esposo, junto do ribeiro, que órla estes amenos prados; e que — de sentida prometteu aos Deoses ficar ao pé — do moimento, em quanto as águas do ribeiro — lhe banhassem os alicerses... « Estimavel mu- » lher (interrompeu Zadig) que a seu marido » amou com véras ». — Ah que se tu soubéras —(acodio Azora) em que se ella occupava, quando — agóra a visitei! — « Em que, formosa Azora »? — Em desviar o leito do regato. — E dalli continuou a disferir tam longas invectivas, arguindo com tam desentoada violencia a triste Viuva, que esse alarde de virtude desagradou a Zadig.

Ora este éra amigo de Cador, um dos moços em quem Azora distinguia màis probidade, e méritos, que nos outros; com elle pois se abrio Zadig, affiançando-se de poder muito com elle, por meio d'um grandioso presente. Dous dias fôra passar no Campo Azora, em caza d'uma amiga sua, d'onde no terceiro voltando, alcançou dos lastimados domésticos, que naquella mesma noite falecèra repentinamente seu marido, de cuja ruin noticia nenhum delles quizéra ser Correio; e que agóra o acabavaõ de enterrar na extremidade do jardim, jazigo de seus Mayores. — Chorou; arrepellou as madeixas, e jurou dar fim à vida. — Eis que à noite lhe péde Cador licença de fallar-lhe: fallaraõ, carpiraõ ambos; no outro dia carpiraõ menos, e jantaraõ juntos. Entam lhe confiou Cador, que o seu Amigo Zadig lhe testára a maior parte de seus cabedáes; e tambem lhe deu a entender que librava toda a sua dita em desfructar com ella tódas essas riquezas. — Ella chorou; lastimou-se; — mas foi abrandando — e já a Ceia durou màis do que o jantar — fallou-se com màis confiança — deu Azora elogîos ao defunto — sómente lhe achava alguns defeitos, de que Cador lhe parecia izento.

Já ia a Ceia em meio, quando Cador entra a queixar-se de agudas dores do ventre. A Dama des-socegada, e pezarosa chama quem traga quan-

tas essencias usava em seus perfumes, por tentar que alguma o aliviasse daquelle mal. Entam é que lamentou naõ se achar ainda Hérmes em Babylonía — até se dignou anafiar com sua maõ a parte dolorida. — És sujeito a éssa cruel moles-
— tia ? — (lhe dizía maviosa) « Poem-me às
» vezes nos umbráes da morte. Um unico remé-
» dio me alivía ; que é o nariz de um homem,
» morto na véspera, applicado na parte » (lhe respondeu) — Exquisito remédio ! (lhe diz A-
— zora) « Naõ é màis exquisito do que as *bolsi-*
» *nhas do Senhor Arnou* (1) contra as Apoplexias. Essa razaõ, junta com os grandes méritos do mancebo determinaraõ emfim a Senhora. — Em-
— bora (dizia comsigo) quando meu marido
— atravessar do mundo de hoje, para o mundo
— de amanhan, pela ponte Tchinavar, recusar-
— lhe-há passagem o Anjo Asrael, porque elle
— léva para a segunda vida, o nariz menos
— comprido, que na primeira ? — Lança a maõ a uma navalha, vái-se à campa do marido, orvalhá-a com suas lágrimas, e dispoem-se a cortar o nariz do que achou estirado no jazigo. — Mas
— eis que Zadig se érgue, e amparando com uma

---

(1) Havia entam um Babylonio, que c'uma bolsinha pendurada ao pescósso, sárava (nas gazettas), e prevenia tódas e quáesquer apoplexias.

— maõ o seu nariz, e com a outra a navalha
— desviando. « Senhora (lhe diz entam) naõ
» clames contra a viuva Cosrou, que o intento
» de cortar o nariz, bem vale o de arredar o ri-
» beiro ».

O CAO, E O CAVALLO.

Experimentou Zadig, que (como está escrito no livro do Zend) o primeiro mez do cazamento é Lua de mél, mas o segundo é Lua de fél; e vio-se, pouco tempo depois, obrigado a repudiar Az ra, que se fez rúin de aturar; e buscou no estudo da Natureza a sua felicidade. « Nada
» há mȧis affortunado (dizia elle) que um Phi-
» losopho, que lê pelo grande livro, que Deos
» abrio ante os nóssos ólhos: saõ, como suas, as
» verdades, que descóbre; com que alimenta,
» com que engrandece a alma; respousado vive;
» nȧda receia dos humanos; nem lhe vem a
» enternecida Esposa decotar o nariz. »

Embelesado nessas idéias se retirou ás ribanceiras do Euphrates, onde tinha uma Quinta, e lá se entretinha, naõ em calcular quantas pollegadas corriaõ dentro d'um segundo, por baixo dos arcos d'uma ponte; nem se cahîa máis no mez do Rato, que no mez do Capado uma linha cûbica de chuva; naõ cismava em de teias de aranha tirar sêda; nem de garráfas quebradas compôr louça da India. Estudava sim, a

mórmente, as propriedades dos animáes, e das plantas, em que adquirio uma agudeza, com que atinava em mil miudas differenças, de que naõ davaõ fé os outros homens.

Passeiando um dia junto d'um bósque, vio que corrîa a elle um Eunucho da Rainha; seguiaõ-no muitos Officiáes de Palacio, que demostravaõ em si summo desasocego; corriaõ aquî, alêm, como gente atroada, que busca perdido o seu màis precioso. « Mancebo, (lhe » diz o Primeiro Eunucho) viste acazo o Caõ» zinho da Rainha? » — Naõ éra Caõ (respondeu modestamente Zadig) mas sim uma Cadellinha. « Tens razaõ » (acodio o Primeiro Eunucho) — E é Hespanhola, e mui pequena (accrescentou Zadig) é parida de pouco, e coxêa da maõ esquerda, e tem as orelhas muito descahidas. — « Entam, viste-a » (disse muito esbaforido o Primeiro Eunucho) — Naõ (respondeu » Zadig) nunca a vi, nem sei se a Rainha tem Cadella.

Naquelle mesmo, e assignado momento fugio (caprichos extraordinarios da Fortuna!) das maõs do palafreneiro, nos plainos de Babylonia, o màis formoso Cavallo da Real Cavalhariça. Corriaõ com tanta ansia, traz elle o Monteiro mór, e demàis Officiáes, quanto o Primeiro Eunucho em póz da Cadellinha. Veio ter com Zadig o Monteiro mór, e indagou delle se vira

por alli passar o Cavallo de ElRei. — Nem hà Cavallo, que melhor galópe: tem cinco pés de altura, cascos pequenos, cabo de tres pés e meio de comprido; os cubos do freio saõ de ouro de vinte e quatro quilates, e as ferraduras de prata de onze dinheiros. — « Por onde tomou? Onde é que está (perguntou o Monteiro mór) — Nem o vi (disse Zadig) nem nunca ouvi nelle fallar. —

Naõ duvidou o Monteiro mór, nem o Primeiro Eunucho ser Zadig o roubador da Cadellinha, e do Cavallo; por tanto foi levado à Junta do *Desterham*, onde o condemnaraõ ao Knout, e a passar na Sibéria o résto de seus dias. Eis que apenas se proferira a Sentença, acharaõ a Cadellinha, e o Palafrem: e entam se viraõ os Juizes na lastimosa necessidade de reformar a Sentença. Condemnaraõ porém Zadig em quatrocentas onças de ouro, por dizer que naõ vira o que na Verdade naõ vio; nem houve màis remédio que paga-las; salvo o direito de pleitear no Grande Desterham a sua causa, onde orou assim.

« Estrellas da Justiça, abysmos das Sciencias,
» espelhos da Verdade, que do chumbo tendes
» o pezo, do ferro tendes a dureza, do diamante
» o brilho, e com o ouro mui-chegado parentesco, pois que me é dado fallar ante este
» augusto Consistorio, por Orosmades vos juro,

» que nunca vi a veneranda Cadélla da Raînha,
» nem a sacro Cavallo do Rei dos Reis. Eu vos descifro o que realmente me aconteceu. Passeiando n'um bósque, onde depois me encontrei com o respeitavel Eunucho, e o muito illustre Monteiro mór; vi pela areia rastos d'um animal, de que facilmente colhi serem de Cadellinha; léves e compridos régos, impressos pelas *empolinhas* da areia, entre o trilho das pattas, me verificaraõ serem das tetinhas pendentes de cadélla, pouco há, parida; outros signáes, e por differente geito, que seguidamente varriaõ a flor da areia das maõs, me persuadiraõ que as orelhas lhe bejavaõ o chaõ; e como eu reparasse, que a areia estava màis ao de léve calcada sempre por aquella, que pelas outras tres pattas, assentei que a Cadélla da nossa augusta Raînha manquejava (se me é licito dizelo) da maõ esquerda.

Toccante ao Cavallo do Rei dos Reis, tendes de saber, que pàsseiando eu pelas verédas deste bósque, dei signal de ferraduras de Cavallo, e todas em distencias iguáes, de que presumi que èra de perfeitissimo galópe; por uma senda estreita, que naõ tem màis que sétte pés de largo, vi um pouco levantada à direita, e à esquerda a poeira pelo arvoredo, altura de tres pés e meio pelo trilho da vereda; e logo conjecturei, que tres pés e meio tinha de comprido o cabo

do Cavallo; vista a altura do pó, que co'as espanadélas sacodio. Vi por baixo das arvores, (que cinco pés de alto se abobadavaõ) folhas cahidas de fresco, e conclui, que pois o Cavallo roçou pela rama, devia de ter cinco pés de alto: quanto ao freio ser de ouro de vinte e quatro quilates, adverti-o eu do roçamento, que os cubos deixaraõ n'uma pédra, que averiguei ser de tóque, e na qual fiz a experiencia. Pelos signáes emfim, que as ferraduras prateáraõ n'outros differentes seixos, julquei que éraõ de prata de onze dinheiros. « Admiraraõ-se os Juizes todos do subtîl engenho de Zadig, e chegaraõ as noticias delle a ElRei, e á Rainha; nem pelas ante-camaras, sallas, e Camarins se fallava em màis do que em Zadig: e dado que muitos Magos fossem de parecer, que se queimasse Zadig por feiticeiro, mandou com tudo ElRei, que lhe restituissem a mulcta das 400 onças de ouro, em que o tinhaõ condemnado. Os Escrivaẽs, Beleguins, e Requerentes viéraõ com grande apparato trazer-lhe a Caza as 400 onças, de que desfalcaraõ sómente 398 para as despezas da Justiça, e os Criados pediraõ as propinas.

Vio Zadig quam perigosas éraõ às vezes demasîas no saber; e fez comsigo termo de màis nada dizer dalli em diante. Lógo se lhe offerecem lance de pôr o termo em praxe; por quanto fu-

gira um prezo de Estado, e passou-lhe por baixo das janellas. Perguntado Zadig, nada respondeu: e como lhe provassem, que elle o vira da janella, foi condemnado por esse delicto, a 500 onças de ouro; de que elle (segundo os usos de Babylónia, rendeu graças aos Juizes. « Poderoso Deos (dizia elle entre si) quanto é para lastimar quem passeia por bosques, em que passaõ Cavallo d'ElRei, ou Cadélla da Raînha! E que arriscado que é por-se à janella! E quam difficil nesta vida é ser feliz!

O INVEJOSO.

Quiz Zadig consolar-se com a Philosophia, e com a Amizade, dos encontroẽs, que a Fortuna lhe tinha dado, e como n'um suburbio de Babylonia tinha Caza aderessada com primor; abérta a todas as Artes, e a todos os Prazeres dignos d'um homem honésto; de manhan franqueava a sua Livrarîa aos Sábios, de tarde a sua meza a toda a boa Companhia: mas depréssa escarmentou quanto occasionados saõ os Sábios; por que erguendo-se uma disputa renhida àcerca d'uma lei de Zoroastro, que prohibia comer Griphos..... Para que prohibe comer Griphos se tal animal naõ há? (diziaõ uns) — Ha-de havê-lo (diziaõ outros) pois que Zoroastro manda que o naõ comaõ. — Quiz Zadig concorda-

los, com dizer-lhes: « Se há Griphos naõ os comâmos; e se os naõ há ainda menos os comeremos; e fica bem obedecido de todos Zoroastro.

Um Sábio porêm, que tinha composto 13 volumes àcerca das propriedades dos Griphos, (accrésce, que éra elle grande Theurgista (1) foi de carreira accusar Zadig a Yebor, o màis àsno de todos os Archimagos, e por tal o màis fanático, que para maior glória de Mythras, mandaria pôr Zadig no caloêfe, (2) e lhe rezaria para sua consolaçaõ, mui folgadas Complétas, bem satisfeito de si. Cador (vale màis um amigo, que cem Bonzos!) vái ter c'o vélho Yebor, e lhe diz: « Viva Mythras, e os Griphos vivaõ. Quéres punir Zadig? Zadig, que cria Gryphos no seu páteo, e nunca delles cóme. Zadig é um sancto: o seu accusador é que é um heréje, que se atréve a affirmar, que os Coélhos tem unha fendida, e que naõ saõ immundos. — Está bem (disse Yebor, meneando a cabeça avellada) ponhaõ Zadig no caloête (2), porque pensou mal dos Gryphos; e máis o outro, porque fallou mal dos Coêlhos. — Cador accommodou o negocio, mettendo de per-meio uma moçoila de

---

(1) Vid. Encyclopedia verbo *Theurgiste.*

(2) Vid. Gouvea. Vida do Arcebipo D. Fr. Aleixo de Menezes.

quem já tivéra um filho, cuja privava muito no Collégio dos Mágos. Ninguem pozérao no caloête, de que muitos Doutores murmurarao, e dallî presagiarao a ruîna de Babylonia. Exclamou entam Zadig: « Em quam pouco prende a » Dita! Tudo me perségue: até os Entes que » nao existem! » Amaldiçoou os Sábios, e nao quiz viver, se nao com gente de boa feiçao.

Assistia defronte de sua morada Arimazo, cuja alma ruin se lhe assoalhava no grosseiro rosto: definhava-se (de máo que elle éra) e rebentava de soberbo, prendas que elle coroava com discretear enojosamente. Como no mundo nunca a Fortuna lhe soprou, vingava-se em dizer mal; e dado que ricco fosse, custava-lhe a ajuntar em Caza aduladores; o motim das carruagens, que paravao à noite à pórta de Zadig, o angustiava; angustia que subia de ponto co'l brado dos louvores, que davao a Zadig. A's vezes ìa a Caza deste, e se lhe sentava à meza, sem ser rogado, àguando com sua presença toda a alegrîa da sociedade; como dizem das Harpìas, que empestavao os manjares, que enxovalhavao. Succedeu-lhe, que convidando elle para um banquête, cérta fidalga, ésta nao só nao lh'o acceitou, mas foi ceiar essa mesma noite com Zadig; e no dia seguinte, conversando o tal, e mâis Zadig no Páço com um Ministro, este convidou Zadig a ceiar, e a Arimazo nao. Nao

tem màis fundo alicérse, muitas vezes, os odios màis figadáes. Esse homem, ditto em Babylonia, por antonomásia — *o Invejoso* — de ouvir pregoar Zadig por affortùnado, quiz deita-lo a perder. Depára um só dia cem occasioẽs de fazer mal, e um anno naõ ábre às vezes uma de fazer bem, segundo diz Zoroastro.

Foi o Invejoso a Caza de Zadig, que em seus jardins passeiava entam com dous amigos, e uma Dama a quem dizia cousas discrétas, sem outra intençaõ màis, que a de lhas dizer; e a conversaçaõ versava àcerca da guérra, que há pouco tam felizmente concluira ElRei contra o Princepe da Hyrcania, seu vassallo. Zadig, que nessa curta guérra assinallara a sua valentia, louvava muito a ElRei, mas muito màis louvava a Senhora — Nisto, péga n'um lápis, e lança quatro versos improvisos, n'um papel, que lhe deu a ler a élla: e posto que muito lhe rogassem os dous amigos, que lh'os mostrasse, elle pòr modestia, ou antes por amor proprio bem entendido, lh'os recusou: por quanto estava firme em que versòs de repente só tem valia no conceito da pessoa, a quem saõ feitos. Pelo que rasgou o papel escripto, em dous pedaços, e os arrojou a uma mata de róseiras, aonde inutilmente os andaraõ buscando. Eis que sobrevem uma chuvinha miuda, e elles que se recólhem ao abrigo da têlha; e o Inve-

joso, que ficou no jardim, tanto esquadrinhou, que acertou c'um dos pedaços. Foi acaso rasgar-se o papél de mòdo, que o pedaço com que o Invejoso deparou, continha quatro versos, de arte menor sim, mas tam inteiros no sentido, e que por acaso ainda màis raro, diziaõ contra ElRei, as màis insolentes injurias.

Pélos feitos màis máos
Seguro ElRei no throno,
Só na publica paz
E' o unico inimigo.

Pela primeira vez em sua vida se deu por feliz o Invejoso, que lhe veio às maõs com que arruinar um virtuoso, e amavel Cidadaõ; e entranhado em sua cruél alegria, fez que passasse ante os ólhos de ElRei essa Satyra, escripta por Zadig, a quem encarceraraõ, e com elle aos dous, amigos, e màis a Dama; e incontinente lhe foi feito summario, sem que, ao menos, fosse elle ouvido. Quando o trouxéraõ a ouvir a Sentença, o estava esperando na passagem o Invejoso, que lhe disse em voz alta, que os seus versos naõ prestavaõ. Ora Zadig naõ blazonava de Poéta; indignava-se porem, que o condemnassem por crime de Lesa-Magestade, e que ficassem na prisaõ, por um crime, que elle naõ commetteu, uma Senhora, e dous amigos delle. Nem ainda que fallasse lhe foi con-

em Babylonia, declarar com solemnidade, quem no tractô daquelles 5 annos, obrära a máis generosa accaõ; e della éraõ Juizes os Sátrapas, e os Magos. Expunha o primeiro Sátrapa, Velador do socêgo da Cidade, as acçoẽs máis bizarras, que no seu governo, foraõ disferidas, e depois ìa a vótos; e a Sentença ElRei é quem a proferia. Corria, desde os confins do Mundo, a gente a esta solemnidade, em que das maõs Reáes, recebia o Vencedor uma taça de ouro, montada de pedraria, e com ella as razoẽs seguintes: « Accceita o galardaõ da gene» rosidade, e praza a Deos, que me dê elle » muitos Vassallos, que se te assemelhem ».

Vindo que foi o memoravel dia, appareceu ElRei no throno, accompanhado dos Grandes, dos Magos, e dos Deputados de todas as Naçoẽs, que vinhaõ a estas féstas; onde, naõ pela ligeireza dos Cavallos; naõ pelo vigor do corpo; mas sim pela virtude se conseguìa o prémio. Relatou, em vóz alta o primeiro Sátrapa as acçoẽs, que podiaõ a seus authores grangear éssa inextimavel gratificaçaõ, sêm nomear a generosidade com que Zadig entregou ao Invejoso todo o seu cabedal, acçaõ que desdenharia entrar com outras em pleito, para o galardaõ.

Nomeou o Sátrapa em cabeça de lista um Juiz, que foi causa (dado que inculpavel) que um Cidadaõ perdesse uma demanda de alto preço;

ço; mâs que reparou todavia o seu descuido, com dar-lhe quanto elle Juiz possuîa, o que orçava pela quantîa, que a parte perdêra.

Fallou depois n'um Mancebo, que amando estremecidamente uma Menina, com quem estava bem proximo a cazar, a cedeu com tudo a um amigo seu, porque o vio a pique de morrer dessa paixaõ; e de sóbra, com ceder-lhe a Sposa, lhe deu, de mimo o dóte.

Apontou máis um Soldádo, que na guerra da Hyrcania, déra máior abôno que esses, e fora tam generoso, que levando-lhe os inimigos a sua Dama prisioneira, quando elle màis bravo a defendia; vem dizer-lhe, que a alguns passos dalli, outros Hyrcanios lhe roubavaõ a Maẽ; córre a salva-la, entre prantos de naõ poder salvar a sua Dama. Tendo salvado a Maẽ, quér salvár subito a Dama;... eis que depára com ella, que espiráva. — Cuida em mattar-se; mas poem-se-lhe diante a Maẽ, e affigura-lhe o desamparo em que élla fica, se elle mórre... Pois teve córagem o Sóldado de dilatar a vida.

Já os Juizes propendiaõ para o Soldado, quando acóde ElRei, dizendo: « Grandiosas foraõ as suas acçoẽs, e tambem as dos outros; naõ me admiraõ porêm: sim a que hontem fez Zadig. Essa assombrou-me. Havia dias, que eu tinha desvalido Coreb, Ministro meu, e meu Privado; e até delle mui vehemente eu mesmo me quei-

xava: já todos os Cortezaõs me abonavaõ de clemente, e porfiavaõ a qual me dirîa màis mal de Coreb. Perguntei a Zadig qual éra o seu parecer, ousou dizer-me bem de Coreb. Confesso que tenho lido em nossos Annáes, que houveraõ homens, que com dinheiro sanearaõ descuidos, que cederaõ Damas, que anteposeráõ Maẽs aos empregos de sua affeiçaõ; mas Cortezaõ, que fallasse com elogîo em Ministro disgraciado, quando agastado o Soberano diz mal delle, — nunca tal encontrei nos Livros. Assim dou a cada um desses generosos, que nomeastes 20,000 dóbras de ouro, mas a Zadig a taça.

« Senhor (lhe diz Zadig) a taça, V. Mages-
» tade é quém ûnico a merece; que uma acçaõ
» fez, nunca atejóra ouvida: éra Rei, e naõ
» se aggravou de que lhe contradicesse a paixaõ
» um Sérvo seu ». Espantou a todos a acçaõ de ElRei, e a de Zadig. O Juiz, que deu o seu cabedal; o Soldado, que cazou a sua Dama com o seu amigo; e outro Soldado, que antepôz salvar a Maẽ ao salvar a Dama, todos receberaõ donativos do Monarcha, e viraõ seus nomes escriptos no Livro dos Generosos. Houve Zadig a taça, e ElRei obteve o renome de Princepe excellente, que naõ lhe durou muito. Dia foi este consagrado a màis dilatados festejos, que os encommendados pela Lei; e ainda hoje na Ásia, a memoria delle se consérva. « *Sou feliz* (dizia Zadig) — e se enganava).

O MINISTRO.

Achando-se ElRei sem primeiro Ministro, encheu o pôsto com Zadig; escôlha, a que todas as formosas Senhoras de Babylonia applausos dérão; por quanto desde que o Império tinha sido Império, nunca Ministro houvéra tam mancebo. Todos os Cortezaõs se agoniaraõ; escarrou sangue o Iuvejoso, e lhe inchou descompassadamente o nariz. Zadig, tendo agradecido a ElRei, e à Raînha a nomeaçaõ, foi tambem dar graças ao Papagáio: « Ave gentil (lhe disse) » tu me salvaste a vida, tu me fizeste primeiro » Ministro; màis bem recebi de ti, do que re- » cebi damno da Cadélla, e do Cavallo de suas » Magestades. — De que lanços dependem os humanos Fados! Quem sabe quam cedo se desvanecerá tam estranha ventura? — Sim — (respondeu o Papagáio). *Sim* foi este que estupefez Zadig; mas como éra Physico de grande pôlpa, e como naõ tinha por eximios Prophetas os Papagáios, tornou lógo èm si, e cuidou em desempenhar (segundo suas pósses) o seu emprego.

Inteirou a todos do quanto é sagrado o poder das Leis; naõ molestou ninguem com o pêzo da sua dignidade; naõ assoberbou os vótos no Divan, onde cada Visir, podia, sem disgosta-lo, ser de encontrado sentimento. Se julgava um li-

tigio, naõ éra elle quem dava a Sentença, mas sim a Lei; se a Lei éra sevéra, elle a adoçava; se faltava Lei terminante para o cazo, combinava lógo a sua Equidade uma, que disséras, que a dictara Zoroastro.

Delle é que herdaraõ as Naçoẽs a prestante maxima, *Mais valc salvar um criminoso, que condemnar um innocente.* Tambem estava, em que tanto saõ as Leis para soccorrer os Cidadaõs, quanto o saõ para intimida-los. Desde os primeiros dias do seu Ministerio abrió a pórta franca a esse talento seu. Morrera na India um affamado negociante de Babylonia, que deixava dous filhos seus, por herdeiros, em quinhoẽs iguáes, lógo que houvessem dado estado a sua Irman; e màis 30,000 dóbras de ouro, de mimo ao filho, que constasse que màis o amáva. O màis vélho edificou-lhe um máusoléo; o segundo agigantou o dóte à Irman, com uma parte da sua legitima. — *O màis vélho* (diziaõ todos) *quér màis ao Páe, o segundo à Irman.* Ao màis vélho tócaõ as 30,000 dóbras.

Soube-o Zadig, e chamou-os um apoz outro. Disse ao màis vélho: « Teu Pâe melhorou da « ultima doença, e cedo chega a Babylonia ». — Bemdito seja Deos (responde o màis vélho) toda via caro preço me custou o seu jazîgo. — Veio o segundo, e repetio-lhe Zadig o mesmo dito. — Louvado seja Deos (respondeu o se-

gundo) Darei a meu Páé quanto possûo. Quizéra porêm, que naõ tirasse meu Pâe a minha Irman, o que já lhe dei. « Tens de ficar com » tudo (lhe tornou Zadig) e com as 30,000 » dóbras de mimo; porque màis que teu Ir- » maõ, a teu Páe amas ».

Tinha a dous Magos promettido casamento uma riquissima Donzélla; e tendo por alguns mezes recebido doutrinas d'um, e d'outro, se achou pejada: ambos a pediaõ por Esposa; porêm ella porfiáva em naõ acceitar por marido, se naõ a quem fez, que ella désse ao Império um Cidadaõ. — *Essa boa óbra* (diz um) *eu a fiz.* — Outro dizia — *Eu é que tenho esse mérito.* « *Por tronco desse fructo* (respondia ella) *acclamarei aquelle, que melhor educaçaõ lhe dér.* — Pario um filho, que um, e outro Mago pertenderaõ educar. Subio o pleito a Zadig; e este a ambos mandou chamar; ao primeiro perguntou: « *E que has-tu de ensinar ao Pupillo ?* — *As outo partes da Oraçaõ* (disse o Doutor) *a Dialéctica, a Astrología, a Demonomanía; o que é substancia, e o que é accidente, o que é Abstracto, e o que é Concréto, as Mónadas, e a Prestituta Harmonía.* — *Eu* (diz o segundo) *empenhar-me-hei em fazer que seja elle justo, e digno de ter amigos.* — *Sejas seu Páe, ou naõ* (sentenceou Zadig) *Tu a despozarás.*

AS DISPUTAS, E AS AUDIENCIAS.

Assim demostrava Zadig, de dia em dia, a agudeza de seu engenho, e a bondade da sua índole. Admirava a todos; e o que é màis, todos o amavaõ; e o tinhaõ pelo homem màis ditoso. Seu nome resoàva em todo o Império; e as mulhéres todas o olhavaõ pelo canto do ólho. Sua justiça todos os Cidadaõs a celebravaõ; como a Oraculo seu o contemplavaõ os Sabios; e por màis sabio, que o Archi-mago Yebor o tinhaõ os mesmos Sacerdotes. Quanto estavaõ entam elles arredados de lhe formarem procésso à conta dos Griphos! Tempo éra esse em que cada um cria o que lhe parecia crivel.

E ora durava em Babylonia, além de 1500 annos cérta disputa, que dividia o Império em duas profiadas seitas, uma das quáes pugnava que no Templo de Mithra, com o pé esquerdo se devia encetar a entrada; a outra seita, detestando tal costume, entrava sempre com o pé direito; e para a solemnidade do *Fógo sácro* apontavaõ as esperanças, e alli verem com que pé Zadig entrasse, e julgar dahî, qual das Seitas séria a sua mimosa. Nos dous pés de Zadig tinha todo o Universo os ólhos fitos; toda a Cidade estava alvoroçada, e suspensa. Que faz Zadig? Salva a pés juntos o lumiar do Templo, e n'um eloquente arrezoado, lhes próva que

naõ faz acceitaçaõ de pessoas o Deos dos Céos, e da Térra; nem màis caso faz da pérna direita, do que da esquerda. A cujo arrasoado achacaraõ o Invejoso, e sua Mulhér cérta mesquinhez de Hypotiposis, e Metonymias, e naõ haver nelle dansas de montes, nem ainda ao menos de outeiros. — *Naõ vimos* (diziaõ) *fuga de màres, quèdas de astros, sóes derretidos etc. Naõ é fecundo, é sécco; falta-lhe a finura do stylo Oriental.* E Zadig? Zadig contentava-se com ter o stylo da razaõ; e do seu vóto eraõ todos: naõ porque elle seguìa o melhor trilho, naõ pelo seu acerto, nem pelo muito que se dáva a querer; mas porque éra primeiro Visir.

Pelo mesmo theor cortou rente a grande demanda, que corria entre os Magos pretos. Aseveravaõ os Brancos que éra impiedade no hynverno orar-mos a Deos, com a cara voltada para o Oriente; e os Prêtos affirmavaõ, que se horrorisava Deos de quem voltado para o Poente lhe fazia oraçoẽs, no Estìo. Mandou Zadig que se voltassem, como quizéssem.

Atinou tambem com o segredo de despachar de manhan os negocios, assim geráes, como particulares; e entreter-se no màis resto da dia, em afformosar Babylònia. Mandava representar Tragedias, que fizessem chorar, e Comedias, que fizessem rir, que (muito havia) naõ andavaõ em moda. Fez com que ellas resurgissem; que o

entendia elle assim : naõ já que se désse por melhór entendedor ; que os déssa Arte ; mas sim porque os remunerava bem, e bem os distinguîa, naõ sendo homem, que cobrasse ciumes dos talentos de ninguem. A's noites, divertîa muito a ElRei, e a Raînha. — *Grande Ministro !* (dizia ElRei) E a Raînha dizia : — *Amavel Ministro !* E lógo ambos : « Que pena, fôra a de o haverem enforcado ! ! !

Nenhum Visir, em similhante posto, se vio obrigado a dar tantas audiencias a Senhoras, muitas das quáes lhe vinhaõ fallar em dependencias que naõ tinhaõ ; para a terem unicamente com elle. E déssas foi a primeira a Mulhér do Invejoso, que lhe jurou por Mithra, por Zenda Vesta, e pelo Fógo sácro, que sempre abominara o termo de seu Marido, para com elle ; e lhe disse em ségredo, que seu Marido éra um Cioso, um Brutal ; dando-lhe, a entender, que bem castigado andava dos Numes, que lhe negavaõ os preciosos effeitos do sagrado fógo, que poem nos homens assomos de divinos ; e rematou, com deixar cahir no chaõ uma liga sua, que Zadig, com a sua costumada cortezania, ergueu, mas têve o descuido de naõ a atar na pérna des-ligada. Erro foi esse, que lhe ella nunca perdoou, e que foi depois a nascente de seus màis lastimosos infortunios. Cahio da lembrança esse acaso a Zadig ; mas naõ a ella, que màis que muito o memorou.

Todos os dias vinhaõ Senhoras à audiencia; e contá-se (às encubértas) em Babylonia, que uma vez cahira com uma: e que muito estranho ficara de que se tivesse gozado della, sem appetite, e de que distrahido a abraçara. Ora essa, a quem, sem quasi dar tento, demostrou abonos de protecçaõ, éra uma Aya da Raìnha Astarte, que para consolaçaõ sua, dizia entre si: « Mui sobejos dévem de ser os negocios, » que lhe pejaõ o juizo, que nem dá tino de si; » quando acaricìa as Damas! » Nos lances, em que muitos nem palavra dizem, ou se as dizem saõ sagradas, escapou por desatento a Zadig, exclamar: « *A Raínha!* » Do que a Aya creu, que dando, naquelle feliz instante, acôrdo de si, disséra: « *Minha Raînha!* » Mas Zadig, distrahidissimo (como sempre) soltou o nome de Astarte. Ainda a Aya o interpretou a seu favor, como se lhe ouvira dizer: « *E's màis linda, que a Raínha Astarte;* e sahio do Serralho de Zadig custosamente brindada, e lógo foi contar a sua Dita à Mulhér do Invejoso, que picada, de que lhe fosse aquella preferida: « *E a mim* » (rompeu irada) *que nem se dignou sómente* » *de me apertar uma liga!* » Vái-te liga; que nunca màis me servirei de ti. — *Ay!* (diz a affortunada à Invejosa) *Ay! que tens umas ligas, como as da Raínha! Compraste-as na mesma lóge?* Naõ respondeu: e depois de muito ima-

*

ginar, foi-se ter consulta com seu Marido.

Deu fé Zadig, que lhe vinhaõ sempre distracções, quando dava audiencias, sem atinar d'onde ellas lhe procediaõ; e dissaboreava-se. Veio-lhe um sonho, em que de primeiro se julgava em cama de hérvas séccas, e entre ellas algumas que o picavaõ, que o molestavaõ; depois repousava n'uma cama de rosas, da qual sáhia uma Serpente, que com a trisulca, e empeçonhentada lingua, o mordia no coraçaõ. « Ay » triste! (dizia comsigo) Sobre hérvas, e picantes já eu jazi bem tempo; agora durmo sobre rosas. Mas a Serpente. . . .

O CIUME.

Do seio mesmo da felicidade, e mais ainda do mesmo merecimento seu abrolhou a Zadig a sua desventura. Tinha todos os dias conversaçaõ com ElRei, com Astarte sua augusta Esposa; e como os primores da sua prática dobravaõ de preço, inspirados pelo dezejo de agradar (que valem, á cerca do engenho, o que valem os atavîos ácerca do formosura) o viço dos annos de Zadig, e as muitas prendas suas foraõ calando no animo de Astarte, sem que ella o percebesse. No seio da innocencia medrava a amorosa paixaõ; e sem scrupulo, e sem receio se entregava a Raînha ao prazer de ver, e de escutar um homem querido do seu Esposo, e de todo o

Reino. Naõ se cansava de o gabar a ElRei; a cada instante fallava nelle às suas Criadas, que requintavaõ entam em seus louvores. O que servia a lhe encravar màis no peito a flecha, de que ella inda naõ sentia a dor. Presenteava a Zadig com mimos, que encerravaõ màis galanteio, que nelles ella imaginava. Cuidava ella fallar-lhe, como Raînha contente dos serviços seus; mas os termos, às vezes, éraõ de mulher já affeiçoada.

Éra Astarte màis formosa que Semira, que tanto aborrecia tórtos; màis formosa que Azora, que quiz cortar o nariz ao seu Esposo: e ora da familiaridade, e conversaçoẽs com Astarte; que já dellas começava a córar, da ternura tambem dos ólhos della, dado que ella forcejava em arreda-los de Zadig, e que sempre encaravaõ com os delle, se lhe ateou incendio tal, que elle mesmo de si pasmou. Combateu, clamou à Philosophia que o soccorresse, e dessa mesma Philosophia, que sempre lhe valera, tirou clarezas, naõ tirou alivio. Quáes justiceiras Divindades lhe reluziaõ ante os ólhos, o seu Devêr, a Gratidaõ, a Soberana Magestade offendida; e posto que combatia, e triumphava; a victoria, que cumpria que de si ganhasse, lágrimas, e gemidos lhe custava. Nem já se atrevia a fallar à Raînha com a amena confiança, que tanto encanto para ambos tinha; os ólhos se lhes toldavaõ de nuvens, as fallas se lhes soltavaõ com forcejo, e desman-

chadas; baixavaõ a vista.; e quando os ólhos de Zadig acertavaõ com os de Astarte, os viaõ humidos de pranto, e disparar-lhe farpoẽs accesos. Davaõ idéia de uns a outros se dizerem: « *Ama-*
» *mo-nos, e receamos de nos amar; e em cham-*
» *mas, que reprovamos, ardemos ambos* ».

Perdido de animo, e como fóra de si, se despedio Zadig: levava no coraçaõ um pézo, que o assoberbava; tam violento, e tam ansiado, que ao seu amigo Cador lhe reveu o segredo. Vio nelle um homem, que havìa muito tempo, que em si mordia as lancetadas de acerba dor, e que malsinaõ a mágoa, que dentro do peito anda laborando, com um ay, arrancado pelo insoffrimento, com as frias bagas, que pela face lhe assinalaõ regos.

Entam lhe diz Cador: « Agora é que penetro em ti o âmago dos pensamentos, que tu até de ti mesmo encobrir quizéras; mas trazem as paixoẽs devisas táes, que naõ consentem azos ao engano. Péza bem no teu animo, se eu li ao claro as lettras de teu coraçaõ. Péza o que será de ti, se ElRei chega a descobrir a offença, que lhe balançéas na alma. ElRei, que outro desar naõ tem, se naõ o dos Ciumes, em que a todos sobrepuja. Assim é, que com màis força, do que a Raînha, porque és philosopho, e porque és Zadig, resistes à tua paixaõ. Astarte é mulher, e nella fallaõ tanto màis imprudentes os ólhos, quanto ella se naõ considera ainda

por culpada, e que affiançada ainda na sua innocencia, se descuida do que requérem os exteriores. Se tu, se a Raînha estivésseis já de acôrdo, traçarieis mòdo-de illudir os alheios ólhos; mas paixoẽs noviças, e pelejadas rebentaõ, ao passo que o amor sabe occultar-se, quando se considéra satisfeito. Estremeceu Zadig ante o conceito de ser aleivoso ao seu Rei, ao seu Bemfeitor; sendo-lhe entam màis que nunca leal, quando o offendia c'um delicto involuntario. A Raînha tam a miudo proferia o nome de Zadig, de tal rubor se lhe tingia o semblante, ao proferi-lo; tal viveza, e ora tal enleio se apoderava della, quando em presença de ElRei fallava a Zadig, e em tal meditaçaõ se profundava, quando Zadig sahia dalli, que ElRei se desasocegou; principalmente quando reparou, que as chinéllas da Raînha éraõ azues, e azues tambem as de Zadig; amarello o turbante de Zadig, e amarrellas tambem as fitas da Raînha. Ahi foi o dar por cérto o que via, e imaginar o que naõ via. Com indicios tam perniciosos, voltaraõ-se, no animo desabrido d'um Monarcha melindroso, em realidades as suspeitas.

Como saõ espias dos coraçoẽs dos Reis, e dos coraçoẽs das Raînhas, os Escravos que os sérvem, atinaraõ estes (e quanto antes!) que éra amante a Raînha, e ElRei cioso. Accréce,

que empenhou o Iuvejoso á sua Esposa, a que enviasse a ElRei a liga da sua pérna, que por coroa da disgraça succedeu ser azul, e parecida com as da Raînha. Ei-lo o Monarcha rematado em tirar vingança! Já quér envenenar a Raînha, nessa mesma noite, e dar garróte a Zadig, apenas que o dia aponte; ordens, que lógo deu a cérto Eunucho, desalmade verdugo de suas tyrannias. Acaso se encontrou entam no quarto um Anaõ, que éra mudo, mas surdo naõ; e como fosse animal doméstico, de quem se naõ resguardavaõ, espreitava ainda os màis reconditos segredos. Ora esse mudo éra muito da devoçaõ da Raînha; e como tal ouvio com tanto espanto, como horror, a ordem de sua mòrte. Mas como prevenir o transe, que dalli a poucas horas tinha de realisar-se? — Naõ sabia escrever; mas sabîa debuxar, e um retrato seu éra a pessoa ao vivo. Debuxou pois a ElRei abrazado em furores, n'um canto do quadro, passando as ordens ao Eunucho; e em cima d'uma meza, um cordél azul, e uma taça; ao pé della ligas azues, e fitas amarellas; no meio do quadro, a Raînha quasi expirando nos braços das Criadas, e a seus pés Zadig garróteado. Vinha assomando o Sól pelo horizonte, em signal de que aos primeiros ráyos de Auróra se havia de perpetrar o feito. Acabada a pintura, vái de corrida ao aposento de uma Aya de As-

tarte ; acórda-a, e faz com que subito léve à Raînha o quadro.

Bátem (quando irìa a noite em meio) à porta de Zadig, dispertaõ-no, e lhe entrégaõ um bilhette da Raînha. Duvìda Zadig se é sonho; e com trementes maõs descérra a Carta. E qual foi o espanto delle, e quem poderá exprimir qual foi a sua consternaçaõ, o seu desatino, quando táes palavras lêu : « *Fóge — e já; que te arrancaõ a vida. Fóge, Zadig; o meu amor t'o ordena, e as minhas fitas amarellas. Eu naõ me sinto culpada; e morrer criminosa me afflige.*

Faltaraõ-lhe a Zadig para fallar as fòrças. Mandou chamar Cador, deu-lhe o bilhette, sem lhe soltar uma só palavra. E Cador lhe disse : « Obedece, e parte já; via de Memphis ». Se vás ter com a Raînha (diz màis Cador) a mórte lhe acceléras; e a pérdes, se com ElRei fallas. Ségue os fados teus, que eu os della sobre mim os tómo. Deitarei boáto, que te encaminhaste para a Índia : eu irei ter comtigo, e te darei conta do que tiver passado em Babylonia.

Mandou-lhe pôr lógo à pórta falsa do Palácio de Zadig dous caminhantissimos dromedarios; e foi preciso, porque Zadig montasse, segura-lo; que se via nas ultimas da mórte; no outro montou um Criado; nem tardou muito que naõ perdesse de vista o seu amigo, o stupefacto, e saudoso Cador.

Depois que transpoz o illustre fugitivo um outeiro, d'onde se avistava ainda Babylonia, voltaraõ-se-lhe os ólhos para o Palacio da Raînha, e cahio n'um deliqnio, d'onde apenas vindo a seu acordo, se debulhou em lágrimas, chamou pela mórte; e entranhado o pensamento no deploravel destino da màis amavel das mulhéres, da primeîra Raînha do mundo, recolhido em seu conceito, exclamou assim: « Que é a vida? E de que, oh Virtude, me hàs » tu servido? Duas mulhéres indignamente me » enganaraõ, e a terceira, que a todas as for» mosas vencia em formosura, muito innocente » mórre Manancial de maldiçoẽs me tem sido a» téquì todo esse bem, que fiz. Se subi ao cìmo das » grandezas, foi para me despenharem na maior » profundeza do infortunio. Fóra eu ruîn, como » tantos outros, e ver-me-ia feliz como elles ». Accurvado com reflexoẽs táes, e toldados com véos de mágoa os ólhos, infiado, e quasi mortal o rosto, a alma affogada no pégo de taciturna desesperaçaõ, continuava Zadig a estrada para o Egypto.

A MULHÉR ZURZIDA.

Pelas estrellas ia guiando o seu caminho. Aquì o Syrio, astro brilhante, allì a Constellaçaõ de Orion o governavaõ para o pólo de Canopo:

e ìa admirando esses vastos globos de luz, que à nossa vista, assemelhaõ apenas minimas faiscas; ao passo que à nossa cubiça nos parece cousa tam nóbre, e tam grande a Terra, que apenas é um ponto imperceptivel na vastidaõ da Natureza. Entam é que considerava os homens, quáes elles com effeito saõ — inséctos; que por uma migalha de lôdo, se engolem uns a outros. Esse quadro, que é delles a vera effigie, lhe ìa aniquilando os seus desastres, com lhe representar o *nada* que elle éra, e o *nada* que éra a affamada Babylonia: e ìa-se-lhe a alma alando ao Infinito, quando, desprendida dos sentidos, contemplava a immutavel ordem deste Universo. Quando porêm voltando a si, entrava nos reconditos seios do coraçaõ, via allì nelles mórta, por amor delle, a Raînha Astarte. Dos ólhos lhe desapparecia entam todo o Universo; nem outra cousa via, senaõ a Astarte mórta, e a Zadig desventuroso.

Neste fluxo, e refluxo de sublime philosophia, e de mágoas incomportaveis embebido, apontava já às fronteiras do Egypto, e já o fiel Criado lhe andava, por aquelles primeiros contornos, buscando cómmoda pouzada. Passeava Zadig em tanto pelos hôrtos, que orlavaõ a povoaçaõ — eis que ouve, e naõ longe da estrada real, miserar-se uma mulhér, e clamar soccorro ao Céo, e à Térra; e em seguimento seu um homem

todo iras, que alcançando-a (a pezar de ella o abraçar pelos joelhos) amiudava nella mui máo tratamento de palavras, e de maõs. Lógo assentou Zadig, visto o violento theor do Egypcio, e os repetídos perdoẽs, que a Moça lhe pedîa, ser elle algum cioso, ella alguma desteal; mas reparando tambem no quanto ella sobrelevava a muitas em belleza, e os muitos ares, que dava da desfortunosa Astarte, grande foi o condoimento que teve della, e grande o horror que concebeu da acçaõ do Egypcio. « Acó« de-me (gritava a mulhér, entre soluços, » a Zadig) tira-me das maõs do màis bárbaro » de quantos homens há; salva-me a vida ». Zadig, que da lingua Egypcia tinha alguma intelligencia, disse ao Egypcio: « Se acaso há em ti porçaõ de humanidade, respeita-lhe a celeste formosura, respeita-lhe a fraqueza feminil. Ultrajares assim um esmêro da Natureza, que tens de joêlhos, a teus pés! e que outras armas naõ tem com que se defenda, se naõ lágrimas!... — Ah, ah! (lhe tórna o despropositadó Egypcio) — tambem tu és dos seus esperdiçados? Em time — vingarei. — E nisto sólta das maõs a madeixa, traça uma lança, arremette ao Estrangeiro — mas este, que se achava mui de sangue frio, evitou facil a lançada d'um furioso, antes lhe travou da lança, pelo cabo em que o ferro a esponta; e forcejando ambos, um pela desem-

pachar, e outro pela tirar das maõs, a partiraõ em duas. Aquî foi arrancar da espada o Egypcio, e Zadig tambem da sua; ei-los que investem. O Egypcio amiuda desatinados gólpes, que Zadig rebate com destreza... E no emtanto sentada n'um altozinho, compunha a Dolorida o penteado, e via os dous brigarem. Era o Egypcio màis robusto, mas Zadig máis déstro; e assim combatia como homem, cuja cabeça regia o braço; e o outro como um cégo enfurecido, e arremessado. Zadig entra por elle, desarma-o; e ao tempo que o Egypcio se atira a elle, Zadig o tóma pela cintura, o derriba em térra, e co'a espada affincada ao peito, lhe promette quartel. Entam o Egypcio desacordado léva d'um punhal, e o fére, quando este lhe estava perdoando. Indignado Zadig lhe encrava entam a espada nas entranhas; e o Egypcio arranca um grito horrendo, e barafustando mórre. Vái lógo Zadig ter com a Dama, e com submissa voz lhe diz « Forçou-me elle a que o mattasse, » e tambem vinguei-vos. Livre estáis do màis » violento homem, que hei jamàis visto. Que» reis de mim outro algum serviço? » — Que morras (gritou ella) malvado; morras! que me mattaste o meu amante! Ah! quem te despedaçara o coraçaõ! — « Tinheis um amante » bem destampado (lhe tornou Zadig) que vos » derreava, e que me queria despedir da vida,

» porque me pedisteis que vos valesse. » — Oxa-
— lá (replicou ella, com ainda maior grito)
— que elle me maltratasse ainda, que bem
— lh'o merecia eu pelos ciumes, que lhe dei.
— E oxalá que ainda elle me desancasse; e que
— tu estivesses como elle está. — Zadig màis
enleiado, e màis cholérico do que nunca o
fôra em sua vida, lhe responde: « Bem mere-
» cerieis, dado que formosa sejáes, que eu tam-
» bem provasse em vòs as maõs, já que tam
» disparatada sois; mas é trabalho, que eu naõ
» tomarei ». E com isto montou no Camello, e
pôz rosto no lugarejo, onde havia de pouzar.
Poucos passos terìa andado, eis, que se vólta
ao ruido que faziaõ quatro postilhoẽs de Baby-
lonia, que vinhaõ à desfilada. Um delles, mal
que vio a mulhér, gritou lógo: *E' ella! Ella
é toda inteira, qual no-la delinearaõ.* E sem
se empachar do que alli ficava morto, pégaõ
subito na Dama, que chamava por Zadig a al-
tos brados: — Acóde-me, Zadig, e toda a mi-
nha vida serei tua. — Mas Zadig tinha-se
descartado já da vontade de brigar por ella.
« Vái lograr quem te naõ conheça, que eu jà
» tenho de sobejo » (lhe tornou Zadig) E ora
elle sentia-se ferido, e queria atalhar o san-
gue, que via estar vertendo; e de màis que
lhe davaõ muito sobresalto os quatro Postilhoẽs,
mandados por ElRei Moabdar: pelo que vái

màis-que de passo buscar aposento; sem pensar porque razaõ quatro Correios de Babylonia arrebataraõ a formosa Egypcia, cujo caracter lhe dava assaz em que imáginar.

A ESCRAVIDAO.

Elle que entrava pelo Egypcio lugarejo, e já se vê cingido da turba do Pôvo, e cada um a vozear: — *Roubou a bellu Missouf; mattou Cletofis; é elle.* « Senhores, (clamava Zadig) Livre-me Deos de roubar Missouf, e seus extravagantes caprichos. Cletofis foi morto em propria defeza; que me quiz mattar, por lhe pedir eu, que perdoasse à formosa Missouf, que elle despiedosamente maltratava. Estrangeiro, busco entre vós asylo; e naõ é de crer, que vindo implorar o vosso amparo, entrasse a desmerece-lo, roubando uma Dama, e homicidiando um Egypcio ».

Eraõ entam os Egypcios varoẽs justos, e humanos; e como táes levaraõ Zadig à Camera da Cidade, cuidaraõ-lhe na ferida; e para atinarem com a verdade, entraraõ a fazer-lhe separadamente perguntas, e ao Criado: Ficou averiguado, que Zadig naõ fôra voluntario homicida; mas como tirou a vida a um homem, a Lei o condemnava a ser escravo; e como a tal lhe venderaõ lógo, a proveito do Pôvo, os

dous Camellos; e todo o dinheiro, que Zadig trazia comsigo, foi repartido pelo habitadores da tal aldeia, póstos em leilaõ, sem falta, na Práça publica Zadig, com o seu Companheiro de jornada. Arrematou-os Setoc, mercador Arabe, que vendo no Criado màis fornimento de membros para o trabalho, o comprou máis caro, do que ao Amo: trocando assim, por outra nóva, a desigualdade antiga; ficando Zadig subordinado ao que antes fora servo seu. Passaõ-lhes a ambos boa braga, com sua corrente, e seguiraõ assim seu Dono até à pouzada em que vivia lá na Arabia; e pelo caminho ĩa Zadig consolando o Criado; porque sobrelevasse com soffrimento os revêzes da Fortuna; e por uso usado reflectindo nestas vezes da humana vida.
« Eu vejo que tambem te alcança a minha sina
» desastrosa; e que d'avêsso me acontece tudo.
» Condemnaõ-me em mulcta, porque vi passar
» uma Cadélla; quasi que me punhaõ no Caloête
» (1), por causa d'um Grypho; ĩa ao supplicio,
» por versos em louvor de ElRei; estive a ponto
» de me darem garróte, porque a Raînha usou
» fitas amaréllas; e eis-me ora escravo, e tu

---

(1) Páo bicudo, que espetaõ pelo trazeiro aos padecentes. — Gouvea. Histor. do Arcebispo D. Aleixo.

» comigo, porque um brutal zurzia a sua Dama.
» Naõ descorçoemos; que talvez tenha isto ca-
» bo. Necessitaõ de escravos os Arabios Merca-
» dores: porque naõ sereì escravo, como os
» outros, eu que homem como elles sou? Será
» por ventura tam desalmado este Arabe, que
» naõ trate brandamente os sérvos, se quizér,
» que bem o sirvaõ? » Assim o diziaõ as vózes;
mas no coraçaõ profundavaõ as mágoas à cerca
da calamidade de Raînha.

Dalli a dous dias partio para a Arabia deserta Setoc com os seus escravos, e Camellos, que lá, para os descampados de Oréb, demorava a sua Tribu. Foi o caminho comprido, e affadigoso; e em todo elle fazia Setoc màis apreço do sérvo, do que do amo; porque sabîa o sérvo, melhór que o amo, os Camellos carregar; assim para o sérvo todas as benevolencias descambavaõ. Duas jornadas à quem do Oréb morreu um dos Camellos, cuja carga se distribuio pélos escravos, e della coube seu quinhaõ a Zadig. De os vêr a todos ajoujados com a carga soltou Setoc marés de riso; mas desse acaso mesmo tomou Zadig licença, para explicar-lhe a cauza, e dar-lhe conta das leis do movimento; que tanto admiraraõ a Setoc, que dalli avante o olhou com outros ólhos. Como Zadig atinasse com o que lhe dispertava a curiosidade, lh'a duplicou ainda com inteira-lo de muitas noticias

mui valedoras no seu commercio; como dos especificos pezos dos metáes, das mercadorias em ignáes tamanhos; do préstimo de muitos animáes de que nós servimos, e da maneira de conseguir que outros, de que naõ vsamos, nos sirvaõ. Já, no conceito de Setoc, éra tido Zadig por um Sabio; e tanto assim, que o preferio ao Camarada, que tanto estimava de primeiro; já o tratava tam bem, que nenhuma razaõ de se arrepender lhe dava.

Chegado Setoc à sua Tribu, cuidou em arrecadar certas 500 onças de prata, que em presença de testemunhas emprestara a um Judeo; mas o Judéo sabendo que éraõ ellas mórtas, e que náõ havia por onde o convencessem, appropriou a si o dinheiro do Mercador, dando graças a Deos, que lhe deparou traça de lograr um Arabio. Como de sua afflicçaõ Setoc desse a Zadig noticia, pois que já em tudo, conselho tomava delle, Zadig lhe perguntou: « Em que » sitio déste a esse falso Judeo as 500 onças? » Sobre uma pédra larga, que fica encostada á rayz do Monte Oréb (respondeu Setoc) « E de » que indole é o teu devedor? » (lhe diz Zadig) Da indole d'um manhoso velhaco (lhe tornou Setoc) « O que te pergunto (replicou Zadig) » é se pécca em assomado, ou pachorrento, se » é sonso, ou desboccado? » De todos os devedores (acodio Setoc) é o màis matreiro, que eu conheço.

conheço. « Bem está (continuou Zadig) con-
» sente, que eu, perante o Juiz, arrazoe a tua
» causa ». Foi citado o Judeo ante o Tribunal,
e orou Zadig assim : « Cabeceira do throno da
» Equidade, em nome do meu Patraõ, requei-
» ro deste homem, 500 onças de prata, que
» elle naõ quér restituir ». — Tens testemu-
nhas ? (disse o Juiz) « Naõ, que saõ mórtas
» (respondeu Zadig) mas ahî está uma pédra,
» sobre a qual foi contado o dinheiro; e no
» caso que haja por bem V. Grandeza manda-
» la vir a juizo, ella dará fé do feito. E em
» tanto, que à custa de Setoc, meu Senhor naõ
» comparece aquî a pedra, aquî ficaremos nós,
» e màis esse Hebreo. — Com bem seja (disse
o Juiz) e foi julgando os outros pleitos.

No fim da audiencia perguntou a Zadig : —
Chegou já essa pèdra ? Rio-se o Judeo, e mo-
tejando disse : — Naõ falta que esperar : sáiba
V. Grandeza, que há màis de seis milhas daquî
onde ella é; e que mal a pódem 15 homens re-
mover. Dou-lhe ate à manhan. — « Bem dizia
» eu (exclamou Zadig) que a pèdra faría fé.
» Elle que sabe onde a pèdra jaz, confessa,
» que sobre ella se contou o dinheiro ». Titu-
beou se o Judeo; e obrigaraõ-no a confessar a
divida; mandou máis o Juiz, que o amarras-
sem à tal pèdra, e que lhe naõ dessem de co-
mer, nem de beber, em quanto naõ pagasse

as 500 onças ; ãs quáes elle lógo repôz.

Ficaraõ em grande nomeada na Arabia o escravo Zadig, e a pèdra.

A FOGUEIRA.

Setoc se encantava com Zadig, e de escravo que este éra o passou ao gráo de intimo amigo; nem já (como outrora Moabdar) podia passar sem elle ; e grande ventura foi para Zadig naõ ter mulher Setoc. Foi, com o correr do tempo descobrindo Zadig em seu amo, rectidaõ, juizo, e cérta indole inclinada ao bem ; sómente se desgostava, quando o via adorar o exército Celeste (quéro dizer) o Sól, a Lua, e as Estrellas, segundo a antiga usança dos Arabes ; e com muita prudencia lhe toccou nesse ponto algumas vezes, até que em fim lhe disse, — que esses astros éraõ córpos inanimados ; e que assim naõ mereciaõ maior acatamento, que qualquer rochedo, ou qualquer árvore. — Mas (dizia Setoc) saõ eternos os astros, e delles nos procede todo o nosso bem ; elles animaõ a Natureza ; e màis que tudo, estaõ elles tam longe de nós, que requérem a nossa veneraçaõ. — « Maiores bens recebes tu (acodia Zadig) das » águas do mar Roxo, que te levaõ à India as » tuas mercancias : e quem lhes véda de tam e- » ternas serem, como os astros. E se, porque

» estaõ longe é que as adoras, adora os Gan-
» garidas (1) que lá no cabo do mundo móraõ».
— Naõ (replicou Setoc) mas os astros, por
mui resplandecentes, merecem que os adorem. —
Veio a noite, e Zadig accendeo na barraca,
onde haviaõ de cear, grande quantìa de tóchas;
e a penas pizou Setoc o lumiar da porta, que
Zadig se arroja de joelhos, ante as ceras accesas, e lhes óra assim: « Eternos, e rutilantes
» Luzeiros, sede-me sempre propicios ». Proferida essa oraçaõ, senta-se à meza, sem olhar para
Setoc. — Que fazes? (lhe diz Setoc, com admiraçaõ) « Faço o que tu fazes. Adoro essas lu-
» zes, e nenhum caso faço do Dono dellas, nem
» do meu ». Bem comprehendeu Setoc o profundo sentido desse Apólogo, e na alma lhe
calou a sabedoria do seu Escravo; nem dalli avante esperdiçou com os astros o seu incenso;
mas adorou sómente o Deos eterno, que os
creou.

Lavrara entam na Arabia um uso péssimo, de
origem Scytha, estabelecido já nas Indias; e
que, pelo crédito dos Bramenes, ameaçava in-

---

(1) Povos que habitavaõ às abas do rio Ganges;
Stuckio quér que sejaõ os Povos que hoje chamamos de Bengala. Vejaõ as notas de Frenshemio a Quinto Curtio, ediçaõ de Strasbourg in-4.°
de 1670.

vadir o Oriente inteiro. Se um marido morria, e queria a mulhér ser havida por sancta, sobre o corpo do marido se tinha de queimar viva. Késta éra mui solemne, e se chamava a *Fogueira da viuvez;* e por màis assinalada se julgava a Tribu, que contava màis mulheres assim queimadas. Mórto um Arabio da Tribu de Setoc, a mui devota Almona viuva sua aprazou dia, e hóra, em que ao som de atabales, e trombétas, se havia de arremessar ao fôgo. Inculcou Zadig a Setoc o quam contrario ao bem do genero humano êra esse hórrido costume, se deixavaõ cada dia assim queimar-se viuvas de pouca idade, que ao Estado podiaõ produzir filhos, ou quando menos dar criaçaõ aos já havidos; e fez tanto, que conveio Setoc, que uso tam barbaro bom fora (a ser possivel) destrui-lo. — Mas as mulheres (disse màis Setoc) que há màis de mil annos estaõ na pósse de se queimarem, quem ha hi que se atreva a desluzir uma Lei, que o Tempo há consagrado? Conhe-ces cousa, que màis respeitavel seja, que um abuso envelhecido? — « Màis vélha ainda que » elle (diz Zadig) é a Razaõ. Vái fallar aos » maioràes das Tribus, que eu me encarrégo da » Viuvà ».

Foi appresentado a Almona, a quem, depois de lhe captar a benevolencia com elogîos da sua formosura, e de lhe encarecer quanta per-

diçaõ éra lançar ao fôgo tam lindas prendas, lhe fez altos louvores de seu animo, e sua constancia. « Por cérto (lhe disse) que tinhas amor » extremo a teu marido ». — Eu ! (respondeu a Dama) por cérto que naõ. Que éra elle um brutal, um cioso, um homem insupportavel : e nada obstante, resoluta, e firme estou, em me queimar na sua fogueira. — « Far-me-heis » acreditar (disse entam Zadig) que mui regalado é o prazer, que sente quem se deixa » queimar em vida ». — Ay ! (responde a Dama) que só de ouvi-lo dizer estremece a Natureza. Mas ha-de ser : naõ tem remedio; que estou em opiniaõ de Beata, e perde-la-hia, se me naõ queimasse. — Depois que Zadig a fez concordar que só pelo *que diràõ*, e por méra vaidade se queimava, por tal theor lhe foi fallando, cérto prazo de tempo, que fez com que lhe viéssem appetites de viver, e até conseguio, que ella cobrasse affeiçaõ àquelle que lhe assim fallava. « E que farìas tu » (lhe disse Zadig) no caso que essa vaidade » de te queimar se te despedisse do animo ? — Ay ! ay! (respondeu ella) pedir-te que fosses meu Esposo. — Zadig, que mui embebido estava nas lembranças de Astarte, eludio essa declaraçaõ de amor, e foi subito tratar com os maioráes das Tribus, e contar-lhes o que éra passado : e tambem acconselhar-lhes, que insti-

tuissem uma Lei: que nenhuma viuva se queimasse, que naõ tivesse antes passado, só por só, uma hóra inteira com um mancebo. Ora é de saber, que desde essa Lei até agora, nenhuma viuva se queimou na Arabia; que se deveu unicamente a Zadig, destruir n'um dia uma crueldade, que tantos séculos durára.

Foi o Bemfeitor da Arabia.

A CEIA.

Setoc naõ podendo separar-se d'um homem em quem estava de morada a Sapiencia, levou Zadig comsigo à grande feira de Baçorá, à qual concorriaõ os maiores Negociantes de toda a redondeza: e foi grande a consolaçaõ de Zadig, quando vio juntos n'um sitio, tantos homens, e de terras tam longinquas. Parecia-lhe compor-se todo este Univérso de uma só familia, que se vinha juntar em Baçorá. Lógo no segundo dia, se encontrou à meza com um Egypcio, com um Indio, de ao pé do Ganges, com um Catháio, um Grego, um Célta, e muitos outros estrangeiros, que das Viagens, que faziaõ ao Golpho Arabico, tinhaõ tomado sufficiente lingua, com que se déssem a entender. Demostrava o Egypcio grandissimo agástamento. « Que » abominavel térra! (dizia) engeitarem em » Baçorá, por mil onças de ouro a melhór mer» cadoria, que nunca se vendeu! » — Como

assim ? (lhe perguntou Setoc) E que mercadoria é éssa ? — « E' o cadaver de minha Tia (respondeu o Egypcio) que campou no Egypto
» pela màis machucha mulhér ; e que sempre
» andou em minha companhia. Como me mor-
» reu em caminho, fiz della uma Mumia a màis
» preciosa, que póde haver. Se eu a quizésse em-
» penhar na minha Patria, dar-me-hiaõ por ella
» quanto eu pedisse. E' cousa espantosa, que
» nem se quer mil onças de ouro me queiraõ
» aquì dar por tam abonada mercancia ». Bem enfadado, como o viaõ, lançava (nada menos) maõ a uma excellente gallinha cosida... Eis que um Indio lhe trava do braço, e magoado lhe exclama : « Que fazes, homem ? » — Cómo esta gallinha. — (disse o homem da Mumia) « Vê o
» que fazes ! (diz-lhe o do Ganges) Quem te
» affirma, que para o corpo dessa gallinha naõ
» passoú a alma de tua Tia, e te vês no lance
» de coméres a defunta ? Cozer gallinhas é ul-
» trajar manifestamente a Natureza ». — Que me vens cá tu co'a Natureza, nem co'as gallinhas ? (lhe replicou o cholérico Egypcio) A nós ? que adoramos um Boi, e comemos Boi ! —
« E vossês adoraõ Boi (disse o Gangético) — E
— que tem isso ? (diz o da Mumia) 135000 annos
— há que assim o usamos, e ninguem achou a-
— inda que retrincar. — « Uy ! (tórna-lhe o
» Indio) 135000 annos ! Encarecida é a somma !

» Há (quando muito) 48000 annos, que se po-
» voou a India, e vossês forçosamente tem de
» descender de nós. E óra Bramá prohibio que
» comessemos Boi. E vossês poem Boi no altar,
» e no espêto? » — Donoso diche é o vosso
— Bramá (acodio o Egypcio) Que val ahi Bra-
— má à vista de nosso Apis? Que aventesmas
— tem elle feito o tal Bramá? — « Bramá (re-
» trucou o Brâmene) ensinou os homens a lêr,
» e escrever: a elle déve o mundo todo o jogo
» do Enxadrez ». " Enganas-te. (interrompeu-
,, os um Chaldeo, que pérto delles se achou)
,, Ao peixe Oannéz saõ devidos tamanhos bene-
,, ficios; a elle compéte só lhe sejaõ os cultos
,, dados. Todo o Universo vos dirá que Oannés
,, éra um Ente Divino, que tinha o rabo dou-
,, rado, tinha face de homem muito gentil; e
,, sahia fóra de agua tres horas cada dia a pré-
,, gar ao Povo. Teve muitos filhos, que todos
,, foraõ Reis, como bem sabido é. Comigo trago
,, o seu retrato, que como devo, reverenceio.
,, Comer Boi, a bel prazer, é permittido: mas
,, coser peixe.... isso é que é grandissima im-
,, piedade. Alem de que vossês ambos saõ de
,, origem pouco fidalga, e mui moderna, para
,, poderem altercar comigo. Por quanto se os
,, Indios contaõ 48000, e os Egypcios 135000,
,, nós temos Folhinhas de 4000 séculos. Creiaõ
,, no que eu creio; destérrem de seus animos

,, táes dislates; que a cada um de vossés darei
,, um rezisto muito guapo de Oannéz. ,,

Entrou aqui a fallar cérto homem de Cambalu, e disse: — Respeito muito Egypcios,
— Chaldeos, Celtas, Grégos; respeito Bramá,
— Apis Boi, e Oannéz formoso Peixe: mas
— póde ser que *Li*, (1) ou *Tien* (como lhe qui-
— zérem chamar) valha Bois, e valha Peixes.
— Do meu Payz naõ fallo; que elle só vence em
— grandeza India, Chaldéa, e Egypto juntos;
— nem tambem pleiteio antiguidades: que ser
— feliz é tudo, ser antigo pouco: e se Folhi-
— nhas válem, Folhinhas saõ as nóssas, que
— as compra toda essa Asia; e já as tinhamos,
— e bem condicionadas, quando a Chaldéa nem
— arithmetica sabia. —

« Ignorantissimos saõ vossês todos (sahio o
» Grego a campo) que naõ sabeis que o Cháos
» de tudo é Páe, e que o Mundo qual vós o
» vedes o conformaraõ assim a Matéria, e màis
» a Forma ». E foi assim galrando a fio, até que lhe cortou a falla o Celta, que bebendo à larga, em quanto os outros estivéraõ disputando, julgou ter máis saber em si, que todos os máis, com

(1) *Li*, termo Chim que, em sentido proprio, quér dizer « *Luz natural.* » *Tien* que significa *Céo*, e tambem *Deos*.

vóto a mares: — Fallem-me ahi em Teutâtes;
— fallem-me em Gui de Enzinha; (1) que elles
— sós merecem que se nelles fallem. Eu sempre
— na minha algibeira trago Gui. Os Scythas
— meus avoengos foraõ os unicos homens de
— pórte, que o Mundo conheceu. Verdade é
— qué comiaõ gente, às vezes: mas naõ tira
— serem elles naçaõ, que muito venerada mereça
— ser. E haja quem abocanhe em Teutates, que
— tem de me provar as maõs. — O debate se
foi esquentando de sorte, que Setoc vio o caso
em termos de vir a sangue. Zadig, que sem fallar
ouvira tudo, por fim se ergueu, e endereçando-se
primeiro ao Célta, que parecia o màis
assomado, disse-lhe que tinha razaõ, e pediolhe
Gui. Ao Grego louvou-o de bem-fallante, e
foi assim abonançando os màis tempestuosos:
poucas palavras gastou com o Catháio, (2) que

(1) Planta parasita, que nasce nos ramos de árvores, como Pereiras, Carvalhos, etc. Em quanto á veneraçaõ, e uso que della faziaõ os Druidas, seria muito longo pô-lo aquî em nota; appontarei sómente aos curiosos a Encyclopedia, como um Oceano de erudiçaõ de Gui, onde podem nadar a braços largos.

(2) Que acima chamou o A. homem de Cambalu, cidade do Cathai, e Cathai regiaõ onde

de todos fora o de màis sizo, e findou dizendo:
« Sois todos da mesma opiniaõ, e quereis bri-
» gar? » Maravilhándo-se todos deste seu di-
zer, volta-se elle para o Célta, e diz-lhe: « Naõ
,, é verdade, que naõ é o Gui, a quem tu ado-
,, ras, mas sim o Deos, que creou o Gui, e
,, creou a Enzinha? ,, — Seguramente (respon-
deu o Célta). — " E tu, Senhor Egypcio, naõ
,, adoras tu no Boi o Deos, que creou os Bois?
— Sim (disse o Egypcio). — " O Peixe Oan-
,, néz cède a quem fez os Peixes, e fez os gran-
,, des màres? ,, — Por cérto (acodio o Chaldeo).
,, O Indio, e o Cathàio reconhecem, como tu,
,, um primeiro principio; e dado que eu naõ
,, comprendi bem as admiraveis cousas, que o
,, Grego disse, seguro estou, que tambem elle
,, admitte um Ente Superior, de quem depen-
,, dem a Forma, e a Matéria. ,, Muito assom-
brado do que ouvia, disse o Grego a Zadig,
que bem acertado tinha com o seu conceito.
" Pois que todos convindes n'uma Superior Di-
,, vindade, para que há hi ferros arrancados? »
Lógo todos se abraçaraõ; e Setoc vendidas a

---

nascera Angélica famosa Heroina, que tanto fez andar a cabeça à róda a Roldaõ, e a Reinaldos, como se póde vêr em Ariosto, no seu *Orlando furioso.*

alto preço, as suas mercancias, se recolheu à sua Tribu com seu amigo Zadig; e este, apenas chegado, achou a noticia, que em sua ausencia lhe fizérao summario, e que o queimavaõ a fogo lento.

A HORA APPRAZADA.

Em quanto peregrinava Zadig por Baçorá, tinhaõ resolvido os Sacerdotes das Estrellas de lhe darem castigo; por quanto herdavaõ elles das Viuvas, que se queimavaõ, as jóyas, e mais ornatos; e assim o menos, que lhe intentavaõ fazer éra remette-lo à fogueira, pelo desfalque dessa parcélla. Accusaraõ pois Zadig de que sentìa mal do Exército Celeste: depondo e jurando, que lhe ouviraõ dizer, que as *Estrellas se naõ punhaõ no mar;* blasphemia horrisona, com que os Juizes estremeceraõ; e quando táes palavras ouviraõ, estiveraõ para rasgar os vestidos... E faziaõ-no, se achassem bem que cardar no Escravo Zadig. Contentaraõ-se sómente, no impulso de sua afflicçaõ, com manda-lo queimar a fôgo lento. Em vaõ, para salvar o seu amigo, empregou Setoc quanto valìa: obrigaraõ-no a que se callasse, porque lhe naõ succedesse peior. (1)

---

(1) Tam antigo é o theor das Inquisiçoẽs!

A Viuva Almona, que tinha tomado grande gosto à vida, que Zadig lhe resgatara da fogueira, despersuadindo-a desse abuso; determinou salva-lo de outra, e sem o declarar a alguem, traçou o projécto, e o levou a cabo. Nem tinha màis, para o livrar, que o prazo d'uma noite; que no outro dia levavaõ Zadig ao supplicio. Este foi pois o modo, com que ella prudente, e caridosa se houve à cerca delle.

Perfumou-se; realçou c'os màis guapos, e màis custosos vestidos a sua formosura; e foi pedir ao Mayoral dos Sacerdotes das Estrellas uma audiencia em particular. Lógo que ella se vio perante esse veneravel anciaõ, fállou nesta substancia: " Filho morgado da Grande Ursa,
,, Irmaõ de Tauro, Primo da Canicula (saõ Ti-
,, tulos do tal Pontifice) venho desabafar com-
,, tigo os meus escrùpulos. Estou com grande
,, susto de que commetti peccado enórme, em
,, naõ queimar-me na fogueira de meu querido
,, Esposo: e com effeito, que présta este cor-
,, po, que assim conservei? Uma carne pere-
,, cedora, que já verás toda engelhada. ,, E nisto desenvolve das longàs mangas de seda uns braços de neve, que cegavaõ de alvura, torneados com primor. " Vê o pouco que isto vá-
,, le! ,, — Naõ assim o Pontifice, que achou que braços táes valiaõ muito; e assim lh'o disse com os ólhos, e lh'o confirmou com a bocca,

jurando-lhe que tám donosos braços nunca os elle vira. " Ay (disse a Viuva) é que os bra-
,, ços póde bem ser, que menos damnificados
,, estejaõ, que o demàis; mas tens de confes-
,, sar, que este seio naõ éra digno que eu fizésse
,, apreço delle.... ,, E ei-la que descobre os màis feiticeiros peitos, que nunca a Natureza modelou. A' vista delles um botaõ de rosa em cima d'um pômo de marfim, pareceria grança em cima de buxo, pareceriaõ amarellentos os Cordeiros ao sahir do rio. Graciosa a garganta, pretos, e bem rasgados ólhos, entre rûtilos, e languidos, com incendida ternura; as faces abrazadas no mâis vivo nácar, anassado na alvura do màis puro leite; o nariz, que naõ éra como a Torre do Libano; os labios, dous debruns de coral, serviaõ de guarda às màis lindas pérolas do mar da Arabia. — Todas essas perfeiçoẽs (como digo) insinuaraõ ao Vélho, que se achava nos seus vinte, pelo que em si sentia; de sorte que, titubeando, se lhe declarou por amante; e ella que o vio abrazeado, pedio-lhe por Zadig. — Ay misero de mim! (lhe diz elle)
— que inda que eu, formosa Senhora, lhe qui-
— zéra perdoar, de nada lhe valêra o meu per-
— daõ, se lhe faltar a assinatura de màis tres
— Consócios meus. — " Assina tu (lhe pede Al-
,, mona) ,, — Com muito gosto (acodio o sum-
— mo Padre) com condiçaõ porêm, que desta

— indulgencia minha sejaõ teus favores a re-
— compensa. — " Mui grande é a honra (lhe
,, tornou a Dama) que me nisso fazes ; há sô-
,, mente por bem ires ao meu quarto , lógo que
,, o Sól se ponha, e que cáya no horizonte a bri-
,, lhante Estrella *Sheat* ; e achar-me-hás n'um
,, Sophá côr de rósa , e lá usarás da tua sérva ,
,, a teu contento. ,, Despedio-se entam com a
assinatura do Vélho, que ficou ardendo em bra-
zas de amor ; desconfiando porêm um tanto do
requisito vigor , empregou o remanescente do
dia em se banhar, e em beber cérto licor de Ca-
nélla de Ceilaõ , e preciosas especiarias de Ti-
dor , e de Ternate , e a espreitar com impa-
ciencia a rutilante *Sheat*.

Em tanto ia a bella Senhora ter c'o segundo
Pontifice , o qual affirmou que em comparaçaõ
de seus attractivos , eraõ fógos selváticos o Sól ,
e a Lua , e quantos Luzeiros ródaõ no Firma-
mento. Pedio-lhe ella a mesma graça ; e elle
por ella o mesmo preço , que lhe foi lógo con-
cedido, dando-lhe o prazo , para o nascer da
Estrella *Algenib*. Dalli partio para o terceiro ,
e quarto Pontifices, de quem foi recebendo as-
sinaturas , e appontando-lhe hóra , de Estrella
a Estrella. Tambem mandou recado aos Juizes ,
que tinha negocio importante, em que lhes fal-
lar : e vindos que elles foraõ , lhes mostrou as-
sinados os quatro , e lhes contou a que preço

lhe venderaõ os Sacerdotes o perdaõ de Zadig. Ora cada um delles vindo, e apparecendo à sua hóra limitada, ficava stupido, quando via lá outro Camarada, e muito màis quando via os Juizes, perante quem se achava manifesto o seu desabono. Zadig sahio solto; e tanto se penhorou Setoc da esperteza de Almona, que a recebeu por Esposa. Zadig prostrou-se aos pés da sua redemptora, e cuidou na partida: nem o despedimento entre Setoc, e Zadig se fez sem muitas lágrimas, e sem jurarem ambos amizade eterna, e prometterem, que o primeiro d'entre ambos, que subisse a grandes cabedáes, os participaria ao outro.

Tomou Zadig sua derrota para a Syria, continuadamente meditando na sua desditosa Astarte, contemplando em seu Destino, que aporfiava sempre em zombar delle, e em persegui-lo. 400 onças de ouro (dizia comsigo) porque vi passar uma Cadélla! Condemnado à degollaçaõ, por quatro versos máos, que fiz em louvor de ElRei! Quasi enforcado, porque as alparcatas da Raînha éraõ da côr do meu barréte! Escravo, porque acodi a uma mulhér que bem zurziaõ! E a ponto de me queimarem, porque resgatei a vida a todas as Viuvas da Arabia!

O SALTEADOR.

Chegado às fronteiras, que estremaõ da Syria

a Arabia Pétrea, e indo a passar pérto d'um Castello muito forte, rompem deste, homens armados, que o cércaõ, que lhe gritaõ: « Nosso » é quanto comtigo trazes; e tu és já ganancia » de quem aquî nos manda ». A resposta que Zadig lhes deu foi arrancar da espada, e o Criado, que éra destemido, fazer o mesmo, e irem estirando os primeiros que lhe pozéraõ maõ. Mas dóbraõ em numero os Arabios; e os dous, sem se assustarem, resólvem alli morrerem pelejando. Viras dous homens sós defender-se contra um borborinho delles.... Combate, que naõ tinha de durar muito. Arbogad, Senhor do Castello, que da janella via os prodigios de valor, que Zadig obrava, lhe cobrou affeiçaõ; eis que apressado désce; manda affastar os seus, e desaffronta os dous passantes. « Tudo o que passa » por terras minhas é meu (lhe disse) e ainda » o que pela alheias se me depára; mas pareces» me tu homem tam de tua pessoa, que te izento » da Lei commum ». Fez com que entrasse no Castello, e deu ordens à sua gente, porque o tratassem bem, e quiz à noite ceiar com Zadig.

Éra o Senhor do Castello um daquelles Arabios, que se chamaõ ladroẽs; mas que ás vezes, entre centos de acçoẽs ruins, fazia algumas boas: roubava com furiosa soffreguidaõ, mas dava com largueza; intrépido na refréga, mas brando no trato, comilaõ à meza, divertido na

devassidaõ, e sobre tudo chaõ, e singélo de animo. Agradou-se muito de Zadig, e como a conversaçaõ se foi avivando, tambem a Ceia se foi estendendo, e no fim della lhe disse Arbogad: « Alista-te comigo, que o officio naõ é » despiciendo. Quem te diz, que naõ viràs a » ser o que eu hoje sou? » — Dás me licença — (lhe respondeu Zadig) que te pergunte, há — quanto tempo exercitas essa nobre occupa- — çaõ? — « Desde a minha màis tenra mocida- » de; por quanto me desesperava de vêr, que » pertencendo toda a terra, a todos os homens » igualmente, naõ me tinha o meu Destino » posto em reserva o meu quinhaõ; pelo que » confiei as minhas penas a um idoso Arabio, » que me fallou assim: — *Naõ desesperes, meu* — *filho; sabe, que houve outrora um cérto* — *graõ de areia, que se lamentava de se vêr* — *desvalido nos desertos, como um miseravel* — *átomo: correraõ annos, e veio a ser dia-* — *mante, e hoje é o màis reluzente adorno do* — *diadema do Monarcha.* — « Naõ me cahio » no chaõ este dizer do Velho. Imaginei-me ser » eu o graõ de areia; resolvi-me a ser dia- » mante. Comecei pelo furto de dous Cavallos; » fui ajuntando Sócios, achei-me em termos de » saltear pequenas Caravanas; e pouco, a pou- » co fiz encurtar a disproporçaõ, que havìa d'an- » tes entre mim, e os outros homens. Já entrei

» a ter meu quinhaõ no mundo, e com usura
» me hei resarcido já. Já fazem caso de mim.
» Sou já Senhor Salteador; e a força descobérta
» adquiri este Castello. Delle me quiz desapos-
» sar o Sátrapa da Syria; mas eu, que me acha-
» va já com cabedáes, o peitei com um pre-
» zente, e naõ só me fiquei com o Castello, mas
» ainda me engrandeci tanto em dominios, que
» me nomearaõ Thesoureiro dos tributos, que
» a Arabia Pétrea pagava a ElRei. Em quanto
» ao cargo de Recebedor pontualmente o de-
» sempenhei, mas o de Entregador, esse nunca.
« Enviou o grande Desterrham de Babylonia, em nome de ElRei Moabdar, um Sátrapa que me viésse dar garróte: mas avisado eu de tudo, lhe mandei à vista delle garrótear os quatro, que me haviaõ de arrochar o cordel; e depois perguntei-lhe quanto lhe rendia a Commissaõ de me strangular? Respondeu-me, que irîa a ajuda de custo a 500 dóbras. Mostrei-lhe o muito, que podia ganhar comigo; fi-lo meu Sóta-Salteador mór; e hoje em dia é um dos meus melhores Officiáes, e dos màis riccos. Se tu estás neste meu sentir, medrarás como elle; que nunca a monçaõ de roubar foi màis lucrativa de que ella é agora, depois que mattaraõ ElRei Moabdar, e que tudo anda revolto em Babylonia ».

— Mattaraõ a Moabdar! (exclamou Zadig) — E que veio a ser a Raînha Astarte? — « Della

» nada sei (respondeu Arbogad). Ahi me dis-
» séraõ, que Moabdar enlouquecera, e que o
» mattaraõ; que é hoje um degoladouro a Ba-
» bylonia, e uma desolaçaõ o Império todo :
» que bons lanços há ainda, que deitar por lá,
» e que foraõ maravilhosos os que eu por lá
» deitei ». — Mas a Raînha ? (reperguntou Za-
— dig) E de véras que me naõ dizes della na-
— da ? — « Ahi me fallaraõ n'um Princepe da
» Hyrcania, provavel é (se a naõ mattaraõ no
» tumulto) que seja ella hoje uma de suas Con-
» cubinas. Cá por mim, sempre fui màis cu-
» rioso de despojos, que de noticias. Muitas
» mulhéres apanhado tenho em minhas corre-
» rîas, e nunca nenhuma me ficou : sem me
» informar de quem saõ, as vendo caras, se
» saõ bonitas; que naõ é a graduaçaõ dellas,
» que lhes sóbe o preço. Raînhas que ellas fos-
» sem, se saõ feias, naõ lhes acóde Comprador.
» Quem sábe se naõ vendi eu já essa Raînha As-
» tarte, ou se ella é mórta ? E que impórta ? Faze
» como eu; naõ cuides máis nélla ». Dizendo,
e bebendo affoito, baralhava às ideias de tal
módo, que naõ póde Zadig tirar maior clareza.

Embaçado, pezaroso, e immovel ficara Za-
dig, em quanto Arbogad aturava a beber, a
contar historias, e a repetir incessante, que
elle éra de todos os homens o màis feliz, e a
prégar a Zadig, que se fizesse feliz como elle :

até que brandamente amodornado pelos vapores do vinho, foi dormir um somno repousado, em quanto Zadig passava bem trabalhosa noite. — Como assim! (discorria Zadig) enlouqueceu Moabdar? Mattaraõ-no? Naõ me posso conter, que o naõ lamente. Dilacerado o Império, e feliz este Salteador de caminhos! Oh Fados! oh Fortuna! Feliz este facinoroso, e morta (quem o sabe?) talvez hórridamente, o que a Natureza formou màis para amar-se! Oh Astarté! e quál da tua formosura terá sido a sórte? —

Esclarecia o dia apenas, e já perguntava Zadig por ella a quantos encontrou pelo Castéllo; mas achou-os tam entretidos todos na repartiçaõ do esbulhõ de varias prêas, que essa noite fizéraõ, que ninguem lhe respondia a propósito. Tudo o que desta gente levantada, e revólta conseguir póde, foi a faculdade de partir, que elle subito approveitou, entranhado màis que nunca, em doloridas reflexoẽs.

Caminhava inquieto, assustado, revolvendo no animo a desventura de Astarte, o Rei de Babylonia morto, o seu fiel Cador, a Dita do Ladraõ Arbogad, a Mulhér de tam destampada condiçaõ, que nas rayas do Egypto roubaraõ os Babylonios, e em fim todos os contra-tempos, e todos os infortunios, que experimentado tinha.

O PESCADOR.

Léguas arredado do Castello de Arbogad, carpindo sempre o seu ruin fado, e tendo-se pela véra effigie da Desdita, achou-se nas ribanceiras d'um riacho : eis que vio estirado na praya um Pescador, que mal com a desfalecida maõ, sustentava as redes; e que antes parecia, com os ólhos cravados no Céo, abrir maõ dellas.

« Por cérto que sou eu (dizia o Pescador) o » màis disgraçado de quantos homens há. Fui » já o màis decantado negociante de Quejos » crémes (ao dizer de toda a Babylonia) que ahi » houve; eis-me de todo arruinado. Possui a » màis linda Esposa, que homem da minha » plana possuìo, e foi-me infiél; inda me res- » tava uma pobre pouzada, e saquearaõ-ma, » destruìraõ-ma. Tomei por abrigo esta chou- » pana, sem máis regresso, que a minha pes- » carìa, e naõ côlho um unico pescado. Nunca » màis vos lancarei na água, oh rêdes minhas, » mas sim a mim ». Ei-lo que se érgue, e que vai como homem, que quér dar, de mergulho, cabo á vida.

— E pois ? (diz Zadig) pois há inda homens — tam disgraçados, como eu ? — Tam prompto foi no reflectir, quam prompto em salvar a vida ao Pescador. Córre a atalha-lo, e com gésto consolador, e compassivo, lhe faz perguntas.

Dizem, que menos disgraçado é, quem o é de companhia (1); naõ que a ruindade lh'o requeira, mas sim uma cérta precisaõ. Inclina-se um a outro um disgraçado, como a um similhante seu. Viéra-lhe alli, como um insulto, a alegria de um homem affortunado. Dous infelizes saõ como dous arbustos, ambos fracos, mas que encostando-se um ao outro, se enrijaõ contra a borrasca.

— Porque fraquejas assim ao pezo dos infortunios? (disse Zadig ao Pescador) — « Porque » lhe naõ vejo refrigerio (respondeo o Pescador). Fui o màis graûdo da villa de Derlbak, » que é nas abas de Babylonia; e ajudado de » minha mulhér, compunha os melhores Quejos » crémes, que corriaõ no Imperio. Muito gos» tavaõ delles a Raînha Astarte, e o famoso » Ministro Zadig. 600 Quejos, para essas duas

---

(1) *Solatium est miseris socios habere saramagorum* dizia (naõ sei quem foi) n'uma Opera, ou Comédia, que me naõ lembra. — Diràõ que metto ridicularias nas notas. Digaõ embora. Se soubessem que gostinho dá um annexim, quando elle lembra, a quem vive, há màis de 28 annos em terra estranha, nàõ m'o estranhariaõ. Peçaõ a Deos que os conserve descansados, e queridos na sua Patria.

,, cazas, remetti da minha lóge. Ora um dia
,, que fui à cobrança, naõ me vem da Cidade
,, dizer que a Raînha, e que Zadig haviaõ de-
,, sapparecido? Corro a caza do Senhór Zadig...
,, E que vejo là? Os Officiáes de justiça do
,, Grande Desterrham escorados n'um decréto
,, d'ElRei lhes esbulhavaõ regrada, e franca-
,, mente a caza. Fui-me às cuzinhas da Raînha;
,, e uns Senhores me diziaõ que ella éra morta,
,, outros que fôra preza, outros fugida: mas
,, todos a flux me asseguravaõ que me naõ pa-
,, gariaõ os Quejos. Lévo minha mulher comigo
,, a caza do Senhor Orcan, que éra tambem
,, fréguez meu, e lhe pedimos que no nosso
,, desastre nos valesse; e elle sim o concedeu
,, a minha mulher, mas a mim naõ; a ella, por
,, que éra màis branca, que os mesmos Quejos
,, crémes, que estrearaõ os meus infortunios;
,, nem o lustro da purpura de Tyro, reluzia
,, màis que o nácar, que lhe avivava essa al-
,, vura. E isso fez que Orcan ficasse com ella,
,, e me espancasse de sua caza. Que faría eu?
,, Escrevi à minha querida Esposa uma carta
,, desesperada, à qual ella respondeu dizendo
,, ao portador: — Sim, sim; bem conheço
— quem te deu a carta; tenho ouvido fallar
— nelle, e gaba-lo de que faz Quejos crémes de
— primor: que m'os traga, e pagar-se-lhe-
— haõ. —

,, Quis

« Quiz que a Justiça me despicasse de táes
» aggravos ; e de seis onças de ouro, que ain-
» da tinha de meu, dei lógo duas ao Lettrado,
» que consultei, duas ao Procurador, que me
» havia de sollicitar a causa; e duas ao Secre-
» tario do Primeiro Juiz. Ainda a minha causa
» nem começada estava, que já eu tinha des-
» pendido mais dinheiro do que os Quejos, de
» que minha mulhér valiaõ. Vólto para a minha
» Villa, na intençaõ de vender a morada de
» cazas, para haver a mulhér.

» Valiaõ bem as cazas 60 onças de ouro; mas
» como me viraõ póbre, e no aperto de as ven-
» der, premetteu-me o primeiro a quem recor-
» ri, 30 onças, o segundo 20, e o terceiro 10,
» e já lh'as eu dáva pelo preço (tam cégo es-
» tava!) Quando entra em Babylonia um Prin-
» cepe da Hyrcania, que assolou quanto en-
» controu, que me saqueou as cazas, e que
» depois m'as queimou.

» Perdidos dinheiro, mulhér, e cazas, para
» o sitio em que me vez, abalo; e c'o mister
» de Pescador trato de sustentar a vida; mas,
» como já fizéraõ os homens, zombaõ de mim os
» Peixes; um só naõ côlho; morro de fome; e
» a naõ seres tu, oh meu augusto Libertador,
» affogado estáva eu já ».

Esta narrativa naõ a fez o Pescador a fio toda;
porque a cada instante lh'a interpolava Zadig

abalado, e como alheio de si, dizendo lhe: — E
— nada sabes do destino da Raînha? — « Naõ:
» (lhe respondeu o Pescador) sómente sei, que
» nem a Raînha, nem Zadig me pagaraõ os
» Queijos crémes; que me tiraraõ a mulhér; e
» que estou desesperado ». — Eu persuado-me
— (lhe diz Zadig) que em quanto ao dinheiro,
— o naõ perderás todo, por quanto ouvi fallar
— desse Zadig, como de um homem de honra;
— e se (como espéro) elle voltar a Babylonia,
— te pagará com accréscimo o que te déve. E
— tua mulhér, em quem naõ considéro tanta
— honra, como nelle, naõ faças pela haver.
— Tóma este meu conselho: vái-te a Babylo-
— nia, onde eu estarei jà, pois que vou a Ca-
— vallo, e tu a pé; falla com o illustre Cador,
— e dize-lhe que encontraste com o seu amigo,
— e lá em caza delle me espera; que talvez
— que naõ sejas sempre mal afortunàdo.

— Oh poderoso Orosmades, que para consola-
— çaõ deste, de mim te sérves, de quem tens
— tu de servir-te para me consolar a mim? —
E com este seu dizer accompanhava a métade
do dinheiro, que da Arabia trouxéra, e a dava
ao Pescador, que attonito, e cheio de alegria
bejava os pés do amigo de Cador, e lhe dizia:
« Fóste um Anjo, que me salvaste ».

Continuava sempre Zadig a perguntar-lhe no-
ticias, é a verter lágrimas. « Como assim (lhe

» bradava o Pescador) tambem serás tu dos
» infelices ? tu, que tanto bem fazes aos ou-
» tros ? » — Màis infeliz que tu, mil vezes (lhe
— respondeu Zadig). « Como é possivel (disse
« o Pescador) que quem dá seja máis infeliz,
» que quem recébe ? » A este reparo acodio
Zadig, dizendo : — Porquanto a tua infelicidade
— consistia na indigencia ; e a minha nas pe-
— nas da alma. — « Tomou-te a caso Orcan a
» Esposa ? (lhe perguntou o Pescador) ». Pa-
lavras foraõ estas, que revolveraõ no peito de
Zadig todas as suas desditas, e que lhe recorda-
raõ todas as suas aventuras, desde a Cadélla
da Rainha, até topar com Arbogad. « Ah (dis-
» se entam ao Pescador) que bem castigado ser
» merece Orcan ; mas de ordinario esses táes
» saõ os mimosos do Destino. Mas, por fim, vai-
» te a caza do Senhor Cador, e lá me espéra ».
Separaraõ-se, o Pescador dando graças a seu
bom Fado, e Zadig ao seu ruin, mil maldiçoẽs.

O BASILISCO.

Entrando por um vistoso prado, vio muitas
mulhéres mui applicadas em busca de algo, e
tomou a liberdade de inquirir d'uma dellas,
se poderia elle ter a honra de as ajudar no que
indagavaõ ? — Naõ queiras tal (lhe respondeu
— a mulhér da Syria) que o que nós buscamos,

— só maõs de mulhér pòdem tocar-lhe. — « Que » esquipaçaõ ! (diz Zadig) E ser-me-há dado » saber que cousa é essa, em que só mulhéres » tocar pòdem ? » — Um Basilisco — (lhe respondeu). « Um Basilisco ? (tornou Zadig). E » para que, Menina, buscando andáes um Ba- » silisco ? » — Para nosso Amo (disse ainda a — mulhér da Syria) e Senhor Ogul, cujo Pa- — lacio vês à margem do Río, lá no fim desse — prado. E esse Senhor Ogul, de quem somos — humildissimas Escravas, se acha enfermo; — e receitou-lhe o Medico, que comesse um — Basilisco, cosido em agua rosada : e como o — Basilisco é um animal muito raro ; e que só — de mulhéres se deixa apanhar ; prometteu- — nos o Senhor Ogul, que escolheria para sua — màis prezada mulhér, aquella d'entre nòs, — que lhe trouxesse o Basilisco. Ora deixa-me — busca-lo ; que bem vês quanto nisso perde- — rîa, se com elle, antes que eu, alguma de- — parasse. —

Nessa indagaçaõ a deixóu Zadig, com as outras, e foi atravessando o prado, e como foi chegando ás ábas d'um regato, deu co'a vista n'uma Senhora recostada sobre a rélva, que nada investigava. Majestosa em seu talhe, com um cendal cobria o rosto, e debruçada como estava sobre o regato, despedía da alma profundos suspiros ; e com uma vergasta, que nas

maõs tinha, na fina areia, que mediava entre a rélva, e o regato, traçava lettras. Tomou-se de curiosidade Zadig, e quiz vêr o que a formosa Senhora debuxava. Chegou-se, e vio a lettra Z; vio depois um A; aqui foi o pasmo; màis adiante um D; estremeceu: nem houve assombro igual ao seu, quando vio as ultimas lettras do seu nome. Ei-lo que fica immovel; mas quebrado por fim o silencio, com intercadente vóz, lhe diz assim: « Desculpa, oh generosa » Dama, n'um Estrangeiro, n'um infeliz, a » confiança de perguntar-te por que admiranda » ventura acérto aquî com o meu nome, deli- » neado por tua divina maõ? » A esta voz, a estas razoēs, ergueu com trémulas maõs a Senhora, o véo; e cravando os ólhos em Zadig, exhala um clamor de ternura, de admiraçaõ, e de prazer: mas fraqueando a tantos movimentos, que de tropél lhe investiaõ a alma, desmaiáda descahio nos braços de Zadig. — Éra Astarte, éra a Raînha de Babylonia; éra a que tanto lastimara, e cujos Fados receiára tanto. Por um cérto prazo se lhe alhearaõ os sentidos, e quando fitou os ólhos nos de Astarte, que com languido pudor se tornavaõ a abrir: « Oh Podêres im- » mortáes, (exclamou) que presidîs aos des- » tinos dos fracos humanos, vós me restituîs » Astarte: mas ém que tempo, em que lugar, » em que estado eu tórno a vê-la? » Arrojou

se de joelhos aos pés de Astarte, unindo o rosto seu com a poeira delles. D'allî o ergueu a Raînha de Babylonia, para o sentar junto de si, na borda do ribeiro, e lhe enxugar as làgrimas, que novamente a fio lhe recresciaõ nos ólhos. Vinte vezes atava o discurso, que os gemidos lhe quebravaõ; perguntava-lhe por que acaso se achava alli com ella; e lógo com subitas, e novas perguntas, lhe atalhava as respostas; encetava a narrativa de seus trabalhos, e queria no mesmo ponto ouvir os de Zadig.... Em fim applacado em ambos o tumulto dos animos, em curtas palavras lhe contou Zadig, qual fora o acaso, que o trouxéra a aquelle prado. — Mas, oh tríste, e respeitavel Raînha, — quem te me deparou neste desvîo, com tra- — jes de escrava, accompanhada d'outras es- — cravas, que andaõ buscando um Basilisco, — para o cozerem em àgua rosada, receitado — por um Médico? —

« Em quanto ellas buscaõ esse Basilisco (disse » a formosa Astarte) te darei relaçaõ do quanto » padecido tenho; que tudo ao Céo perdoo, » pois me concéde tornar a vêr-te. Bem sabes, » que meu marido levou a mal, seres tu o màis » amàvel dos homens; razaõ, porque uma noite » resolveu, que te dessem garróte, e a mim » veneno. Sabes, cómo quis o Céo, que o meu » Mudósinho me inteîrasse da ordem de sua

» sublime Majestade ; e qne apenas o leal Ca-
» dor te obrigou a me obédeceres ; por uma pórta
» falsa me entrou, alta noite, no quarto ;
» e tirando-me dallî, me levou ao Templo de
» Orosmades, onde o Mago seu Irmaõ me en-
» cerrou no ócco d'uma Statua Colossal, cuja
» báse assenta nos alicesses do Templo, e cuja
» Cabeça róça pela abobada, onde estive como
» emparedada n'um jazigo, sem que toda via
» me faltasse cousa alguma. Quando o dia as-
» somou, entra na minha alcova o Boticario de
» sua Majestade, c'uma beberágem de cicuta,
» de ópio, e d'outras drógas ; e na tua, um Of-
» ficial c'um garróte de seda azul ; — a nin-
» guem acharaõ. Para melhór córar o caso, foi
» Cador accusar-nos ambos a ElRei, e dizer-
» lhe que fugîramos, tu para as Indias, e eu
» para Memphis. E jà apóz de nos desfilaõ Cor-
» redores.

» Mas como elles me naõ conheciaõ (porque
» a ninguem mostrei, se naõ a ti, e ainda por
» ordem de Moabdar, o meu semblante) par-
» tindo em meu alcance, com o retrato sómente
» vocal, que de mim lhe fizéraõ, acertaraõ,
» nos confins de Egypto, c'uma mulhér da mì-
» nha statura, máis formosa talvez do que eu,
» essa mui lastimada, e foragida ; lógo assen-
» taraõ ser ella a Raînha de Babylonia, e como
» tal a trouxéraõ a ElRei, que se encolerizou

» muito do altissimo engano delles : olhando-a
» porem màis de pérto , e achando-a formosa ,
» se consolou. O seu nome éra Missouf , que
» (ao que me disséraõ) significa em lingua
» Egypcia , a *Bella caprichosa.* E com effeito
» ella o éra ; mas tanto tinha de astuta , quan-
» to de caprichosa. Ella agradou a Moabdar ,
» e de tal sórte o subjugou, que a nomeou Sposa
» sua ; e entam é que ella disferio a indole
» que tinha , e se entregou a todos os desatinos
» da sua imaginaçaõ. Quiz que o Mayoral dos
» Mágos , assim gottoso , e derrengado dançasse
» diante della ; e por que o Mágo , naõ quiz
» dansar , o perseguio de morte. Mandou que
» lhe fizesse uma tórta de doces o seu Estribeiro
» mór , e por màis que lhe este allegou , que
» nunca apprendera pastellarîa , naõ hóuve re-
» medio , senaõ fazér a tórta ; e por que ella
» sahìo màis que tostada , o pozéraõ fóra , e
» o cargo de Estribeiro mór , deu-o ella ao seu
» Anaõ , e o de Chanceller a um Pagem : que
» assim governava ella a Babylonia! Todos cho-
» ravaõ por mim. Ora ElRei que até ao prazo
» de me querer dar veneno, e a ti garróte , ti-
» nha sido homem de bem , parece que desde
» entam quantas virtudes tinha , as affogou no
» desmesurado amor da Bella Caprichosa. Vin-
» do ao Templo no grande dia do Sacro Fogo ,
» o vi eu aos pés da Statua , em que eu estava

» encerrada, e lhe ouvi as supplicas, que fazia
» pela conservaçaõ de Missouf. Entam soltei
» vôz, e lhe brádei : *Rejeitaõ os Numes vótos*
» *d'um Rei, que se fez tyranno ; que mandou*
» *mattar sua mulhér, para cazar c'uma des-*
» *propositada.* Tam torvado com estas vozes fi-
» cou Moabdar, que se lhe desengonçou o
» miólo : que para elle perder o juizo bastava,
» alêm do Oraculo, que eu proferi, a tyrannia
» de Missouf! Dallî a poucos dias enlouqueceu ;
» e a sua loucura, que pareceu castigo de
» Deos, arvorou a bandeira da rebelliaõ ; le-
» vantou-se o Povo, e poz-se em armas.

» Engolfada, havîa tantos annos, Babylonia
» em ocioso regalo, ei-la trocada em theatro
» de guerra civil ; e eu (a quem sahiraõ do
» vaõ da Statua) pósta à tésta d'uma facçaõ.
» Cador tinha corrido a Memphis, para trazer-
» te a Babylonia. O Princepe da Hyrcania,
» inteirado destas ruins nóvas, voltou com o
» seu exército, e fez terceira facçaõ, na
» Chaldéa. Acometeu a Moabdar, que com a
» sua extravagante Egypcia, lhe fora ao en-
» contro, e que alli morreu crivado de feri-
» das, e cahido nas maõs do Vencedor. Quiz
» a minha disgraça, que um partido do Prin-
» cepe da Hyrcania me preasse, e me levasse
» ante elle, no prazo mesmo, que lhe appre-
» sentavaõ Missouf. Folgarás de saber, que me

» achou o Princepe màis formosa, que a Egyp-
» cia; mas tambem tens de agoniarte de que
» elle me remettesse ao seu Serralho; e de
» me dizer muito resolutamente, que sería co-
» migo, tanto que désse cabo a uma expediçaõ
» militar, a que ía de caminho. Imagina qual
» sería a minha angustia, quando quebrados
» os nós que me prendiaõ a Moabdar, e livre
» para ser de Zadig, me vi no captiveiro d'um
» Barbaro! Com toda a altivez, que cabe nas
» da minha sphéra, e no meu amor, lhe res-
» pondi. Sempre eu ouvi dizer que às pessoas
» da minha qualidade as sorteava o Céo, com
» um termo tam Senhoril, que c'uma palavra
» c'um mover de ólhos, mettiamos no abati-
» mento màis profundo os temerarios, que
» delle se afastavaõ. Fallei como Raìnha; mas
» fui tratada como sérva: porquanto o Hyrca-
» nio, sem se dignar ao menos de me fallar,
» disse ao seu Eunucho negro, que eu éra
» uma desarrasoada, mas que como eu éra bo-
» nita, cuidasse de mim, e me pozesse no re-
» gimen das Valìdas, a fim de me refrescar o
» caràõ, e merecer màis dignamente os seus
» favores, para o dia, em que com elles qui-
» zesse honrar-me. Disse-lhe eu: *Que antes
» me mattaria.* Rio-se, e me respondeu, que
» ninguem, por cousa tam pouca, se mattava; e
» que éraõ invençoẽs feminis, a que elle estava

» accostumado. Dahi deixou-me, como quem
» deixa um Papagaio na gayola. Que afflicçaõ
para a primeira Raînha do Universo! Ainda
digo màis; para um coraçaõ, que éra todo de
Zadig!

Ao ouvir-lhe estas ultimas vozes, se lançou
Zadig a seus pés, e lh'os rociou de lágrimas;
Astarte o ergueu com carinho, e continuou
assim: » Via-me em poder d'um Barbaro, e
» rival d'uma Louca, e no mesmo encerro com
» ella, onde me contou depois a sua aventura
» do Egypto, e délla assentei, pelas feiçoẽs,
» que te deu, pelo tempo, pelo Dromedario,
» em que ias móntado, e outras circunstancias
» màis, que foras, tu quem combattêras por ella;
» nem duvidei, que te achasses em Memphis;
» assim, determinada a retirar-me lá: *Bella*
» *Missouf* (lhe disse) *tu ès màis engraçada*
» *que eu; tens com que màis divirtas o Prin-*
» *cepe da Hyrcania; facilita-me os meios de*
» *sahir daquí, e reinarás só, e sem o empa-*
» *cho d'uma oppositora: e eu me darei por*
» *affortunada*. Concordados entre mim, e Mis-
» souf, os meios da minha fuga, parti a furto
» com uma Escrava Egypcia.

» Já eu me avizinhava à Arabia, quando
» um famoso Salteador chamado Arbogad, fez
» presa em mim, e me vendeu a uns Merca-
» dores, que me trouxeraõ a este Castello, em

» que vive o Senhor Ogul, o qual me comprou,
» sem saber quem eu éra. E' um regalaõ, que
» só cuida em bons comêres, e assenta, que
» para estar à meza, o deitou Deos unicamente
» ao Mundo: de mui gôrdo que é, abafa, e
» se suffóca. O Médico, que quando elle digére
» bem, tem com elle minguado crèdito, des-
» pótico o governa, quando se sente empacha-
» do de iguarìas: óra lhe persuadio, que lhe
» darìa saûde perfeita, c'um Basilisco, cozido
» em água rosada; e fiado nisso prometteu o
» Senhor Ogul desposar-se co'a Escrava, que
» lhe deparasse um Basilisco. Honra é essa, que
» (como tu vês) me naõ affadigo pela mere-
» cer; nem nunca menos ansia tive de achar
» o Basilisco, que depois que o Céo quiz, que
» eu te tornasse a ver ».

Astarte, e Zadig reciprocaraõ em palavras, quantos nobres movimentos d'àlma, tinha refreados a longa ausencia, tudo quanto os seus infortunios, e os seus amores inspirar podiaõ aos peitos màis fidalgos, e màis amantes; e os Genios, que presidem ao Bem-querer, remontaraõ à sphéra de Vénus, o que se ambos allì disseraõ.

Sem que achassem o tal Basilisco, tornaraõ a caza de Ogul as mulhéres, e apoz ellas entrou Zadig, que lhe fallou assim: « Desça dos Céos » a immortal Saûde, e tóme por disvello os

» dias teus. Como Médico que sou, pela noti-
» cia, que me déraõ da tua molestia, me deter-
» minei a visitar-te; e escusando cazar com-
» tigo, como promettes a quem te trouxer um
» Basilisco, aquì te trago um, cosido em água
» rosada; nem mór paga pertendo, que a liber-
» dade d'uma Escrava Babylonia (que pouco
» há) compraste; e transpassa em mim seu
» captiveiro, se naõ tenho a dita de dar saûde
» ao magnifico Senhor Ogul ».

Foi acceita a proposta; e partio para Babylonia Astarte, em companhia do Sérvo de Zadig, com promessa, que lhe expedia lógo um Postilhaõ a inteira-lo do que lá passasse. Foi a despedida tam saudosa, quanto fôra o reconhecimento enternecido: que o prazo do encontro, e o prazo da separaçaõ (como ditto é no grande Livro do Zend) saõ as duas màis assinaladas E'pocas da vida. Zadig amava tanto a Raìnha, quanto elle a ella lh'o jurava; e a Raìnha amava a Zadig ainda màis do que ella lh'o dizia.

Ora Zadig disse depois a Ogul: « O meu Ba-
» silisco naõ se cóme; toda a sua virtude con-
» siste em que elle entre pelos póros, para
» cujo effeito o metti n'uma graude péla en-
» tuffada de vento; e a tal péla tens tu de ar-
» remessar-me com quanta força tenhas, e eu
» a ti por muitas vezes; e c'uma diéta de
» poucos dias, verás ondechega a minha Arte ».

Co'a receita ficou arquejando ; neste primeiro dia, Ogul ; teve para si que morria ; mas já no segundo dia naõ cansou tanto, e dormio melhór ; d'entro de outros dias cobrou forças, cobrou saûde, agilidade, e alegria, como nos seus vinte e quatro. » Jogaste ao *Ballon* (1) » (lhe disse Zadig) e foste sóbrio : convem » que agora sáibas, que naõ há Basiliscos no » Mundo ; que quem fáz exercício, e é regrado » no comer, passa sempre bem ; e que a arte de » concordar a saûde com a intemperança é tam » chymérica, como a Pédra Philosophal, como » a Astrologîa Judiciaria, e a Theologîa dos » Magos ».

Concebeu o Physico mór de Ogul, quam pernicioso à Medecina éra um homem tal ; pelo que fez conlûio com o Boticario, para mandar apanhar Basiliscos ao outro Mundo a Zadig, que por fazer bem, fora sempre castigado, e que por ter curado um Comilaõ, se vio a pique de o mattarem, n'um excellente jantar de convite, onde o haviaõ de envenenar na segunda coberta; mas tendo, na primeira, recebído um Correio de Astarte, érgue se da meza, e parte. Quem

(1) Vessie enflée d'air, et recouverte de cuir, avec laquelle on joue en la frappant avec le poing ou le pied.

d'uma linda Dama se vè querido, sempre em tudo sáhe bem (diz Zoroastro).

OS COMBATES.

Foi a Raînha recebida em Babylonia com tanto arrebatamento de todos, quanto competia a uma formosa Princesa, que tinha padecido tantos trabalhos. Morto, n'uma peleja, o Princepe de Hyrcania, correraõ ares de socêgo em Babylonia; e os Babylonios, vendo-se vencedores, resolveraõ que receberia Astarte por Esposo, quem elles escolhessem por Soberano: e como naõ quisséssem que o màis alto posto do Unîverso, como éra o de ser Marido de Astarte, e igualmente o de ser Monarcha de Babylonia, dependesse de enredos, nem conluios; juraraõ entre si, que esse seria Rei, que por màis valente e màis sabio eleito fosse. Levantaraõ, a algumas léguas da Cidade, um estacado, com vastos palanques magnificamente aderessados, onde haviaõ de entrar armados de ponto em branco, os Contendores; cada um dos quáes tinha, por detraz dos palanques, um Camarote separado, a fim de naõ ser visto, nem conhecido de ninguem. Deviaõ correr quatro lanças; e os que tam bem succedidos fossem, que levassem quatro Cavalleiros de vencida, combateriaõ depois uns contra outros, até que um ficasse Senhor do

Campo, e esse seria acclamado Vencedor dos jógos. Devia, dalli a quarto dias, tornar vestido das mesmas armas, para descifrar os enigmas propostos pelos Magos; e o que naõ os descifrasse, naõ serîa Rei. Começar-se-îa de novo o jógo das lanças, até que deparassem os Fados um, que vencesse as duas lides. Queriaõ absolutamente para Rei, quem màis valente, e màis sabio fosse. Ora em todo esse tempo tinha a Raînha de estar encerrada, com aperto de Guardas; e só lhe éra permittido assistir às justas, coberta com um véo, sem fallar a nenhum dos Pertendentes, a fim que na eleiçaõ naõ lavrasse favor, nem injustiça.

Astarte escrevia todas essas cousas ao seu Amante, bem esperançada em que elle, pelo amor que lhe devia, se desempenharia nellas com màis valor, e com màis sizo, que ninguem. Zadig partio lógo, pedindo a Vénus, que lhe roborasse o esforço, e lhe allumiasse o engenho; e como chegasse, na véspera do famoso dia, às margens do Euphrates, mandou alistar a sua devisa entre as dos outros Combatentes; e occultando seu nome, e seu rósto (segundo o que determinava a Lei) se foi repousar no Camarote, que lhe cahîo em sórte. Depois que inutilmente o tinha buscado em todo o Egypto, Cador tornado já a Babylonia, lhe enviou à sua pousada, uma armadura complecta; mimo que

a Raînha lhe mandava; e um Cavallo tambem, o melhor que em Persia se criara. Conheceu bem, em similhantes mímos Zadig, a maõ de Astarte; e dalli recresceraõ no seu amor, e na sua valentia, nóvas esperanças, e alentos nóvos.

Sentada no seguinte dia Astarte sob um docél de custosa pedraria; cheio o amphitheatro de todas as Damas, e de todas as Ordens do Estado Babylonio, appareceraõ na *lice* os Contendores; e veio, aos pés dos Magos, cada qual presentar a sua devisa; que, tiradas, veio por ultima a de Zadig. O primeiro que sahio a campo, foi Itobad, Senhor riquissimo, presumptuossimo, pouco valente, e ainda menos déstro, fraco de engenho, mas mui persuadido do que lhe tinhaõ ditto os de sua caza, que a um homem como elle cabia-lhe ser Rei; e aos quáes elle respondia: « *Por cérto, que a um homem como* » *eu déve-se-lhe um Reino* ». Vinha armado da cabeça até aos pés com armas de ouro, esmaltadas de verde, cocár de plumas verdes, e verdes fitas na lança. Lógo se divisou pelo desgeito, com que mandava o Cavallo, que naõ guardava para elle o Céo o sceptro de Babylonia. O primeiro Cavalleiro, que contra elle correu a lança, o desairou na sélla; o segundo o derreou sobre as ancas do Cavallo, com os pés para o ar, e os braços estendidos. Tornou a

Cavalleiros azul, e branco, como tambem os outros, em cumprimento da Lei, cada um ao seu aposento, onde Mudos os viérað servir; e de julgar é, que a Raînha, para servir Zadig, mandasse o seu Mudo. Deixarað que cada um, e sós dormissem aquella noite, até o dia seguinte em que o Vencedor havia de manhan levar ao Grande Mago a sùa devisa, para a confrontar, e ser por ella reconhecido.

Tam fatigado se achou Zadig, que a pezar de que éra amante, toda o noite dormio. Naõ assim Itobad vizinho seu, que se ergueu às escuras, lhe entrou no quarto, lhe tomou as armas, e a devisa, deixando-lhe, em troco dellas, as suas verdes. Dia claro, foi ufano declarar ao Archi-mago, que um homem como elle sahîa sempre Vencedor: e dado que ninguem tal esperasse delle, foi toda via acclamado em quanto Zadig dormia ainda. Attonita, e em seu coraçaõ desesperada voltou Astarte a Babylonia. Já (quando Zadig acordou) estava, quasi sem gente, a Praça: quiz vestir as suas armas, e deu co'as verdes; e como outros trajes alli naõ tinha, indignado, e enfurecido as véste, e entra assim com ellas no Terreiro, onde estes que ainda ahî se achavaõ, e pela de màis Praça, o accolheraõ com apupadas.

Fazem-lhe ròda, e nas suas mesmas barbas o insultaõ; e vaõ as algazarras, e os baldoẽs cres-

cendo em fórma, que apurando-se-lhe já paciencia, vái com o alfange feito sobre esse vulgacho, que se affoitava a ultraja-lo, e o poem em fugida. Ei-lo que naõ sábe em que se resolva. Impossivel lhe éra ir fallar à Raînha; como tambem reclamar a sua armadura branca; réclamaçaõ, que a malsinarìa de lh'a ter mandado: assim, em quanto Astarte se amargurava afflicta, bramava Zadig de des-socego, e furia. Vái dando passos pelas margens do Euphrates, persuadido de que o destinava a sua Estrella a ser, sem algum regresso, desventurado; repassava em seu animo quantas disgraças experimentara, desde a mulhér, que abhorrecia os Tórtos, até esta última das armas des-valijadas. « Que me naõ procedeu (dizia Zadig) de acor- » dar tarde! Se eu tivéra dormido menos, vi- » ra-me Rei de Babylonia, e possuidor de As- » tarte. Para-desastre meu me valeraõ as Scien- » cias, o Valor, e os bons Costumes! » Já por fim lhe ìaõ escapando murmurios contra Providencia, e se lhe ìa insinuando, que quem tudo governava, éra algum Destino cruél, que opprimia os Bons, e prosperava os Cavalleiros verdes. Uma de suas mágoas éra sentir-se dentro da armadura, que tantos apupos lhe grangeara. Vê passar um Mercante, e por baixo preço lh'a vende lógo, e lhe tóma uma tunica, e uma comprida gôrra, com cujo traje vái

costeando o Euphrates, como homem desesperado, maldizendo entre si a Providencia, que assim o perseguia.

O ERMITAÕ.

Encontrou-se no caminho c'um Ermitaõ de brancas, e venerandas barbas até à cinta, lendo mui attentamente n'um livro, que em suas maõs levava. Parou Zadig, e profundamente se lhe inclinou; a que respondeu o Ermitaõ, saudando-o com módo tam afidalgado, e meigo, que deu a Zadig vontade de conversa-lo, e de lhe perguntar que livro estava lendo. — O Livro — dos Destinos (lhe respondeu). Queres lê- — lo? — E o deu a Zadig, que ainda que muitas linguas entendia, nem um só caracter do livro soletrear soube; motivo este, que lhe redobrou desejos de comprende-lo. — Pareces-me — afflicto (lhe disse o Reverendo). — « Ay! » (lhe respondeu Zadig) e quam sobejos moti- » vos tenho de o estar ». — Se me facultas ac- — companhar-te (acódio o anciaõ) talvez que — te approveite: que tenho eu orvalhado de — consolaçaõ bastantes almas sem ventura. — Sentio Zadig que lhe infundia respeito o vulto, a barba, e o Livro do Ermitaõ; e lhe divisou na práctica, que com elle teve, superiores lumes. O Ermitaõ lhe foi fallando no Destino, na

Justiça, no Moral, no summo Bem, na Fragilidade humana, nas Virtudes, e nos Vicios, com tam valente, e persuasiva Eloquencia, que insensivel, e como encantadamente se lhe affeiçoou, e com instancias lhe pedio, que o naõ deixasse, até virem de volta a Babylonia.
— Essa graça te pêço eu tambem (lhe disse o
— Vélho) e jura-me por Orosmades, que por
— màis que fazer me vejas, me naõ largarás
—por uns cértos dias. — Zadig o jurou; e partiraõ ambos.

Chegaraõ à noite os dous Viandantes a um soberbo Castello, onde o Ermitaõ pedio hospedagem para si, e para o Mancebo, que o accompanhava. O Porteiro, que dava ares d'um grande fidalgo, com desdenhosa affabilidade os introduzio, e os appresentou ao Maioral Criado, que lhes andou mostrando as magnificas Sállas de seu Amo; a cuja meza admittidos foraõ, no tôpo inferior, sem que se dignasse o Senhor do tal Castello pôr nelles uma vez os ólhos; foraõ pórem servidos como os màis profusa, e delicadamente. Deraõ-lhes água às maõs n'uma bacia de ouro engastada de rubins, e de esmeraldas; e levaraõ-nos a reponsar n'um soberbo aposento; e pela manhan veio um Criado trazer-lhes uma dobra de ouro a cada um, e despedi-los.

« Sim me parece (dizia Zadig pelo caminho)
» generoso, mas desabrido o Dono deste Pa-

» lacio ». E quando assim fallava, reparou, que n'uma saccóla, que trazia o Ermitaõ, via no bolso della a bacîa de ouro, guarnecida de pedraria, que vinha allî furtada. Naõ lh'o deu a conhecer; mas bem attónito ficou.

Éra meio dia: péde o Ermitaõ pouzada, por algumas horas, n'umas cazinhas acanhadas, em que assistìa um avarento; um Criado vélho mal enroupado, desabrido os recebeu, e os fez entrar n'uma Cavalharice, onde lhes deu azeitonas com bafîo, paõ ruin, e manteiga de ranço. Com tam boa sombra, como na véspera, comeu, e bebeu o Ermitaõ; e voltando-se para o vélho Servidor, que allî ficou, na espéra que precizassem ainda d'alguma cousa, e que lhes instava que se despedissem da pouzada, deu lhe as duas dóbras de ouro, nessa mesma manhan já acceitas; e ainda màis lhe agradeceo a attençaõ, com que os tratara. — Peço-te (lhe disse ain— da) que faças com que eu falle a teu Amo. Introduzidos a elle, pelo Criado, disse o Ermìtaõ: — Naõ pósso, magnifico Senhor, deixar — de vos render muito humildes graças, pelo — nobre tratamento, com que nos agasalhaste; — pelo que digna-te de acceitar esta bacîa de — ouro, por fraco penhor de meu agradeci— mento. — Quazi que ìa cahir por térra stupefacto o Avarento; e o Ermitaõ, sem esperar que elle em si tornasse, partio com o mancebo

seu

seu Companheiro de jornada. « Tudo o que te
» vejo fazer, me pasma, (disse Zadig). Tu,
» meu Páe, óbras em revéz dos màis homens.
» Furtas uma bacîa de ouro cravejada de pe-
» dras preciosas, a um Senhor, que tam magni-
» ficamente nos tratou, para a ires dar a um
» avarento, que nos agasalhou tam mal? »
— Filho (lhe respondeu o Vélho) esse homem
— magnifico, que hospéda com tanta vaidade
— sua os Estrangeiros; que quér que lhe admi-
— rem as riquezas, necessitava escarmentar
— em si proprio, para ter juizo; e o avarento
— apprender a dar melhor gasalhado. Naõ te
— espantes de nada: ségue-me. — Tal ficou
Zadig, que naõ sábia se o havia com o màis
louco de todos os homens, se com o màis ajui-
zado. Mas tam superior éra o Ermitaõ no que
fallava, que Zadig, alêm do liame do jura-
mento, como de força o ia seguindo.

Éra noite, quanto appontaraõ à certa pou-
sada, agradavelmente construida; simples, sem
resabios de mesquinhez, nem disperdicio, cujo
Dono éra um Philosopho retirado do Mundo,
socegado cultor da Sapiencia, e das Virtudes;
e que desse seu viver naõ tomava enojo. Ap-
prouve-lhe edificar essas cazas de retiro, onde
hospedava os Estrangeiros com bizarria, e sem
vangloria. Veio elle mesmo ao encontro dos
dous Viandantes, e n'uns quartos cómmodos

5

lhes deu repouso; e algum tempo depois os veio convidar para a meza; que bem disposta viraõ, e bem asseiada; e durante a comida mui discretamente lhe fallou das ultimas revoluções de Babylonia, demostrando-se muito do partido da Raînha, e mui dezejòso de que fosse Zadig um dos Competidores à Corôa. Dizia com tudo que naõ mereciaõ os homens terem um Rei como Zadig: a este lhe subiraõ cores às faces, e lhe recresceraõ mágoas. Convieraõ na conversaçaõ, em que as cousas deste Mundo naõ iaõ sempre a gosto dos Sâbios; e o Ermitaõ sustêve sempre que incógnitas eraõ as vias da Providencia, e que os homens desacertavaõ em querer julgar d'um Todo, de que mal conheciaõ parte.

Fallou-se à cerca das paixoẽs do animo. « Que » funestas, que ellas saõ! (dizia Zadig) ». — Saõ rajadas, que enfunaõ as velas do Navio (acodio o Ermitaõ) e dado que algumas vezes o soçóbraõ, sem vento naõ há hi navegar. Encolerisa, e faz adoecer a Bilis, mas sem Bilis naõ se vive. Em tudo há perigo; mas tudo é necessario.

Fallou-se em prazeres; e o Ermitaõ provou que eraõ mimos da Divindade: — Por quanto — (dizia elle) naõ há homem, que se dê a si — próprio as sensaçoẽs, nem as idéias; de fóra — delle lhe vem todas; d'outrem lhe vem as — penas, e os prazeres. —

Espantava-se Zadig de que podésse discorrer com tanto acêrto um homem, que tinha obrado cousas de tanto disparate. Finalmente, depois d'uma conversaçaõ tám amena, quanto doutrinal, accommodou o Philosopho os dous peregrinos n'uma alcova; e foi dando graças a Deos, que lhe enviava dous homens de tanto sizo, e de tanta virtude. Offereceu-lhes dinheiro, com tam lhanos, e tam bizarros termos, que a ninguem podiaõ descontentar; mas o Ermitaõ, naõ o acceitou, e dalli se deu por despedido; por que tinha de partir para Babylonia, mui de madrugada. Foi saudoso o despedimento, principalmente à Zadig, que a tam amavel pessoa tinha cobrado grande affeiçaõ, e estima.

Quando se viraõ sós no quarto elle, e o Ermitaõ, por longo tempo se desfizeraõ em elogios de tal hóspede. Pela manhan o Vélho acordou o Camarada, e lhe disse: — Ponhamo-
— nos a caminho; mas quéro antes deixar a
— este homem um abono da minha estimaçaõ,
— e do meu affécto. — E dizendo, e fazendo, tráva d'uma véla accesa, e deita fôgo às Cazas; acçaõ horrenda! que arrancou clamores a Zadig, e lhe quiz atalhar, que a commetesse. Mas o Ermitaõ com forças superiores o tirou à estrada; e indo já bastante longe com o Companheiro, se pôz mui descansado a ver como a Caza ardia. — Graças à Deos (dizia entam)

— que já a Caza do nosso amigo inteira se a-
— brazou. Oh homem affortunado! — Tentado
se vio allì Zadig a desfechar com riso, e ao
mesmo passo de dizer injurias ao Reverendo:
mas naõ o fez, por que sempre o poderìo do
Ermitaõ o soppeava; e o foi (nada menos) se-
guindo até à ultima pousada, que foi em caza
d'uma Viuva caritativa e virtuosa, que tinha
em caza um Sobrinho de 14 annos, de muito
boas prendas, e unica esperança della; que os
agasalhoù o melhor que lhe foi possivel, e que
no dia seguinte mandou, com os dous hóspedes,
o Sobrinho encaminha-los até uma ponte, que
por quebrada de fresco, éra parigosa de pas-
sar. Diante delles ìa o açodado Mancebo, e
elles apenas tinhaõ subida a ponte, que lhe
diz o Ermitaõ: — Vem cá, oh Moço, que em ti
— quéro a tua Tia mostrar quanto agradecido
— lhe sou. — E èis lhe trava dos cabellos, e o
arremessa ao Rìo: d'onde elle inda uma vez
surgìo acima da água, lógo se mergulha, para
nunca màis surgir. « Oh monstro! oh requinte
» dos desalmados! (bradou Zadig) ». — Màis
— paciencia, que essa havìas promettido (a
— interrompe o Ermitaõ). Ora sábe, que de-
— baixo das ruinas do incendio, achou o Phi-
— losopho um thesouro immenso, que lh'o de-
— parava lá a Providencia. Sábe que esse Man-
— cebo, que a Providencia despachou do Mun-

— do, tinha, d'entro d'um anno de mattar á
— Tia : e d'entro de dous annos, a Zadig. —
« Oh barbaro ! e quem é que t'o disse ? (excla-
» mou Zadig). Quando tu mesmo, nesse teu
» Livro dos Destinos, tiveras lido esse suc-
» cesso, éra-te consentido que affogasses um
» Mancebo, que nenhum mal te havìa feito ? »
Em quanto estas nazoës dizia, fez reparo em que já o Vélho náõ tinha barbas; que o rosto lhe ìa acceitando feiçoës juvenìs; tornavaõ-se-lhe as roupas em quatro graciosas azas, que lhe sombreavaõ os magestosos, e resplandecentes membros. « Oh Enviado Celeste ! oh An-
» jo Divino ! (exclamou Zadig prostrando-se
» por terra) Descêres tu do Empyreo, para en-
» sinar um vil mortal a sumetter-se às ordens
» de Deos Eterno ! » — Os homens (diz o Anjo
— Iesrad) de tudo ajuizaõ, sem nada conhe-
— cerem; tu éras quem, de todos elles, sér
— màis alumiado merecias. — Zadig lhe pedio entam licença para fallar, dizendo : « Descon-
» fio de mim; nem sei se affoutar-me devo a
» pedir-te que me esclareças uma duvida. Naõ
» fora melhor corrigir aquelle Mancebo, e lhe
» dar virtudes, que affoga-lo ? » Iesrad lhe respondeu assim : — Se virtuoso fosse, e tal
— vivesse, tinha de sina assassinarem-no, e a
— Mulhér com quem cazasse, e aos filhos que
— della houvesse. — « Pois é forçoso (replicou

Zadig) que hajaõ crimes, e disgraças, e que nos bons é que estas càyaõ ? » — Os máos (respondeu Iesrad) já por si saõ disgraçados ; e tambem servem a acrisolar a virtude dessa pequena quantîa de justos, que neste mundo andaõ; que naõ há hi mal d'onde naõ proceda um bem. — « E se naõ houvesse (replicou Zadig) senaõ bem, sem haver mal? » — Entam (lhe tornou Iesrad) este mundo serîa outro mundo ; ao encadeamento dos succesos darîa a Sabedoria Divina differente ordem, cuja serîa forçosamente perfeita ; e essa só a pode haver na eterna morada do Ente Supremo, onde o mal naõ tem accésso. De milhoẽs de Mundos, que Deos creou, nenhum semelha a outro; variedade essa que é um dos attributos de seu immenso poder ; nem cá na Térra há hi duas folhas de arvore, nem nas infinitas campinas dos Céos, dous Globós, que sejaõ parecidos entre si : e tudo que tu vês neste pequeno àtomo, em que naceste, tinha de occupar o seu competente sitio, em tempo fixo, segundo as immutaveis ordens de quem abrange tudo o que é creado. Imaginaõ os homens, que esse Moço, que cahio no Rîo, que essa caza, que se queimou, cahira, se queimara por acazo ; naõ há acazo : tudo é crisol ou castigo, recompensa ou precauçaõ. Lembra-te do Pescador, que se

— tinha pelo homem màis mal-afforttunado, a
— cujo te enviou Orosmades, para lhe que-
— brares a sina. Céssa, mórtal mesquinho de
— altercar à cerca do que somente adorar re-
— léva. — « Mas... (dizia Zadig) E em quanto
dizia *Mas*, já o Anjo arrancava o vôo para a
décima Sphéra. Ajoelhado alli Zadig, adorando
a Providencia, se submettia a ella. — *Tóma o*
— *caminho em direitura de Babylonia.* — (lhe
exclamou dos altos áres o Anjo).

OS ENIGMAS.

Arrebatado de si, e como homem, a quem
lhe cahio ráyo aos pés, caminhava Zadig sem
tino, até que entrou em Babylonia, onde os
que haviaõ combatido na lice, éraõ juntos já,
no largo vestibulo de Palacio, para explicarem
os enigmas, e responderem às perguntas do
Archimago; e menos o da armadura verde, to-
dos os màis Cavalleiros alli se achavaõ. Em tor-
no de Zadig, mal que o viraõ, se apinhou o Povo
todo; nem se lhes fartavaõ os ólhos de o vêr,
nem as linguas de o abençoarem; todas as von-
tades lhe appeteciaõ o Império. O Invejoso, que
o vio passar, bramio, delle se arredou, quando
ao sitio do Congresso o conduzia o Povo. A
Raînha, a quem déraõ nóva da sua vinda, ficou
sobresaltada, entre temores, e esperanças;

desasocegos a gastavaõ, que naõ podia comprender por que motivo vinha Itobad com a armadura branca, e Zadig sem armas. Appareceu Zadig, e subito se ergueu um enleado murmurinho entre os que se alegravaõ de o ver, e os que se admiravaõ de que entrasse no Congresso, o que só éra licito aos Cavalleiros, que tinhaõ combatido na Praça.

« Eu combati como os màis (fallou Zadig) mas » outrem usa aquî das minhas armas, e bem » que naõ alcanço a honra de vo-lo provar, » faculdade peço de ser admittido a resolver » os Enigmas ». Foraõ a votos: tam arraigada estava ainda nos animos a sua reputaçaõ de probidade, que naõ vacillaraõ em o admittir.

Por primeira questaõ propoz o Archimago: — Qual é no mundo a màis comprida, e a màis — curta cousa? a màis expedita, e a màis ron— ceira? a màis divisivel, e a màis extensa? — a màis desperdiçada, e a màis sentida? Nada — se póde concluir sem ella; consóme quanto é — pequeno, e vivifica tudo o que é grande. —

Cabia a Itobad fallar; mas elle respondeu, que um homem como elle, se naõ empachava com enigmas; que assaz lhe sobrava ter vencido a grandes bóttes de lança. Responderaõ alguns, que o Enigma denotava a Fortuna, outros que a Terra, e outros que a Luz. Zadig disse, que éra o Tempo; por quanto (dizia elle) nada é

màis comprido; pois que elle é a medida de Eternidade; nada é màis curto, visto que a todos os nóssos projectos falta; nada màis detençoso para quem espéra, nem màis rápido para quem góza; estende-se em grandeza até ao infinito; e até ao infinito se divide em minimas porçoẽs; todos o desprezaõ, e todos o choraõ quando perdido; sem elle nada se óbra; elle é quem poem em esquecimento, tudo o que é indigno da posteridade; e elle é quem immortaliza as acçoẽs excellentes. Conveio todo o Congresso, que tinha acertado Zadig.

Perguntou-se depois: — Qual é a cousa, que sem se agradecer se acceita, se desfructa sem saber como; se dá a outros sem saber onde ella está; e sem se perceber se pérde? —

Cada qual disse a seu mòdo. Zadig adivinhou que éra a vida; e com facilidade igual desatou os nós dos outros Enigmas. Itobad dizia (quando lhe ouvia a soluçaõ) que nada éra màis facil, e que a quérer elle tomar esse trabalho, os adivinharia todos. Foraõ depois propostas algumas questoẽs à cerca da Justiça, do summo Bem, e da Arte de Reinar, e todos déraõ por màis sólidas em tudo as respostas de Zadig. *É pena* (diziaõ por alli) *que um Moço de tam bom juizo seja tam mào Cavalleiro.*

« Illustres Senhores (disse entam Zadig) eu » tive a honra de combater nesta Praça, e

» minha foi a armadura branca, de que se a-
» poderou o Senhor Itobad, em quanto eu
» dormia; por entender (segundo eu creio)
» que lhe ficaria màis airosa do que a verde.
» Prompto estou, sem màis armas que estes
» vestidos, e esta espada, a lhe provar, pe-
» rante vós, contra toda aquella armadura
» branca, que me elle tomou, que eu fui
» que tive a honra de vencer o valente Ota-
» me ».

Com igual confiança que despejo acceitou Itobad o desafio; por que naõ duvidava com tal elmo, táes braçáes, e tal couraça dar cabo d'um Campiaõ de barrête, e chambre. Tirou Zadig pela espada, e fez a salva à Raînha, que entranhada de prazer, e susto o estava contemplando: Itobad tirou a sua, sem cortejar ninguem, e lógo arremetteu a Zadig, como a quem lhe naõ dava algum receio; e levava o gólpe feito a lhe escachár a cabeça em duas. Mas soube Zadig atravessar o gólpe, aparando no *fórte* da sua espada o *fraco* da espada alheia; de mòdo que esta se lhe quebrou; e Zadig abrangendo pela cintura a Itobad, o derribou na areia do circo, e appontando-lhe a espada a onde falha a couraça: « *Deixa-te » desarmar* (lhe diz) *ou mórre* ». Itobad, sempre attónito de que similhantes desastres succedessem a um homme como elle, consen-

tio que delle fizesse Zadig o que bem lhe contentasse. Zadig lhe tirou com muita paz o magnifico morriaõ, as formosas braçadeiras, a soberba couraça, e a brilhante loriga; e vestido nessas armas, se foi lançar aos pés de Astarte. Facil foi a Cador dar as provas de como a armadura pertencia a Zadig, a quem lógo allì unanimes reconhecêraõ todos por seu Rei; principalmente o reconheceu por tal Astarte, que depois de tantos contra-tempos, desfructava agora o jûbilo de ver o seu Amante, digno aos ólhos do Mundo inteiro, de ser Esposo seu. Itobad foi para casa dar ordens que o tratassem por Excellencia; e Zadig se vio Rei, e se vio ditoso: tinha ante os ólhos do entendimento o que lhe dissêra o Anjo Iesrad, lembrava-lhe o graõ de areia tornado em diamante. Elle com a Raînha adoraraõ a Providencia; à bella caprichosa Missouf enviaraõ-na correr pelo Mundo; ao Salteador Arbogad chamaraõ-no à Corte, onde Zadig lhe deu no exército honrado pôsto, com promessa de adiantamento aos màis sublimes, se procedesse com honra, ou de enforca-lo, se tornasse a ser Ladraõ.

A Setoc, e à bella Almona tambem os mandou vir lá do rincaõ da Arabia, para que presidissem ao commercio de Babylonia. Cador foi galardoado, e querido, como os seus bons serviços o reclamavaõ. Foi o amigo do Rei, e o Rei foi

o unico Soberano entam, que tivesse um àmigo; nem passaraõ por alto ao Mudo da Raînha; ao Pescador fizeraõ dom d'uma linda morada de cazas, alem de condemnarem Orcan a que lhe pagasse uma grossa quantîa, e lhe restituisse a Mulhér; mas o Pescador, com màis juizo, que outrora, pegou só no dinheiro.

Lastimada Semira de ter imaginado, que Zadig ficaria torto; e chorosa a Axora, por lhe ter querido cortar o nariz, as adoçou Zadig com presentes. O Invejoso estallou de rayva, e de vergonha. O Império obteve paz, e fartura e renome; e este foi do Mundo o século màis feliz; por que éra gouvernado pelo Amor, e pela Justiça: todos bemdiziaõ a Zadig, e Zadig bemdizia ao Céo.

Esta Traducçaõ feita em Lisboa, para comprazer a uma Menina, que m'a pedira, em tempos que eu ainda sabîa menos frances que agora, precisavá ser conferida com o Original, mas naõ o tenho. Custaõ mui caras as Obras desse Author; e eu aquî naõ compro livros, que passem de quatro vintens de custo. Quem nélla achar faltas, emende-as; que eu presentemente naõ tenho modo de o fazer.

OS ULTIMOS ADEOS

A'S MUSAS,

DEDICADO

AO SENHOR ALEXANDRE SANÉ. (*)

Or laissons donc la Muse, Apollon et ses vers,
Laissons le luth, la lyre et ces outils divers,
Dont Apollon nous flatte, ingrate frénésie.
Regnier, Satyr. 4.

Deste ingrato Parnasso me despéço,
Estéreis Musas : Cá vos deixo a Lyra,
Que, sem pedir, m'a déstes. Já me canso
De espérar por um Louro, uma Héra inutil, (1)

(*) Sujeito de apurados estudos, conhecimento das linguas Grega, e Latina, Italiana, Ingleza, Hespanhola, e Lusitana, que apprendeu comigo, e de que tem composto um Diccionario Portuguez, e Francez, que está para dar à luz. Mas sobre tudo Sujeito de honrádos costumes.

(1) Ninguem quér a Cappella de Héra, por naõ ser mostrado com o dedo, já que de suas

Infructifera; prémio, que naõ chega,
Senaõ depois que a campa emmudecida
Cóbre, com sêcco pó, myrrhados óssos:
Prémio, que quando vem antes da mórte,
Vem dos dentes da Invéja aboccanhado,
Vem rompendo por turbas de desprezos,
De pobrezas, de injurias, de fadigas;
E nunca está na frente tam seguro,
Que, para della o derribar, naõ lidem
Mil Semi-vates, fartos de vangloria,
Armados de rifoẽs, e consoantes.
Os Vates somos hoje em pouco tidos: (1)
Acabaraõ-se as honras, que algum dia
O divino furor cevavaõ na alma
Dos Virgilios, dos Varios, (2) dos Horacios.

Obras naõ tem màis que mordeduras de nescios, e de invejosos. — *Eufrosina de Jorge Ferreira, acto 4.º, scena 5.*

(1) . . . . Amore e studio
Beato un tempo, hor infelice e vile.
Prolog. del Pastorfido.

Si saperem, doctas odissem jure sorores
Numina cultori perniciosa suo.
Ovid. trist. lib. 2, eleg. 1.

(2) Fuit autem Q. Varius et ipse Carminis, Tragœdiarum et Eclogarum auctor, Virgilii Contubernalis. — *Vetus Scholiast.* Thyestem

Muito há, que Augusto é morto, e màis Mecenas.
Já Pindaros, nem Sóphocles applaude, (1)
Vencedores em sábio Eléo certame,
O circumfuso Povo, no theatro
Màis honroso, que o Mundo vio tégora.
No Capitolio já se naõ daõ crôas
Aos immortáes Poétas, que alongavaõ
As vidas dos Heróes, annos etérnos.
Já os Reis o seu lado naõ confiaõ
Dos Adisons, Boileaus, Sás, nem Ferreiras,
Que as louvaveis acçoẽs lhes recommendem
A's engraçadas Filhas da Memoria.
As maneiras dos Reis, Grandes, e Povo
Ségnem, sem màis reparo, e fazem mòda
De amar, e desamar, a seu exemplo.
Quem de obrar altos feitos nada cura,
Nada préza os que sabem decanta-los.
Vái o Mundo a peior, em seus caprichos;
Naõ Poétas, Funâmbulos (2) péde hoje

Tragædiam Varius scripsit. *Idem* Imo Cassii Parmensis scrinia compilavit.

(1) Sint Mæcenates non deerunt, Flacce, Marones. — *Juvenal. Satyr.*

(2) Estavaõ, nesse tempo, muito em mòda os Volatins de córda.

Ita populus studio stupidus in funambulo
Animum occuparat. — Terent Hecyr. in Prol.

A douta gente desta nossa Térra.
Mui poucos, e mui poucas nos estimaõ;
E ainda a furto, e que o naõ sáiba o Mundo;
Que témem, que o Desprezo annexo à Arte
Seja contagio, que com elles prenda.
O cérto é sermos fábula do Povo,
Dos Nóbres, dos Togados, dos do Claustro;
E até das Damas, que de nòs se enjoaõ,
Quando com Odes, e c'um peito honrado,
Sem moèda, que tinna, as requestamos.
Que é já mui vélho, entre ellas, o costume
Pôr (se naõ traz pecunia) à pórta o Homéro,
Bem que venha das Musas ladeado. (1)
Lógo um ricco baboso lhe preferem,
Cujos máchos possantes ródaõ fórte,
E daõ ao Dono o jus de ser bem-visto;
E de ter em seus peitos cabimento. —
Pois se tem cargos, se por fóra um Christo
Lhe blasona enfunado nem larga fita! ...
Entam a Cruz, e as ondas dos tirantes
A alma venal lhe rendem, lh'a captivaõ.
Adeos, oh Musas; vou-me atraz da Pluto, (2)
C'um *Déve*, *um Ha-de haver* correr o Mundo.

---

(1) Ipse Licet Musis venias comitatus, Homere,
Si nihil attuleris, ibis, Homere, foras.
Ovid.

(2) Deos das riquezas.

Já sei quanto me básta ; escrévo, e conto
Régra de tres , cifroēs , e lettra Ingleza;
Tenho uma burra fórte , um peito duro ,
Ambos de aço batido chapeados. —
Que màis requeiro, para medir o ouro
A's fânegas no avaro gabinete ?
Assim fez Fabio, assim ganhou Lucindo ,
Hoje Idolos da Corte, e da Cidadde.
Eu Poéta ! *Abrenuntio !* Nem por sonhos.
Hoje que aos Vates chamaõ-nos Orates,
E à Caza dos Orates nos remettem !
Como se acçaõ naõ tenhaõ màis fundada
Para éssa moradìa , tantos loucos ,
Que elles tanto celébraõ por sensatos.
Um , sóffrego de bens , de que naõ góza ;
Um , perdido por honras , que outros lévaõ ;
Este a bejar poeiras, por uma áura
De valimento magro , e baudoleiro ;
Outro , que sécca em rézas , em candéas,
Hypócrita beáto , engana — párvos ;
Mil namorados , prezos ás janellas ,
A's portas das que a somno solto dormem
Descuidadas do Amante resfriado ;
Mil manhosos , venáes Contratadores
De esperanças , de risos , de lisonjas ,
Merecem o hospital , màis que os Poétas.
Com tudo naõ me arranjo co'esse officio ;
Que é cóme-em-vaõ , e que naõ rende um chavo.
Rende crîticas , moffas , e calumnias.

Seja Vate o *Pespégo*, Vate o *Alforra*, (1)
Vates Caixeiros, Philamintas Vates.
Mas seja com razaõ, ou com aggravo,
Esse opprobrio, eu, Pierias, vou-me embora,
Deixo vosso Congreso, deixo Apollo,
Seu influxo, e as correntes da Castalia;
Deixo o Pégaso, rebellaõ ginete,
Que em certa romaria ao verde Pindo, (2)
Bem sabeis, Musas, me estendeu ao longo,
Como um Cassaõ por terra. Vou-me, vou-me. —
Naõ me chameis; naõ me promettáes mimos;
Nem por deter-me aqui, digáes com graça
Que quem naõ sabe da Arte naõ a estima. (3)
Que esse, que amasteis, e lhe assim dissesteis,
Nunca o louvaraõ vivo, nem premiaraõ.
Que lucrou de seus versos? mil miserias:
E màis ergueu ao Céo a gloria Lusa.
Os Vicios decepou honrou Virtudes.
Cada vez que Camoẽs me sóbe à mente,
Que os infortunios seus, sua pobreza
Recòrdo, ao canto dou de maõ, e à Lyra,
Pezaroso do tempo tam mal gásto,
Que em *Déve*, em *Ha-de haver* lucrára minas.

---

(1) Os verdadeiros nomes cá ficaõ no tinteiro, esperando melhor occasiaõ.

(2) Ode — *Crave embora o Gageiro.*

(3) Verso de Camoẽs.

Assim adeos, Meninas do Parnasso;
Entretei com lisonjas quem vos creia,
Em ventoinhas creia, e em vós fiádo,
Subindo às azas da palreira Fama,
Corra as sette partidas (1) deste mundo.
Embora vos mantenhaõ companhia
Um Torres, um Bandeira, um Figueiredo,
Um Monteiro, um Diniz, valîdos vossos,
Do vosso intimo arcano Secretarios,
E de Aónias mercês dispensadores.
Com delgado pincel Monteiro pinte
Astréa, que ao fugir da iniqua Terra,
Deixa saudosa os ultimos vestigios,
Nos Athlanticos hombros estampados.
Descreva o Templo occulto do Segredo;
O Casquilho, que vem na sége à tróte,
E o Soldado, que impède entrar no Carmo (2)
O mesmo General; que assim as ordens
Recebeu do Pàteiro do Convento:
E ora facéto ao Pôvo douto alégre,
Ora às auras sublimes se remonte,

---

(1) Naõ serîa com tudo o primeiro, que as corresse. Que já o Infante D. Pedro as correu antes delle. Quem duvidar disso, leia o Auto das sette partidas desse filho de D. Joaõ I.

(2) Faz allusaõ a uma engraçada óbra desse Poeta sobre um caso, que nessa Igreja succedeu.

Pois que ao Génio de Vate ajuntar sabe
Porfiada liçaõ, critico gosto.
Assim Garçaõ, seguindo o'Venusino,
Tóma o vôo, co'as azas estendidas,
Quando canta a progénie illustre, e féra
Dos que na Paz dourada, ou Guerra dura,
A si ganharaõ claro nome, e aos Nétos:
Ou, amansando o vôo, busca o trilho
Do Teio Anacreonte, quando escréve
Vermelhas brazas, alvo paõ tostando, (1)
Ou do Delfim a calva loura, e liza,
Da carroça dos annos naõ trilhada.
Assim pérde tambem de vista a Térra,
Diniz, que emular Pindaro contende,
Quando pinta a Discordia espavorida,
Co'as serpentes azûes tapando o rosto,
Escuma, mórde a lingua, range os dentes;
Fóge raivosa, e as conchas éncrèspando,
Lhe vaõ silvándo as encrespadas hydras.
Ou quando imita os Bácchicos furores
Dos que vindimaõ, dos que se embriagaõ
C'o sancto sumo de Evio poderoso:
Já doces phrenezis a alma lhe agitaõ,
Já o tropel dos espíritos alégres
Pela veias, fervendo, lhe galópa:

(1) Verso de Garçaõ no Sonetto 16, se me naõ é falsa a memoria.

E em versificos fumos se lhe exhala.
Tambem o admiro, e ainda direi que o amo,
Quando assim nos conserva a singelleza
Dos costumes dourados da E'ra antiga,
E sópra a avena, que soproù Virgilio.
Entam me é grata a vida campesina,
Entam Gados, Lavouras me saõ gratas,
Creio-me entre Pastoras, pelos bósques
Dansando à argentea luz da clara Phébe,
Vejo os rios ir mansos passeiando
Por entre verdes florescentes margens:
Alli louras espigas encurvadas
C'o pezo do Pardal, que as depenica,
Alli frondentes Fáyas sombreando
Ora o Zagal saudoso, enamorado,
Ora os rebanhos da calmosa Ovelha.
Tu, que pintas assim, és Vate Elpino:
Saõ Vates os que em phraze naõ rasteira,
(*Natural* à rasteira os Néscios chamaõ)
Se separaõ do Vulgo indouto, e iniquo.
Esses, oh Musas, que vos dévem tanto,
E com quem esgotasteis vossos mimos,
Esses escrevaõ, esses se arrebatem,
Esses cantem assumptos estupendos,
Que a alçada excédem dos engenhos fróxos.
Esses, que viraõ do alto Pindo o cume,
Onde allì c'os Virgilios, c'os Homéros
C'os Tassos, c'os Camoës, Pindaros, Sapphos
Sem injuria sublimes se sentaraõ,

Esses que entoem os sagrados Hymnos,
Que os Deoses vem ouvir, quando vós, Musas,
Soltáis a voz sonóra aos áres puros,
Modúlando, e ajudando-os em seu canto.
Contem esses a nós, Mortáes humildes,
Qual magestade os Numes no alto Olympo
Trajados de luzeiros representaõ;
Que eterna mocidade lhes derrama
Nos rostos o suave, e sancto Néctar,
Vertido pelas maõs de Hébe formosa;
Qual regra os Orbes guardaõ no seu gyro,
Quáes novas fórmas de melhóres séclos
Se prepáraõ na Célica officina,
Para aos nossos Vindouros fortunarem;
Qual nova Astréa, as azas despregando,
Inclina o vôo às térras subjacentes,
Nas maõs trazendo as întegras balanças.
Esses, e os seus iguáes tracem Poemas,
Em louvor dos Heróes, dignos de Gloria,
Dos Páes da Patria, Aurelios, e Trajanos;
Novos Camoẽs o nosso Reino illustrem,
Que cantem nóvos Gamas, e Alboquérques.
Basilio, em Canto altiloquo forceje
Cantar Freire, (1) na América famoso;
Que serve o Rei, com honra, e valor nobre:
General muito humano, cujo peito

(1) Vid. Uragay, Poema.

Mavioso, e pio naõ consente a vista
De cadáveres frios, desangrados,
Victimas da ambiçaõ de injusto império.
Naõ de outra sórte o Sá (1) trilha as pizadas
Do Cysne Mantuano, e Luso Cysne,
Quando dá na Maláca conquistada
Tanta honra ao seu Heróe, e à nossa Térra.
O Barroco arrojado tóme a Tuba,
Que embocçaraõ Poétas tam divinos,
E que inda quente está de seus furores;
E a pezar das Naçoẽs que máis se illustraõ,
E saõ longe de nós na Épica altiva,
Dará máis um motivo à sua inveja. (2)
Outros, na Lyra, órá árdua, óra màis branda,
Nem menos nóbre, nem prezada em menos,
Pela estràda dos Flaccos, dos Ferreiras;
Cantem fórtes acçoẽs, amores cantem,
Dem Sóphocles à Pátria, dem Terencios,
Dem Alceos, dem Theócritos, dem Moschos,
E até dem Sápphos; que estès ares Lusos,
A'os da Grécia, ou Sicília naõ lhe cèdem,
Nem saõ do Délio Deos menos bem vistos.

---

(1) Francisco de Sá e Menezes.

(2) Se esta minha prophecia falhou, naõ foi culpa do propheta; foi sim da Morte, que immaturo no-lo roubou.

Seja abono uma Láura, e Marcia, e Tirse (1)
A quem enfeitaõ da Corinna os louros;
E que com dextra igual, se as móve Apollo,
Da Lyra, ou do Alaûde as còrdas férem.
Com quem dos Vates comparar-te posso
Torres sublime, quando o véo levantas
Ao nublado Futuro? ou quando móstras
Como, com largo cinto, e ténue vara,
Viste Cupido, à luz da ruiva Delia,
Dar tres vóltas, n'um circulo mettido,
Os ólhos envesgar, ferir raivoso
O chaõ, c'o esquerido pé? ou quando narras
As prácticas dos Numes, no alto assento?
O Céo naõ tem luzeiro, o Inferno sombras,
Que tu, co'a aguda vista naõ penétres.
Qual déstro Creador de nóvos Orbes,
Tu do Universo os ambitos alargas,
E o povôas de nóvos moradores;
Fazes surgir, dos golphaõs do atro Cháos,
Mil nóvas formas, mil variados entes;
E aos que éraõ méros sonhos, turba infórme,
Tu lhes dás corpo, dás acçaõ, dás vida.
Eu vejo (se tu quéres, e se vólves
Da mágica Poesia a hardida vára)

---

(1) Senhoras, de quem li muito bonitos versos. Naõ cito outras antigas, cujas Obras conhecidas saõ.

Mover-se

Mover-se os troncos, condoêr-se as penhas,
Os tigres se humanar, parar os Rios,
E debruçar-se sobre as verdes urnas
Para te ouvir cantar nóvos prodigios
Similhados aos que, nessa E'ra, obrara
A Musa Grega, quando Homéro pinta
As Trîpodes, por si, aos Templos indo,
E os Carvalhos de Dódona, que fallaõ.

Bem vêdes, Musas, que eu estimo a prenda;
Que estimo ós que a disférem nobremente;
Que os louvo, e que os admiro: e se eu podesse
Esses claros Oráculos do Pindo,
Corypheos da harmonia ousada, e forte,
(Naõ digo que igualar) mas imita-los
Inda de longe, naõ deixava o Monte,
Nem o vosso Congresso lisonjeiro.

Naõ pòde todo o Vate ser Homéro.
Pòde Pindaro ser, e ser Horacio:
Pòde inda menos ser, e ter seu nome;
E esse o sentir foi jà do Venusino,
Quando dizia a Lollio: « *Nem tu creias*
Que hajaõ de perecer as que eu nascido
Junto do Aufîdo, que resôa ao longe,
Vozes sólto, que à Lyra se associem,
Por arte naõ sabida até-hoje, em Roma.
Nem, por que occupa Homéro da Meonia
As cadeiras da frente, em canto escuro
Se escondem as Pindaricas Camenas,
As Céas, as do Alceo ameaçadoras,

Ou de Sthesícoro as cordatas Musas:
Nem os annos gastaraõ quanto outrora
Brincou Anacreonte : inda respira
O Amor , e inda estaõ vivos os ardores ,
Que ás cordas confiou a Eólia Moça ».
Sim , se eu pòdesse emparelhar , ao menos ,
C'um *Seixas* no engraçado , no festivo ,
C'um *Tolentino* , que divérte , e instrue ,
C'um *Quintanilha* térno , e saudoso ,
De Amores rodeado , e todo amores ,
Meigo em Eclogas , em Sonettos meigo ,
Bejos cuida , saudades cuida , e queixas,
Segundo o affaga , ou punge a sua Amada ;
Nunca desamparara a Lyra , oh Musas.
Mas cansar-me , e suar dias, e noites;
Lêr um , lér outro , andar imaginando
Versos , que tenhaõ pólpa , inda naõ dittos
Por Lacia, ou Grega vóz , e parecer-me
Que dei com elles , ir muito lampeiro
Borrar papél , com *ozos* , *idos* , *ados* ,
E depois ser Poéta mui rasteiro ,
E comparar-me co' esses , de quem zombo :
Nunca o espereis de mim. Se me querieis
Metter na conta dos servìs devótos ,
Com melhór E'stro a mente me aquecesseis...
Màis digo : — Em suas chammas abrazado ,
Qual Camoẽs , vos pintasse Adamastores ,
Ou qual Virgilio as Náos transmude em Nymphas,
Que fallem , prophetizem , que recontém

Sustos de Teucros, nos cercados muros.
Lisonjeasseis melhor meu amor proprio,
Desfeitas em applausos, em caricias,
A soberba dos Nobres, e a das Damas.
Agora já me vou desenganado
De que naõ mereci privar com vosco.
Lá vos ficaõ bastantes trovadores
Pela baixa rayz desse Parnasso,
Com quem zombeis por loucas esperanças,
E a quem nunca dareis, por piedade,
Um sôrvo da Castalia, ou de Agannippe. (1)
Vou-me, vou-me; naõ tem remedio, vou-me...
Mas eu seu louco; os versos me atontaraõ;
Esquecia o melhor da minha vinda.
Nésta ultima romage ao vosso Pindo,
Que fiz por vir cá vêr Alcippe e Daphne,
Muito me admira ter em vaõ corrido
Os lauriferos bósques, sacros antros,
Sem que as encontre. Em vaõ ansioso as chamo:
« *Oh vate Alcippe, oh Daphne, oh minhas Sáp-*
» *Onde estáes? onde estáes?* » (*phòs*,

ALCIPPE E DAPHNE.

Aqui, Filinto.
— Naõ nos vês? Entre Urania, entre Calliope,

---

(1) Que lista bem recheada podia eu aqui pôr, se quizesse nomea-los. Por compaixaõ o naõ faço.

— A nós ambas enlaça Erato as dextras.
— Aquî te dezejamos ; tóma assento
— Junto de nòs , qual já tomaste outróra,
— Quando em nocturno Delphico Parnasso,
— Te ouvimos discantar áltos conceitos. —
Ficái vós, minha Alcippe, e minha Daphne,
Gloria, e brazaõ das Vates Lusitanas;
Que eu naõ fico. Já dei razoẽs sobradas
Da minha despedida. Máis naõ canto;
Que a Lyra já quebrei; tenho a vóz rouca,
Naõ canto màis; mas sêde màis que cértas,
Que ouvirei vóssos Cantos com delicia;
Oüvirei Cantos de immortáes Poétas,
Que sustentem parelhas com os vóssos.
Mas à pórta porei um Caõ de fila
Mal-encarado, que arrepelle, e morda
Todo o Poéta máo, que pedir venha
Louvores a approsados ruins versos.

ENIGMA.

Morro, no instante, que apparêço ao dia,
Ando c'os meus seis pés; e mudo, e quêdo
Da luz fujo. Talvez de gran valîa
Ao Namorado sou, (se ama o segredo)
Sou.... Mas, se o teu saber já me adivinha,
Perdi todo o valor, e o serque tinha.

ODE.

— — — Aggeribus ruptis cum spumeus amnis
Exiit, oppositasque evicit gurgite moles (omnes
Fertur in arva furens cumulo, camposque per
Cum stabulis armenta trahit. — *Virg. Æneid.* 2.

Se si vede fra l'argini stretto
Sdegna il letto, — confonde — le sponde
E superbo fremendo s'en va.— *Metast.*

O Ribeiro, que nasce na montanha,
Com limpida corrente,
Serpêa, deslizando pela encósta;
No seu liquido espelho
Retrata a Chôpo trémulo, e os Salgueiros;
E do jardim mimoso
Mólha os pés, ou já réga aldeaõs legumes.
Maléficos Magnatas,
Com pédras, com terroẽs em vallo unidos,
Com ferrenhas estáccas,
Do hôrto sequioso do Villaõ sem-posses
Consigaõ des-via-lo,
E ensinar-lhe caminho de màis luxo,
Para marmóreos lagos;
E inda assiduos no mal, inda protérvos,

Com lida, com insulto
Possaõ sumi-lo em cavernoso leito
De bíbulas areias (1) . . .
Mas, se grosso negrume, ao longe, trôa,
E rápido fuzilla;
Se, sobindo, escurece os horisontes
Com medonho diluvio;
Se, impetuoso hynverno (2) desatando,
Embórca, da alta nuvem,
Pezadas ondas, que o terrêno aláguem. —
Cóbra o Ribeiro forças,
Engrossa, alarga, e o leito desprezando,
Assobérba o vallado,
Revólve de tropél terroẽs, e pédras;
Com clamorosa fuga,
Pela vedada via, insano, e cheio
Desdóbra as forras vagas;
E no solto rondaõ envolve, e affunda
O Vallador, que encontra. —
Assim, com fito infame, assim quizéraõ,
Nos fanaticos Reinos,
Al-vallar a corrente da Verdade,

---

(1) Como o Rheno, que se perde nos areáes de Katwik, lugarejo pouco distante de Leyde em Hollanda.

(2) *Emissam hyemem sensit Neptunus.*
Virgil. AEneid. 1.

Que do Monte Divino
Descia mansamente, e oppunhaõ muros
De Censuras precaces,
De esquecidas (1) masmorras, e fogueiras.
Mas, eis que se érgue em França
A esquiva tempestade, ameaçadora
Das despóticas frentes....
Já roncaõ os trovoẽs, os rάyos rásgaõ
O nûbilo regaço;
E já nos ares pézaõ os chuveiros,
Que haõ-de inundar a Europa.
Tremei, Tyrannos, que opprimis com dura
Escravidaõ os Póvos,
Naõ se êrga, em vosso quente sangue tincta,
Da Liberdade a Palma.
Impios, tremei... Que eu ouço já, das campas
Dos innocentes Réos,
Alçar-se um brado iroso, e vingativo,
Que re-struge em grósso éccho
No viril peito de almas arrojadas.
De Némesis o férro
Luzir vejo, e brandi-lo a maõ potente
Armada de iras justas.
Oh quanto já ameaça, assusta, ao longe
Vossa cerviz culpada!

---

(1) Bem esquecidos saõ os que n'umas jázem, ou n'outras morrem.

SONETTO.

QUANDO é que eu hei-de ver esse Javardo
Gerigoto (1) fallar lingua de gente?
Sempre Cáfre nos cráva á maõ-tenente
Um mixti-forio de ingrimanço pardo. (2)

Se póde arrebentar, como um petardo,
Com palavraõ de estálo... ei-lo contente:
Poêm *Desgravidaçaõ*, poêm *Transparente*
Nas luminarias de màis alto esguardo. (3)

Mas lá vejo Mercurio, que des-torce
Da vara, as sérpes; fórma disciplinas,
Que em ti, máo Gazeteiro, haõ-de ter uso.

Poêm à véla o sedeúdo rabo. — Oppor-se
Aos açoites é vaõ. — Saõ as propinas,
Que léva quem fallou Gállico — Luso.

---

(1) O seu verdadeiro nome naõ vái aquî declarado; mas os Curiosos o pòdem adivinhar nos consoantes de Gerigoto.

(2) Chamaõ-lhe *pardo* pelo muito, que se parece com o fallar de cérto mulato mui exquisito, que eu (por meus peccados) ouvia muitas vezes fallar. — (3) Todos os bons Francelhos, accolheraõ como deviaõ, a eloquencia de Gerigoto nas consequencias panegyricáes da *Desgravidaçaõ*.

NASCIMENTO
D'UM PRINCEPE. (*)

Eraõ 6 hóras da manhan, e *Alétophilo* inquilino do *Port-au-bled*, tinha vélado até ás 4. Eis que sobresaltado acórda aos desfechados tiros da artelharìa, que na *Gréve* trovejava, respondiaõ-lhe os canhoẽs da Bastìlha, tremia a barra, (1) tremia a caza, e o seu Tácito lhe cahîa da desmantelada banca. Ergue-se ao desentoado estrondo, e ás enleadas vozes, que passaõ a travez do desconjuntado tabique; abre a porta, e ouve ás mulhéres do seu patamal. — Nasceu hontem um Princepe: terêmos artificios de fôgo! — Naõ (dizìa outra) commutaõ os em casamentos; 600 noivas haverá desta feita. — Desçamos (dizia a terceira) que vaõ deitar na Praça paõ-molle, e chouriços a rodo, e vinho a baldes. — Dançarêmos na *Gréve* (dizìa uma màis moça) E a quinta perguntava — Se haverìa *Amnistia* para que seu Irmaõ, que é

(*) Tableau de Paris, tom. 4, chap. 57.
(1) Pobre leito de Poéta.

*

gallhardo moço, que é desertor, voltasse.— Por que naõ (dizia a ultima) pois que soltaõ das cadeias os que ahi estaõ por dividas?

A idéa dos foguettes, da grosseira comesana, das rinchantes rebeccas encarapitados em pulpitos, as luminarias, a assuada dos sinos davaõ pasto a esta desmanchada alegria, Subito apparece uma nova marafona, com as maõs cravadas nas ilhargas, a gritar. — *Já o vi, Já o vi.* — Viste-lo? — *Vi.* — E entam? *Chorava o real Infante.* — Jà chóra (reflectia comsigo o Philosopho) e com estas palavras no peito, entra no quarto, lança maõ da penna, e sobre a carunchósa méza, sem levantar o Tacito, que aos pés lhe jaz, escreve assim:

Chóra o Infante real! Chóra, que tens de ser Monarcha.... chóra, que tens de herdar grandes podéres, e maior encargo ainda! Que serês Soberano de impérios dilatados, é ser màis vassallo ainda de usadas sem razoẽs. Chóra, que em ti, em tuas acçoẽs terá cravados d'óra-em diante os ólhos o Universo. Viraõ pedir-te possiveis, e impossiveis; e, como que foras Deos, cada subdito quizéra tudo obter de ti. Desasocegado serás do que em teu Reino, e do que fóra delle passa. Tens de velar, para que todos durmaõ. Tribulaçoẽs te haõ-de vir de longes terras, e se na alta atalaya te descuidas, ninguem será màis criminoso que tu.

Chóra; que a ninguem será màis custoso de avistar a verdade, que a ti: nem pôr màis cabedal de forças sobre-humanas, para ser liberal e grande: Chegar-se-haõ a ti os homens, com o coraçaõ cheio de verdades, que o teu podêr, o que o terror do throno affugentaráõ de ti; e a verdade que ìa apontàr nos labios do homem virtuoso, e intrépido, suffocada lhe expirara na bocca. A Ti cabe ir procura-la; que ninguem a t'a dizer se attreve.

Começas a tomar o peito da Ama, e já do militar valor te trazem as insignias! (1) e já sobre as mantilhas, ao lado da roquinha te poêm a venêra, que cortado de honrosas cicatrizes pertende, e naõ alcança o Capitaõ encanecido. Ora, pois que tuas tenras maõs toccáõ nesse adorno da valentia, comprado com guerreiros suores, lembre-te que tens de ser seu Cabo, e que has-de mandar exércitos. Chóra.

Tens de luttar com o feiticeiro logro dos màis vivos, e mais multiplicados prazeres: que haõ-de adivinhar-te a vontade, e dar-te a beber em cheio na taça dos deleites. Chóra. Que prazeres porás entam de reserva para a idade madura? Ainda te résta o maior de todos, que é disvellarte em affortunar os homens. Mas quem te ensinará a desfructa-lo?

---

(1) O hábito do *St.-Esprit*, ou *Cordon bleu*, com que o armavaõ no berço.

Terás thesouros com que alistes exércitos, construas armadas, levantes fortalezas. Bem logrados thesouros! Mas quam máis sobejos os naõ terás, para o esplendor de teu Palacio? para... para... ect. Chóra; que esses thesouros saõ o óbolo da vuiva, o jornal do obreiro que te dá ametade de seu trabalho, e com a outra compra rolaõ grosseiro para a mulhér, e filhos.

Venderá o pobre lavrador a cama, para arredar de si a penhóra, que o desabrido cobrador da décima lhe commina. Virá o Hynverno, e dormirá na dura térra o desditoso. De seu vendido leito entra o preço em teus milhoẽs. Chóra.

Dir-te-haõ que é exageraçaõ; e será essa a primeira falsidade, que te abrirá a estrada para o erro; golfo de erros se a elle te entrégas! Lisonjeiros acharás, que de manhosos, tem adoptado adular grosseiramente; que quando faças o que o filho do teu escravo fará dez vezes no dia tam bem, e ainda melhór que tu, te digaõ, que fizeste uma proeza extraordinaria; que se obedeces às tuas paixoẽs te applaudaõ de que *fàzes bem*; que se, como a água da fonte, derrama o sangue de teus vassallos, te digaõ que *fazes bem*. Se aggravas o pezo dos tributos, se poẽns o ar por estanque, te diraõ com vóz interesseira, que *fazes bem*, Se de poderoso que és te vinga cruélmente, te diraõ ainda que *fazes bem*. Que naõ disséraõ os aduladores a Alexandre magno, quando cravou o ébrio punhal no peito a Clito?

Já no berço travaõ de ti versistas, e academicos para te naõ largarem até ao ataûde. Empenhados em suffocar-te c'o venal incenso te faraõ Deos em seus escritos, ou Semi-Deos ao menos. Mas lá virá (considera-o bem) com profundo, e immortal buril a Historia. . . .

A Historia! .. Queres um aviso, para que a naõ receies, antes a ames? Para contemplar sem sustos seu magestoso e sevéro vulto? Sê homem: e quando fores Rei, aspira mórmente ao titulo de homem. Vem aprender comnosco a gozar da essencîa, e dos prazeres de humano; a gozar da Verdade, do Amor, e da Amizade, màis suave que elle. Sáhe de teu dourado cárcere, se teus escravos t'o consentem; transpoem o umbral em que te encerraõ; vem desfructar os nossos deleites. Atrever-te-hás tu a despedaçar os grilhoẽs, com que a tua guarda te apprisiona os passos? Chóra.

Esta minha franqueza te descontentará talvez: a esse tempo já eu serei pó, e lôdo. Entam te persuadirás que amo em tî o bem, que aos homens fazer pódes, o mal que lhes pódes evitar, o grande póder, que te é facil encaminhar a favor da paciente humanidade; por quanto aos Monarchas absolutos, como tu és, cábe sómente dar effeito a grandes, e importantes reformas.

Em ti considéro fitos os ólhos da Providencia; que tal naõ sou, que entenda desamparada ao

Acaso a constituiçaõ dos Estados, por quem organisou com melindre as azas d'um insecto. A Providencia imploro pois, paraque te conceda seres justo. Que palavra proferi eu !. . . Sim : justo. Naõ sejas bom ; sê justo. Castiga, para naõ seres cumplice nos crimes. Chóra, real Infante ; chòra, que tens de castigar. Que eu em tanto, no meu mal-telhado retiro, dou graças a Deos supremo, de que naõ pôz sobre meus hombros o encargo, que te fará vergar. Nem màis lutta se me offerece, que a da pobreza ; e tu tens de medir a lança com a Lisonja, com a Mentira, com a Soberba, e com a tua propria Grandeza. Com te pagar o tributo, te fico crédor do meu descanso.

Por que te naõ seja, nem aos outros perigosa a tua elevaçaõ, repara no que assignas (e que immensidade de assignaturas !) repara, que de ti depende o sustento, e a vida dos teus subditos. A Natureza dictou esta irrevogavel Lei, anterior a toda a convençaõ social. Que deslustre para o teu diadema, naõ fora a penuria do teu povo ? Na lembrança do amigo dos homens morrerìa sem gloria o teu appellido.

O primeiro Estadista que proferio : *A Necessidade é maẽ da Industria* creou um próverbio para os Tyrannos. Nunca a Indústria será filha da Necessidade. Que descorçôa, enérva, próstra os homens a pobreza ; ou os irrita, deses-

péra, e impelle aos desacatos. Pergunta aos facinorósos, se os instigou a séde de ouro; e dir-te-haõ, que o impulso da penuria. Nem há ahi atalhar crimes, sem muliiplicar subsistencias, e deixar a cada um sua industria abastada, e libérta. Maior proveito para os riccos: que se o pobre desesperado lhe arranca o ouro, é por que de muito avaro o fechou todo na sua maõ.

Se queres que o brado universal bemdiga a tua Soberana authoridade, abate, e destrue com ella, em todo o teu dominio, os vexadores tyrannos subalternos, que em teu nome conculcaõ a liberdade; e será omnipotente, e sagrado um aceno teu. Naõ há despotismo, que iguale o mando de um Monarcha, que impéra a Cortesaõs, que reinaõ à sombra delle.

Roga o Summo Distribuidor dos humanos fados, que te dê da sua luz, e da sua força, que mui feliz é a éra em que nasceste. E'ra bem aventurada! E'ra, que para ti trabalha, que de dia em dia se esclarece, que te prepara, e ajunta novas e proficuas idéas. Compoem-te ao espelho das altas qualidades de *Fréderico*, e *Catherina*. Sobeja que lêr queiras. Que lêas, só te péço. Lê quam grandes, quam magnificas acçoẽs, em menos ajudado clima, obraraõ *Catherina* e *Fréderico*.

Que naõ poderás tu, se sangras as riccas veyas de ouro, que à porfia nestas mudas linhas te

traçamos! Que estrada tam real para a duradoura Fama! Nem, dè vanglorioso, tem de offender-te nestas lettras que t'a indicaõ. Que o livro é quem te falla, e naõ o homem. Terás tu susto d'um livro? Segundo que o livro te agrade, o apertarás a teu peito generoso, ou arredarás de ti, se... Naõ temas nunca de abrir um livro, que só por esse atalho aprazivel, e respeitoso póde entrar a Verdade mansamente, sem que te estremeça o altivo, e melindroso ouvido. Tanto màis attento, e màis confiado escutarás seus avisos, quanto màis facil te é o pô-lo de parte. Nos seus quadros veràs aquella classe de Povo, que tam desconhecida é no teu Palacio, posto que nella estejaõ encondidas as raizes, que aviventaõ a frondosa rama de que tanto blasona a árvore. De occultos, e vivificos canáes rebenta, e sóbe a opulencia régia. Porque te miras tu só no tronco?

Lê; quando màis naõ seja, que para ouvir o contrario de que todos os dias te diráõ. Divérte-te nesta contra-posiçaõ. Quem te fallará sem rebuço, e a cada instante, que o queiras ouvir? Um homem, que nenhum interesse ganha em te enganar, que vive longe de ti, que te naõ vio nunca, que nunca te irá ver, que está jà na sepultura, ou que a ella se avisinhá. Esse homem te presentêa com o que os seus ólhos, o seu entendimento, a sua experiencia grangea-

raõ : e te dá gratuito libértos, e veridicos conselhos, de que nenhuma condiçaõ humana tem màis carencia, que a dos que meneiaõ a publica authoridade.

Tens de ouvir *Sim* e *naõ* da mesma bocca, que affeita a dizer como tu, é o eccho da vontade que em ti espreita : que para naõ dizer mentiras, nem verdades rebuça, com tal astucia, as suas idéas, que te deixa irresoluto ; e leva o fito em que a balança péze subtilmente para o seu amor proprio. Mas decidir-te convem ; que pérde o teu Império o pezo na trutîna da reputaçaõ, se o fiel vacilla.

Lê, e combina com apurado exame, se quéres resolver justo. Entra pelos annáes das Republicas, que te daráõ que imaginar ; e porque melhór te decidiráõ os livros, do que os teus Conselheiros. A imprensa, mimo da maõ Divina, te ensinará o mister de Soberano, e a arte de accompanhar com a Persuaçaõ os Actos Legislativos. Dir-te-há com branda voz animosas verdades ; que os màis agudos rasgos pérdem, ao sahir do prélo, os vivos da licença : e quando o fallar cidadaõ (que se inflamma sem sabida nossa) naõ seja sempre mesurado, naõ creias desfalcada a Soberania, por que uma vez lêste linguagem livre, e republicana. Deve-o ser, para te instruir melhor, e para a compararés com essrs phrases rhetoricas, em que a pusil-

lanime Verdade, sahindo com receio do sanctuario das Leis, se te próstra aos pés, de constrangida ante o teu acatamento, vacillando sobre o instante, em que a afastarás longe do throno.

Lê, e entre os livros escolhe os teus amigos; que naõ pódem ser-te odiosos os nomes que tanto préza o Universo. Faze escolha entre os projectos delineados para o bem publico, entre as idéas venturosas que regenéraõ os Impérios. Estampadas estaõ na face da redondeza as pizadas do engenho humano; das partidas outrora màis escuras resaltaõ faìscas; e o teu reino está nadando em proveitoso luzeiro, embébe nelle o sceptro e a corôa; que já naõ é dado cubri-los com escuridades. Serìa màis grόssa a perda; e já saõ hoje méros sonhos, Reis ignorantes, ou Sciencia sem agasalho Real.

Lê, encéta uma gloriosa Sociedade; que destruiraõ já os nossos livros os préjuizos cruéis, e vergonhosos; e rodearaõ de claridade todas as faces d'um mesmo objecto. Naõ érås ainda nascido, que já os livros para ti lidavaõ; alhanando-te a estrada, para as grandes, e necessarias emprezas do governo. Ah! naõ sejas desagradecido às fadigas accumuladas de tantos, e tam benéficos talentos: prométte ao teu século de lêres, e o teu século te brindará com uma Legislaçaõ generosa, e já complécta. Bráda; chama a ti os judiciosos amigos da humanidade, e sem que

nos vejas, te iremos fallar; e sem te assombrarmos o throno, irêmos lá depôr a augusta Verdade. Vê-la haõ entrar em teu Palacio desaccompanhada, sem archeiros, sem titulos nem purpuras, obscura e desinteressada; mas apenas a conheceres, serás idólatra de sua singéla formosura.

Disséraõ a teus Mayores (e elles o créraõ) que a Politica éra sciencia abstracta e recondita; conhecida e meneada só por affortunados adéptos. Por que multiplicaraõ pois em sua obra, esses famigerados juizos, tam incriveis e tam grosseiros erros, elles que se davaõ pelos unicos intelligentes? Para que despregaraõ extraordinarias, e desmedidas forças, que se resolveraõ em nada? Tudo veio de que sem consultar os livros abraçaraõ presumpçosos, e com parcialidade préjuizos infantîs, acanhados systemas, e déraõ ouvidos a Officiaes de Secretaria, màis perigosos ainda em seus alvitres.

Outro tanto te diráõ, e será outro tanto abuso. Livros, e só livros sejaõ teus unicos consultores, a Instrucçaõ publica o teu Conselho, e teu Ayo o brado Nacional. Que rompeu já a claridade pelos escondrijos da Polîtica; tudo hoje está patente, pezado, calculado. Sim: que a correspondencia de todas as partes, um móbil unico, uma unica força, unico senso tem de sobrepujar com ventagem, as antigas prácticas,

maranhas, formulas, chimérâs diplomaticas, e ridiculos dogmas de gabinete.

Oxalà! que te vejaõ os ólhos meus vagueando pelos teus bósques, com um Plutarcho na maõ, com um Rousseau, com um Raynal, quando na adolescencia te ondearem pelos hombros as madeixas! E praza ao supremo Moderador dos Impérios velar os dias teus, outorgar-tos amenos e activos (quero dizer) cheios de consoladoras lidas, que te confortem a alma, e dem à tua vida um séquito, que t'a faça amavel. Quem sabe empregar as suas horas, acertou com a verêda da Virtude. Oxalá! que tu desfructes a pura felicidade, que for devida ao zelo, que interessares na grande prosperidade do Povo, que te merecer ventura....

Em quanto o Philosopho escrevia, o vulgacho em seu desboccado regozijo, gritava, bebia, uyvava, feria a calçada com pezada cadencia, se arremessava às rodas d'uma carruagem, enlameado o rosto, e vertendo sangue, para apanhar mesquinha moéda: em quanto resôa o Sino da Camera, rimaõ versejadores, retumbaõ as abobadas dos Temples com assallariados Canticos; nem de suas janellas avistaõ os moradores da Cidade, senaõ festas, comesanas, transitorios donativos do Monarcha: entre os tiros da *Gréve* e da *Bastilha*, lança o Philosopho a o futuro a aguda vista, e pegando no

seu Tacito, vái debuxando estas linhás, que nada se pareceráõ com as dos Poétas; mas que lhe haõ-de servir de accusadores perante a Posteridade.

ODE

AO SENHOR

MANOEL JOZÉ D'HERMAN.

Em 25 de Dezembro, dia de Natal.

Non omnis moríar. *Horat. Lib. III. Od.* 30.

HOJE, que as boas féstas, e as bandejas
Na Elysia, as portas cruzaõ dos amigos,
E a alugatriz ronceira arrastra à Ajuda
Pontuáes pertendentes;
Hoje, que a Devoçaõ, e que o Namôro
Lá, da missa do Gallo, os ólhos fitaõ
No fresco lombo, no adubado sangue
Do turgido chouriço...:
D'aqui fartes, d'alli cazeiros bólos,
Dos açafates de pintada verga,
Desemborcaõ, rodando atropellados,
Sobre a fumante meza...

Eis chama o cravo, ao longe retinindo,
As besuntadas boccas cantadoras;
Eis já a Poesia accende em seus Alumnos
As frágoas da Lisonja....

Amor a dansa inculca, escolhe pares,
E, pelas maõs, que enlaça, manda ao peito
Meigos farpoẽs, que em toda a sancta noite
Aguçàra na Igreja. —

Hoje em fim, que cansados, e contentes
Os Peraltas quizéraõ, que a folhinha
Um Natal cada mez nos desse ao menos,
Guarnecido de outavas;

Que cuidas tu, d'Herman, que faz em França
O insipido Filinto no seu sòtaõ,
D'onde abalàraõ rindo-se, e apupando-o
Os travêssos Amores? (1)

Na viûva cama conta pelos dedos
Quantos sòes vaõ daqui à Primavéra,
Quantos soldos chocàlhaõ bem folgados
Na despovoada bolça:

Estende os ólhos pelo rumo cégo
Do tristonho futuro, e vê na têa
Da escassa vida sua trabalhósa,
Desbotados lavores.

Qual torcida de moça dorminhóca,
Em noite bem chuvosa de Janeiro,

(1) Vid. Od. a Pilaer — Quando nas margens do sereno Tejo, etc.

Murroẽs sobre murroẽs vái cumulando;
Té que lampeja, e morre;

A minha Idade, sobrepondo achaques,
Chupa, e sécca as reliquias vividouras;
Co' fado da candêa me amargura
Estes médios instantes.

Embóra: ao menos estes, que te escrevo,
Roubados a seus ólhos avarentos
Passarào (seu mào grado) alem da còva,
No peito dos amigos.

SONETTO.

Já tinha, aos pés do duro Desengano,
Quebrada pelo Tempo, aquella Lyra,
Com que de Anfriza as mágoas divertira,
E applacàra de Nize o zelo insano.

Das cadéas do Amor já solto, e ufano
Erguia à Liberdade a alegre pyra,
Co' as maõs já puras de Ciume, e de Ira,
C'um coraçaõ vingado jà do Engano.

Eis que o protérvo Amor torna a mostrar-me
Da branda Marcia o gésto gracioso,
E com elle de novo a captivar-me.

Que posso eu contra hum Deos taõ poderoso?
Torna, oh Lyra, de novo a acompanhar me,
No canto meu contente, ou desgostoso.

ODE.

NAõ confia o Campiaõ, que affronta as lanças,
Nas tremolantes plumas;
Mas sim no elmo batido, ou fina malha:
Co' as ondas do pennacho
Turno insolente açouta o chaõ, morrendo.

Nem se affiança na pintada poppa
Piloto exprimentado,
Que encapelladas ondas vio soberbas
Destroçar-lhe as varandas,
Levar-lhe iradas os pavezes rôtos.

Sabio Varaõ, que estende agudos ólhos
Ao vindouro, ao passado,
Naõ confia na tûmida arrogancia:
Vê soberbos Seyanos,
Pelo lôdo arrastada a ufana testa.

Benigno escuta, prazenteiro falla
Agrippa ao pobre, ao ricco;
E éra de Augusto o amigo màis privado,
E a Actîaca batalha
Venceu valente; e governava a Curia.

Tal,

ODE.

Et thorace et aheneâ
Pugnandûm galeâ ; quid tremulus decor
Plumarum et volucris jubae ,
Cùm pendet capiti maurus acinaces ?
Cristâ Turnus inutili
Exhalans animam turpe solum ferit.
Nec signis bicoloribus
Fidit, jam laceris navita carbasis
Et mali minor, obvio
Decertans Boreas cum ruit Africo.
Qui transacta retrospicit,
Qui ventura videt, non male turgido
Fastu nititur insolens,
Sejani è solio præcipitis memor.
Summis blandus et infimis
Et gratus lateri Cæsareo Comes
Agrippa hostibus impiger
Victis fræna dabat juraque Curiæ.

Tal, tu Marquez, (1) depondo os resplandores,
Que bébes do Monarcha,
Sò sabes que és valido, quando acòdes
Com maõ potente ao triste,
Que a travêssa Fortuna tràz de rojo.

Sabio honrador de Sabios, agasalhas
Com risonho semblante
Os que amaõ a formosa Sapiencia,
E os que o escabroso monte
Cansados trilhaõ das estereis Musas.

Naõ os immensos cabedáes de Roma,
Nem Palacios ufanos;
Mas sim de Horacio, é de Virgilio as Lyras
O nome de Mecenas
Arrançáraõ das maõs do ávido Tempo.

EPIGRAMMA.

PROMETHÉO, quando fez o homem primeiro,
Macho e femea, dous corpos fez, pegados:
Porem Jóve um composto assim inteiro
Partio em dous ternissimos boccados.
Daqui nos vem andar-mos sempre ao cheiro
Dos membros, que nos foraõ arrancados.
— Ei-la — (nos diz o Coraçaõ) — É aquella —
Mas vamos a prova-la, e nunca é ella.

(1) D'Angeja.

Sic Tu, quod propior decus
Hauris, deposito, et mitior aspici,
Quem sors aspera dejicit
Gaudes tollere humo. Tu Sapientium
Idem Cultor et æmulus,
Quem per scabra trahunt tesqua inopes Deæ
Fessum subsidiis bonus
Non vanis recreas. Occidit ædium
Magnarum Dominus brevis
Mæcenas et opum, sed Calabri fides
Vatis, Musaque Virgilî
Illum falcigero præripiunt seni.

Latine vertit A. M. de Curnieu.

ODE.

Em 4 de Julho de 1802.

Præsentis horæ gaudiis beatus.
A. M. de Curnieu.

Annoso Ulmeiro, que os frondentes ramos
Curvados com triumphos,

Estendeu pelas pastoràes Campinas
(Honra, e prazer da Aldêa !)
Que à sua sombra as dansas entrançava ;
Hoje nû de folhagem
Das honras, dos prazeres, e de amantes
Fallìda a companhia,
Naõ perdeu a constancia, nem o brio,
Com que a cabeça alteia
Por cima dos arbustos màis viçosos :
Desprésa Austros, e Nótos,
Até desprésa a gastadora Idade.
Deixado por ingratos
Tem em si mesmo toda a sua gloria ;
A lembrança o contenta
De que foi. — Esse Ulmeiro, o estrago,
E a nudez da folhagem
Saõ os meus infortunios ; sou eu mesmo.
Despido das riquezas
Inda alteio, como elle, a fronte, e canso
Do infortunio as rajadas ;
Inda vivo, e me alegro, co'as memorias
Dos meus viçósos annos ;
Zombo das fléchas, que me atira o Fado ;
Na Pachorra as aparo.
Vinha embuçada em manto religioso,
A Inveja, co'a Calumnia
Tomar-me os pulsos (naõ — febricitantes)
Com algêmas, com córdas ;
Arrastrar-me às masmorras do Rocio,

E dellas à fogueira.
Um previsto Saber, um sancto abálo
Me impelle, e me poêm longe
Das maōs traidoras, da sequaz pesquiza
Dos enráivados Bonzos.
Ráivai, arrepellai-vos, malandrinos,
Progénie de Cain:
Escapou-vos Abél, Abél chasqueia
De vós, de vossas manhas,
Com quatro Amigos bons, c'o cópo em punho,
Na galhofeira França.

ENIGMA.

Tiro o descanso aos homens desabrida;
Mil amantes me invejaō a alta forte:
De sangue me sustento; e encontro a vida
Nos braços de quem bùsca dar me a morte.

ODE.

4 de Julho de 1803.

Viva Deos, morra o Diabo.

Para que heide eu fallar sempre ferrenho
Nesse quatro de Julho mal-fadado!

Já saõ vinte e cinco annos revólvidos
Depois desse infortunio.
Naõ há hi que temer Clérigos tristes,
Nem os algozes seus, suas masmorras;
Nem teráõ de me aspar com sambenito,
Nem mitrar com carocha,
Bispo de auto da fé. — Perdi a Patria ?
Asylo aqui achei. — Perdi amigos ?
Naõ perdi os amigos verdadeiros:
Dos outros nem me lembro.
Perdi os bens ? — Perdi muito em perde-los!
Senti o que é a miseria. Mas em tróco
Apprendi a ser parco, a ser com honra
Independente, e póbre.
Deos estendeu a bemfeitora dextra,
E moveu brando o seyo d'um Amigo.
Naõ sou ricco; mas sei mattar a fóme,
E o corpo sei cobri-lo.
Que saõ gálas, opiparos banquêttes,
Galloadas librés, aureas berlindas,
A quem tem léve o pé, vê sem fastio
Fartos feijoés na meza ?

EPITAPHIO.

Um extremo de amor, de formosura
Jaz nesta sepultura.
De saudades morreu. Naõ tenháes medo
Que essa mòda nas Damas pégue cedo.

ODE.

AO SENHOR
GASPAR BERTRAND PILAER.

Damna tamen celeres reparant cælestia Lunæ:
Nos ubi decidimus
Quo pius AEneas, quo Tullus dives et Ancus
Pulvis et umbra sumus.
Horat. lib. 4, od. 7.

JA da Arrábida a sérra penitente
C'o chuvoso capello naõ se enluta:
Feios dias espavoridos fógem
A' vòz da Primavera.

Verdes cubertas de bordada relva
Pelas pardas campinas se desdobraõ;
Toucaõ-se os troncos de fecundas flores,
Que os Zephyros bafejaõ.

Vólta a quarteada ròda o Deos eterno;
Com maõ prudente as estaçoẽs revéza:
E para o Outono aponta, ao despedir-se,
O Estìo, que se esconde.

Quem fez da nossa vida imagem o anno

Naõ antevio, Pilaer, que o nosso hynverno
Se naõ remoça em rósea Primavera,
Como o Esposo da Aurora.

Se da calva cabeça as cans desfólha
Co' a maõ gelada a Idade, nunca a rógos
Se dóbra a Natureza, nem enfeita
O encarquilhado cepo.

E'-nos crèdôra a Morte, que impaciente
Còbra a divida, surda a crebros prantos:
Sò salvamos das garras da Velhice
Os desfrutados gostos.

Agora, que abre a porta à alegre Paschoa
A Quaresma crôada de espinafres,
Naõ te esqueças da *du Plessis* esbelta,
Da *le Franc* delicada.

Piza com léve pé risonhos campos,
Onde as Graças gentîs trávaõ choréas,
Faze entoar, nos áres estendidos,
Da tua Lyra as vozes.

Quantos pômos colhêres precavido,
Na florente estaçaõ, teràs de menos
Que lastimar roubados, no avarento
Quartel da extrema vida.

Os breves annos lubricos resválaõ;
Naõ os demòraõ férvidos desejos:
Para màis naõ voltar, a Mocidade
Nos fóge às escondidas.

ENIGMA.

Sou Propheta, e Monarcha; alado Povo
Me requésta, e rodêa; com meu brado
Chamo o Rei das estrellas; co' elle movo
Meu Amo a lançar maõ do duro arado.

CARTA

AO SENHOR BACHAREL

Domingos Maximiano Torres.

Caro Alfeno, da tua campanhia
Fado invejoso separar-me ordena;
E meu verdugo, a accesa Phantasía
Me aviva, uma traz outra, tanta scena
De prazer, que a teu lado hei desfrutado.
Por mais me cravar na alma aguda pena,
O Dissâbor de vulto carregado
A' entrada do baixel a maõ me offrece
De Saudades, e Mágoas rodeado.
A nuvem, que me assombra o peito cresce,
E a penas rasgo o trémulo elemento,
De lágrimas o rosto se humedece.

Previa o Coração o cru tormento,
Que na auzencia taõ larga o esperava,
Já dava a Dor rebate ao pensamento.
Com pé ligeiro a Desventura brava
Ségue sem falta o trilho da Ventura,
E da côma co'a esquerda maõ lhe tráva.
Deixava em campo tanta formozura
Apercebida a dar ternos combates
C'os vivos olhos, co'a garganta pura:
E à l'érta a aéria turba dos Orates,
Descalço o pé, o graõ topéte erguido,
Soçobrando-as de crebros disparates.
E eu de mim mesmo, dentro em mim, perdido
Rompia em tanto os repugnantes mares,
Deixando a assumptos táes prezo o sentido.
A Lua se cobrio, turvos os ares,
E o mar roncando ao longe annunciavaõ
Estes, que sofro agora, ágros pezares.
Em vaõ os ólhos meus, em vaõ buscavaõ,
Pela encrespada pérfida campina,
O que em terra cóm tanto amor deixavaõ:
De Lálage a belleza peregrina;
De Tyrse o méigo canto, a meiga falla;
De Arminda o avizo, e a locuçaõ divina.
Arminda! Arminda! O peito anciado estalla
Entre os tratos do pérfido Ciume;
Que dá alma o imperio todo me avassalla.
Sacode a hedionda Furia o torpe lume
Em roda de meus ólhos opprimidos:

Jà a labareda as carnes me consume.
« Tantos annos de amar em vaõ perdidos
» Mereciaõ màis branda recompensa,
» Naõ dor perenne em todos os sentidos.
» Porque queres Amor com tal detença
» Que eu esgote a ruin taça venenoza ?
» Naõ sinto a morte, sinto a morte extensa. »
Tal vê, sofrendo a pena vergonhoza,
No erguido Cadafalso, o delinquente,
Lamber-lhe os membros chamma vagaroza;
Sente a nuvem de fumo grossa, e ardente
Cegar-lhe os ólhos, suffocar-lhe a vida,
E estallar-lhe c'o fogo as carnes sente.
Jà a Paciencia, com à dor, perdida,
Um veneno, um punhal dezeja; e insano
A morte d'um sò trago quér bebida.
Naõ inventou o màis feroz tyranno
Tormento taõ cruel, como o dos zelos,
Que da vida á raiz faça igual dano.
Tu que provaste Alfeno o que é sofre-los
Quando com largo cinto, e tenue vara
Te pune Amor; Tu sò podes dize-los.
Tu sò que de Aganippe a vêa clara
Estancaste bebendo, e a antiga Lyra
Tòccas, que o agudo Horacio temperára;
Tu, que nos versos, que adòra, e admira
Todo o Povo do bifido Parnazo,
Ora cantas de Amor a Inveja, a Ira,
Ora contas d'um Fauno o alegre acazo.

DEZEJO AMANTE.

Se eu fôra Jóve, o Céo, o vasto mundo
Terìas, Marcia, em pleno senhorìo;
Se Neptuno, do Océano profundo
As perlas, o coral em grosso fio;
O diamante, o rubî, o ouro jucundo,
Se Pluto fora, houvéras sem desvio.
Sê-me branda, se tanto dom te mòve,
E Pluto por ti sou, Neptuno, e Jove.

ODE.

Haya 4 de Julho de 1796.

— — — — Nunć ego mitibus
Mutare quæro tristia. — *Hor. l.* 1. *od.* 18.

Tres lustros, e tres annos revolvidos
Tem o meu Fado, com austéra dextra,
Depois que aos Láres deio adeos magoado,
Na etérna despedida.

Etérna! — Que inda a Patria naõ-madura
Vejo, porque renasça a Liberdade.

Por brazoēs, por circilios inda rendem
Culto aos Náyres, aos Bonzos. (1)

Inda as linguas se callaõ algemadas;
E Voltaire, e Rousseau naõ saõ versados (2),
Sem qne, a portas cerradas, desconfiem
De espîas os Leitores.

Inda do Limoeiro, e sancto Officio
Pejaõ masmorras, sóffrem os insultos
Os que remanchaõ de arredar as plantas
Da encantadora Patria.

Saibaõ que alêm dos muros de Ulisséa
Se cómem pêras, bons meloēs, morangaõs,
Se cóme as vezes o ananáz goloso,
Se bébe o Carcavéllos.

---

(1) Si l'on ne le voyait, on croirait avec peine l'immense pouvoir que les moines se sont acquis dans les pays d'inquisition. La raison se revolte, dès qu'on veut nous persuader qu'il y a eu des hommes assez fous et assez imbecilles, pour se soumettre au despotisme monacal, se départir de leurs droits naturels et civils, et dépouiller les tribunaux ordinaires de leur juridiction légitime, afin d'en revêtir des nouvaux, composés de l'excrément des humains. — *Lettres Juives dú Marquis d'Argens*, *lettre* 109.

(2) Nocturna *versate* manu, *versate* diurna.
Horat. de Art.

E sobre tudo falla-se rasgado
De Tartuffos, de Processoēs, de Terços;
Ri-se de mômos, de bejamaōs, — Sem mêdo
Da Junqueira, ou Rocío.

Assim; — pôsto (1) o rancor, pòsto o despeito,
Cuido em lograr em cheio o dia de hoje,
Sem olhar o futuro, nem passado:
Frustrados pensamentos!

Bem padeci desterros, desamparo,
Tédio. Porêm Marfisa, Olinto e Britto
Saō mimos da benêvola Amizade,
Que douraō meus desterros.

---

(1) Com muita elegancia os latinos usavaō o simples em lugar do composto; obvios saō os exemplos a cada passo. Tambem o saō entre os nossos Clássicos; a cuja sombra me acólho; e me ponho em couto contra os ardores dos Criticos. Naō me faltariaō, se os eu quizésse apontar, exemplos dessas elegancias, que regalaō a quem as lê nos nossos Classicos. Os Varélos naō os lêm, e se os lêssem, naō as conheceriaō.

EPINICIO

A' SENHORA D. F. G. X. de S.

Que mostrou intrepidez de Herôe, vendo-se accommettida por uma feroz Baratta; a quem deu com uma Vassoura, a morte.

COM feróz, e nojenta catadura,
Co'as horrificas garras assanhadas,
Os ólhos fuzilando, e as empestadas
Chammas soprando da garganta impura,

Te accometteu do Monstro a ruin figura
Ao abrigo das palmas (1) agoiradas,
A quem tu co'as heróicas maõs armadas,
Deste c'um gólpe a morte, e a sepultura.

Oh tu, Hercules fêmeo, que o Universo
Limpas da vil relé, que o disbarata,
Fizeste acçaõ, que apenas cabe em verso.

Jà a vòz ergue Lisboa, ao feito grata;
E a Fama por esse ar lança disperso
Teu Louvor, teu Triumpho da *Baratta*.

(1) Estava esta nova Hydra entrincheirada nas dóbras, ou meias luas d'uma esteira do Algarve; o que pròva que naõ sò éra medonha, mas ainda cavillosa

PARODIA

DA ODE 2. DO LIV. I.º DE HORACIO.

Jam satis terris nivis atque diræ
Grandinis misit Pater, et rubente
Dextera sacras jaculatus arceis
Terruit urbem. *Hor. l.* 1. *od.* 2.

INDA assaz naõ tem Jove fulminado
A seu prazer cóm chuva, e vento as Caldas:
As Gentes atterrou, que apodrecêssem
C'os orvalhos eternos.
As Gentes atterrou, que o Hynverno azèdo
Abrangesse c'os braços gotejantes
O Estio, e o Outono; visto que affogàra
A ròzea Primavéra.
Chorou a Madre Térra, vendo a areia
Tornada em caldo, como quando Pyrrha,
A fralda arregaçou, tenteando o vào
A's escadas de Themis (1).

(1) Naõ diz Ovidio (*Metamorph. Lib. I*) positivamente que Pyrrha se arregaçàra; mas é muito natural de crer, que ella o fizéra, quando depois de diluvio, tudo estava taõ alagadiço.

Vimos nas térras que gretavaõ códea,
Resvalar gados, resvalar pastores;
E o barro ao Céo rogar, desfeito em pólme,
O Sól negado a Junho.
Em quanto o Norte co'as pingantes barbas,
Que o Austro lhe emprestou, ensòpa as térras
(Sem Deos querer) que outròra o insultàraõ,
— Despicativo Vento! —
Co'as chuvas (na Guiné (1) melhor logradas),
Ouviràõ, que mellàraõ os damascos,
Em que o golozo Reyno se cevava,
Os mal-enxutos Moços.
Que Alcobaceira invocarà o Povo,
Em tanta perdiçaõ de fruta? As Moças
Com que arte dobraràõ, com que meiguices
O surdo Pomareiro?
Jòve as ordens de alevantar o tempo
A quem darà? Vem tu, secco Nordeste;
Ora vem c'o cabello arrepiado
Franzindo a estreita testa.
Ou, se antes quéres, vem, calmoza Quadra,
C'os peitos descubertos, dando ao léque.
Os Estorìs, as Cintras, os Collares
Em roda te esvoaçaõ.

---

(1) Foi tàõ grande a secca nesse anno, que morria a gente là de fome; e todos pereceriaõ, se a bondade da nossa Raînha naõ mandasse navios carregados de mantimentos.

SONETTO.

Os cabellos com serpes ennastrados,
Vertendo a bocoa escuma viperina;
Do Erébo abria a porta adamantina
Alecto, algoz cruel dos condemnados.

Eis surge a Furia, e os ares assustados
Trémem ao som da voz rouca e ferina:
Qual, c'o a polv'ra estallando acceza mina,
Vérgaõ c'o abalo os montes descuidados.

A' branda Clori entaõ, de mim Senhora,
Pór que abrîra seu peito a meus disvéllos,
Escravo, a maõ bejava bemfeitora;

Quando a Furia sacóde dos cabellos
Uma serpe entre nós: déssa triste hora
Nunca màis nos deixàraõ sévos Zelos.

ODE

DE HORACIO X DO LIVRO II.

Melhor, Licinio, lograrás a vida
Nem sempre com a próa

Forçando os altos mares;
Nem c'o bordo apertando
Sempre co'a iniqua praia,
Precavendo a borrasca espavorido.

Todo o que ama a dourada mediania
Seguro escapa à injuria
Do sujo, roto tecto
Do pardeiro (1) esbroado:
Comedido naõ uza
Do soberbo salaõ, que invejas cria.

Màis sacòdem os ventos a miudo
Levantado pinheiro:
Com màis pezada quéda
As orgulhosas torres
Se derribaõ: os raios
Acomettem os empinados montes.

Coraçaõ bem fornido de experiencia
Nos desastres confia,
Nas bonanças receia
Variar de Fortuna:
Os grosseiros Hynvernos
O mesmo Jòve, que os despéde, os chama.

Nem porque hoje vài mal, irà assim sempre:

(1) Se defenderaõ bravamente entre uns pardeiros. Damiaõ de Góes, Chrónica d'ElRei D. Manoel, parte 4.

Tambem às vezes Phébo
Faz que disperte a Musa
Na cyth'ra emmudecida ;
E consente que affrouxe
A teza còrda do Pythónico arco.

Mòstra-te fórte, mòstra-te brioso
Nos lances apertados ;
E, com igual acerto,
Quando o vento te sòpre
Nimiamente galérno
Sabe colhêr as infunadas vélas.

EPIGRAMMA LXXXVI

DO LIVRO IV DE MARCIAL.

Se ao prometter sem dar, dar chamas, Cayo,
Com dadivas te arrazo, e te confundo.
Tòma o ouro, que os Gallegos campos cerraõ ;
E o que na ágoa revòlve o ricco Tejo :
Quantas pérolas cólhe esse Indio fulo
Na alga Erythréa ; quanto unica a Phenix
Guarda em seu ninho ; quanto affadigada
Recolhe Tyro no Agenorio bronze ;
Dou-te tudo quanto hà. Naõ m'o rejeites :
Que assim como nos dàs, assim acceites.

ODE

AO SENHOR DOUTOR LUIZ CORREA DA FRANÇA E AMARAL.

> Aurum irrepertum, et sic melius situm
> Cum terra celat, spernere fortior,
> Quam cogere humanos in usus,
> Omne sacrum rapiente dextra.
> *Horat. lib.* 3. *od.* 3.

Os caminhos da Honra jazem ermos,
Melizeu, desque a sofrega Cubiça
Deu a maõ, para aos postos se treparem,
A indignos dinheirosos.

Governou Menas cidadaõs Romanos,
O escravo Menas lhes cingio Tribuno
As costas co'a vergasta : o ouro de Menas
Privava com Augusto.

A progenie dos Fabios, dos Camillos
Naõ o vio sem despeito. Jà o austéro
Legislador dos duros Espartanos
Previsto, o acautelàra,

Quando além degredou do inchado Eurotas
Os louros cabedáes, màos Conselheiros.
Feliz Povo, se as pórtas nunca abrisses
Ao metal cavilloso!

Esteja nas entranhas escondida
Da madre Terra a pállida mineira,
Vulcoẽs sobre si tenha, montes, rios;
Cérquem-na raios, monstros;

De maõs aváras naõ està segura:
O fàro da ambiçaõ là guia os ólhos
Aos penetráes vedados; cáva o preço
Das honras, e das vidas.

Naõ sem discurso os Scythas o empregàraõ
Nos mistéres màis vîs; por tanto a face
Nunca viraõ do nîtido Adultério,
Nem da Traiçaõ bifronte.

« Eu vi (dizia aos seus o Assîs Divino)
» Roer o luxo em Roma peitos nobres;
» Desseccar as medullas sêde de ouro
» A póbres opulentos:

» Vi vendidas as cousas máis sagradas,
» Devalida a Virtude, o Vicio em throno,
» Senhores servos, a ruins rendidos
» Por vilissimos gostos.

» Potros soberbos mascaõ aureos freios,
» Seda arrastraõ caudatos espantalhos.
» E os sórdidos altares mal se cóbrem
» De espedaçados linhos.

» Jà não enche a dourada Mediania
» O immenso vaõ dos ávidos dezejos ;
» Por màs artes se busca, e desentranha
» O damnoso superfluo.

» Eu tive , eu desprezei manjares , gàlas :
» C'o este roto sayal , com esta còrda ,
» C'os escassos legumes sou màis rico ,
» Màis san conservo a mente.

» Vòs vivei sempre humildes , sempre póbres ;
» Pulse-vos sôlto o coraçaõ no peito :
» Naõ torneis a enlodar as maõs jà puras ,
» No charco das riquezas ».

SONETTO.

Com lárgo cinto , lugubre vestido ,
Ténue vara nas maõs , e um livro annoso ,
Murmurando com vulto temeroso ,
A' luz da ruiva Délia , vi Cupido.

Dà tres voltas , n'um circulo mettido ,
E o chaõ c'o esquerdo pé fére raivoso :
Envésga os olhos , e anhelando ansioso
Por Hécate bradou enfureeido.

(*) Naõ é meu este Sonettó. Oxalá que podesse eu aqui pôr um de minha lávra , que pleiteasse parêlhas com elle !

Muge a Terra, e entre larvas cento e cento,
Do Abysmo surge a Deosa ao Céo sereno,
A quem lhe diz o Deos sanguinolento:

« Deosa, que o Avérno régès c'um aceno,
» A' Furia do Ciume macilento
» Entréga para sempre o triste Alfeno ».

ALFENO CYNTHIO.

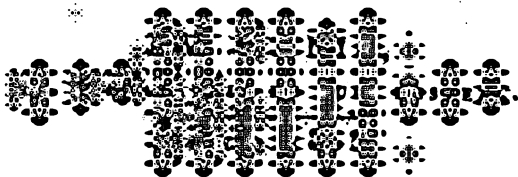
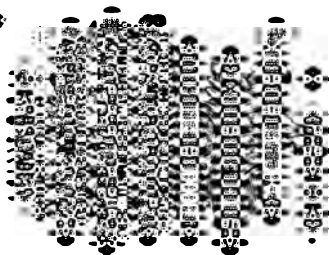
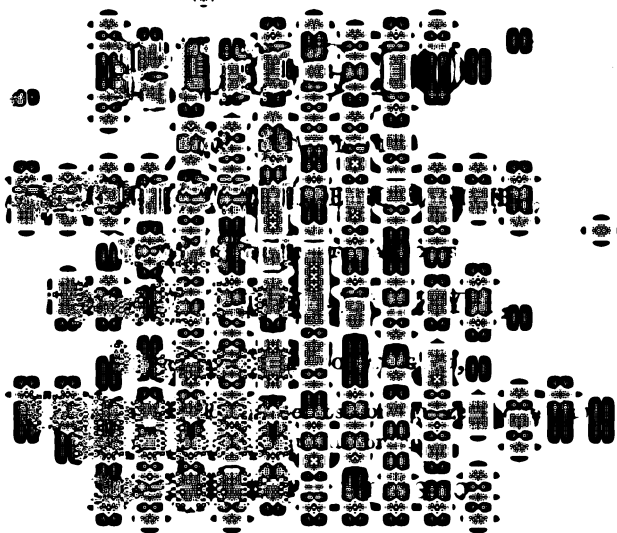
MADRIGAL.

Com dourados farpoēs Amor, um dia,
A ferir coraçoēs se divertia;
E feridos, buscava o desalmado,
Qual màis profundo tiro
No peito lacerado,
Para aloja-lo abrira amplo retiro.
Maligno, e bandoleiro
Deste ria, destoutro os amorosos
Convites desprezando,
A' pená, ao desamparo derradeiro,
Com desdem, foi deixando
Os zombados amantes despeitosos.
Mas eis que vé Marfisa, e no alto seyo,
De pejo honesto cheio,
Entra de gólpe, e nelle aposentado:
« Ponho aquî termo (disse) a meus errores.
» Aquî o throno assento, aquî o Estado,
» E as Ordens buscar venhaō os Amores ».

ELOGIO

ELOGIO

DO DOUTOR

ANTONIO-NUNES-RIBEIRO

SANCHES.

Paris, 1779.

ODE

AO DOUTOR

ANTONIO-NUNES-RIBEIRO SANCHES.

Ne forte credas interitura, quæ

. . . .

. . . .

Verba loquor socianda chordis.

HORAT. lib. 4, od. 9.

QUE importa, oh Sanches, que hajas escrutado
Do Numen de Epidauro altos segredos,
Se has-de tocar (um pouco mais tardio)
A méta inevitavel?

Em vaõ, co'a luz do Hippócrates moderno,
No Sanctuario entraste da Natura;
A segadoura fouce naõ se embóta
Com morredouras hérvas.

Em vaõ, com altos dons, o Céo gracioso
Te enriqueceo o coraçaõ, o engenho;
E foste util aos Tartaros gelados,
E á muito ingrata Elysia.

Apenas morará teu claro nome
No peito dos amigos saudosos;
Até que venha o Olvido mergulha-lo
Nas esquecidas ondas:

Onde nadando escuro, e desvalido,
Entre cardumes de vulgares nomes,
Jazerîas, se a maõ da branda Musa
Te naõ retira ás margens.

Mas naõ morrerás todo. A melhor parte
De ti, nos versos meus, será eterna;
Tens de ser celebrado, em quanto as lettras
Tiverem amadores. (1)

Nem Tu por acanhada gloria tenhas
Ser assumpto d'um Vate. (2) Olha em Horacio

---

(1) Neque enim quisquam est tam adversus à Musis, qui non mandari versibus æternum suorum laborum facile præconium patiatur. Cic. pro Archia.

(2) Sit igitur.... sanctum apud vos humanissimos homines, hoc Poetæ nomen, quod nusquam ulla barbaria violavit. Saxa, et solitudines voci respondent, bestiæ sæpe immanes cantu flectuntur atque consistunt. Nos instituti rebus optimis non poetarum voce moveamur? Id. ibi.

Mecenas immortal, e entam despréza
As Camenas, se o pódes. (1)

Firmando os pés, nos bem-assinallados
Vestigios Venusinos, próvo as forças,
E me abalanço a lhe seguir a esteira,
Com insolitas pennas.

Co'a vista, no aureo morriaõ, cravada
Da reluzente Pallas, que o caminho
Lhe mostra de ganhar illustre fama,
Por descorados p'rigos,

Assim corria os ares naõ-sulcados
O hardido Filho (2) do ouri-chuvo Jove,
No bi-plume ginete, a pôr em salvo
A ansiada formosura, (3)

Canóro eu vôo ali-potente Cysne;
Já, do declive Occaso, ao roseo berço
Do omni-parente Apollo, me saûdaõ
Os arrojados Vates.

As Bellas, os mimosos da Fortuna
Já requéstaõ meu Canto, e tem inveja
A's Marfisas, às Marcias, aos Amigos,
Que eu re-trahi do Léthes.

---

(1) *Qui n'aime pas les vers a l'esprit sec et lourd.* — Volt.

(2) Perseo. (3) Andromeda.

ELOGIO.

Non sibi, sed toti genitum se credere mundo.

Um homem fraco de compleiçaõ, de melindrosa saude, de indole naõ sò branda, mas acanhada, ardente no estudar, sem dezejo algum de que o pregôe a Fama, com despêgo das riquezas, e maior despêgo ainda de enredos, e de negocios; encéta uma carreira, cujas fadigas, cujos perigos lhe éraõ occultos; corre os gelados climas do Nórte, presencêa as màis sanguineas guerras, e com distincto préstimo acóde nas màis desastrosas epidemias: bem succedido assoma ás màis brilhantes Cortes da Europa, onde o cumulaõ de honras; até que compromettido em queréla de Reis, tudo pérde nas vágas da tormenta, e o que é màis — desconfiou da vida: a Fortuna porém, que antes quiz doutrina-lo, que affligi-lo, lhe restitue o repouso, porque melhor os quilates lhe avalîe, passados os revézes. Nem cahiraõ em vaõ, por esta vez, as liçoẽs da Experiencia, e as da Disgraca. Abrigado das refrégas, estimavel pessoa, descansado vive, recórda o que observara, e o poem por

escripto, ou dá-o à luz; e entam morre, quando tinha longamente dado em si o modelo da beneficencia, e o da virtude.

Tal é o resumo historico, que hoje hei-de traçar.

ANTONIO-NUNES-RIBEIRO SANCHES, Doutor em Medicina pela Universidade de Salamanca, Conselheiro de Estado da Corte, primeiro antigo Médico da Imperatriz de todas as Russias, primeiro antigo Médico de seus exércitos, e do Corpo dos Cadétes, Correspondente antigo da Academia Real das Sciencas de Paris, Sócio honorario da Academia de S. Petersburgo, Membro da de Lisboa, Sócio estrangeiro da Sociedade Real de Medicina, nasceu em Penamacor, em Portugal, aos 7 de Março de 1699, de Simaõ Nunes, e de Anna Nunes Ribeiro. Descende a sua familia da nobre Caza dos Nunes, que no século passado viviaõ em Roma. (1)

---

(1) O Marquez Nunes fez em Roma algumas fundaçoẽs pias. Tambem foi parente seu Antonio Ribeiro celebrado Médico, e Theologo, que vivia em Roma; delle diz Baccio que éra um amigo seu, e que ambos éraõ da Sociedade do Cardeal Colonna. Tambem éra parente do Doutor Sanches, Francisco Sanches, filho d'um Médico de Bordéos, e que foi Lente em Tolosa; e

Seu Páe, que dado principalmente ao commercio, assistia n'uma comarca das fronteiras de Portugal, tomava por recreio o estudo das letras, familiarisando-se com os melhores livros: e com animo agradecido se lembrava o Doutor Sanches, naõ do quanto forcejou seu Páe, em lhe deixar grandes riquezas, mas sim do quanto lhe ensinara a naõ necessitar dellas. As obras de Plutarco, e as de Montaigne foraõ as que elle lhe encommendou màis que meditasse. Maximas de moral n'um, moral práctico n'outro, axiomas reforçados com exemplos, se entranharaõ tam profundos em sua memoria, que apenas dezejava consolaçaõ em seus infortunios, recorria lógo a algum dos illustres Varoẽs, cujos pezares, na relaçaõ de Plutarco, sobrepujavaõ os seus. Com Montaigne se habituou a olhar antes a adversidade como um manancial de virtudes, que como raiz de desprazeres; dizendo a seu Páe mil bens, por lhe ter dado a conhecer quanto màis válem os thezouros da Philosophia, que os da Fortuna.

Varias infirmidades padeceu na infancia, e

---

diz elle, que se ufanava muito de ter sido o primeiro Médico, que introduzio na Aquitania, e no Languedoc, sangrias de onze onças de sangue, que até entam éraõ de seis somente.

na adolescencia : e vendo, n'umas quartans porfiadas, que lhe erravaõ os remedios, sentio com extremo, naõ ter noticia sufficiente de medicina para se curar a si mesmo, e desde lógo resolveu apprende-la (1). Desse projecto intentou desvia-lo um Tio seu, Jurisconsulto, que morava em Penamacor, offerecendo-lhe a sobrevivencia do seu lugar, e dando-lhe esperanças de o cazar com sua filha. Tinha entam A. R. Sanches 18 annos, e tanto a contemplou amavel, que na companhia de seu Tio, ou antes de sua Prima se deslembrou do seu primeiro designio. Distracçaõ curta, que tem, por cérto, de lh'a perdoar ainda os màis sevéros; ao mesmo passo que os màis sensiveis pasmaràõ, de que naõ durasse ella màis dilatados tempos. Jà se imaginava inteiramente consagrado à magistatura; ja na de Penamacor designava o seu lugar, quando lhe cahiraõ nas maõs o Aphorismos de Hippocrates, e lhe re-memoraraõ a sua pristina resoluçaõ. Quam ávido pasto naõ tómou nesta admi-

---

(1) Sendo muito moço se curou a si mesmo Boërrhaave d'uma chaga, com remedios mui simples, circunstancia bem analoga ao que referimos do D.r Sanches, e que determinou como elle a Boërrhaave a estudar Medecina. Vid. Schultens *Orat. in memor. Herm. Boerrhaave.*

ravel súmmula, onde cerradas umas com outras as verdades, expostas com valentia, grangeaõ, pela sua ancianidade màis religioso respeito! *A vida é curta, quando a Arte é longa* (1). Quanto lhe naõ calou no animo este primeiro Aphorismo! Applicando-o subito a si, se lançou em rosto quantos instantes dispendera em ócio brando; e que para os resarcir, relevava cortar d'um gólpe os laços, que o represavaõ; o que fez, despedindo-se furtivamente da Caza de seu Tio.

Sacrificio foi este, que só o podia bem avaliar um Médico; por esse motivo, o couto que só buscou para seu refugio, foraõ os braços do D.r Diogo Nunes Ribeiro, Tio seu materno, e em Lisboa Médico de illustre nome: escorado em cujo crédito, estudou a Medicina em Coimbra; e là seguio a pràctica do Doutor Bernardo Lopes de Pinho, Famoso Médico, a quem elle accompanhava nas visitas dos enfermos. Que é uso em Portugal, e em toda a parte o devêra ser, encostarem-se os novos Médicos a um de seus Lentes, ou Médicos experimentados, antes de exercitarem, por si sós, a arte que professaraõ.

Tomado o gráo de Doutor na Universidade de Salamanca em 1722 (2), naõ contava ainda

---

(1) *Ars longa, vita brevis.*

(2) Lá tinha estudado Philosophia em 1717 e 1718.

25 (1) de idade, quando o nomearaõ Médico *dos* Póbres em Benavente, Villa de Portugal (2); onde empregava no exame do enfermo, e na devida instrucçaõ propria, todo o tempo competente. O màis agradavel salario, que dalli lucrava, éraõ os agradecimentos do doente; por quanto o pôbre agradece ao Médico todos os momentos, que lhe passa junto da cabeceira; e quanto màis vê, que elle medita, màis o contempla como seu Anjo consolador: naõ assim àcercà dos riccos; que se o Médico delibéra, o tomaõ por indeciso, e se gasta o tempo com o doente, o daõ por desafreguezado.

O Doutor Sanches comprendeu quanto antes, que nem em Coimbra, nem em Salamanca depararia luzes, que naõ fossem incomplectas: nem là havia aquellas doutrinas, que satisfazem animos ajustados. Mui descuidadas andavaõ por

---

(1) O D.r Fonseca Henriques celebre Médico de Lisboa cedo conheceu todo o merecimento do D.r Sanches, e delle falla com muita honra no Tratado das águas minerâes de Pena Garcia.

(2) Em Portugal cada Camera paga um Médico que cure os pobres; e attribuia o D.r Sanches às águas do Tejo de mistura com as do mar stagnadas, e appodrecidas nos lagos, as fébres podres que lavraõ a miudo em Salvaterra, e Benavente.

lá as Sciencias accessorias da Medicína, como a Chimica, a Anatomia, a Historia Natural; dado que mui conhecido fosse quanto os Gregos, os Latinos, e os Arabes deixaraõ escripto. Cérto éra que se a Natureza alli fosse tam consultada, como os Livros, nunca o Doutor Sanches iría procurar alêm os principios, que lhe falleciaõ. Como é possivel, que ignore alguem serem as màis profundas indagaçoẽs méros meios de instrucçaõ, que só grangeiaõ mérito, quando bem se applicaõ? E que o homem, que se dá tratos para ser erudito, se outro talento naõ possue, se outro fito se naõ propoem, é comparado a quem passá a vida a affiar um alfanje, de que nunca háde servir-se? A mór quantia dos Collegios, e Universidades antigas saõ prodigas de louvores àcerca das éras, que as antecederaõ, e vaõ com custo, e como de rojo traz a sua: bem assemelhadas com os homens vélhos, que contaõ com enthusiasmo quanto presencearaõ quando môços, e rejeitaõ inteirar-se de quanto tem os modérnos descoberto. Será pois impossivel empresa pôr um atalho a essa decadencia (producçaõ do Tempo, tam lenta, quam segura!) Cujo gérme disséras, que os homens o communicaõ a tudo: o que das maẽs lhes sahe? Observemos a Natureza, que sempre moça, pelas producçoẽs que sempre renóva, parece que nos está dizendo: « Reno-» vai as vossas, se quereis que com a existen-

» cia conservem a sua gloria. » Assâz motivo tivérañ os fundadores de cértas Republicas para requererem, que passados determinados tempos, déssem revista ao Código das Leis, e nellas fizessem as mudanças, que as circunstancias lhes prescrevessem. Tal se devêra obrar em pontos da Sciencia : mas vemos, nada-obstante, que d'um termo da Europa ao outro, nos govérnaõ a infancia encanecidos usos, e sédiças leis, que para outro século, e para outros homens ordenadas foraõ.

Reflexoẽs foraõ estas, que offerecendo-se entam ao Doutor Sanches, lhe déraõ a presentir a utilidade d'uma Obra, que elle, passados longos tempos deu ao publico, à cerca do modo com que se devia apperfeiçoar o ensino da Medicina; e desde esse prazo se resolveu a deixar Benavente, e peregrinar pelas Cidades da Europa, em que màis a ponto se cultivavaõ as Sciencias. Eis que inda o Doutor Sanches se despéga do reponso e branduras da vida! Passa a Génova, (1) e della a Londres, (2) onde fica

---

(1) Naõ póde ir a Roma, por que havia entam ordem d'ElRei de Portugal, que nenhum vassallo seu alli morasse, e que quanto antes de lá sahissem os que lá habitassem.

(2) Ouvio em Londres as liçoẽs de Douglass.

dous annos, e de lá a França, onde visita as Escholas de Paris, e de Mompelher.

Ainda nas nossas Provincias meridionáes (1) duravaõ os sustos, e as lembranças da péste, que devastando Marselha com Toulon, ameaçara a França inteira. Scenas funestas, cujo theatro elle quiz vêr com attençaõ! *Aquí* (lhe diziaõ) *começou o estrago*; e elle ía com os ólhos seguindo-lhe a exundaçaõ. *Nesta Caza, a quem taparaõ as avenidas, e a quem o contagio respeitou, tomados do geral pavor, faziaõ os Magistrados ao Pòvo, a Justiça, como nunca o fora, tam prompta, e tam inteira. Nesta Praça* (diziaõ màis) *derramavaõ pestiferos vapores os insepultos cadaveres amontoados, quando pela sua coragem, um generoso Cidadaõ acorçoou a fervorosa mocidade, e destruiraõ esse manancial de mortandade.* Ouvia o D.r Sanches relatar tam grandes acontecimentos com silencio, e visitava os hospicios, e os Lazaretos. Apertado ainda o coraçaõ, com o quadro de táes infortunios, o levaraõ a caza d'um morador de Marselha, que depois do desastre nella succedido, continuava, nada menos, a ser o assumpto da publica veneraçaõ; naõ porque tal o ostentasse a opulencia, nem a linhagem o ennobrecesse. Que valîa tem os Titulos, que dimanaõ de

(1) Veio a Mompelher en 1728.

nascimento, ou da Fortuna, quando jazem empeçonhadas as fontes das riquezas, e por todos os lados ameaçada a vida? O homem merecedor de estima tanta éra o Médico Bertrand. A sua beneficencia corajosa (de que elle só naõ se admirava) lhe dava preço entre os seus compatriotas, que a uma voz lhe honravaõ as virtudes. Em quanto affligia a Cidade esse contagio, attento observador, experimentado Médico, piedoso Conselheiro arrostava os perigos elle cada dia, cursava os Hospitáes, e as Cadeias; todos suspiravaõ por elle, e elle a todos visitava. Tres vezes o acometteu o flagello, que elle demostrava desafiar, e tres vezes essa molestia foi calamidade accrescida à calamidade do Póvo. Ora lhe provava em seus discursos, com exemplos, que lhe appontava, quam necessarias éraõ as cautélas que outrora lhe indicara: Ora, mostrando em si as cicatrizes, lhe inculcava seguridade. Quando cessou a Péste os seus destroços, e começou a bonança, appareceu elle entam entre as ruinas maior do que éra; porquanto, como em sinal de agradecimento, o designavaõ aos Viandantes os moradores de Marselha: nem por alli passava estrangeiro algum, que naõ concorresse a um homem, màis engrandecido que os outros, por que em soccorre-lòs tinha posto toda a sua ventura. (1)

(1) Vejaõ-se as Observaçoẽs de M.r Bertrand

Quanta foi a alegria do D.r Sanches, quando se vio pérto d'um Médico tam recommendavel por suas virtudes, e pelo seu saber! Com que respeito o visitou, e recolheu em seu animo as respostas, que elle dava às perguntas, que àcerca da natureza, e causas de pestifera fébre lhe fazia. (1)

à cerca das doenças contagiosas de Marselha. — Tratádo da peste, por Chicoyneau.

(1) Com tanta màis ansia de o ouvir, como quem vira os estragos, que em Lisboa fez no anno de 1723 mortifera epidemia, differente da de Marselha, e que como tal a achou M.r Bertrand, consultado por ordem d'ElRei de Portugal. Vómitos prêtos érao de mór susto na epidemia de Lisboa; e a transudaçaõ sanguinea pelo nariz éra o màis temeroso accidente da de Marselha, segundo a narrativa, que della ao D.r Sanches fez M.r Bertrand. Já sobre a de Lisboa tinha o D.r Sanches feito um curioso reparo. A epidemia, que ahi lavrava, accometia pouco as mulheres, e nada os negros d'um ou d'outro sexo; o que já tinha succedido na Bahia, e tambem na Carolina. Segundo M.r Bertrand, a pestilente fébre de Marselha, naõ foi producto de contagio trazido do Levante, mas sim enfermidade local, que se devolveu no territorio de

Nem se limitaraõ n'essas noticias os serviços do D.r Bertrand; por quanto deu ainda a conhecer ao D.r Sanches os Aphorismos de Boërrhaave, cujas Obras naõ tinhaõ dado mostra ainda de si

---

Marselha, e cujo fermento communicado d'um individuo a outro, lhe corrompia os humores, e com sua acrimonia os inficionáva. Foi falso (dizia elle) que os Guardas de Alfandega morressem ao abrir dos fardos entranhados de miasmos contagiosos; e a mór parte das quarentenas a que obrigaraõ os Navios, que vinhaõ de pórtos suspeitos, lhe parecia padecerem o dobrado inconveniente de serem inuteis, e de serem mal-administradas. Já em 1755 M.r Ingram annunciara essa opiniaõ, e o D.r Sanches a publicou em 1,74. Mas quem sabe quanto tempo é nécessario para dissipar, ou des-naturar as moléculas contagiosas, cuja existencia unanimemente se conhece? Que experiencia ha hi que o prove com evidente precisaõ! Suponhamo-los indecisos nessa questaõ, quem se atreverá a correr os riscos de expor (por culpada omissaõ) uma Cidade, uma Provincia, um Reino ao màis espantoso flagello? E quem naõ vê, que em circunstancias táes, esse da prudencia é unico excesso, que se naõ déve estranhar?

em Coimbrà, nem em Salamanca (1). Imaginava o D.r Sanches, quando as lia, que lia um desses authores da remota antiguidade, que se avistaõ na distancia de muitas Eras. Desimaginado porêm pelo D.r Bertrand, exclamava assim: « Vive » Boërrhaave, e naõ lhe tómo as liçoẽs? »

Voa a Leyde, depára com quem deseja, rodeado de alumnos, de enfermos que de todas as partes do mundo accorriaõ a lhe pedir liçoẽs, a lhe pedir conselhos: e Boërrhaave, desfructando na sua Patria os réditos da sua nomeada, foi para o D.r Sanches tam enternecido spectaculo, quam sublime. Ora é certo que os Povos da Hollanda ajuizados em seus interesses, sábem o que parece que às màis Naçoẽs ignoraõ; sábem que de todas os produccoẽs da Natureza a màis rara é um homem grande; producçaõ que màis disvéllos péde na cultura, e màis honrosa, e ao mesmo passo màis util é para a térra que a deu à luz.

Tres annos com Boërrhaave se demorou o D.r Sanches (2), téque instado por seu Mestre

---

(1) O D.r Alvares, sabio Médico portuguez, e amigo do D.r Sanches nos escréve, que essas obras naõ éraõ ainda conhecidas em Portugal, nem em Hespanha, quando o D.r Sanches entrou nas Provincias Meridionáes de França.

(2) Prodigiosa foi a memoria que tinha o D.r

por que tomasse os gráos, lhe confessou *este*, que já em Salamanca os tinha recebido, e em Benavente practicado a Medicina. Attonito o Lente com a modéstia do Discipulo, que em confundir-se na turba dos ouvíntes, o tomava elle pelo màis avultado encómio; quiz confr on-tar-lh'o tambem com outra próva da sua generosidade, obrigando-o ao re-embolso do que como estudante lhe pagara. Dous homens, que tam dignos de recîproca estimaçaõ, pareciaõ nestes lances, quererem vencer-se um a outro à força de virtudes!

Em quanto com igual abundancia Boërrhaave ensinava todas as partes da Medecina, Sgravesande, Albino, Gaubio, van Switen, Osterdick, van Royen, Burmann, disparziaõ pela Schola de Leyde um brilho, que dava invejas a tòda a Europa Litteraria. Tantos homens grandes alli presentes, tanta mocidade ansiosa de apprender, e de illustrar-se alli junta, inflammaraõ tanto o animo do D.r Sanches, que na conversaçaõ de todos elles bebeu esse enthusiasmo do Bem, esse amor da Verdade, que nunca nelle se affrouxaraõ, e que foraõ as duas unicas paixoẽs, que lhe regeraõ a vida.

Sanches, e tal, que sendo o unico Alumno, que naõ escrévia as liçoẽs de Boërrhaave, nada lhe esqueceu das doutrinas desse grande Lente.

Tocamos na época da sua fortuna, e na da sua disgraça, modificaçoẽs da vida humana, que quasi sempre lhe andaõ ao lado. Anna Ivanowna Imperatriz de todas as Russias pedio a Boërrhaave, que entre os seus alumnos lhe estremasse tres Médicos para tres honrosos empregos, que lhes ella queria dar em seus dominios. O primeiro nomeado foi o D.r Sanches; e partio lógo (1).

O primeiro posto que lhe déraõ foi o de Médico de Moscow (2), onde practicou 2 annos, passados os quáes foi chamado a Petersburgo (3). O D.r Rieger, que entam éra primeiro Médico, fez que o nomeassem Membro (4) da Chancellaria de Medicina, e Médico dos Exercitos Imperiáes (5). Como tal lustrou parte da Polonia, onde as armas Russas faziaõ tam rápidos pro-

(1) Que elle preferio à de Guadalupe, ou da Martinica, que tambem lhe tinhaõ proposto.

(2) Com a authoridade de examinar os Médicos, e Chirurgioẽs que viessem practicar na Cidade.

(3) Em 1733.

(4) Dessa Chancellaria éra Presidente o Doutor Rieger.

(5) Em 1735.

gréssos, que apenas lhe davaõ espaço de escreve-ver o que mór attençaõ lhe merecia. Em 1735, 1736, 1737 sob o General Munich seu amigo, andou em todas as campanhas contra os Tártaros, e contra os Turcos; atravessou a Ukrania, e costeou as ribanceiras do Don até ao mar de Zabache; os desertos de Criméa e de Bachmut, e quanto payz corre desde Cuban, até aos plainos de Azof comprehendeu em suas peregrinaçoẽs. Deu vista dos Kalmouks, disformes mȧis que os homens todos; que caracterizados saõ pelo apartamento de um ólho ao outro: vio os Tartaros de Nogai, conservadores da Liberdade, porque erradìos sempre, naõ assentaõ morada, em quo possa prender o grilhaõ da Dependencia; as Naçoẽs báças que habitaõ no Cuban, e por fim os Tartaros de Kergissi de tam largos rostos, que méttem espanto. Comparou umas com outras estas relés, cujos orgaõs apertados por tempéries frias, privados, sob ingrato Céo, de alimentos, que faceis se digéraõ, naõ se disferem por inteiro, nem com toda a proporçaõ. Bem parecença tem com esses vegetáes, a quem gelados sôpros endurecem a casca, espêssaõ os sucos, entorpecem, e deterioraõ no centro mesmo de suas folhinhas, os gomos, que tinhaõ de lhes perpetuar a especie.

Com pasmo vio o D.r Sanches no interior desses Tartaros, homens e mulheres, que naõ ti-

nhaõ com elles similhança (1). O sangue da Circassia, e da Georgia alliado com o dos nativos do payz, nos serralhos, produz degradaçoẽs, que manifestaõ quantos visos, quantos contrastes há entre a elegancia, e disproporçaõ das fórmas, entre a lindeza, e a fealdade (2). Observou finalmente o D.r Sanches como os Tartaros mesclando-se com os Russos Orientáes, e com os Chins, tem influído em ambos esses Povos, e que bem poucas, e bem simples modificaçoẽs, daõ ao ultimo algumas disimilhanças.

Proveitosas resultas, que o D.r Sanches communicou a M.r de Buffon, e que este consignou no 3.º volume da sua Historia Natural, accompanhando-as com o merecido elogio, que lhe alli tributa. No uso a que as applicou, nos deu o D.r Sanches abonado testemunho da sua modéstia, como quem mostráva, que só por gosto seu, e naõ por ostentaçaõ observava, e reflectia. Nin-

(1) Saõ tam alvos esses habitadores, como os Russos, d'entre os quáes roubaõ os Tartaros algumas Escravas.

(2) Em algum desses Climas (v. g. em Kabarda) se encontra c'um Póvo inteiro composto de alta statura, de nobre e agradavel semblante; pôvo, que o D.r Sanches imagina, que da Ukrania alli fôra há 150 annos transplantado.

guem màis prompto em discorrer pelo Universo, ninguem màis acanhado em fazer de si alarde; como homem, que abalisava a sua dita em ver, e em naõ ser visto. Fora curiosissima a narraçaõ de suas peregrinaçoẽs; e por cérto aquelles a quem deu dellas parte o D.r Sanches, lastimaràõ sempre, que as naõ houvesse elle publicado. Tinha de costume callar-se, ainda quando màis tinha que dizer; e antes dar madurêz aos pensamentos, que correr a assoalha-los; màis merecidamente arguìdo pelo contrario do que saõ arguìdos os (por disgraça nossa) sobejos viandantes, que naõ podem atravessar uma Provincia, que nos naõ avultem um volume do estirado, e enojoso quadro de quanto com os òlhos depararaõ: quadro, que tal qual elles no-*lo* mostraõ, nenhuma ansia nos provóca, nenhuma doutrina nos dá.

Notavel foi o assédio de Azof pela quantia de moléstias, que affligiraõ sitiadores, e sitiados. Lá é que o D.r Sanches observou a fébre (*dita*) de prisaõ, e de hospital, muitos annos antes que seus affamados condiscipulos Huxham, e Pringle déssem della noticia em suas Obras; lá provou, por numerosos acontecimentos, quanto util éra multiplicar, e entreter nos hospitáes a correnteza do ar (1). Combinando o andamento das

(1) Como do assédio de Azof havia grande

doenças, e suas crises, nos climas frios, com o que as suas observaçoẽs lhe ensinaraõ em Portugal, a differença que entre ellas achou, naõ foi notavel. Constancia da Natureza em seu módo de obrar, que já tinhaõ alcançado raros Médicos, que em payzes septemtrionáes tinhaõ feito os mesmos reparos, que fizéra Hippócrates na Grecia.

Assentava todos os dias n'um diario o Doutor Sanches as suas observaçoẽs; mas em detrimento da nossa Arte, nos privou desse Diario desastrada circunstancia; quando no assédio de Azof o descartaraõ (achando-se elle eyvado da epidemia, que alli corria) d'uma malla, em que cerrara os seus papéis. Perda foi esta que o affligio

---

quentîa de feridos, viraõ-se obrigados a remetter 80 do Quartel General, a um sitio bem arejado, dalli duas léguas, onde saráraõ, circunstancia esta, que lhes abrio os ólhos em quanto à infecçaõ dos Hospitáes, e à natureza da fébres das prisoẽs. Tambem fez outro reparo; que se viraõ em 1735, 1036, salteadas as tropas Russas no Outono de mui mortifera dysenteria, na marcha que levavaõ pela orla do Nieper, e do Niester até ao Mar Negro, sem terem comido fructa; e dahi tirou ℓ, há muito tempo, a consequencia, que naõ saõ os fructos quem dà a dysenteria nos exércitos.

sobre módo; tanto màis, que de pouca conta deviaõ parecer ao ladraõ Russo, que della se appossou. A nós é que bem cabe o lastima-la, que somos nós os que por esses papéis teriamos conhecido as relaçoẽs, que militaõ entre as molestias observadas nos nossos accampamentos, e essas poucas que accometem a soldados a quem frios, e fadigas robusteceraõ; cujo estomago digére, sem trabalho, os màis grosseiros alimentos; que empregando màis cuidado nos combates em obedecer, que em triumphar, naõ descorçoando, naõ murmurando, compoem tam formidaveis exércitos; sendo o motivo que naõ há clima onde naõ possaõ ir, nem quadra de anno, que naõ arróstem.

Voltou o D.r Sanches a Petersburgo com toda a estimaçaõ, que sóem grangear os talentos, e os serviços: e a Imperatriz, que o quiz remunerar, o nomeou Médico do nobre Corpo dos Cadêtes, e pelo tempo adiante Médico da Pessoa. Nem foi effeito de enthusiasmo a confiança que nelle punha a Imperatriz com toda a sua Corte. Verificado está, que se assemelhaõ com esses brilhantes edificios à préssa levantados, as reputaçoẽs precoces, que falhaõ em solidez. Tinhaõ posto o D.r Sanches no cazo de dar prova de si; por tanto naõ podia ter a sua celebridade decadencia, como fundamentada em felizes successos, e bem estabelecida pelo tempo.

Vio-

Vio-se assaltada a Imperatriz por uma enfermidade, que lhe durou 8 annos, e cuja causa éra desconhecida. Annunciou o D.r Sanches, que havia pédra nos rins; e quando, depois de morta, se lhe abrio o corpo, achou-se justificado o seu pronóstico.

Declarado ficára por herdeiro da Corôa o Principe Iwan; mas Biren, que à fraqueza da Imperatriz defunta devia o ser Duque da Curlandia, e ainda a regencia do reino, ousára sentarse no throno ao lado desse desventuroso Infante. O Duque de Curlandia, que como todos os usurpadores affectava resguardos à cerca das pessoas, a quem a estima do publico amparava, testificava ao D.r Sanches cérto comprazimento: como porêm naõ tardou esse Duque em ser despenhado do fastigio das grandezas, deu regozijo a toda a Europa o seu despenho. Apoderou-se a Princeza de Brunswick (1) da regencia do Imperio, e da guarda de seu filho; nomeando lógo para primeiro Médico deste, e tambem seu ao D.r Sanches, à conservaçaõ do qual deu elle juramento. Digaõ os que ao D.r Sanches conheceraõ, quam sagrado éra para com elle um juramento; e os que tem familiaridade com a historia da Russia nos indiquem o quanto éra arriscado, nesses dificèis tempos, ostentar-se fiel a juramentos táes.

(1) Que tomou o titulo de Grande Duqueza.

Que penoso que é, a quem tem de escrever a vida d'um homem virtuoso, fallar na perfidia das Cortes, e nos horrores das proscripçoẽs! Podia o repouso durar em payz, onde pela Lei de Pedro 1.° (1) ficava incerta a successaõ á Coroa? Coaduna se uma nova facçaõ, e consente a Princeza Izabel por-se na frente da revoluçaõ. Affortunados os Reis que desfructaraõ a infancia arredados do tumulto das Cortes! E lastimemos Iwan, que por berçó teve um throno. O sceptro, que sempre em maõs infantiz anda malseguro, eis que lh'o arrancaõ, e a Regente a argûem de Ré de alta traiçaõ. O D.r Sanches, a quem ella honrava com sua intima confidencia, e com sua amizade o General Munich, ei-lo accusado de liga com Madama Glexin, a qual a certos apparentes aggravos ácerca da Princeza Izabel, accrescentava outro màis grave, que éra o de ser màis celebrada pela sua formosura. Quantas razoẽs naõ tinha o D.r Sanchez para se considerar no numero dos proscriptos! Desde esse instante despedio-se delle o descanso, despedio-se o somno: a cada hora imaginava que se despìa o cutelo do supplicio. Naturalmente

(1) Ella introduzio o uso, que adoptaraõ Augusto, e Tiberio. Dêvem-se ao Czar Pedro 1.° os alvorotos, que tanto inquietaraõ o seu Imperio.

frouxo, naõ dessa frouxeza, que céde aos embates do vicio, e se deslembra da virtude; mas sim da frouxeza, que accurva co'a disgraça, e se acha sem forças no lánce da desventura. Medrava em sustos o D.r Sanches, reparando no caracter des-socegado, e cioso d'um certo Chirurgiaõ Lestoq, que fora um dos instrumentos da revoluçaõ. A esse Lestocq desamparou o D.r Sanches os postos que occupava; e como quer que Lestocq pela eversaõ geral, subisse a primeiro Médico da Imperatriz, tal foi a embriaguez dessa tam curta, quam mal-merecida ventura, que lhe escapou o honrado Varaõ, de quem nada tinha que recear. Que muito inteirado estava, que naõ éra o D.r Sanches homem capaz de fomentar sediçoẽs, e que apenas lhes éra importuno testemunha. Recluso na máis encolhida solidaõ, mui raro se mostrava em publico. Findaraõ por naõ cuidarem nelle, e esse descuido, unico alvo de todos os seus dezejos, o preferia elle mil vezes máis a quantas distinçoẽs tinha logrado, e das quáes só comprendeu quam inconstantes, quam perigosas éraõ.

Podia a Corte descuidar-se do D.r Sanches, mas naõ podia este deslembrar-se da Corte; por quanto, para socego seu, lhe éra relevante afastar-se d'um pays, que tam funesto lhe fôra. Mas ainda naõ estavaõ bem applacados os disturbios, que enfermou mui gravemente o Duque

de Holstein, e foi forçoso recorrer ao D.r Sanches, que o curou, e a quem remuneraraõ com o lugar de Conselheiro de Estado, quando o que elle dezejava, éra o retirar-se d'allì. Com effeito assim o requereu, e lhe foi permittido vir de jornada a França. O prazer, que cala na alma d um Lavrador, quando vê dissipar-se a tempestade, que lhe vinha alagar os campos, e destruir as searas; o prazer que se entranha n'um Convalescente, que resgatado dos arrancos da morte, desfructa a primeira vez o spectaculo, e formosura da Natureza, saõ prazeres, saõ venturas, que naõ hombreaõ com a alegria, que se embebeu no animo do D.r Sanches, quando lhe apontou essa agradavel nova (1).

Em quanto assistio na Russia nenhuma occasiaõ perdeu que contribuir podesse aos progressos da Medicina, nem das Sciencias, que lhe saõ ac-

---

(1) Nem partio, sem que obtivesse, por sua valia, lugares vantajosos para dous sobrinhos de Boërrhaave, a elle recommendados pela familia desse grande Lente; demora, que só teve por motivo (e nenhum outro a conseguira) o respeito, que conservara a seu Mestre. Entam é que partio resoluto a morar toda a sua vida em Paris, no seio das boas Artes, e das lettras, tam necessarias para a sua consolaçaõ,

cessorias. Quando soube que M.r Cook primeiro Chirurgiaõ dos Exercitos Russos tinha de viandar até ás fronteiras da Persia, pedio-lhe o D.r Sanches, que de lá lhe mandasse as producçoẽs desse pays, que màis relevassem para o adiantamento da sciencia. De lá recebeu o manná que M.r Gmelin achou differente do que córrè no commercio; e um sal, que passava pelo borax nascediço (1), cujo sal na opiniaõ de Baron é o borax mesclado com base de sal marinho.

Tomou por vehiculo de util correspondencia com os Missionarios, que assistem na Corte do Imperador da China, a Caravana, que parte da Russia para Pekin: com elles cambiava, e delles recebia pedaços preciosos, que depois offertava aos sabios; sem que para essa offérta necessitassem màis pedreira, que o saber bem emprega-los. Obrigar a si os homens, prendando-lhes a vontade, foi para o D.r Sanches prazer mui de seu peito, e para todos assim o fora, se todos como elle conhecessem quantos atractivos em tal prazer se encontraõ.

Foi por tempos dilatados um dos Sócios màis assiduos da Sociedade Imperial de S. Petersburgo. Como amigo do grande Euler, contribuio

---

(1) O que se consegue, evaporando a água de pôço, em que se elle dissolveu.

com elle a illustrar esse Congrésso de *Sabios*, que encarregado de fazer com que florescessem as sciencias em quadras de torvaçaõ, relevava que alguns dos membros seus, por ellas mesmas as cultivassem, sem que em seus trabalhos se deixassem distrahir.

Já àcerca de diversos assumptos, que lhe propozéra a Académia Real das Sciencias de Parìs tinha respondido satisfactoriamente o D.r Sanches; e M.r Mairan, que entam a presidia, o propos para Correspondente, e conseguio que esse titulo lhe fosse dado. Titulo, que procurado por quantos Póvos daõ honra às lettras, pareceu tanto màis recommendavel na Russia, onde naõ esquecerá nunca, que o Restaurador desse Imperio se ufanou de occupar na lista dessa Académia um posto ao pé de Newton, e de alardear assim, que naõ contente de representar entre os Soberanos, foi Pedro o Czar, e primeiro Russo, que assentou seu nome na páuta dos grandes homens.

Aqui fenece a vida publica do D.r Sanches, que para seu retiro, naõ depararìa com Cidade màis cómmoda que Parìs, para dar-se, ou encobrir-se, aos ólhos da multidaõ. Alli chegou em 1747, e nella viveu até ao anno de 1783, naõ ignorado (que o naõ podia ser) mas arredado de toda a ruidosa sociedade, no estreito circulo de amigos seus, dado às inclinaçoẽs do animo, gozando de

si, entretido em relevantes memorias, como cabe a todos aquelles, que presencearaõ grandes acontecimentos.

O anno de 1747 que foi anno de revoluçaõ para a vida do D.r Sanches, lhe dividio esta em duas quasi iguáes partidas, de empregos bem differentes uma, e outra: a primeira gasta em trabalhos, e em forcejos, e que lhe adquirio honras, e venturosos lances; e a segunda toda empregada em evita-los. Quanto com prazer stimula a primeira, pela sua variedade, tanto é uniforme a segunda, e tanto é branda; sem que catastrophe alguma, algum acontecimento lhe intercalassem a corrente. Cada anno lhe re-trazia tam constantes, como as estaçoẽs, os mesmos gózos; cada prazo do dia passava em cheio, com agradavel lavor, com divertidas indagaçoẽs; e naõ nos esqueça aponta-lo, com acçoẽs de beneficencia, e humanidade. Facil é debuxar um lance de alheamento da alma; naõ porém dár córes a particularidades d'uma vida constantemente venturosa: que córre ella mui por cima das expressoẽs, essa dita inseparavel da Virtude, e que morre, apenas esta se lhe ausenta; e sobrepuja ainda em difficuldade quere-la dar a conhecer a quem naõ é digno de experimenta-la.

M.r Falconnet tam acreditado pela sua erudiçaõ, quanto recommendavel por seu bonis-

simo coraçaõ, foi o primeiro Sabio, com quem o D.r Sanches tomou conhecimento em Paris; e na sua bibliothéca deparou com todos os soccorros de que precisava, até ao tempo em que se ladeou d'uma formosa collecçaõ de livros seus (1). Como quem entendia tantas linguas, e conhecia tantos Sabios da Europa, podia a passo igual ler-lhes as obras, e lograr o prazer de comparar as obras com o Autor; parallelo que muito accrescenta no atractivo da leitura. De lá lhe procedeu ser elle o primeiro que soube em França o uso, e propriedades das flores de zinco, e como dellas se servio Gaubio; a tinctura de Cantaridas, recommendada em Scócia (2) por meo de fricçoẽs; a raiz de Columbo, a de Joaõ Lopes, a de Pinheiro, e a terra (3) de

---

(1) Circunstancias particulares, e a grande distancia foraõ estórvo de que transportasse a França, os livros, que com tanto custo, e de toda a parte juntara em Russia.

(2) Conhecida em Edimburgo com o nome de *Tinctura antispasmodica.*

(3) Emprega-se nas diarrhéas, e nos casos que requerem amargos, e astringentes. Acha-se em Portugal nas fendas d'um marmore preto, e é gabáda, como tópico na cura dos Cancros. Em Paris porêm naõ fez effeito.

Mafra. M.r Payen, mui nomeado Médico da Faculdade de Parîs, e outros membros màis da mesma Faculdade, amigos do D.r Sanches, se encarregavaõ de fazer as tentativas dos novos méthodos, de que lhes davaõ noticia os seus Correspondentes; por quanto elle renunciado tinha a exercer publicamente a Medicina. « *Já morri* » (respondia elle agastado a quem o empenhava a ver algum enfermo). Houve porêm casos extraordinarios, em que naõ rejeitou dar o seu parecer; e em lembrança estaõ ainda afsoutezas suas em Medicina, que lhe grangearaõ mui luzidos successos; e à certeza cavada em longas experiencias, junta ao tino da observaçaõ, que tanto acérto lhe inculcavaõ no juizo das molestias.

No canto do seu gabinete dava uso a éssa liberdade que recuperara, e que elle a tudo preferia: alli mudava de trabalho, logo que o objecto delle começava a desprazer-lhe; d'onde proveio, que começou infindas obras, e poucàs acabou. Alli debatia na mudez do retiro, e livre de animo, as questoẽs màis melindrosas; bem resoluto em nunca publicar a resulta de suas meditaçoẽs; e dellas escriptas com o desleixo, e fiel verdade de quem para si só escréve, se compoem a somma de 27 volumes. Como naõ éra estranho em Historia, em Physica, em Medicina, em Controversia, em Moral e em Ra-

zoẽs de Estado, nenhum desses assumptos *dei-xou* de profundar, e à cerca delles deixar Tratados.

Nelles é que se contempla quanto interessa lhe devia o seu Portugal, e a Russia; *quanto* ao primeiro incumbe conservar as suas Colonias; e os meios lh'os descobrio o Doutor Sanches (1). Immensa em seus dominios vastos, tem necessidade a Russia de enlaçar entre si moraderes de Provincias tam distantes do centro, a quem muito reléva multiplicar referencias com todas ellas (2). A bem que essa operaçaõ toda via surta effeito, éra seu parecer, que se cerceassem os encargos, que na Russia accurvaõ os Cultivadores; e que se estabeleça naquelle Imperio legislaçaõ tal, que destrûa a servidaõ, e dê como uma nóva creaçaõ a aquelle Póvo: que se naõ chama nunca Póvo, uma congérie de homens, sempre dispostos a despadaçar, ou a prender-se nos

---

(1) Quando residio em Hollanda se occupou nisso com D. Luiz da Cunha Embaixador entam de Portugal na Haya.

(2) Assentava o D.r Sanches, que o unico meio de preencher essa intençaõ éra conceder certos fóros ás Provincias conquistadas, e prende-las ao Imperio pelo modo, que já em Roma o fizera Augusto Cesar.

grilhoés, que se aligeiraõ repartidos, mas que colligidos na unica maõ de quem govérna, lhe pezaõ de sobejo, lhe cahem de pezados, e uma vez cáhidos daõ abertura a sediçoés, até que os tóma a si màis forte, ou màis astuto braço.

N'um desses manuscriptos dá noticia da origem da perseguiçaõ contra os Judeos, e da maneira, com que se póde atalhar de todo. Elle, a quem muitas vezes arguiraõ de Judaismo (fosse qual fosse a sua crença) razaõ tinha em querer, que a ninguem se perseguisse.

Seu enlêvo maior foraõ sempre as Artes, que tem nome de Liberáes, cujas ventagens demostrou n'uma dissertaçaõ, em que lhe foi facil appontar as utilidades, que ellas produzem nos Póvos, que começaõ a civilisar-se; ellas os habituaõ a perceber nos objectos cértos visos, de que até entam naõ davaõ fé; ellas disférem nos orgaõs, que saõ os instrumentos das idéas, a amplidaõ, que é necessaria para os progressos do entendimento humano (1).

Conservou sempre o D.r Sanches rancor profundo contra cérto tribunal, de que victimas foraõ alguns parentes seus, e alguns dos seus

(1) Deixou um Plano de Schola de Agricultura, e outro d'um Curso de Moral, que tinha vontade se introduzissem na educaçaõ publica.

amigos. *Idéas, para uso meu, àcerca da Inq.* é o titulo d'um manuscripto seu; e dessas idéas nasceu naõ voltar elle a Portugal, e vir antes morar em Parìs, que por cérto se ufana de ter sido muitas vezes o asylo dos que perseguia esse tribunal.

Lê-se no frontispicio das reflécçoẽs, que elle escreveu à cerca das torvaçoẽs, que pozeraõ o sceptro nas maõs da Imperatriz Isabel, a devisa de que usava Walsinghan, secretario da Rainha Isabel d'Inglaterra : *Video et taceo ;* palavras que o Doutor Sanches nunca recordou, sem resentir em parte o susto, que ellas inspiraraõ.

Esses manuscriptos (1) parto d'uma alma ac-

---

(1) Os Manuscriptos que elle remetteu a M.r Andry tem os titulos seguintes.

1.º Pensamentos àcerca da inoculaçaõ do *virus* variólico em differentes molestias, particularmente na venérea.

2.º Reparos à Obra : *Parallelo dos diversos méthodos de curar o mal venéreo.*

3.º Reflecçoẽs àcerca das doenças venéreas.

4.º *De cura variolarum vaporarii ope apud Ruthenos omni memoriâ antiquiori usu recepti.*

5.º Da origem dos Hospitáes.

6.º *De matrimonio Cleri.*

7.º Dissertaçaõ àcerca das paixoẽs da alma, impressa em 1753.

tiva, e grande, e do intimo conhecimento do humano coraçaõ; esse quadro de seus pensa-

---

8.° Dissertaçaõ ácerca das boas Artes, suas utilidades, inconvenientes, etc.

9.° Carta à Universidade de Moscow, àcerca do Méthodo de apprender, e de ensinar a Medicina.

10.° Instrucçaõ para o Lente, que ensinar Chirurgia nos Hospitáes de S. Petersburgo.

11.° Plano para a educaçaõ d'um Fidalgo moço.

12°. Carta, que dá meios para que na educaçaõ publica entre um Curso de Moral.

13.° Origem do appellido de *Christaõs vélhos*, e *Christaõs novos* em Portugal, e causas porque inda continûa, e tambem a perseguiçaõ dos Judeos, com os meios juntamente de fazer com que césse em pouco tempo essa distinçaõ entre vassallos d'um mesmo Soberano: e tudo para propagaçaõ da Religiaõ Catholica, e utilidade do Reino.

14.° Dissertaçaõ àcerca dos meios de conservar as Conquistas, e Colonias Portuguezas.

15.° Plano para criar, e educar os engeitados no Hospital de Moscow, 1764.

16.° Tratado àcerca do Commercio, no Imperio da Russia.

17.° Meios de conservar o Commercio já sta-

mentos a quem os entregará o D.r Sanches ? a M.r Andry consocio nosso ; á pessoa que elle

---

belecido na Russia , e fazer com que prospére , e se perpetue , 1776.

18.° Meios, para que de mais em mais se unaõ, e prendaõ ao Imperio da Russia as Provincias conquistadas, assim como Augusto o fizera relativamente às Provincias de seu Imperio, 1776.

19.° Tratado àcerca da relaçaõ que devem ter as Sciencias com o estado civil , e politico, applicado ao presente estado da Russia , 1765.

20.° Reflexoẽs àcerca da economia politica dos Estados, applicadas particularmente ao Imperio da Russia , 1767.

21.° Reflexoẽs àcerca do desvalioso estado dos Lavradores da Russia, dos Servos dos Dominios, e dos Senhores , que soffrem os maiores encargos do Estado , por módo , que de dia em dia minguaõ em numero ; e despèdraõ a Agricultura, e as Artes de primeira necessidade ; e àcerca dos meios accommodados de reclutar para os exércitos de terra , e mar , sem se servir dos Lavradores : e tambem dos meios de remunerar os Officiáes , e Soldados, que tiverem vinte annos de serviço.

22.° Projecto para o estabelecimento d'uma schola d'Agricultura.

mâis estimou, e ao melhor amigo seu; uma parte de si mesmo lhe legava nesse mimo. E

23.° Tratado àcerca dos meios aptos a augmentar o Commercio da Russia.

24.° Tratado, em que se próva, que introduzir melhor administraçaõ de Justiça é contribuir ao melhoramento da Sociedade.

25.° Dissertaçaõ, em que se averigûa, se a Cidade, que os Romanos chamaraõ *Pax Augusta* é Béja, ou se é Badajoz.

26.° Ramal de Observaçoẽs sobre todas as partes de Medicina, e principalmente, sobre a práctica; muitas das quáes Observaçoẽs saõ peculiares ao D.r Sanches.

27.° Meios acertados para stabelecimento d'um Tribunal, d'um Collegio de Medicina, a fim que essa sciencia seja sempre util ao Reino de Portugal, e ás Provincias que delle dependem.

28.° Pensamentos àcerca do Governo da Universidade de Medicina, e dos Médicos, 1754.

Tinha-o consultado a Faculdade de Strasburgo em 1752, àcerca d'um Curso de Chirurgia Pathológica, que ella queria introduzir em suas Scholas: ao que respondeu o D.r Sanches com uma Memoria, cujo plano foi adoptado, e mandou a Faculdade a Mr Schoepflin, que lhe escrevesse, que M.r Boecler corresponderia com

M.r Andry entrado de respeitosa gratidaõ, *lhe* consagrou um Elogio (1), que o coraçaõ lhe estava dictando; e que a cada phrase sua me deixa o pezar, de que tecendo este elogio depois do seu, me naõ posso exprimir tam bem como *elle*.

Parte dos manuscriptos, de que fallo, contém reflexoẽs, e observaçoẽs à cerca da Medicina; que nunca elle na practica, nem no seu theor de philosophar seguio as trilhadas veredas: por que sempre foi daquella pequena porçaõ de homens, que antes de obrar, de si sós tomaõ conselho. Por isso poucas obras suas há, em que naõ revejaõ algumas idéas originães, ou novas, que inclinaõ para o adiantamento das sciencias, e nos afastaõ de encanecidos hábitos.

Desse género é a Dissertaçaõ à cerca dos ba-

---

elle directamente; pedindo-lhe ao mesmo tempo, que acceitasse em sinal de estima, e deferencia, as estampas anatomicas d'um ûtero dobre, que a Faculdade (pouco havia) mandara abrir.

Mandou o D.r Sanches em 1761 muitas Memorias aos principáes Médicos de Hespanha, e de Portugal, para reforma das Universidades de Salamanca, e de Coimbra.

(1) Compendio Historico da Vida do D.r Sanches, por M.r Andry, ante-posto ao Catalogo dos seus livros.

nhos Russos, que elle offereceu a esta Sociedade, como tributo do titulo de Associado estrangeiro; que lhe ella conferio. E ninguem se capacite; que elle se limitou a descrever a forma desses banhos, e o uso, que delles fazem os Russos: mas sim accompanhou essa noticia, com a historia dos Gymnasios, e banhos publicos, que com tanta magnificencia edificaraõ os Gregos, e depois os adoptaraõ os Romanos, e a que Augusto pôz o remate da perfeiçaõ; que descuidados, quando Roma sob Constantino se christianisou, foraõ, depois de muitos séculos de olvido (1), imperfeitamente restabelecidos em Constantinopla, e em alguns sitios de Alemanha, e até na Russia. Depois que o D.r Sanches ahi refere o theor, com que desprendem o vapor da água, lançando-a em seixos abrazados, e tambem os effeitos desse vapor no corpo humano, demonstra quam util é, para sarar de certas molestias, o costume, a o sahir desses banhos, de se mergulhar em néve, ou em água fria, para abater com esse sobresalto as disposiçoẽs a spasmos, a

---

(1) Na opiniaõ do D.r Sanches os banhos Russos saõ medios entre os banhos dos Turcos, e os dos Romanos: tambem expoem em que molestias saõ uteis os banhos Russos, ou já sós, ou já combinados com outros remedios.

obstrucçoẽs, e acostumar o corpo a contrarias temperaturas. Vem, depois destas particularidades, o lastimar-se o Author, que entre tantos estabelecimentos, que estas éras alluminadas tem consagrado ao ensíno, e agrado humano, nenhum tóme por alvo disferir-lhe as forças, augmentar-lhe o vigor; pontos, que como tam principáes os tinhaõ os antigos, e cuja connexaõ com os costumes, e com a gloria dos Estados, nos é tam manifesta pela Historia. Por quanto Póvo, que naõ for vigoroso, naõ póde conceber designios avultados, nem desempenha-los com a constancia, e com os brios necessarios.

Tendo-lhe referido cérto Chirurgiaõ, que receitavaõ na Siberia o sublime corrosivo, em grandes doses, no curativo do mal venéreo, fez (muitos annos antes que ácerca delle van-Swieten apparecesse com as suas reflexoẽs (2)) tentativas com elle o D. Sanches: até fez a importante observaçaõ, que esse remedio surtia màis

---

(1) Tinha o D.r Sanches feito diversas tentativas infructuosas com o remedio antivenereo do D.r Barry, e o D.r Alvares Portuguez, e Médico de nome, nos deu àcerca da historia desse Médico, as màis exactas, e màis seguras particularidades.

(2) M.r Sthelin, distincto sabio, residente em

seguro effeito, e nenhum mal delle resultava, quando assujeitavaõ o enfermo à acçaõ do banho de vapor, que amollentando a nérvea tecedura da pelle, embrandecia o effeito do sublime corrosivo; e que se devólve ao mesmo tempo com màis completa, e màis estendida efficacia.

Mostra o D.r Sanches, indagando a origem do mal venéreo, quam longe estava de adoptar facilmente idéas alheas, e quanto apêgo tinha às suas. Sendo o descobrimento da America, e a primeira appariçaõ do mal venereo, na Europa, dous mui notaveis acontecimentos, cujas épocas coincidem mui pérto uma da outra, naõ fóra de admirar, que lhes achassem entre ellas (em cérto módo) dependencia, ainda no caso de naõ haver entre ellas connexaõ alguma. Tal éra a opiniaõ que o D.r Sanches abraçou, e susteve contra o parecer do sabio Astruc, e do seu defensor van-Switen. Contentemo-nos com expor as authoridades, e os motivos, em que ó Doutor Sanches fundou as duvidas, que ninguem antes delle suscitara.

Tres viagens fez à America Christovaõ Colum-

Petersburgo, e amigo do D.r Sanches, que tambem nos remetteu preciosas individuaçoẽs tocantes à vida desse illustre Médico.

bo; e convindo está d'uma, e d'outra parte, que a primeira viagem, que elle fez, nenhum acontecimento desastroso comsigo trouxe: naõ assim a segunda, desde Septembro (1) de 1493, até Junho (2) de 1496, que (se damos crédito a Oviedo) voltou (3) a tripulaçaõ eyvada de mal venéreo; e muitos Hespanhóes, que passaraõ à Italia, no exercito, que levava Cordova a soccorrer ElRei de Napoles, o espalharaõ por esse Reino, onde os Franceses depois o contrahiraõ (5). Assim o refere Oviedo, que escreveu

---

(1) Em 25 desse mez.

(2) Em 8.

(3) Enganou-se M.r Astruc, quando disse, que findara a viagem de Columbo em 1494. Para màis segurança consultem-se os Originàes.

(4) Voltava da Ilha Hespanhola, hoje S. Domingos.

(5) Possivel fora, em rigor, que Pedro Marguerit, ou Antonio Torres, que partiraõ da Ilha Hespanhola, antes que Columbo, trouxessem de lá o mal venereo, em 1495: as épocas porém que Pinto, e que Delphini assinalaraõ à sua origem saõ anteriores; nem os marinheiros de Marguerit, nem os de Torres se podiaõ mesclar com o exército de Cordova, que ia já de marcha nesse mesmo anno de 1495.

em 1555; quando já Pedro Pinto Hespanhol, como Oviedo, e Médico do Papa Alexandre, tinha publicado as suas obras em 1499, e 1500, em que affirma ter apparecido em Roma, desde o anno de 1493, a doença appellidada *mórbo gállico*, e os grandes estragos, que ella fizera até o anno de 1494; como tambem o topico mercurial (1) receitado com ventura no curativo della. Pedro Delphini, que escrevia em 1494, e Pedro Martyr, contemporaneo delle, saõ do mesmo parecer do Médico Pedro Pinto (2); e testemunhos saõ estes, que se pódem muito bem oppór ao de Oviedo. Nem Carlos VIII chegou a Roma, antes do fim de Dezembro de 1494, nem a armada de Cordova surgio no porto de Messina antes de Mayo de 1495: pelo que é impossivel que o exército Hespanhol communicasse o mal venéreo à Italia, quando lavrava elle já por là, antes da segunda viagem de Columbo. Com razaõ pois insiste o D.r Sanches em que Fernando Columbo, na historia de seu páe Christovaõ Columbo, e Antonio Galli, que entaõ éra membro

(1) Unguento cuja composiçaõ relata o Doutor Sanches.

(2) Baptista Fulgoso, e Gaspard Torella daõ fixo em 1464 o apparecimento do mal venéreo em Italia, e em Alvernia.

do Conselho das Indias, e que escreveu depois as memorias mesmas desse famoso Almirante, guardaraõ o màis profundo silencio àcerca de que existisse mal venéreo, na Ilha de S. Domingos (1), nesses indicados tempos; nem d'outras doenças deraõ conta, alem das que procederaõ da fóme, e da miseria.

Assentava o D.r Sanches, como antes delle o Fracastor, que o vicio venéreo fóra em seu principio, como uma specie de epidemia na Italia, no anno de 1493 (2), que foi depois affrouxando com o correr dos annos, e com o seu derramamento. Naõ é possivel coacervar màis factos, màis noticias, a favor d'uma opiniaõ, que o que se encontra nesta Obra do D.r Sanches (3): Lá é

---

(1) Chamavaõ-na nesse tempo Ilha Hespanhola.

(2) Manifestava-se entam, segundo os Authores mencionados, por erupçoẽs no rosto, e na màis pelle, e por baboés, como qualquer outra pestifera molestia.

(3) Vid. 1.º Dissertaçaõ àcerca da doença venérea, em que se próva, que naõ veio da America, mas antes, que por uma epidemia começou na Europa; obra essa que o D.r Castro, Médico de Londres traduzio em Ingles.

2.º Exame historico àcerca da appariçaõ do mal venereo na Europa, e natureza dessa mo-

que se depara com erudiçaõ; naõ éssa, que chamamos parasita, porque sómente se céva em passagens citadas, e publicadas por outros; mas sim a erudiçaõ cavada em seu proprio saber, tam fecunda em próvas, quam allumiada na escolha.

De si mesma se nos offerece a seguinte reflexaõ. Naõ tropéça em duvida, que naõ fosse mui espalhada na Ilha de S. Domingos a doença venérea em 1498, época da terceira viagem de Columbo, e que dessa doença faz em suas memorias mençaõ expressa; era ahi se funda o D.r Sanches, que foraõ os Hespanhóes quem levaraõ essa doença à America, onde até entam naõ éra conhecida, quanto màis ter lá tomado o nascimento. Se este assérto é verdadeiro, com quanto desastre naõ tem os Europeos affligido os habitantes do Novo Mundo! Bexigas, Sarampo, hydrophobia, mal venereo, e o que a tudo sobrepuja, a escravidaõ, e a cubiça de ouro saõ os flagellos, de que tanto interposto Oceano os naõ póde resguardar. Atrevame-nos a esperar, que màis venturosas navegaçoẽs lhes

---

lestia. Essas duas dissertaçoẽs juntas n'um só volume as publicou em 1777, em Leyden M.r Gaubio, ajuntando-lhe um Prefacio, em que parece inclinar-se à opiniaõ do seu amigo.

levarão as luzes, com que só resplandecem as Sciencias, e boas Lettras, um rayo das quáes allumia já o Norte desse novo Continente. Sim; que rayos de tal luz naõ ensinaõ nunca os homens a conhecer-se, pelo que elles saõ, sem que al-a-par lhes inspirem o maior afastamento de tudo o que pode degrada-los, e envilece-los.

Faz espanto o que no Diccionario Encyclopédico diz o D.r Sanches do mal venéreo, que elle dá por chrónico. Quasi todas as erupçoẽs cutaneas, dores vagas, entupimento de glandulas, e a rachitis (1) as tinha por effeitos lentos e desastrosos desse vicio já frouxo, e já degenerado: de maneira, que n'uma grande Cidade como é Paris, ninguem (a seu dizer) se devia lisongear de ser em tudo, e por tudo izento delle. Com esse intuito curava as doenças màis rebéldes aos remedíos ordinarios; naõ confiando porem a ninguem, em cases táes, o seu segredo. Escondido na fórmula o Mercurio, operava disfarçado a cura do mal desconhecido; evitando assim naõ só as difficuldades, que as suspeitas offensivas podessem acarear-lhe, mas ainda as

(1) O D.r Sanches considerava a bilis quando assim spessa, e muitas das enfermidades della, como effeito muitas vezes produzido pelo vicio venéreo.

objecçaẽs

objecçoēs desses grandes arrazoadores, a quem é màis arduo persuadir, que estaõ eyvados dessa molestia, que conseguir cura-los da molestia mesma.

A Corte de Portugal que conhecia com quanto affeito o D.r Sanches amara sempre a sua Patria (1), o consultou àcerca do mòdo com que nella floreceriaõ as Sciencias, e das cautélas necessarias à saûde publica. A que elle respondeu com dous tratados em lingua Portugueza (2);

---

(1) Parece que tem sempre sido condaõ da Patria ter sido màis prezada pelos grandes homens, que della foraõ desterrados, e perseguidos, que amada pelos que ella honrou, e muitas vezes, sem màis merecimento, que a escolha da cega Fortuna.

(2) As duas obras de maior vastidaõ, que publicou, sahiraõ à luz com os titulos seguintes.

1.º Tratado da conservaçaõ da saude dos Póvos, etc, com um appendix de consideraçoēs sobre os terremotos, e noticia dos màis notaveis, de que faz mençaõ a Historia, e dos ultimos, que se sentiraõ na Europa, desde o 1.º de Novembro de 17 5.

2.º Méthodo para apprender a estudar a Medicina, illustrado com os appontamentos para stabelecer-se uma Universidade Real, na qual

n'um dos quaes expunha os meios adequados para conservar a saúde dos Póvos, fazendo que fallem as Leis a lingua da boa Physica; n'outro delineava o plano d'uma Universidade Regia, em que todas as modernas Sciencias se ensinassem; e onde queria, que se lhe annexasse um hospital, em que os Alumnos, guiados por um Lente de Medicina experimental, alli fossem instruidos. A esse Corpo devia unir-se a Chirurgia, e propunha màis, que se fundasse uma correspondencia de Medicina, moldada quasi pela que se encarregou de entreter esta nossa Real Sociedade. Projecto este, a quem devemos o empenho, com que elle applaudio os nossos primeiros esforços, e o zelo, com que os elle favoneou.

Longo tempo se vio o D.r Sanches limitado em acanhamentos de fortuna; que o desamparara 16 annos sem soccorro, e sem remuneraçaõ tam justamente merecida, a Corte da Russia.

---

deviaõ apprender-se as Sciencias humanas, de que necessita o Estado civil, e politico, in-8.º, 1763.

Essas Consideraçoẽs sobre os terremotos foraõ vertidas de Portuguez em Italiano, por Marcello Sanches, Irmaõ do Author. Foi tambem reparo do D.r Sanches, que o clima de Liboa ficou màis sàdio, depois do tremor de terra de 1755.

Disgraçado effeito das revoluçoẽs, e alvorotos; que deixando subsistir sómente os direitos da força, até as rayzes destroem do beneficio, e da gratidaõ! Reservado estava para a Imperatriz que actualmente reina, reparar os aggravos de seus predecessores; e que lembrada do Medico Portuguez, que em seus annos infantìs a curára d'uma gravissima enfermidade, lhe fez donativo d'uma tença annual de 1000 roubles. Signal de lembrança foi este, que rayou de alegria o animo do D.r Sanches, que a pezar de tantos infortunios seus, conservou sempre à Russia extremo affecto.

Cumpria em Parìs com as funcçoẽs de Correspondente da Academia Imperial de S. Petersburgo, que o tinha encarregado de dar noticia dos descobrimentos, com que as Artes, e as Sciencias cada dia se enriquecem; e tal zelo, e tal empenho mettia nessa commissaõ, que vinha ella por isso a ser importante. Homem apto, que distinguindo as que éraõ invençoẽs uteis, estremava das que o capricho, ou a mòda accreditavaõ, as invençoẽs, que menos gabadas, fundavaõ em conhecidas ventagens a existencia. Que nunca se expoz elle a que o arguissem de que déra a conhecer em Petersburgo futilidades scientificas, a quem o Publico successivamente mostra tanta indulgencia, e depois tanto deprezo; e cujo enthusiasmo, por maior que seja, comparar-se

póde a estas epidemias de pouca monta; que causando na cabeça transitoria torvaçaõ, naõ deixaõ todavia vestigio algum do assalto, nos sitios, que desampararaõ. Lastimemos unicamente o D.r Sanches, de que naõ viveu bastante, por que fosse testemunha das bellas experiencias, por meio das quáes, tam rápidos dilataraõ os homens a sphera de sua actividade; elle que, nada-menos, vio na derradeira quadra da sua vida, as ridiculas pretençoẽs do Empirismo, tam bem accolhidas nesta Capital, que foi necessario para descontar ante os olhos das Naçoẽs, émulas dos nossos talentos, e nossa gloria, os aggravos que o Empirismo fez, toda a sublime invençaõ de Messieurs Montgolfier.

Sempre a saude do D.r Sanches padeceu intercadencias; enfermidades de differentes generos, a tinhaõ enfraquecida por tal módo, que se vio ao annos obrigado a viver de regimento; usando do seu saber (cousa bem difficil a um Médico) na applicaçaõ, que delle fazia em conservar-se a vida (1).

Já sentia gástas as forças, quando o Graõ Du-

(1) Digeria já custosamente, e tinha o figado estragado. Foi-lhe muito feliz o uso, que longamento continuou do rhuibarbo, tomado em differentes formas.

que das Russias, sob nome de Conde do Norte veio a Parîs; e como soube que tinha esse Princepe de honra-lo com uma visita sua, adiantou-se à preveni-lo. Estava à meza o Duque, quando lhe foi o D.r Sanches nomeado: com distincto agrado o recebeu, e lhe deu assento ao lado de si. Aquelle Vêlho, a quem tam bem, e tam mal tratara a Russia, recordou naquelle instante todas as suas ditas, e todas os seus revézes; e olhando enternecido para o Herdeiró d'um throno, que tam rodeado vira de tormentas, tam profusas lagrimas derramou, que exprimiraõ ellas ao Princepe, tudo quanto a bocca naõ podia proferir. Voltando a Caza nunca màis sàhio, e bem diriamos com M.r Andry, que na pessoa do Conde do Norte recebeu a Russia os seus ultimos adeos.

Foraõ-se-lhe abatendo de dia em dia as forças; já desemparou a leitura; já sentia, que até a cogitaçaõ o fatigava, fraqueou por fim de todo, com 84 annos de idade, em 14 de Outubro de 1783, aos abalos d'uma fébre intermitente.

A pezar do summo disvéllo com que o Doutor Sanches escondia a sua beneficéncia, naõ a pode encobrir de todo às pessoas de seu lado; e devem sahir à publica luz os dous seguintes casos.

Vindo uma pobrissima mulher consulta-lo, trazia comsigo uma filhinha sua. O D.r Sanches, a quem sempre as singelezas infantîs penhoraraõ

sobre módo, fez, sem dúvida, á menina affectuosas caricias, pois que a pezar do desagrado da velhice, e das doenças, a menina se lhe arremessou ao collo, e lançou agudos brados quando coube separar-se delle. Entam é que o D.r Sanches enternecido de seus prantos, e ansioso de fazer uma boa acçaõ, pedio, como por favor, que lha dessem para companhia sua. Venturoso no cuidado que tomava della, em divertir-se nos brincos dessa Menina, deparava com a màis meiga des-fadiga de suas occupaçoẽs. Em testamento lhe deixou uma avultada quantia.

Tinha um Irmaõ, Médico tambem como elle, o que se achava empregado nos exércitos de El Rei de Napoles, e cujos bens foraõ longos tempos bem limitados. Quando lhe eu pedi, que me desse algumas noticias àcerca da vida privada do D.r Sanches, tive em resposta (1) o que se ségue. « Muitos annos hà, que tive a desgraça » de viver separado de meu Irmaõ, que nunca » nas suas cartas me fallou em màis, que no » quanto inquieto ficava àcerca da minha sorte, » quando mesmo me acodia com os màis abun- » dantes soccorros. Até no centro da mesma Si-

(1) N'uma Carta, que em Novembro de 1783, dirigio a M.r Andry.

» cilia me ia alcançar a sua generosidade ; mui-
» tas vezes descobrio elle maneira de me re-
» metter munificencias suas, em sitios, onde
» eu naõ avistava caminho, por onde lhe testifi-
» casse a minha gratidaõ ».

Quem assim inventa meios de fazer bem, conhecido está, que o teve de practicar toda a sua vida. — *Para o dar o recebemos* — éra o seu dictado. Por cérto, que para conservar à posteridade a lembrança das suas raras virtudes, longo tempo admiradas na Corte da Russia, é que a Imperatriz ordenou, que as armas do D.r Sanches fossem decoradas, com a lenda:

Non sibi, sed toti genitum se credere mundo.

lenda tam honorifica para a sua memoria, quanto adaptada a designar um homem, que se esquecia de si, para se empregar na felicidade alhea.

O lugar de Associado estrangeiro, vago pela morte do D.r Sanches, occupa-o presentemente M.r Black, Lente de Chymica em Edimburgo.